UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

SOLANGE CHAGAS DO NASCIMENTO MUNHOZ

Bastidores de *Papeles de Son Armadans*: as correspondências

Cela e os exilados: Alberti, Aub, Castro e Emilio Prados

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

Bastidores de *Papeles de Son Armadans*: as correspondências

Cela e os exilados: Alberti, Aub, Castro e Emilio Prados

Solange Chagas do Nascimento Munhoz

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Valeria de Marco

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

MUNHOZ, S. C. do N. **Bastidores de *Papeles de Son Armadans*: as correspondências**. Ceta e os exilados: Alberti, Aub, Castro e Emilio Prados. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof. Dr. _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

A Sinésio, pela amizade histórica

e à prova de intempérie.

A Camila (filha) e a Danielle (sobrinha),

meus amores.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Valeria De Marco, pela palavra certa em momentos difíceis, pela seriedade do trabalho e pelo carinho.

À Profa. Dra. Laura Janina Hosiasson e ao Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, pela leitura cuidadosa do relatório de qualificação, pelas sugestões valiosas e pelas indicações de leitura.

À equipe da Fundación Pública Gallega Camilo José Cela e à equipe da Fundación Max Aub, pelo acesso às cartas arquivadas que eram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Em especial, a Lourdes Regueiro Fernández e a María José Calpe. À equipe da Fundación Rafael Alberti, pelas informações.

Aos responsáveis pela Fundación Max Aub, por autorizar a inclusão, neste trabalho, de cópia digitalizada de quatro cartas de Aub.

Ao Prof. Dr. Fernando Larraz e ao Prof. Dr. Javier Sánchez Zapatero, por esclarecer minhas dúvidas e pelos textos.

Às bibliotecárias da Biblioteca Florestan Fernandes e aos funcionários do DLM.

A meus queridos amigos. Com especial carinho, a Anxo Mariz, pelos primeiros livros sobre o tema desta tese; a Denise Neves, pelas conversas, apoio e imprescindíveis caronas; a Josenildes da Conceição Freitas, pelo intercâmbio de ideias sobre Emilio Prados e pelo companheirismo nos últimos momentos intensos da escrita deste trabalho; a Sueli Soares dos Santos Batista, por tudo que aprendo em cada encontro.

A Alex, Clara, Edina, Eleni, Eurides, Frederico, Jordi, José, Munhoz, Rinaldo, Rodrigo, Santiago, Silas, Silza, Wagner e a conhecidos e amigos de diferentes épocas e lugares, por terem contribuído de variadas maneiras para que eu terminasse esta tese.

A minha família, por aceitar os meus períodos de ausência. A Camila e a Darah, pela solidariedade e ânimo para interromper seus passeios por Berlim para ir comigo ao Instituto Ibero-Americano.

A Bela, pela disposição para brincar.

(1971, febrero)

Mi querido amigo: (Camilo José CELA, hijo.)

¿Por qué colaboré en Papeles de son Armadans? Porque es la revista de su padre.

Yo quería (quiero) publicar en España. Lo malo, en 1950, era saber dónde. Insula, bien (y sigo). ¿Índice? De mi colaboración en esa revista tendría algo que decir, pero su director no quiere y menos poner los puntos sobre las íes y soy bastante mirado en eso de la ortografía y preferí darme por enterado.

La Revista de Occidente, Cuadernos Hispanoamericanos, me ignoran, ellos sabrán por qué.

No soy sectario; nunca envié página que no pudiera publicarse - o a lo sumo con una supresión insignificante si el burócrata se levantaba de peor humor el martes que el lunes.

Como no soy sociólogo he colaborado únicamente de muy tarde en muy tarde en Cuadernos para el diálogo.

Como no soy ~~un~~ poeta, propiamente dicho, ^y sólo envié una vez versos a Alamo y como, por encima de todo, soy amigo de mis amigos, también colaboro con el Urogallo.

Siento no poder ^{haberlo} ~~colaborar~~ en revistas de gran circulación pero comprendo que no íbamos a estar ~~muy~~ de acuerdo en los temas a tratar. A veces he dicho algunas verdades, lo que me lleva a suponer que colaboré en Papeles porque nunca quise dar mi brazo a torcer ^{lo cierto es que} ~~y~~ ^{que lo intentaron siquiera}.

De ahí mi feroz agradecimiento. Sólo estuve en Mallorca una vez -y una semana- debe de hacer como 50 años; pero me acuerdo como si fuese mañana. ^{Tal}

Como Papeles ha mantenido, durante décadas, la imagen de una España que sólo existe en nuestro pasado y en nuestro porvenir.

Nunca creo haberme ^{haber y} aprovechado tanto de una amistad y de una hospitalidad.

Un abrazo.

Mano Aub.

RESUMO

MUNHOZ, S. C. do N. **Bastidores de *Papeles de Son Armadans*: as correspondências.** Cela e os exilados: Alberti, Aub, Castro e Emilio Prados. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta tese propõe a análise das cartas trocadas entre Camilo José Cela e os escritores Rafael Alberti, Max Aub, Américo Castro e Emilio Prados, durante as décadas de 50 a 70, reunidas no livro *Correspondencia con el exilio* (2009). Nessas correspondências, que se configuram como território textual de sociabilidade, examinamos a articulação entre os carteadores para fazer circular as obras dos escritores exilados na Espanha franquista, seja na revista *Papeles de Son Armadans* seja na editora Alfaguara. O estudo demonstra, ainda, a relevância da interlocução para o projeto de Cela de evidenciar sua atuação como mediador cultural entre o exílio e a península.

Palavras-chave: *Correspondencia con el exilio*. *Papeles de Son Armadans*. Cela. Aub e Alberti. Américo Castro. Emilio Prados.

ABSTRACT

MUNHOZ, S. C. do N. **Backstages of *Papeles de Son Armadans*: the correspondences.** Cela and the exiled: Alberti, Aub, Castro and Emilio Prados. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This thesis aims to analyze the exchanged letters between Camilo José Cela and the writers Rafael Alberti, Max Aub, Américo Castro and Emilio Prados, during the decades of 50 to 70's, gathered in the book *Correspondencia con el exilio* (2009). In these correspondences, which configure themselves as a textual territorial of sociability, we examine the articulation between the correspondents in order to circulate the writers collected works exiled in franquist Spain, in both *Papeles de Son Armadans* magazine and Alfaguara publisher house. The study yet demonstrates the relevance of the interlocution for the Cela's project of evidence his performance as a cultural mediator between the exile and peninsula.

Keywords: *Correspondencia con el exilio. Papeles de Son Armadans.* Cela. Aub and Alberti. Américo Castro. Emilio Prados.

RESUMEN

MUNHOZ, S. C. do N. **Bastidores de *Papeles de Son Armadans*: las correspondencias.** Cela y los exiliados: Alberti, Aub, Castro y Emilio Prados. 2015. 200 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta tesis propone el análisis de las cartas intercambiadas entre Camilo José Cela y los escritores Rafael Alberti, Max Aub, Américo Castro y Emilio Prados, en las décadas de 50 a 70, reunidas en el libro *Correspondencia con el exilio* (2009). En esas correspondencias, que se configuran como un territorio textual de sociabilidad, examinamos la articulación entre los corresponsales para que las obras de los escritores exiliados puedan circular en la España franquista, sea en la revista *Papeles de Son Armadans* sea en la editorial Alfaguara. El estudio demuestra aún la relevancia de la interlocución para el proyecto de Cela de hacer evidente su actuación como mediador cultural entre el exilio y la península.

Palabras-clave: *Correspondencia con el exilio. Papeles de Son Armadans.* Cela. Aub y Alberti. Américo Castro. Emilio Prados.

SUMÁRIO

1	Considerações iniciais.....	11
1.1	Definição do <i>corpus</i> e organização da tese.....	15
2	Espanha do pós-guerra: mudanças conjunturais e novos diálogos.....	20
2.1	Breve panorama político e social.....	21
2.2	Antigos e novos diálogos.....	32
2.3	<i>Papeles de Son Armadans</i>	40
2.4	<i>Correspondencia con el exilio</i>	49
2.5	Remetente: Camilo José Cela.....	54
3	Os bastidores da publicação de textos de escritores exilados.....	63
3.1	Dissolvendo fronteiras.....	65
3.2	Movimentos de (auto)censura.....	80
3.3	Obras protegidas da intempérie.....	103
4	Segunda pátria: a linguagem da amizade nas correspondências.....	117
4.1	Prados e Cela: amizade à distância.....	123
4.2	Movediço terreno da relação epistolar: Aub e Cela.....	139
4.3	Entre negócios e amizade na correspondência de Cela e Alberti.....	152
4.4	Formas de acolhida, formas de amizade entre Cela e Castro.....	162
5	Considerações finais.....	176
	Referências.....	184
	Anexos.....	194

1 Considerações iniciais

A regular publicação de livros de cartas por parte do mercado editorial espanhol nos últimos anos e a abertura de acervos de instituições públicas e privadas mostram evidências do ritmo intenso da troca epistolar e da importância dos temas abordados nas correspondências dos escritores espanhóis do século XX. No entanto, há aproximadamente duas décadas o panorama era outro, como nos indicam dois estudiosos da literatura peninsular. Na apresentação das cartas de Cela e Prados publicadas em um número da revista *El Extramundi y Los Papeles de Iria Flavia* de 1996, Antonio Carreira relativizava a densidade dos debates epistolares considerados em conjunto até aquele momento:

Los epistolarios de poetas contemporáneos españoles no han revelado hasta la fecha grandes cosas: en ellos predomina la chismografía más o menos elegante y casi siempre intrascendente, que, en el mejor de los casos, sólo sirve a los eruditos. Cuando iluminan a un corresponsal desde un ángulo inusitado no es precisamente para favorecerlo: así ocurre, quizá, con Salinas y Cernuda.¹

Nigel Dennis, na abertura do livro que reúne seus textos sobre as cartas de José Bergamín, reconhece dois momentos em relação às publicações e ao estudo da epistolografia dos escritores que se tornaram conhecidos nos anos 20 do século passado, cujo ponto de inflexão seria a edição de Andrés Soria Olmedo, em 1992, das cartas trocadas entre Pedro Salinas e Jorge Guillén. Entende Dennis que essa edição se tornou exemplar por diferentes motivos: “tanto por el interés intrínseco de los materiales recogidos en ella como por el cuidado y la inteligencia con que son presentados”². Além disso, a edição teria consolidado e dado novo ímpeto ao interesse crítico pelas cartas que se manifesta na ininterrupta edição de epistolários.

¹ CARREIRA, Antonio. Presentación de un epistolario de amistad. *El Extramundi y Los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año II, n. V, 1996, p. 36-37.

² DENNIS, Nigel. *José Bergamín en sus cartas*. Málaga: Centro Cultural Generación del 27, 2012, p. 9.

Em texto anterior ao de Dennis, Valeria De Marco realiza um ilustrativo apanhado de certas especificidades das cartas que compõem a produção dos exilados republicanos e aponta sua importância para a historiografia por trazer à luz dados sobre a produção da literatura espanhola e dos países de acolhida, por mostrar as relações com intelectuais que viviam na península, bem como por estimular a reflexão sobre as tensões que suas obras imprimem à escrita da história literária nacional³. Suas considerações colaboraram para estabelecer as bases de nosso trabalho, pois compreendemos que a escritura de cartas por parte significativa de escritores espanhóis que tiveram destaque na primeira metade do século XX não foi uma produção marginal e se configurou em um território textual que fez parte do projeto intelectual de alguns deles pela importância da constituição de redes de contatos e pela importância dos temas discutidos e dos projetos culturais individuais e coletivos que foram elaborados.

Quanto ao momento histórico, a comunicação por carta era a forma mais eficiente de contato e permitia, com sorte, escapar ao filtro censor, uma vez que o controle postal sistemático na Espanha havia sido oficialmente eliminado em dezembro de 1945, alguns meses depois do final da Segunda Guerra Mundial⁴. Apesar do fim desse tipo de censura – generalizada e que está principalmente relacionada com a situação de guerra, como a Guerra Civil e, logo, com a Segunda Guerra –, há relatos sobre a censura postal em décadas posteriores, bem como sobre a incompetência do regime para exercê-la com minúcia. Ao ser questionado por Luis Cernuda se seu livro *La realidad y el deseo* passaria pelos correios, Cela responde:

³ DE MARCO, Valeria. O cru e o polido nas cartas dos exilados e republicanos espanhóis. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). *A Ousadia crítica: ensaios para Gabriel Cohn*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p. 285-302.

⁴ GARCÍA SÁNCHEZ, Jesús. *La censura postal en la Europa del siglo XX*. 2009. 994 f. Tesis (Doctorado)– Facultad de Geografía e Historia, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2009. p. 601. Disponível em: <<http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/76473>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

No detendrán *La Realidad y el Deseo*, cuando me lo mande. Recibo cosas mucho más *llamativas*. Éste, contra todas las apariencias, no es un régimen fuerte; no pasa de ser un régimen de fuerza y, por fortuna, un tanto tosca.⁵

Em carta de 08 de janeiro de 1962, José Manuel Caballero Bonald escreveu a Max Aub perguntando se havia recebido correspondência anterior em que tinha incluído, em anexo, uma carta para ser enviada, do México, a Elvio Romero que estava em Cuba. Diz Caballero Bonald: “La comunicación directa se nos hace ya imposible”⁶.

Escritas em grandes ou pequenas quantidades, de acordo com a disposição pessoal e com o projeto intelectual de cada autor, o exame e a reflexão sobre os epistolários editados nos últimos anos de escritores que ficaram dentro da Espanha ou se exilaram, aos quais tivemos acesso ou que configuram nosso objeto de estudo, são particularmente importantes por lançar luz sobre os subterrâneos dos contatos e dos diálogos estabelecidos para a rearticulação do campo cultural do país. Riscados do projeto literário nacional pelos acontecimentos históricos, proibidos de voltar ao país por não se sentirem seguros ou porque havia uma ordem de restrição, mesmo ao longe, os exilados de 1939 acompanhavam e tentavam interferir nos acontecimentos da Espanha, sendo que as formas de interferência foram se alterando na medida em que se esgotava a esperança de que a ditadura de Franco acabaria rapidamente.

O livro *Correspondencia con el exilio* reúne o diálogo epistolar de Camilo José Cela com 13 escritores espanhóis exilados: Américo Castro, Rafael Alberti, María Zambrano, Fernando Arrabal, Jorge Guillén, Max Aub, Emilio Prados, Luis Cernuda, Manuel Altolaguirre, León Felipe, Corpus Braga, Francisco Ayala e Ramón J. Sender. No que diz respeito à comunicação com Max Aub, consta apenas a correspondência ativa porque a família de Aub não autorizou a inclusão dos envios de seu parente⁷.

⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 727.

⁶ Respeitando a organização dos documentos na Fundación Max Aub, em janeiro de 2014, esta carta tem a seguinte referência: Fundación Max Aub, Caixa 3, Pasta 21, Carta 6.

⁷ AMAT, Jordi. Notas sobre la edición. In: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 865. Ver a primeira nota de rodapé dessa página. Por outro, para esta tese, consideramos, em primeira instância, o material que está na Fundación Max Aub, que nos

Embora o tema central seja o envio de textos para serem publicados na revista *Papeles de Son Armadans*⁸, projeto de Cela que durou de abril de 1956 a março de 1979, através das cartas, podemos conhecer algumas consequências da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e da ditadura de Franco (1939 – 1975) na esfera cultural do país. Entre elas estão: os obstáculos que certos escritores encontram para voltar ao país, algumas experiências próprias do país de acolhida, a dificuldade de publicar na Espanha devido à institucionalização da censura e o estabelecimento de negociações e acordos para fazer circular ideias e originais.

Entre as várias possibilidades de trabalho com o material reunido no livro *Correspondencia con el exilio*, interessa-nos estudar a criação de redes textuais que fundam um circuito do campo cultural na ditadura de Franco, um espaço de sociabilidade propício ao diálogo e à construção de diferentes relações de proximidade entre os escritores da península e do exílio. O conceito de “rede textual”, no que refere à escrita de missivas, está dado por Jeanne Bem que estabelece igualmente a diferença entre a carta e a correspondência, ou seja, a coletânea de cartas. Este é um objeto literário radicalmente novo e contém em si uma história que não existia antes da interferência daquele que reuniu as cartas e as editou. Afirma ainda que

a carta é pontual, o autor da carta jamais vai para além dela, vinculando-a no máximo à sua carta anterior e à do correspondente a quem responde. A correspondência é uma passagem do pontual à totalidade e à duração. - *A carta é um fragmento de texto flutuando*. A correspondência lhe dá ancoragem, ela transforma a sucessão das cartas em uma história e se constitui em rede textual.⁹

forneceu cópia digitalizada das cartas, e reservamos o livro e os nossos fichamentos das cartas que estão na Fundación Pública Gallega Camilo José Cela como material de apoio.

⁸ Para efeitos deste trabalho, poderemos referir-nos à revista como *Papeles de Son Armadans*, *Papeles* ou pela sigla PSA.

⁹ BEM, Jeanne. O Estatuto Literário da Carta. Tradução de Cláudio Hiro. In: FRANÇON, André; GOYARD, Claude (Org.). *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984, p. 114.

1.1 Definição do *corpus* e organização da tese

Esta tese nasceu de um espanto, que tinha na outra face a admiração, provocado pela leitura de cartas trocadas entre escritores espanhóis separados pela Guerra Civil Espanhola e suas consequências. Inicialmente, o interesse pelo tema foi despertado por tópicos dos programas de disciplinas da área de Literatura Espanhola que cursamos. Por meio delas, conhecemos cartas de Luis Cernuda, José Bergamín, Pedro Salinas, Jorge Guillén e Rafael Alberti, e peregrinamos por novos epistolários, como os de Emilio Prados, Vicente Aleixandre, Luís Seoane, Juan Ramón Jiménez ou Guillermo de Torre, para citar alguns. Ao chegarmos às cartas reunidas no livro *Correspondencia con el exilio*, espanto e admiração se fundem por alguns motivos. Em primeiro lugar, abria-se a possibilidade de conhecer, pelas margens, certos conflitos, disputas, negociações, consensos e sensibilidades que dinamizaram os bastidores do campo cultural espanhol das décadas de 50, 60 e 70 do século passado. Outra razão estava nas surpresas que a materialidade do texto dessas cartas nos reserva, pois as experimentações linguísticas realizadas pelos remetentes podem revelar a manutenção das particularidades expressivas de sua produção intelectual ou artística.

O livro apresenta Camilo José Cela, já conhecido escritor e no auge da construção de sua produção artística e editorial, em situação de diálogo com escritores e representantes literários de gerações anteriores à dele, na maioria dos casos. Seus interlocutores estavam exilados em razão da atuação política durante a República ou durante a Guerra Civil e alguns estavam impedidos de voltar fisicamente ao país, como é o caso, por décadas, de Max Aub. Em diferentes graus, todos enfrentavam dificuldades para publicar na Espanha. Da constatação da longevidade do diálogo e da importância dos projetos que foram desencadeados por esses encontros, como é o caso da presença marcante dos exilados na revista *Papeles de Son Armadans*, duas grandes perguntas se delinearam e conduziram nosso percurso de investigação: como se estabelece o diálogo

entre esses escritores que estiveram em lados opostos da Guerra Civil Espanhola e tinham posições divergentes frente ao governo franquista? Quais as características desse diálogo?

Dada a impossibilidade de trabalhar com um material tão extenso e singular quanto o que está reunido no livro, decidimos restringir nossa análise a quatro correspondências, procurando abranger certas peculiaridades do todo. Assim, escolhemos as correspondências de dois poetas, Rafael Alberti e Emilio Prados, pela presença ostensiva de representantes desse gênero entre os interlocutores de Cela, seis do total de treze. Essa proporção não podia ser diferente, afinal, apenas no que concerne à Geração de 27, a maioria dos poetas que sobreviveram à catástrofe da guerra estava no exílio. Tal ausência na península criou o vazio que Vicente Llorens aponta ao afirmar que houve um verdadeiro éxodo de poetas¹⁰. Outro motivo para a predominância era que Cela anunciava o desejo de editar uma antologia com os poemas dos escritores desse grupo. A informação parece ter se disseminado à medida que aumentava o número de exilados em contato com o escritor galego e as relações entre os próprios amigos e colegas de geração. Às vezes, a poesia dominava o espaço de PSA, naturalizando-se, segundo constata Américo Castro em carta de 30 de maio de 1961: “El número de abril es interesante, como siempre. No sé si no hay sobreabundancia de poesia –a lo mejor gusta–. Algunas cosas son muy buenas. Ciertas prosas reflejan su hondo influjo sobre los jóvenes”¹¹. Talvez possa ter colaborado para o destaque da poesia a presença de poetas no quadro de funcionários que elaboravam a revista, principalmente em seus primeiros anos, como é o caso de José Caballero Bonald e Josep M. Llompart.

A opção pela correspondência de Américo Castro deveu-se à amplitude e, em alguns casos, ao detalhamento dos temas discutidos, à extensão temporal do diálogo e à constituição da proximidade com Cela em variados âmbitos. Um deles era realizado por meio de encontros presenciais como uma prática que tinha periodicidade praticamente anual e que envolvia ambas as famílias. Além disso, considere-se que é um escritor que se

¹⁰ LLORENS, Vicente. *Estudios y ensayos sobre el exilio republicano español de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006, p. 259.

¹¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 293.

aproxima da literatura a partir de outro lugar, isto é, pela crítica literária ou pela história cultural.

O gênero narrativo está representado na tese pela correspondência com Max Aub, embora suas cartas estejam ausentes no livro e continuem inéditas como conjunto. Para resolver esse ponto, foi fundamental o auxílio das fundações que custodiam os acervos de Aub e de Cela, possibilitando-nos o acesso a elas para o nosso estudo¹². A expressividade da produção literária de Aub, sua habilidade para atuar em diferentes áreas relacionadas com a cultura e o cuidado com o arquivamento de sua correspondência ativa e passiva despertaram o interesse em observar com atenção sua proximidade com Cela.

Outro critério para a escolha dos quatro correspondentes é o peso que tiveram como articuladores da produção cultural de artistas e intelectuais¹³. Apenas a título de ilustração, relacionamos alguns exemplos desse ativismo que se destaca em algum momento, seja antes ou depois do exílio.

Nos anos 20, Emilio Prados, ao lado de Altolaguirre, montou a tipografia *Sur* e fundou a revista *Litoral* que, entre 1926 e 1929, foi responsável pela publicação da obra de alguns dos melhores poetas da época. Américo Castro teve um papel decisivo, nos anos 30, na criação da seção de estudos hispano-americanos do Centro de Estudios Históricos e na criação da revista *Tierra Firme*. Seu trabalho para estabelecer pontes entre a Espanha e o

¹² Estivemos na Fundación Pública Gallega Camilo José Cela em janeiro de 2012 e na Fundación Max Aub em janeiro de 2014, onde conseguimos cópia digitalizada das cartas arquivadas que eram fundamentais para esta tese. Nas visitas, pudemos verificar o cuidado que os dois autores tinham com sua correspondência – guardando sistematicamente as cartas recebidas e a cópia dos envios – a ponto de o número de documentos variar apenas ligeiramente, quando se trata da comunicação entre eles.

¹³ A disposição dos escritores para participar ativamente do cenário cultural da Espanha, em diferentes momentos, pode ser vinculada à formação que receberam em um contexto que combinava “instabilidade social e estabilidade cultural”, como esclarece Valeria De Marco ao discorrer sobre a identificação da intelectualidade espanhola com a II República. Afirma a pesquisadora que o conjunto de intelectuais sobre o qual trata o seu texto, e que inclui os exilados cujas cartas estudamos, “iniciou-se na reflexão nos ambientes alimentados pela Institución Libre Enseñanza e sob o protagonismo da geração de 98 –a de Unamuno, Azorín, Antonio Machado, Valle-Inclán, entre outros. Deles herdaram a consciência de atraso em que estava o país e investiram na direção de romper o isolamento cultural imposto pelo conservadorismo obscurantista; freqüentaram espaços e publicações das vanguardas francesas, latino-americanas, alemãs e russas, ansiosos por acompanhar o ritmo cosmopolita que pautava então a modernidade”. DE MARCO, Valeria. O cru e o polido nas cartas dos exilados e republicanos espanhóis. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). *A Ousadia crítica: ensaios para Gabriel Cohn*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p. 287.

continente americano revela-se também pelo papel de fundador do Instituto de Filología de Buenos Aires (1923)¹⁴. Rafael Alberti era um dos escritores mais relevantes de sua geração de poetas antes mesmo de exilar-se. A importância de seu nome estimulou a criação de iniciativas culturais sobre sua obra e de relações intelectuais, a ponto de ser o escritor com o qual Cela mais insistiu até convencê-lo a participar da revista *Papeles*. Durante a Guerra Civil, participou ativamente de atividades culturais, trabalhou como secretário da Alianza de Intelectuales Antifascistas e dirigiu grupos de teatro ou revistas da Frente Popular, como *El mono azul*. Max Aub colaborou com várias revistas culturais de caráter literário ou político antes do exílio e, durante a Guerra Civil, foi secretário do Consejo Central del Teatro. Participou da fundação da Unión de Intelectuales Españoles en México (UIEM), em 1947, que tinha como meta, entre outras, incentivar as relações com os intelectuais da península. Foi também o idealizador da revista *Los Sesenta*, cujo critério para colaboração era determinado pela idade do escritor que deveria ser igual ou superior a 60 anos.

Definido o *corpus*, percorremos as trocas epistolares, todas realizadas entre 1956 e 1972, em busca de respostas para as duas grandes perguntas que norteiam a tese e, para apresentá-las, organizamos o texto em três capítulos.

Iniciamos o primeiro com um breve panorama histórico do período que nos interessa estudar e que condiz com o início da troca epistolar. Apesar de parecer uma exterioridade ao trabalho, que se insere na área dos estudos literários, o panorama histórico ajuda a situar a interlocução entre os escritores no contexto mais amplo das dissidências ao regime ditatorial ou, ao menos, das insatisfações que cresciam entre vários grupos e atores sociais na década de cinquenta.

Ainda no primeiro capítulo, detemo-nos na apresentação da revista *Papeles de Son Armadans*, que motivou e impulsionou o diálogo entre os escritores da península e do exílio, e na apresentação do livro *Correspondencia con el exilio*, considerando sua produção editorial e certas particularidades de composição das cartas dos interlocutores que se

¹⁴ BERNABÉU ALBERT, Salvador. “Un señor que llegó del Brasil”. Américo Castro y la realidad histórica de América. *Revista de Indias*. v. LXII, n. 226, 2002, p. 654. Disponível em: <<http://digital.csic.es/bitstream/10261/28653/1/535.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

apresentam em situação de comunicação, como as imagens pictóricas nas cartas de Alberti. Em seguida, discorreremos sobre o principal autor das missivas no que diz respeito à quantidade: Camilo José Cela. Embora nem sempre a primeira carta do conjunto seja dele – já que algumas vezes os exilados lhe escreviam solicitando material literário que não lhes chegava –, é constante seu pedido de colaboração para *Papeles*.

No segundo, examinamos a aproximação entre Cela e seus interlocutores, atentando para os mecanismos de construção das redes de sociabilidade que colaboram para suplantar a divisão entre os escritores causada pela guerra. Nesse sentido, merece estudo rigoroso as referências à intervenção da censura – considerando suas variadas facetas, como a autocensura – quando se tratou da circulação das obras inéditas dos escritores com os quais trabalhamos. Por outro lado, procurou-se identificar as estratégias desenvolvidas ou colocadas em prática por editor e por escritores para escapar à censura institucional. O tema principal do capítulo torna pertinente que consideremos os projetos comuns ou que contavam com a participação dos exilados, como é o caso da revista *Papeles de Son Armadans* ou de *Conversaciones Poéticas de Formentor*, ou que não foram bem sucedidos e foram abandonados.

No terceiro capítulo, por entender que o diálogo só se constrói na presença real ou imaginada com o outro, apresentamos a análise de cada correspondência em subcapítulos, tentando rastrear o processo de persuasão e de envolvimento mútuos para que o encontro se estabelecesse e se mantivesse, apesar das divergências e conflitos. O desdobramento desse processo levou os interlocutores a mobilizarem a linguagem da amizade, cujos apelos podiam estar ou não associados aos sentimentos e afetos, mas certamente estavam associados a aceitar a aproximação com aquele que se apresenta como diferente e propõe uma relação desafiadora. De modo geral, sustentando a experiência linguística da amizade está a distância física, a troca de livros, o envio de material autografado, a resistência à censura, a publicação de textos em PSA e a edição de obras para circularem na Espanha.

2 Espanha do pós-guerra: mudanças conjunturais e novos diálogos

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar um breve panorama do pós-Guerra Civil, tendo como fio condutor dois aspectos principais. Em primeiro lugar, deter-nos-emos na década de 50, perseguindo alguns acontecimentos sociais e políticos, bem como mudanças culturais que compõem o pano de fundo histórico do início da troca epistolar entre Cela e os escritores que estudamos e da publicação da revista *Papeles de Son Armadans*, que costuma ser tema de destaque nas cartas. Também temos como horizonte as pesquisas desenvolvidas por Jordi Gracia que identifica um processo de amadurecimento cultural na década de 50 que estaria nas bases intelectuais da Espanha democrática¹⁵. Em segundo lugar, mais do que as rupturas que os resultados da Guerra Civil e do regime de Franco impuseram entre vencedores e vencidos, interessa-nos identificar continuidades e alguns dos diálogos estabelecidos no campo intelectual entre os espanhóis da península e do exílio que permitiram a criação de projetos comuns.

Optamos por começar a tese considerando aspectos do contexto histórico e cultural porque, ao longo da pesquisa, percebemos a importância dos acontecimentos do período como chave para montar o quadro que revela facetas fundamentais da realização do frutífero diálogo entre Camilo José Cela e escritores exilados. Além disso, voltar-nos para a história que precede e abrange o diálogo, ajuda-nos a compreender a evolução da relação entre os interlocutores, considerada por alguns ensaístas e em certos casos como surpreendente, uma vez que se trata de pessoas que lutaram em lados opostos durante a Guerra Civil, como é o caso da opção nacionalista e predominantemente conservadora de Cela ao contrário da opção republicana de Américo Castro, Emilio Prados, Max Aub e Rafael Alberti. Rodríguez Puértolas, por exemplo, considera perigosa a amizade que Cela e Castro mantiveram a partir da correspondência¹⁶.

¹⁵ GRACIA, Jordi. Estado y cultura. *El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 11-27.

¹⁶ RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio. *Amistades peligrosas: Américo Castro y Camilo José Cela*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2010. Disponível em:

Além disso, levamos em conta nossa distância da Espanha de modo que podemos desconhecer certas especificidades das referências históricas do passado, do período da guerra e do pós-guerra, cujos desdobramentos alcançam o presente. Com efeito, a discussão sobre a construção da memória coletiva tem ainda hoje relevância no debate social espanhol. Essa opção de tema para o primeiro capítulo responde ao percurso de estudo que fizemos para ler as cartas buscando um sentido mais global do que o dado pela comunicação íntima entre diferentes pares de missivistas que são representativos da cultura espanhola. Por sua vez, a pesquisa exigiu esse percurso, pois o número de cartas trocadas entre escritores do século XX, que veio à luz nas últimas décadas, mostra que se tratou de uma prática corrente. Dedicamos também um tópico à apresentação de PSA como revista do pós-guerra e projeto pessoal de Cela, mas que se realiza de forma coletiva, e outro, ao livro que contém a maioria absoluta das cartas com as quais trabalhamos. Por último, apresentamos uma rápida biografia do escritor que as motiva, Camilo José Cela, cuja história de vida de mais de oitenta e cinco anos cruza-se com acontecimentos fundamentais da história do século XX em seu país, como a Guerra Civil, a transição democrática e a própria democracia.

2.1 Breve panorama político e social

As três primeiras décadas do século XX na Espanha estão marcadas pelos acontecimentos que levaram à Guerra Civil (1936 – 1939) e pela consolidação do poder de Franco que governou o país até sua morte em 1975, momento em que o regime reunia vários sinais de crises e de fragilidade ideológica¹⁷. O longo período de seu governo pode

<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_71.html#l_33_> Acesso em: 27 mar. 2011. Os textos que compõem a ata do congresso sobre Américo Castro podem ser lidos em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf.html>> Acesso em: 27 mar. 2011.

¹⁷ Segundo Abdón Mateos: “Franco murió matando por lo que, en ese preciso instante de su desaparición, se desató una impresionante campaña internacional antifraquista. La soledad del franquismo en 1975, ya sin el apoyo del Vaticano o de la dictadura portuguesa, no tenía parangón en

ser organizado em etapas que variam de acordo com os parâmetros estabelecidos por cada escola da história contemporânea, segundo Abdón Mateos em *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. O próprio Mateos propõe uma divisão bastante autoexplicativa:

- Etapa de posguerra agresiva. Años de la victoria/años de terror (1939-1947).
- Transición del fascismo internacional al anticomunismo ideológico. Acercamiento a los aliados, reconocimiento de las Naciones Unidas, militancia de la guerra fría (1948-1960).
- Transición al liberalismo económico. Tras el Plan de Estabilización y entrada de los tecnócratas del Opus Dei, debate con el falangismo histórico evolucionado (1960-1970).
- Tardofranquismo por debilitamiento del Régimen y de su Jefe (1971-20/N/1975).¹⁸

Como resultado dos eventos de violência interna e externa – como a Segunda Guerra Mundial –, e das opções e simpatias fascistas do ditador, a Espanha sofreu com a perda de um significativo número de vidas, com a miséria e com o isolamento até a década de 50, quando a recuperação econômica mundial e a aproximação aos Estados Unidos permitiram o início da industrialização e da modernização do país, bem como seu ingresso na ONU¹⁹. Assim, o regime de Franco passou a ser aceito internacionalmente, apesar da desconfiança que recaía sobre ele pela falta de perspectiva de democratização e da massa de exilados.

el escenario internacional, por mucho que los norteamericanos tuvieron interés en la renovación de las bases militares”. MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 189.

¹⁸ Ibid., p. 5–6. No texto introdutório (p. 11–20), Mateos diferencia protestos e dissidências da oposição política ao regime, sendo que a oposição ilegal constituiu o seu tema de estudo no livro, ou seja, a história do antifranquismo contada por meio da trajetória de pessoas, grupos e instituições, sendo que alguns deles remontam à época da República e sobreviveram no exterior ou na (semi)clandestinidade. Inclui em seus estudos também a dissidência que evoluiu para a condição de oposição democrática. De acordo com Mateos, embora a pesquisa histórica sobre o antifranquismo tenha progredido nos últimos anos, principalmente a partir do final da década de 80, ainda existem lacunas consideráveis, por exemplo, seria necessário avançar mais no balanço da repressão ou nas atividades dos comunistas no exterior.

¹⁹ Os pactos de ajuda econômica e ajuda mútua para a defesa firmados entre Espanha e Estados Unidos são de 1953, enquanto o ingresso da Espanha na ONU como membro de direito pleno é de 1955, rompendo a orientação de boicote diplomático que havia sido dada em 1946.

Embora a divisão proposta acima para a segunda etapa dê ênfase à busca de proximidade com a comunidade internacional e responda à dinâmica do novo cenário mundial – com a polarização estabelecida pela guerra fria –, no âmbito interno, vivenciou-se a ocorrência de importantes eventos sociais e políticos que questionavam certos limites impostos pelo governo consolidado. Segundo Abdón Mateos, refazendo uma leitura de sua própria periodização, alguns desses eventos postulam a redefinição dos limites dessa etapa, podendo ser mais útil uma divisão, cobrindo os anos 50, que contemplasse desde o boicote ao transporte em Barcelona em 1951 até as greves dos trabalhadores e o IV Congreso del Movimiento Europeo celebrado em Munique em 1962²⁰.

Podemos retomar os acontecimentos destacados na nova divisão proposta por Mateos para compor o quadro do período que nos interessa, considerando que, por um lado, apesar das denúncias feitas especialmente pelos espanhóis do exílio, houve o fim da esperança de uma intervenção, do prolongamento das supressões ou de uma crítica severa internacional; por outro lado, as insatisfações de certos grupos internos produziram mobilizações, revelando conflitos que germinavam dentro das instituições oficiais ou de maneira (semi)espontânea entre a população. Este é caso do boicote ao transporte público que os usuários colocaram em prática por conta do aumento do preço da passagem na cidade de Barcelona em 1951, valor comparativamente maior do que o da cidade de Madri, que se ampliou e contou com a participação de pessoas de diferentes posições políticas e classes sociais. O sucesso da mobilização contribuiu para alentar uma greve geral que alcançou mais de 300.000 trabalhadores da cidade²¹. Apesar da extensão, tais protestos,

²⁰ MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 17.

²¹ Este acontecimento é digno de menção pelo impacto que teve em outras regiões e na história dos protestos da época: “Als mesos de febrer i març de 1951, Barcelona va viure l'onada de protestes populars més important d'ençà la revolució esdevinguda a la ciutat durant la Guerra Civil de 1936 – 1939. Milers de persones de diferents estrats socials i filiacions polítiques van fer pinya en un seguit d'aldarulls de tres setmanes de duració contra l'explotació i la violència imposades durant onze anys per la dictadura del general Franco. El moviment popular, iniciat amb un boicot a l'empresa de tramvies, va culminar en una vaga general, seguida per uns 300.000 treballadors que va paralitzar la ciutat i la producció als centres industrials”. RICHARDS, Michael. Falange, autarquía i crisi. La vaga general de 1951 a Barcelona. *Segle XX. Revista catalana d'història*. Barcelona, n. 3, 2010, p. 95.

que acredita Richards somente voltariam a se repetir com os que antecederam a chegada da democracia em 1976, representaram apenas um susto para a repressão armada e não ofereceram perigo real, embora tenham colaborado para mudanças lentas na maneira de o franquismo impor seu domínio, tentando evitar novos desgastes com a comunidade internacional²².

Um panorama das atividades de resistência e de mobilização do movimento dos trabalhadores durante o franquismo é dado pelo texto de Pere Ysàs que defende a ideia que, apesar da erosão mais ou menos intensa durante as mais de três décadas do regime, não desapareceu a atitude de resistência, que assumiu formas diferentes ao longo dos anos. Na década de sessenta, começaria um fortalecimento do movimento operário – denominado muitas vezes de “resurgir del movimiento obrero” – como resultado das transformações econômicas, sociais e culturais, do próprio distanciamento temporal da Guerra Civil e do amadurecimento da geração que nasceu depois de 1939²³. Ysàs vincula várias modificações de gabinete de Franco a uma série de protestos dos trabalhadores, como em 1951, 1957 e 1962.

A mesma referência à importância do amadurecimento geracional volta à cena para nos ajudar a entender certos aspectos do movimento estudantil, cujos protestos tomaram novas e maiores dimensões a partir do final dos anos quarenta. Nessa década, ainda que ações combativas contra o franquismo e seu braço falangista tenham sido realizadas por ativistas da reconstruída Federación Universitaria Escolar (FUE), por meio de pichações de palavras de ordem em paredes de universidades e distribuição de folhetos, aproximadamente em 1947 a repressão havia conseguido desarticular essa federação,

Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/segleXX/article/view/9836/12652>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

²² RICHARDS, Michael. Falange, autarquia i crisi. La vaga general de 1951 a Barcelona. *Segle XX. Revista catalana d'història*. Barcelona, n. 3, 2010, p. 95–96. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/segleXX/article/view/9836/12652>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

²³ YSÀS, Pere. El movimiento obrero durante el franquismo. De la resistencia a la movilización (1940 – 1975). *Cuadernos de Historia Contemporánea*. Madrid, v. 30, 2008, p. 175. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/viewFile/CHCO0808110165A/6731>>. Acesso em 20 abr. 2014.

assim como a Federación Nacional de Estudiantes de Cataluña (FNEC)²⁴. A tentativa de golpe certo na falta de autonomia dos universitários havia sido realizada com a Ley de Ordenación Universitaria (LOU), de 1943, que declarava em uma ordem de novembro do mesmo ano que o estudante matriculado em curso superior estava inscrito necessária e obrigatoriamente no Sindicato Español Universitario (SEU), uma clássica instituição falangista que atuou entre 1933 e 1965²⁵.

Miguel Ángel Ruiz Carnicer explica que existem diferenças significativas entre o SEU do período pré-bélico e o do pós-bélico, como se fossem praticamente duas instituições diferentes. No primeiro momento, haveria a instituição que nasceu com vistas ao âmbito universitário, como liderança da Falange nesse ambiente e para fazer frente por meio da violência aos grupos políticos estudantis mais progressistas e grupos de esquerda. Nesse período, dada a tendência à polarização, o SEU chegou a atuar na clandestinidade em algumas localidades no começo da guerra e foi perseguido por membros do governo republicano, como aconteceu em Zaragoza. Financeiramente, a organização dependia dos recursos da Falange e das cotas pagas pelos inscritos.

No segundo momento, o SEU se transformou em um dos grupos encarregados da manutenção da ordem, passando a exercer um papel de controle. Terminada a guerra, fez-se necessária a redefinição de seu papel no novo governo ainda que mantivesse pautas de conduta do momento anterior e a retórica fascista, como ao considerar-se na vanguarda da guerra e ao insistir no poder da juventude para promover transformações revolucionárias. Um alcance bastante pragmático dessa auto-proclamação surge na reivindicação de

²⁴ FUE, FNEC e UIL (Unión de los Intelectuales Libres) são organizações históricas reconstruídas depois da segunda guerra e alguns de seus ativistas eram filhos de políticos da época da república ou pessoas cuja formação política era anterior à guerra. MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 180.

²⁵ Podemos ler a ordem que complementava a LOU, publicada anteriormente no *Boletín Oficial del Estado*, no jornal ABC, um dos meios de comunicação que apoiava Franco: “Todos los alumnos matriculados en las Facultades universitarias, por el hecho de serlo, quedan integrados en el Sindicato Español Universitario”. Ver: La integración de los alumnos universitarios en el S.E.U.. ABC., Madrid, 17 nov. 1943. Edición de la mañana, p. 17. Disponível em: <<http://hemeroteca.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/madrid/abc/1943/11/17/017.html>> Acesso em: 04 jul. 2014.

protagonizar o controle das universidades, dos institutos e das manifestações estudantis. Ruiz Carnicer entende ainda que o Sindicato manteve certo tom crítico em sua atuação pelo desejo de continuar sendo um agente responsável por mudanças revolucionárias, mas se contradizia ao proclamar que sua organização política estivesse construída com base na hierarquia e disciplina²⁶. Reflexos de contradições podem ser observados em propostas nos âmbitos da educação e da cultura dentro do SEU, como a de melhorar a formação de trabalhadores por meio de cursos sem que isso implicasse em mudanças trabalhistas ou sociais.

Certos motivos colaborariam para a sobrevivência de diferenças no SEU, começando pela discrepância entre as perspectivas que a Falange e a Igreja tinham sobre a educação. Enquanto a Falange privilegiava sua meta de continuar a difusão da ideologia que promovesse uma revolução ainda não completada, a Igreja objetivava retomar uma área de influência que havia perdido durante a república, fazendo-o de maneira ativa. Outro ingrediente desse conflito estava nas afinidades escolhidas pelo Sindicato por sua liderança em 1938, que pretendia a aproximação com a classe trabalhadora²⁷. Para completar o quadro, estava a vinculação obrigatória dos universitários que, inclusive pelo crescimento do número de ingressantes no ensino superior nos anos subseqüentes à publicação da LOU, colaborou para a sobrevivência de inquietações de diferentes ordens e do desengano que alimentou a maturidade política.

Apesar de sua filiação fascista, ou até mesmo por causa dela e da proteção que oferecia como instituição inicialmente insuspeita, o SEU colaborou para que importantes ações críticas e de dissidência fossem articuladas e, de acordo com Jordi Gracia, teve “fases de vitalidad mucho mayor de lo que la crónica de sus calamidades puede hacer sospechar”²⁸. Gracia entende ainda que o Sindicato

²⁶ RUIZ CARNICER, Miguel Ángel. El Sindicato Español Universitario (SEU) del distrito de Zaragoza durante la guerra civil (1936-1939). *Revista de Historia Jerónimo Zurita*. Zaragoza, n. 53-54, 1986, p. 96-97.

²⁷ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 75-76.

²⁸ Ibid., p. 74.

constituyó en los años cincuenta el frente más activo y, sobre todo, tolerado de cultura disidente y crítica con los fundamentos ideológicos del régimen, aunque sus procedimientos fuesen indirectos y crípticos o funcionase sólo a través de la circulación de libros e ideas inaccesibles fuera de la protección de una institución falangista.²⁹

Gracia elenca a produção cultural crítica ou dissidente do SEU em diferentes áreas, como cinema e cineclube ou revistas.

Assim como aconteceu com o movimento dos trabalhadores, a insatisfação dos estudantes por diferentes motivos – desde os mais particulares da categoria e ligados ao cotidiano aos mais amplos e nacionais – gerou protestos que assumiram características e volumes diferentes com o passar dos anos e com a proximidade entre os dois grupos, os trabalhadores e os estudantes. Talvez uma das iniciativas que mais contribuiu para tal proximidade tenha sido dada pela criação do Servicio Universitario del Trabajo (SUT) em 1952 pelo padre José María de Llanos Pastor. Jesuíta e falangista, havia sido conselheiro de Franco nos anos quarenta, mas afastou-se das posições direitistas na medida em que aumentava sua vivência com os trabalhadores e com as injustiças sociais que padeciam em bairros periféricos. A evolução de sua consciência social o levou a participar da oposição clandestina de esquerda, militando no Partido Comunista, a partir do final dos anos cinquenta.

Era propósito do SUT “la asistencia de universitarios a Campos de Trabajo en flotas pesqueras o mineras, en servicios de repoblación forestal o en la construcción de viviendas para los sectores más pobres”³⁰. Porém, tais propósitos se desdobraram em diversas atividades, como em campanhas de alfabetização e, particularmente, no Trabalho Dominical por meio do qual os universitários, em dia de folga, trabalham em bairros de zonas periféricas das cidades ajudando na construção de casas ou tornando-as mais habitáveis e

²⁹ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 74.

³⁰ Ibid., p. 85.

seguras por estarem em áreas de risco. Jordi Gracia caracteriza o SUT como primeiro amadurecimento do compromisso social e lembra que entre seus participantes estiveram vários jovens que integrariam a Frente de Liberación Popular (FLP)³¹. Igualmente, Abdón Mateos resalta a importância do SUT: “la vivencia de algunos jóvenes falangistas en el Servicio Universitario del Trabajo (SUT) iba a radicalizar la disidencia hacia un neto antifranquismo democrático”³².

Também conhecida como “Felipe”, a constituição dessa Frente deu-se entre 1957 e 1958, de acordo com o critério adotado por cada pesquisador, e se caracterizou por ser católica, antifranquista e ter como meta a revolução socialista que aconteceria por meio da violência. Considera Abdón Mateos que na Frente de Liberación Popular

confluyeron inicialmente jóvenes católicos o falangistas familiarizados con el marxismo que buscaban comprometerse activamente contra el franquismo y contra las injusticias sociales del capitalismo. Rechazaban el colonialismo y el compromiso de la socialdemocracia europea con la sociedad burguesa, pero, también, se vieron influidos por la desestabilización del XX Congreso del PCUS y el aplastamiento soviético de la revolución de Hungría. Criticaban el revisionismo del PCE tras la formulación de la política de reconciliación nacional, creyendo que su meta de revolución socialista solamente se podía alcanzar mediante la violencia. Rechazaban el proceso de construcción europeo, creyendo que la colaboración de la izquierda era una acomodación a la sociedad capitalista y defendiendo los procesos de liberación del Tercer Mundo. Además de seguir el proceso de liberación argelina, se vieron influidos por la revolución cubana comandada por Fidel Castro.³³

Entre as vozes ligadas à articulação da Frente, há quem a entenda como uma resposta ao pacto de reconciliação política e social nacional proposto pelo Partido Comunista da Espanha (PCE) em 1956, caso de Ignacio Fernández de Castro, um de seus

³¹ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 85 e p.89.

³² MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 181.

³³ Ibid., p. 97.

fundadores³⁴. Considerando este antecedente conciliador, vale a pena explicar que a década de 50 viu também uma mudança na maneira de atuar do PCE. Após ter dissolvido a guerrilha entre 1948 e 1952, o partido promoveu a infiltração de seus quadros em diversas instituições franquistas, como as sindicais e universitárias, e, motivado por discussões internas e estímulos dados pelos protestos sociais de 1956, propôs uma reconciliação de caráter nacional por meio da qual se procurava “la unidad de acción con todo tipo de fuerzas políticas y sociales, incluso aquellas que no fueran específicamente antifranquistas”³⁵.

Embora não se trate de uma proposta com um programa específico e claro nem aluda às demandas históricas da república sobre a forma de governabilidade, como afirma Mateos, ressaltamos a abrangência das alianças e entendemos que parece responder a uma aspiração que encontrava sólido respaldo, como demonstra a ampliação da ideia que nos leva, seis anos depois, às ocorrências do ano de 1962, especificamente, ao IV Congreso del Movimiento Europeo, celebrado em Munique. Pejorativamente denominado pelos franquistas como “contubernio de Múnich”, o congresso realizou-se em junho e contou com a participação de 118 agentes políticos de diferentes posições ideológicas do interior e do exílio que tinham em comum o fato de serem contrários ao regime. O objetivo desse grupo era denunciar os desmandos da ditadura de Franco em sua violação sistemática dos direitos humanos e direito à informação, além de expressar publicamente sua posição democrática e europeísta. O congresso acabou apresentando também uma tomada de posição de vozes críticas sobre o pedido que havia feito Franco anteriormente para que Espanha ingressasse na Comunidade Econômica Europeia dado o despreparo do país para participar dele. A resposta de Franco foi perseguir os participantes do encontro ao seu alcance por meio de multas, prisões e deportações.

No congresso, a presença do PCE se deu apenas por meio de observadores. No entanto, o caráter de reconciliação pode ser identificado a partir da participação de

³⁴ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 243.

³⁵ MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 93.

espanhóis do interior e do exílio, sendo membros de grupos tão heterogêneos quanto os que se encontravam entre os polos dos franquistas desiludidos e dos esquerdistas. No entanto, a participação no congresso não resultou de um acontecimento casual, ao contrário, foi fruto de posições negociadas dentro desses mesmos grupos e entre indivíduos, bem como uma tentativa de romper o isolamento que permitisse preparar ou ao menos traçar projetos de transição para a democracia de maneira “prudente” – desejo que era, ao menos no discurso, da “inmensa mayoría de los españoles” –, como demonstra o texto da declaração expedida pelo congresso, particularmente no seguinte fragmento:

todos los delegados españoles presentes en el Congreso expresan su firme convencimiento de que la inmensa mayoría de los españoles desea que esa evolución se lleve a cabo de acuerdo con las normas de la prudencia política, con el ritmo más rápido que las circunstancias permitan, con sinceridad por parte de todos y con el compromiso de renunciar a toda violencia activa o pasiva antes, durante y después del proceso evolutivo.³⁶

³⁶ Abaixo, a declaração apresentada pelo congresso. MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 274-275.

El Congreso del Movimiento Europeo, reunido en Múnich los días 7 y 8 de junio de 1962, estima que la integración, ya en forma de adhesión, ya de asociación de todos los países de Europa, exige de cada uno de ellos instituciones democráticas, lo que significa en el caso de España, de acuerdo con la Convención Europea de Derechos del Hombre y de la Carta Social europea, lo siguiente:

- 1 ° La instauración de instituciones auténticamente representativas y democráticas que garanticen que el Gobierno se basa en el consentimiento de los gobernados.
- 2° La efectiva garantía de todos los derechos de la persona humana, en especial los de la libertad personal y de expresión, con supresión de la censura gubernativa.
- 3° El reconocimiento de la personalidad de las distintas comunidades naturales.
- 4° El ejercicio de las libertades sindicales sobre bases democráticas y de la defensa por los trabajadores de sus derechos fundamentales, entre otros medios por el de huelga.
- 5°.- La posibilidad de organización de corrientes de opinión y de partidos políticos con el reconocimiento de los derechos de la oposición.

El Congreso tiene la fundada esperanza de que la evolución con arreglo a las anteriores bases permitirá la incorporación de España a Europa, de la que es un elemento esencial, y toma nota de que todos los delegados españoles presentes en el Congreso expresan su firme convencimiento de que la inmensa mayoría de los españoles desea que esa evolución se lleve a cabo de acuerdo con las normas de la prudencia política, con el ritmo más rápido que las circunstancias permitan, con sinceridad por parte de todos y con el compromiso de renunciar a toda violencia activa o pasiva antes, durante y después del proceso evolutivo.

Como dissemos no início deste tópico ao comentar o limite máximo da segunda periodização na releitura de Mateos, o outro motivo para que considere o ano de 1962 como marcante está relacionado à greve de mineiros da região de Astúrias. O que começou como um fracasso de negociação trabalhista entre trabalhadores mineiros e a empresa, cresceu, estendeu-se para outros setores, companhias, cidades e províncias e assumiu proporções coletivas de descontentamento. Vários setores da população expressaram solidariedade aos grevistas, entre eles, os intelectuais, artistas e escritores. É deles a elaboração de uma carta de apoio escrita para o então professor catedrático Manuel Fraga Iribarne, às vésperas de sua nomeação como ministro de Informação e Turismo, para que fosse encaminhada ao chefe de Estado, em que resumem a situação de asfixia coletiva em diversas esferas da realidade espanhola: mostram a discrepância entre as informações veiculadas pelos meios de comunicação no exterior e as censuradas dentro da Espanha; pedem que os acontecimentos sejam entendidos como reivindicações econômicas dos trabalhadores amparadas pela lei e apelam para que não haja repressão autoritária.

Encabeçada por Menéndez Pidal, presidente em exercício da Real Academia Española de la Lengua, a carta recebeu 24 assinaturas de expoentes da cultura espanhola daquele momento, como José Bergamín³⁷, Camilo José Cela, Ignacio Aldecoa³⁸. A divulgação da carta no exterior multiplicou seu alcance e serviu de referência para manifestações de apoio. Tanto dentro quanto fora do país, foram elaborados documentos de adesão à carta citada, seja por meio de textos jornalísticos seja por meio de carta coletiva de declaração de solidariedade, como a assinada por expoentes da cultura espanhola exilados no México, como León Felipe, Juan Rejano e Max Aub, para citar apenas alguns.

A síntese que apresentamos neste tópico, por ser um resgate de alguns dos eventos mais significativos de protestos e agitação interna em certa fase do franquismo, pode dar a impressão de que estes eram resultado de uma sistemática e coordenada ação de

³⁷ Bergamín exiliou-se após o fim da Guerra Civil Española, tendo vivido em diferentes países da América, como México e Uruguai. Regressou à Espanha em 1958, mas as ameaças que recebia devido a suas críticas ao regime levaram-no novamente ao exílio em 1963. O regresso definitivo a seu país aconteceria apenas em 1970.

³⁸ A carta, na íntegra, pode ser consultada no Anexo A desta tese.

dissidência e oposição. Seria um erro pensar assim. Mais adequado seria entendê-los como um termômetro que indica que, apesar do exercício constante de violência repressora, o franquismo não conseguiu alcançar a homogeneidade e a coerência doutrinária entre a multiplicidade de grupos que o constituíam e, portanto, foi incapaz de eliminar todos os signos internos de inconformismo. Acrescente-se que nunca conseguiu vencer as desconfianças e sofreu de modo crônico de certo “déficit de legitimidad” diante da comunidade internacional, usando uma expressão cunhada por Abdón Mateos³⁹, para entender algumas referências que alimentam a ideia de liberalização política e econômica. No entanto, em uma linha do tempo, verificamos que anteriores a elas, existiam os esforços de liberalização cultural, segundo Jordi Gracia. Para efeito desta pesquisa, é fundamental resgatar essa tese de Gracia porque nos ajuda a compreender e a refletir sobre a natureza da comunicação epistolar entre escritores espanhóis do século XX.

2.2 Antigos e novos diálogos

Assim como aconteceu na esfera política, o reestabelecimento de vínculos entre os espanhóis de dentro do país e os exilados colaborou para a renovação da esfera cultural nos anos 50. Entre os motivos que estimularam o encontro, estavam o gradual convencimento de que o regime não se esgotaria em pouco tempo e a consciência de que o diálogo contribuiria para a construção do futuro democrático da Espanha após o fim do governo de Franco, de acordo com o resultado das pesquisas de Jordi Gracia. Ele afirma, ainda, que os vínculos individuais foram retomados com alguma rapidez, após o fim da guerra, como lemos no seguinte:

³⁹ Explica o autor: “El franquismo siempre se vio submetido a un déficit de legitimidad, que tuvo su expresión en una persistente denuncia internacional de la dictadura, en la carencia de relaciones oficiales con algunos países americanos y europeos, así como su exclusión temporal o permanente de organizaciones supranacionales y de internacionales y movimientos democráticos. La denuncia internacional de la dictadura fue alentada por los exiliados pero se alimentó sobre todo de la condena de la represión de cualquier tipo de libertades”. MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 189.

La reanudación de los vínculos entre creadores e intelectuales del exilio y del interior se inició muy temprano. La intensificación de los contactos, la circulación privada de noticias, libros y revistas fue casi inmediata, y no hizo más que crecer en los años siguientes. Las visitas de exiliados a España comienzan sólo con el fin de la Segunda Guerra Mundial y a veces pueden durar semanas o meses (pero en casi todos los casos desactivan la mera tentación de volver y prefieren, muy lógicamente, seguir en el exilio). Las relaciones entre el exterior y el interior van haciéndose desde los años cincuenta bastante más fluidas de lo que creemos habitualmente, y hasta alguno de ellos llamó a esa frontera entre dentro y fuera, en lugar de telón de acero, cortina de hojalata, a la vista de la frecuencia de las relaciones o incluso la porosidad y valentía que las personas supieron ganar, muy por encima de la simpleza y rigidez de las consignas políticas y de las pretensiones del propio régimen de Franco.⁴⁰

Costuma-se estabelecer como etapa significativa do programa aberturista na esfera cultural e social a nomeação de Joaquín Ruiz-Giménez como Ministro da Educação, no período de 1951 a 1956, pelo fato de ser ele um representante do governo mais jovem, de perfil mais moderado e por ter empreendido algumas reformas no ensino superior, médio e primário. Uma das medidas de reforma adotada por ele foi a de “ir colocando en los puestos de dirección a hombres culturalmente cualificados e ideológicamente abiertos”⁴¹. Mas não foram poucas as dificuldades que encontrou ao promover a repatriação e reincorporação à universidade de alguns poucos nomes do exílio, tendo solicitado apoio diretamente a Franco quando foi necessário vencer resistências, como lembra Fernando Larraz ao abordar a reincorporação do cientista Arturo Duperier à Espanha e à Universidad de Madrid⁴². Durante sua chefia no ministério, Ruiz-Giménez colaborou também para resgatar certos proscritos do cânon literário do pós-guerra continental, como Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, García Lorca.

O sopro liberalizante no ensino superior – dado pelo ministro e alguns reitores – alcançou a oposição dentro do SEU que se viu estimulada a trazer à luz certas

⁴⁰ GRACIA, Jordi. *A la intemperie. Exilio y cultura en España*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010, p. 14.

⁴¹ ASCUNCE ARRIETA, José Ángel. El exilio del desencanto vencedor. In: AZNAR SOLER, Manuel (Ed.). *Escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2006, p. 20.

⁴² LARRAZ, Fernando. *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 108.

reivindicações, sendo algumas mais antigas, como a referente a critérios democráticos para a eleição de representantes estudantis, que ganhou destaque em 1956 com os enfrentamentos entre os estudantes do movimento reivindicador e a Falange na facultade de Direito da Universidad de Madrid, além de outras mais pontuais e frustradas, como a tentativa de realizar o Congreso de Escritores Jóvenes em 1955. Os atos de afirmação crítica dos estudantes na década de cinquenta podem ser verificados em outro acontecimento deste mesmo ano:

La concentración de duelo y homenaje ante la muerte del filósofo José Ortega y Gasset ese mismo año fue un acto de afirmación crítica contra el franquismo. Como relató Martín Santos en *Tiempo de Silencio*, no es que el “viejo maestro” tuviera entonces un gran predicamento entre los estudiantes sino que el acto fue una buena oportunidad para expresar la disidencia con el régimen.⁴³

Fernando Larraz modaliza os méritos de Ruiz-Giménez e o avanço liberalizante ao recordar-nos que, na verdade, tratava-se de mais uma tática de autopromoção do regime, pois as transigências beneficiavam-no, na medida em que eram uma maneira de manter a estabilidade sem que houvesse concessões ideológicas ou, acrescentamos, mudanças estruturais, assim como era outra tática dividir os exilados em dois grupos, o dos “mencionáveis” e o dos comunistas anti-espanhóis. Assegura Larraz:

El aspecto propagandístico de la cartera ministerial consistía en difundir una suerte de optimismo dogmático que otorgase al sistema franquista la vitola de defensor de las artes y las letras, encargo que posteriormente desempeñó con más astucia Manuel Fraga desde el Ministerio de Información y Turismo. Para formular estas convicciones, se hacía necesario contar con tres elementos: enlazar con la tradición anterior, demostrar que los avances culturales en España eran admirables y desmentir los síntomas y advertencias de excepcionalidad. En estos tres aspectos, el exilio era un estorbo, porque lo más excelso de la tradición anterior era, mayoritariamente, liberal, laica y republicana y quienes mejor representaban tal tradición eran los desterrados; porque las aportaciones culturales del exilio en todos

⁴³ MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011, p. 182.

los campos superaban a –o, por lo menos, competían con– las del interior; y porque la existencia de un exilio político-intelectual era la más tangible muestra de anormalidad cultural. En consecuencia, el razonamiento fue encaminado a minusvalorar los méritos intelectuales del exilio, a darle un aire de voluntariedad y a reducir su volumen.⁴⁴

O fragmento citado acima faz parte do capítulo “La polémica entre intransigentes y comprensivos” em que Larraz se volta para uma das primeiras controvérsias internas que dividiu as vozes de lideranças culturais do grupo de apoio de Franco entre Falange e Opus Dei sobre como poderia se dar a participação dos exilados na vida cultural da Espanha, embora ambos os grupos tivessem em comum as raízes ideológicas “y se basaban en la necesidad de conseguir o mantener indiferenciada la unidad nacional”⁴⁵.

A polêmica fora claramente proposta por Dionisio Ridruejo – considerado por Larraz como “la versión más nítida (y también la más descarnada)”⁴⁶ do primeiro grupo – em três artigos do início dos anos cinquenta – de 1952 e 1953 – em que apresenta o ponto de vista defendido pelos representantes da Falange, os chamados comprensivos, segundo o qual “la cultura española había de reconocerse heredera también de aquellos que se desviaron de los itinerarios marcados por el destino trascendente de la Nación”⁴⁷ e que mereciam ser integrados desde que se decidissem por aderir ao regime.

Larraz entende que a ideia era enriquecer o campo artístico e de pesquisa, haja vista a pobreza em que se encontrava e o desequilíbrio em relação ao exílio. De fato, o estudo do imediato pós-guerra nos mostra que um numeroso contingente de intelectuais republicanos ou simpáticos à república deixou o país para escapar da tirania, da prisão ou da morte ou por não aceitar o regime de Franco. Pelas particularidades desse exílio, aparece com frequência na produção de historiadores da literatura a informação de que a vitória de

⁴⁴ LARRAZ, Fernando. La polémica entre intransigentes y comprensivos. In: *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 107.

⁴⁵ Ibid., p. 111.

⁴⁶ Ibid., p. 117

⁴⁷ Ibid., p. 116.

Franco “expulsou a inteligência da Espanha”⁴⁸. Do grupo de escritores exilados, merece particular atenção a circunstância dos poetas uma vez que, como afirma Vicente Llorens, houve “un verdadero éxodo poético”, considerando-se a relação entre número e qualidade da produção artística⁴⁹. Idéia similar aparece em “Poesía desterrada y poesía soterrada”, texto de 1948, em que Max Aub apresenta uma análise sincrônica sobre a situação literária na Espanha e defende que os grandes poetas espanhóis de seu tempo ou estavam no desterro, e espalhados por diferentes países, ou na Espanha sem conseguir produzir por diversos motivos⁵⁰.

Por sua vez, os representantes próximos à Igreja, e particularmente ao Opus Dei, eram avessos a qualquer situação heterodoxa e a tolerar os espanhóis do exílio. Apelavam em seus discursos para argumentos que ressaltavam os riscos de se voltar aos primeiros anos do franquismo. A postura de vigilância constante e desprezo pelo estrangeiro, ainda que espanhol, levou-os a serem considerados intransigentes. Larraz termina o capítulo propondo que se questione em que medida havia real disparidade de pensamento entre os dois grupos, uma vez que a disputa parecia revelar apenas uma luta interna para alcançar posição hierárquica mais alta na esfera cultural dentro do regime⁵¹. Ou seja, tratava-se de disputa por mais poder.

Embora não seja o caso aqui de percorrer o longo histórico da aproximação entre os intelectuais e artistas das duas Espanhas, vale a pena ressaltar que a década de 50 foi

⁴⁸ DE MARCO, Valeira. O cru e o polido nas cartas dos exilados republicanos espanhóis. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). *A ousadia crítica: ensaio para Gabriel Cohn*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008, p. 286.

⁴⁹ Pode-se ler no parágrafo completo: “Por su número y calidad, los poetas ocuparon lugar preferente en la emigración republicana provocada por la guerra de 1936, que fue un verdadero éxodo poético. De los diecisiete poetas representados en una antología publicada por Gerardo Diego en 1932, uno de ellos había fallecido poco antes; dos –García Lorca y Miguel Hernández– murieron, ya sabemos cómo, al empezar y poco después de terminar la guerra civil, respectivamente; cuatro quedaron en España; los diez restantes –Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, José Moreno Villa, Pedro Salinas, Jorge Guillén, Juan Larrea, Emilio Prados, Luis Cernuda, Rafael Alberti y Manuel Altolaguirre– salieron para el destierro”. LLORENS, Vicente. *Estudios y ensayos sobre el exilio republicano español de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006, p. 259.

⁵⁰ AUB, Max. Poesía desterrada y poesía soterrada. *Sala de Espera*, México, v. 1, n. 5, p. 1-16, 1948.

⁵¹ LARRAZ, Fernando. La polémica entre intransigentes y comprensivos. In: *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 101-125.

produtiva quanto a tentativas de aproximações públicas e privadas, sendo que algumas resultaram em polêmicas mobilizadoras das lideranças ou dos pensadores dos dois lados. Na esfera pública, um dos artigos de maior repercussão partiu da península. Assinado pelo escritor e professor José Luis L. Aranguren e publicado em *Cuadernos Hispanoamericanos* em 1953, “La evolución espiritual de los intelectuales españoles en la emigración” propunha o começo de um diálogo abrangente com os que estavam fora, mas que alcançava também os que estavam silenciados dentro do país, visando ao reencaminhamento do ambiente cultural. A resposta apareceu na revista *Cuadernos Americanos*, do ano seguinte, por meio do artigo “Respuesta de los intelectuales españoles en emigración a José Luis L. Aranguren”, assinado por doze exilados.

Do nosso ponto de vista, é na esfera privada que as aproximações mais surpreendentes e ricas em nuances são estabelecidas. Particularmente, entendemos que o território textual composto pelas correspondências se constituiu em um espaço específico e paralelo de socialização – uma segunda pátria – que serviu como bastidores do debate público e dos produtos culturais efetivos. Cela insiste em suas cartas na construção de vínculos de amizade com a maioria de seus interlocutores, finalizando-as com saudações marcadas por outras relações possíveis como as de seu “devoto lector y amigo” ou de seu “devoto amigo y esforzado editor”. Discutiremos com o cuidado que merece a construção de tais laços porque eles respondem a diferentes apelos quando se trata das coletâneas epistolares que selecionamos. Em primeiro lugar, eles podem responder ao imaginário que vincula a amizade aos sentimentos e afetos e, portanto, ao domínio do familiar e do fraternal. Em segundo lugar, certamente respondem, considerando as ideias de Francisco Ortega, à tese de que a amizade seria uma expressão do “exercício do político” que permite a configuração de formas alternativas e novas de sociabilidade:

A política pode irromper em qualquer lugar, nas organizações de base, nos conselhos revolucionários, na mídia, na arte, ou na amizade como exercício do político, sempre

que os indivíduos se inserem no mundo pela palavra e pelas ações e dão início a algo novo e inesperado.⁵²

Daí a importância de nos determos, no diálogo que se estabeleceu no território textual das correspondências, procurando apreendê-lo em seus movimentos de aproximação, negociação e consenso, nos quais podemos ler também os silêncios, os conflitos e as dissidências, para encontrar os escritores em pleno exercício do político por meio da amizade, respondendo aos temas que cruzavam o seu momento histórico.

Quando se trata da tentativa de aproximação entre os membros das duas Espanhas, um exemplo da atenção ao país encontra-se na carta coletiva escrita por exilados ao ainda falangista em processo de dissidência Dionisio Ridruejo. Por causa do fechamento das revistas literárias *Índice* e *Ínsula*, Ridruejo escreveu a diferentes ministros – como o de Relaciones Exteriores, Alberto Martín Artajo – questionando os métodos do regime e apontando suas falhas. Dizem León Felipe, Arturo Souto, Fernández Valbuena, Juan Rejano, Wenceslao Roces, Rafael de Cuen, Adolfo Sánchez Vázquez, José Renan, Gabriel García Maroto, Antonio Rodríguez Luna, Gabriel García Nacero, em uma missiva enviada do México em 25 de maio de 1956:

Distinguido compatriota:

Aunque la historia más reciente y más dramática de España nos puso un día frente a frente, nunca dejamos de seguir con interés, desde esta forzosa lejanía, la obra intelectual y la conducta humana de aquellos españoles que, como usted, movidos por una convicción y no por oscuros intereses –así lo entendimos, y lo entendemos nosotros–, abrazaron una causa opuesta a la nuestra; pero a quienes considerábamos capaces de reaccionar, en un momento determinando y ante el trágico desenvolvimiento de la vida española, como verdaderos patriotas, abriendo los ojos a la realidad y adoptando una actitud de lucha contra el régimen que ha desangrado, arruinado y vendido a España.

Hoy, esa esperanza nuestra se ha hecho realidad, y en el camino hacia la libertad que usted ha escogido –y, con usted, otros muchos intelectuales españoles– estamos situados nosotros, deseosos de que se restablezca la convivencia y la

⁵² ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 42.

concordia dentro de nuestras fronteras nacionales, y firmemente dedicados a contribuir a la instauración de un sistema de gobierno que devuelva a España, con su independencia, las libertades democráticas de que está privada y el saludable ejercicio de sus virtudes creadoras.

Por eso, después de leer su carta al ministro de Relaciones Exteriores, Alberto Martín Artajo, que nosotros hemos procurado difundir por los países de América, y después de conocer también la arbitraria detención sufrida por usted tras los pasados procesos estudiantiles, queremos testimoniarle nuestros sentimientos de solidaridad, amistad y compañerismo, alentándole con mejores esperanzas que a nosotros nos animan, y decirle que, aunque en lo ideológico puedan separarnos diferentes puntos de vista, nos une un objetivo común.

Para recobrar los destinos de España y encauzarlos hacia una etapa constructiva y generosa, no hay más armas que las que usted ha empuñado últimamente: las mismas que nosotros empuñamos. Duras y difíciles jornadas nos esperan acaso; pero no hay duda de que saldremos victoriosos de ellas. Nuestro pueblo español, que tanto ha sufrido y luchado, es la mejor garantía.

Le saludan cordialmente.⁵³

Em relação à carta, vale a pena observar que Ridruejo foi preso por suas críticas e relacionamento com pessoas consideradas inimigas do governo, mostrando que nem mesmo um ex-representante destacado da Falange podia defender o pensamento dissidente e passar ileso à violência do Estado espanhol. Outro aspecto é a disposição dos exilados para deixarem de lado as posições ideológicas antagônicas com o objetivo de identificar elementos comuns aos dois projetos desde que tivessem a Espanha como protagonista e como espaço de convivência comum. Por outro lado, o desejo de reconciliação é manifestado por meio de um discurso bélico cuja raiz parece estar na polarização precedente à Guerra Civil e em seus desdobramentos, bem como na própria atuação militante dos envolvidos no diálogo.

A mesma disposição para a aproximação, diálogo e entendimento entre escritores de dentro e de fora da Espanha se encontra nas cartas trocadas entre Camilo José Cela e treze escritores exilados, reunidas no livro *Correspondencia con el exilio*, redigidas

⁵³ GRACIA, Jordi (Ed.). *El valor de la disidencia. Epistolario inédito de Dionisio Ridruejo. 1933 – 1975*. Barcelona: Editorial Planeta, 2007, p. 341.

predominantemente entre as décadas de 50 e 70, embora o tom do discurso mude completamente em relação à carta citada acima e distingamos certa tendência à minimização da controvérsia, ao silêncio ou à metaforização como referência aos enfrentamentos políticos e literários para ressaltar as propostas de projetos comuns. Na correspondência, sobressai uma forma ou outra de relação com o conflito de acordo com o interlocutor. Cela ilustra o que dissemos ao utilizar, com frequência, metáforas relacionadas com a tourada para referir-se ao trabalho desafiador de diferentes origens ou às suas disputas com a censura oficial para conseguir publicar as colaborações enviadas pelos exilados em PSA, a revista que dirigia e editava. Raramente dá detalhes dos entraves que enfrentava para conseguir autorização para publicar os textos de colaboradores e, por vezes, naturaliza esses enfrentamentos, assumindo-os como inerentes à sua condição de editor. Se bem que as cartas fossem escritas com o objetivo de divulgar e conseguir colaboração para a revista, em poucos anos, cada projeto ganhou dinâmica própria.

2.3 Papeles de Son Armadans

*Ínsula*⁵⁴, *Índice* e *Papeles de Son Armadans* eram revistas que circulavam no final dos anos 50 que são reconhecidas como publicações que contribuíram para oxigenar a esfera cultural do período por, com maior ou menor frequência, abrirem espaço para os escritores exilados e pela qualidade dos textos e dos autores publicados.

Papeles de Son Armadans (PSA) circulou entre abril de 1956 e março de 1979, totalizando 279 números em que colaboraram 1070 autores. Do primeiro ao último número, Madri e Palma de Maiorca são identificadas como as cidades da revista – ambas de importância profissional e pessoal para Cela – e, logo, foi incluído um endereço de redação em cada uma delas. Por outro lado, os vínculos com a Ilha de Maiorca estão presentes em

⁵⁴ Ao caracterizar *Ínsula* (de 1946), Jordi Gracia afirma que era exemplo precioso pela capacidade de manter vínculos com a vida cultural anterior à guerra, com os exilados e, ao mesmo tempo, estar atenta às novas estéticas. GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940-1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 284.

outros dados da revista: em seu nome, que faz referência ao bairro em que morava Cela quando a revista foi fundada, e como lugar de impressão da revista.

Construindo-se como uma revista de cultura, veiculava textos de diferentes áreas do conhecimento e deu particular destaque para as artes plásticas. Aos poucos, estabeleceu-se como um espaço aberto a receber material em que o pensamento dissidente encontrou certa possibilidade de expressão. Segundo Jordi Gracia, a revista procurou conectar-se com a cultura europeia, tendo criado uma seção específica para isso com o nome de “La atalaya y el mapa”, e acolheu jovens escritores antifranquistas, o que justificaria a escritura do prólogo de cada número de modo “sutil pero inequívoco en que Cela atenúa en la voz y las maneras las posiciones colectivas”⁵⁵. O amparo aos textos dos escritores exilados e dos jovens é, do mesmo modo, destaque no resumo que Jose Carlos Mainer apresenta da fundação de PSA: “fue un pronunciamiento a favor del apartamiento reflexivo como sede natural de la creación. Y fue el reencuentro con los valores del exilio de 1936 y el apoyo incondicional a la gente más joven”⁵⁶.

O mesmo cuidado da equipe profissional de PSA que se verifica na seleção do conteúdo, conforme estivemos comentando, pode ser encontrado na forma gráfica, sob a característica de uma revista de circulação mensal, pequena, feita com papel de qualidade superior e de boa composição tipográfica, incluindo cores para destacar informações diferentes na capa, como nomes do texto e seu autor e a seção que lhe correspondia. Até o ano de 1970, costumava aparecer na revista o dado de sua composição a mão⁵⁷. As artes plásticas eram estimuladas desde a capa, que podia receber ilustrações de Miró, contar com a reprodução de material da coleção de Cela ou xilogravuras da coleção da Imprensa Guasp. Alguns números receberam nova tiragem – como o número 1, 33 e 45 – para orgulho de Cela que descreve sua surpresa no editorial da segunda edição do número 1,

⁵⁵ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940-1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 303.

⁵⁶ MAINER, José Carlos. “Por un pensamiento que a lo mejor es mentira”: la guerra civil en la obra de Camilo José Cela. *Bulletin Hispanique*. Bordeaux, v. 94, n. 1, 1992, p. 246.

⁵⁷ Era este o aviso: “PAPELES DE SON ARMADANS se componen a mano en la Imprenta Mossèn Alcover, calle de Calatrava, 68, Palma de Mallorca, España”.

enquanto apresenta um panorama do cenário cultural, com base no tripé leitor – escritor – revista, que parece propício às novidades editoriais, embora de acesso limitado:

A los tres meses de venir al mundo, PAPELES DE SON ARMADANS se da cuenta de que, contra todos los pronósticos, nació corto, anécdota –o accidente o situación – que entiende como una bendición de los dioses, como una aleccionadora bendición.

España es un país donde la gente lee poco. El español, atento a sus sucesivas estupidizaciones –la última de ellas, el fútbol–, no suele prestar oídas demasiado atentos a la voz del espíritu. Es amargo pensar que un pueblo, como el español, tan fácil para la alta cumbre –las altas cumbres de un Cervantes, de un Quevedo, de un Goya–, no guste de atender el sonido, ya bronco, ya melodioso, ni tampoco de habitar el clima, en ocasiones helador y a veces calenturiento pero siempre señero y gentil, de sus propias humanas montañas [...]. En España, el escritor es siempre –y en principio– un sospechoso, un presunto hereje, un disidente, un incómodo crítico, un hombre al que más valiera aceptar las cosas como son.

Y recapitulamos sobre todo esto, con más congoja que clarividencia, porque sabemos que, aún en minoría, hay otra suerte de españoles: aquellos a quienes vibra, íntimamente, el espíritu; aquellos a quienes brilla, noblemente curioso, el mirar.

Entre esta segunda clase de españoles (que, en ningún caso, son españoles de segunda clase) se encuentran los lectores de PAPELES DE SON ARMADANS, los hombres y las mujeres que han hecho posible este raro acontecimiento de que una revista literaria, una publicación de verso y prosa y ensayo, tenga que reeditar un número –del que hizo más ejemplares de los que indicaba la sensatez– a los noventa breves días de su aparición.

Y es que en España, venimos a decir, también hay gentes –hablamos de nuestros lectores– que saben perdonar al escritor el serlo. E incluso que saben aplaudir el que lo sepa ser: a cuerpo limpio, como un banderillero.⁵⁸

PSA criou também novos produtos, como os almanaques divulgados em poucos e diferentes anos que já nasceram causando certa comoção, como anota Emilio Prados ao insistir em receber a novidade, dando notícias de que eram esperados por seus amigos espanhóis: “Y no se olvide de enviar el *Almanaque* que tanto yo como una porción de amigos españoles, estamos deseosos de leer”⁵⁹.

⁵⁸ CELA, Camilo José. Segunda edición. *Papeles de Son Armadans*. Madrid – Palma de Mallorca, año I, t. I, n. I, jul. 1956, p. 3-4. Segunda Edição.

⁵⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 637. Carta a Cela, 25 de janeiro de 1958.

Analisando a revista quanto à forma e ao conteúdo e indicando a responsabilidade por divulgar uma imagem quase quimérica da Espanha, conclui Gracia:

La estricta ordenación de las secciones, los escogidos lemas de cada una de ellas, las espléndidas xilografías de Guasp e incluso el respecto por el espacio en blanco del papel alejan la publicación de las estrecheces de posguerra, de la densidad de la página de *Ínsula* o *índice* y la acercan al diseño de una publicación de lectura apacible y vocación de permanencia. Algo de la obra bien hecha respira en cada ejemplar, e irradia esa calidad última en el equilibrio interno y la búsqueda de un efecto de conjunto que hable de un país que finge un alto nivel de normalidad.⁶⁰

Ampliando o que diz Gracia sobre as seções, observamos certo desaparecimento e reaparecimento de algumas, de acordo com os temas de destaque em cada número, enquanto outras eram mais constantes, como “El taller de los razonamientos”, dedicada aos artigos, ou “El hondero”, dedicada aos poemas. As cartas tiveram o seu lugar em “El reloj de las epístolas” ou em “La atalaya y el mapa”. Tais cuidados, ao serem associados ao atento olhar de colecionador de Cela, parecem assinalar o esforço de seu editor para romper com uma das características fundamentais desse tipo de publicação, como é o caso da efemeridade. Próprio da condição de revista, seu caráter transitório ou perecível toma maior vulto se tem como parâmetro de comparação o livro, segundo estabelece Clara Rocha que a entende como:

um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera: só os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes *guardam* a revista. Essa efemeridade da revista tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura (porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo), a revista é (pode ser) mais frágil em termos de duração material.

Curiosamente, é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. [...] E, *last but not least*, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas exceções, costuma ser produzido por um só autor, a revista é quase

⁶⁰ Jordi GRACIA, *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940-1962*, Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 304.

sempre o resultado da colaboração de vários “criadores” e/ou ensaístas [...]. Podemos então concluir que são essencialmente quatro as características que diferenciam a revista do livro: a efemeridade, a excepcionalidade das reedições, o menor volume físico e o modo de produção em grupo.⁶¹

No que diz respeito à pluralidade linguística, ainda que seja uma revista de língua espanhola, divulgou textos em galego e catalão, acompanhados de sua tradução. Se temos em conta que as diferenças linguísticas do país haviam sido proscritas e o idioma espanhol era o único reconhecido, tanto os textos publicados quanto as referências aos distintos idiomas – como faz Cela ao discorrer sobre a etimologia do nome da revista e sua relação com o catalão no editorial do primeiro número – podem ser percebidos como signos de diferença e de nova proposta que facilitavam o encontro com os exilados e com certo grupo de leitores da Espanha em processo de desconfiança do discurso homogeneizante. Esse argumento, no entanto, não seria integralmente aceito por Joan Ramón Resina ao afirmar que PSA “a pesar de estar radicada en Mallorca, no se interesó por la producción en la lengua vernácula. Cuando se da cabida a escritores en lengua catalana, se recurre a la traducción, conservando a veces el título en el idioma original, como marca de origen”⁶².

Ainda sobre esse tema, ao apresentar a produção de artigos e traduções do catalão Josep M. Llompart para PSA, Pilar Arnau i Segarra discorre também sobre seu trabalho como gerente e, pouco mais tarde, como secretário da revista, onde trabalhou entre 1956 a 1961. Segundo Arnau i Segarra, durante a permanência de Llompart, houve mais destaque para a edição de autores catalães e para produções de temática catalã e salienta seu compromisso em defesa dessa língua e cultura ao longo de sua vida⁶³.

⁶¹ ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p. 24-25.

⁶² RESINA, Joan Ramón. *Papeles de Son Armadans*, revista literaria de Postguerra. *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año XII, n. XLV, 2006, p. 125.

⁶³ Remetendo a texto de Ferret e de González, Pilar Arnau i Segarra diz na introdução de livro de Llompart: “Sens dubte els textos de temàtica catalana foren molt més abundants en els cinc primers anys de la vida de PSA (1956-1961), quand Josep Maria Llompart hi col·laborà regularment tant amb la publicació dels seus treballs com en tasques de coordinació”. Mais adiante, escreve sobre o ativismo de Llompart: “És ben sabut que, al llarg de la seua vida, Llompart es dedicà a la recuperació de la cultura catalana de Mallorca amb fermesa i coherència, de manera progressiva, segons les etapes polítiques del règim nacionalcatòlic. Fonamentalment a partir de finals dels 60, la seua tasca

O fato é que Cela estava bem assessorado – ao contar com o trabalho do escritor José Manuel Caballero Bonald e de Llompert, além do de outros colaboradores membros de sua família⁶⁴ – para realizar o seu desejo de produzir uma revista tão logo se mudou para Palma de Maiorca. Sempre defendeu o caráter independente dela, seja da ideologia, seja do financiamento do Estado, e manteve que a revista era sustentada por assinaturas para variados períodos, além da venda de números soltos e dos ingressos relativos às propagandas veiculadas nas últimas páginas⁶⁵. Nem por isso, deixou de reconhecer que a ajuda financeira oferecida por algumas pessoas permitiram realizações vinculadas a PSA e elenca alguns agradecimentos no editorial do último número, o de despedida.

Se a independência podia ser profissional, financeira e geográfica em relação ao centro de poder, por ser elaborada na ilha, nem todos os críticos aceitam que ela era também ideológica. Um dos mais questionadores textos sobre a revista, ao qual tivemos acesso, é de Fernando Larraz. O pesquisador encontra méritos na revista, analisando-a com olhar de hoje, pois “ilumina las cartografías y jerarquías del campo cultural español entre 1956 y 1977”⁶⁶. Além disso, deu relevância a textos de criação literária, bem como divulgou mais quantidades de textos produzidos por exilados ou sobre eles, considerando que eram poucos ou inexistentes os espaços de recepção desse material, excetuando-se as outras duas revistas de destaque do período – *Ínsula* e *Índice*. Por outro, condena certa onipresença de Cela por meio de sua personalidade ou de referências e críticas generosas à sua obra, que, inclusive, “llegó a ser abusivo y engorroso, sobretudo en los editoriales que, puntualmente, firmaba en cada número”⁶⁷. Desse ponto de vista, a relação com os exilados

d'activista compromès amb la llengua i la cultura catalanes fou molt remarcable”. ARNAU I SEGARRA, Pilar (Ed.). *Josep María Llompert. Articles i traduccions a Papeles de Son Armadans*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 2007, p. 14.

⁶⁴ O primeiro secretário da revista foi o escritor José Manuel Caballero Bonald, que já assessorava Cela em Madri. Outros profissionais que tiveram a mesma função durante a vida da revista foram Sergio Vilar, Antonio Fernández Molina e o próprio filho, Camilo José Cela Conde.

⁶⁵ Para a Espanha, as assinaturas poderiam ser para três, seis ou doze números, enquanto para o exterior não havia a possibilidade de assinar para seis números, como consta nas orientações para os assinantes.

⁶⁶ LARRAZ, Fernando. *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 192.

⁶⁷ Ibid., p. 193.

era usada como forma de ostentação para o escritor – editor e a revista era usada como “un vehículo de gran utilidad para consolidar a Camilo José Cela en la cúspide del canon de la novela española actual”⁶⁸.

Larraz não toma em consideração que os editoriais pudessem servir como uma estratégia para modalizar as posições coletivas antifranquistas ou como “muro de contención”⁶⁹ para a pluralidade de vozes que apareciam nos textos internos que, por vezes, corrigiam a historiografia produzida pelo regime, como acontece com Américo Castro; tampouco suas ideias poderiam se alinhar com a de Joan Ramón Resina quando entende a relativa disparidade de posições como um dos traços mais interessantes da revista, apesar da (auto)promoção de seu diretor⁷⁰. Ao contrário, Larraz sustenta que PSA serviu como moeda para trocar favores com representantes do governo franquista – por exemplo, com Manuel Fraga, ministro de Informação e Turismo – sendo beneficiada pelo fim da censura prévia, e se converteu “en una revista semioficial que el Ministerio de Fraga utilizó como instrumento de promoción cultural de España, mediante un gran número de suscripciones gratuitas de las que fueron beneficiarias universidades y centros de investigación extranjeros”⁷¹.

Por sua vez, Cela faz referências à sua lida com a censura, em carta manuscrita a Max Aub, já entrada a década de 70: “Sí soy, en efecto, el autor de La Celestina; pero no se

⁶⁸ LARRAZ, Fernando. *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 192.

⁶⁹ Segundo Gracia, Cela “ejerció como muro de contención de la predecible hostilidad contra una revista generosa desde el principio con autores de compromiso político conocido y abierta a los escritores del exilio para su lento y a veces frustrado desembarco en las letras españolas del interior”. Jordi GRACIA, *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940-1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 302.

⁷⁰ Segundo Resina, “Cela pudo concebir *Papeles* como publicación propia, como órgano difusor de su persona y de su obra. Con frecuencia sus editoriales están relacionados con sus libros, con amistades personales, o son respuesta, polémica a veces, a incidencias relacionadas con él o con su obra. [...] Sin embargo, no acertaría en mi exposición de las líneas generales de la revista, si de ella se sacara la conclusión de que el personalismo de Cela o sus opiniones en torno a la responsabilidad política del intelectual impidieron o deformaron la expresión del sentir propio de sus colaboradores. Uno de los rasgos interesantes de *Papeles de Son Armadans* es precisamente la discrepancia (relativa) entre las declaraciones del editor y las de algunos colaboradores”. RESINA, Joan Ramón. *Papeles de Son Armadans*, revista literaria de Postguerra. *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año XII, n. XLV, 2006, p. 130-131.

⁷¹ LARRAZ, Fernando. *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009, p. 194.

lo digas a nadie porque me suben la contribución. Pasarme la censura por la entropierna me cuesta ya más trabajo y, al final, acaba produciéndome orquitis”⁷².

Como se vê, as ambivalências e o equilíbrio tênue cruzaram os projetos nos quais Cela se envolveu e continuam provocando os estudos dos pesquisadores. Por outro lado, não tivemos acesso, ao longo de nossa pesquisa, a estudos abrangentes e mais conclusivos sobre o caráter oficial da revista.

Retomando os aspectos de organização de PSA, o esforço para respeitar a regularidade e a pontualidade das entregas nem sempre alcançava um feliz resultado. Sergio Vilar, que passou a fazer parte da equipe de organizadores como subsecretário em 1961, antes da saída de Llompart, conta, em seu diário na data de 08 de setembro de 1961, que sua incorporação trazia a expectativa de resolver problemas de regularidade e de profissionalismo da revista, pois eles pareciam ter ficado em segundo plano em comparação ao entusiasmo pela literatura, demonstrado pelos poetas que o antecederam:

PSA viene publicándose con un mes, a veces mes y medio de retraso: ahora empiezan a trabajar en el número de agosto. CJC comenta que la edición ha estado en manos de poetas, uno de ellos andaluz (Caballero Bonald), el otro mallorquín (Josep Maria Llompart), con escasa noción de la organización y de la necesidad de cumplir con unos plazos determinados.⁷³

As questões e as vozes dos pesquisadores e de alguns funcionários de *Papeles de Son Armadans* oferecem certos ângulos para entender a dificuldade de produzir uma revista, em maior ou menor medida, fora das instituições oficiais e com certo padrão de qualidade. PSA era, por excelência, um projeto de Cela que usou as cartas como uma espécie de folheto de divulgação da revista e de sua obra e, por mais contraditório que pareça, como declaração solene de seu projeto que repete os termos de sua solicitação oficial ao colaborador: predominantemente literária e liberal. Em carta a Rafael Albert, em

⁷² Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 78. Carta a Aub, 5 de janeiro de 1972.

⁷³ VILAR, Sergio. Días felices en Mallorca, *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año XII, n. XLV, 2006, p. 81.

fevereiro de 1956, informa os propósitos e a configuração da publicação poucos meses antes de seu primeiro número, ressaltando o caráter independente e, portanto, oposto ao de outras publicações da época:

Los *Papeles de Son Armadans* son míos, o, para ser más precisos, de mis amigos y míos. Ignoro lo que conseguiré –aunque la intención es buena– pero le echo por delante este riguroso carácter de independencia que mis *Papeles* tienen, en previsión de que pudieran ser considerados como una de las muchas revistas existentes en nuestro país y nutridas con subvenciones no tan misteriosas aunque siempre tan obstaculizadoras e inconvenientes. [...] En su marcha y en su buen nacimiento, usted puede influir muy definitivamente.⁷⁴

O autor de *La familia de Pascual Duarte* estimula posturas apaziguadoras para as colaborações, assim como, por desdobramento, valoriza-as na comunicação por cartas. A Emilio Prados comenta que fundou a revista para que fosse

la sosegada – aunque minúscula – esquina de la historia de España en la que los españoles de buena voluntad (que si vamos a contarlos a lo mejor no somos tan pocos como pensamos) podamos hablar, sin gritar, y entendernos y hacernos entender.⁷⁵

Já a Américo Castro, inconformista e questionador das ideias estabelecidas sobre a formação da cultura espanhola, dizia, contraditoriamente, que seus artigos seriam bem-vindos, embora preferisse os insuspeitos:

vivimos un poco con la ilusión de publicar un texto inédito suyo; por razones obvias, preferiría, claro es, que ese texto no fuese polémico sino científico. ¿Querrá usted enviarnos algo? Todo cabe en *Papeles* siendo suyo, y en esta casa usted manda.⁷⁶

⁷⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 101.

⁷⁵ Ibid., p. 639. Carta a Prados, 3 de março de 1958.

⁷⁶ Ibid., p. 163. Carta a Castro, 24 de maio de 1956.

Comum a todas as apresentações da revista, que estão nas cartas citadas ou em outras, é o esforço pessoal de Cela para conseguir colaboradores que aumentassem a importância da revista e a tornassem tão peregrina quanto possível.

A correspondência Cela – Max Aub nos mostra que a revista foi rapidamente bem aceita e nos dá a medida do interesse dos exilados pela produção de bens culturais por certo grupo de intelectuais e artistas da península. É do escritor exilado a primeira carta em que – entre crítico e irônico, embora elogioso – se oferece como colaborador e interlocutor para outros projetos, apenas poucos meses depois de ter aparecido o primeiro número. O texto completo da carta de 21 de setembro de 1957 diz:

Distinguido compañero:

Como “todos los textos aparecidos en Papeles de Son Armadans... han sido especialmente solicitados de sus autores...” y “no se devuelven los originales no solicitados, ni se mantiene correspondencia sobre ellos”, y sería muy de mi gusto publicar un cuento en su excelente revista, ¿por qué no me lo “solicitan”?

Además del verdadero gusto de “mantener correspondencia” acerca de ello y de otras cosas.

Muy suyo y admirador⁷⁷

Uma leitura que considera o desenvolvimento da produção editorial e da epistolografia indica que as estratégias de Cela deram resultado e, no final, suas duas empresas – a interlocução por carta com os escritores do exílio e a revista – reuniram um sólido material que nos ajuda a conhecer facetas de seu projeto intelectual. O livro *Correspondencia con el exilio* é um desses materiais.

2.4 *Correspondencia con el exilio*

O livro reúne parte da intensa correspondência epistolar que manteve Cela com escritores exilados para convencê-los a enviar colaborações originais para a revista *Papeles*

⁷⁷ Fundación Pública Gallega Camilo José Cela. Carta a Cela, 21 de setembro de 1957. Esta carta não consta no livro *Correspondencia con el exilio*, nem nos arquivos da Fundación Max Aub. Nesta fundação, o primeiro item é a resposta de Cela ao texto citado.

de *Son Armadans*, sem receber honorários. Nas cartas, lê-se sobre a gênese e o desenvolvimento dessa revista, bem como o empenho do diretor para construir o espaço de interlocução com os exiliados e de divulgação de seus textos. A revista foi dirigida por Cela do primeiro ao último número, precisamente de 1956 a 1979, e funcionou como um *leitmotiv* para o início da comunicação epistolar, embora os assuntos se ampliassem e derivassem para diversos temas da esfera pública e privada.

A primeira edição do livro *Correspondencia con el exilio* é de março de 2009, sendo que, ao longo de suas mais de 900 páginas, encontramos 839 correspondências de diferentes missivistas, entre cartas, telegramas, postais e bilhetes. Na lista, constam os nomes de Rafael Alberti, María Zambrano, Américo Castro, Fernando Arrabal, Jorge Guillén, Max Aub, Emilio Prados, Luis Cernuda, Manuel Altolaguirre, León Felipe, Corpus Braga, Francisco Ayala e Ramón J. Sender. Com alguns dos escritores, Cela manteve uma longa correspondência (Américo Castro), com outros, foram poucas cartas escritas (León Felipe). No que diz respeito a Max Aub, só estão publicadas as cartas escritas por Cela, sendo que a comunicação entre eles compreende os anos de 1957 a 1972.

Apesar de só haver no livro duas cartas de León Felipe, é dele uma das mais comoventes e ricas em recursos literários. Respondendo a um pedido de Cela para escrever algo para ser lido em uma reunião, diz o poeta:

Su generosidad me rinde y yo quisiera corresponder a su petición de alguna manera pero ya no sirvo para nada. Estoy muy viejo. Casi tan viejo como el rey Lear y esta cabeza mía funciona ya muy mal. Lo voy perdiendo todo lentamente: las energías, la memoria y las ganas de vivir... Me sostengo a fuerza de drogas que al final me debilitan más y me dejan hecho un guiñapo. Ya no escribo, apenas leo y no puedo opinar de nada. Diría tonterías. Es mejor no hablar cuando se es viejo. Deben quedar de uno las palabras dichas cuando aún se sabe reír y esperar. Yo ya no espero nada y la risa se me va olvidando también. Casi no sé reír. Digo *casi* porque siento muy cerca la catástrofe final. *Casi* me estoy muriendo, ¿sería la hora de hacer mi

testamento mejor que hablar de poesía y de mi poesía?... Como no sea para ordenar mis últimas disposiciones testamentarias...⁷⁸

Sobre essa edição de *Correspondencia con el exilio*, podemos dizer que se organiza considerando treze conjuntos de cartas, de acordo com os diferentes missivistas, sendo que a data da primeira determina a sequência da aparição do correspondente no livro. Considerando sua dimensão, o número de notas editoriais é pequeno e, de acordo com Jordi Amat que discorre sobre a construção do livro, se “ha privilegiado lo divulgativo frente a lo erudito”⁷⁹. Por outro lado, como o próprio Amat indica, existe a intervenção do editor complementando algumas informações que facilitam a leitura dos não especialistas, como por exemplo, quando se inclui um colchete com a indicação de sobrenome ao surgir somente o primeiro nome de certo artista ou de outras pessoas da esfera cultural.

Ainda sobre o tratamento editorial, é importante marcar que, na transmissão das cartas por meio da reprodução mecânica, ou seja, em sua impressão no livro, enumerou-se cada uma delas dentro do bloco e procurou-se incluir determinadas informações que fazem referência à natureza do registro original do texto. Isso significa que existe um cabeçalho, precedendo os dados constitutivos da carta – data, nome do destinatário, local de residência ou trabalho e saudação inicial – que indica sua condição de escritura original: se era um manuscrito ou um datiloscrito; se se tratava de uma cópia de telegrama ou da impressão a partir do próprio telegrama ou se era um cartão postal ou de visitas.

No caso das cartas escritas pelo poeta Rafael Alberti, existe também a informação sobre a presença de desenhos ou de suas características, isto é, da cor da tinta do instrumento com o qual Alberti escreveu, bem como sobre a mudança de tipo de letra: “[Manuscrita. Tinta amarilla]” e “[Sobre la fecha, manuscrito de otra letra: *Es agosto*]”⁸⁰. Outro dado importante, que costuma aparecer no final das cartas em colchetes, é se havia algum anexo. Esse anexo é apresentado no final do bloco de cada autor.

⁷⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 786. Carta a Cela, 29 de abril de 1959.

⁷⁹ Ibid., p.867.

⁸⁰ Ibid., p. 143.

Os editores também informam quando Cela dá alguns dados que aparecem na marginália, como despacho e orientação para seus subordinados, ou escreve alguma observação na carta recebida ou enviada. No seguinte exemplo do livro, aparece a informação do autógrafo no final da carta sem mais outros dados sobre a matéria aparente ou instrumental: “[Añadido manuscrito por C. J. C.:] Esto no sé lo que es. Devolverlo o publicarlo, hacer lo que queráis”⁸¹.

Outro cuidado editorial está em informar quando o papel em que era escrito o bilhete ou a carta tinha o logotipo de alguma instituição, referência bastante útil para seguir o itinerário geográfico dos missivistas quando se trata de exilados que viveram em lugares diversos em busca de condições de trabalho ou para conhecer o circuito intelectual e acadêmico que frequentavam. Um exemplo deste tipo de conduta encontramos em carta de Américo Castro de 06 de outubro de 1959: “[Mecanografiada en papel de:] University of Houston, Cullen Boulevard, Houston 4, Texas, Division of Foreign Languages”⁸².

Apesar dos cuidados com a produção e edição do livro, há informações importantes, ou essenciais em alguns casos, que não aparecem e/ou que não foram consideradas pertinentes em um projeto editorial deste tipo, isto é, elaborado para o público amplo. Em primeiro lugar, como não se trata de uma versão fac-similar, nem existe fac-símile de alguma carta, desapareceram os erros e as correções, enfim, as rasuras da escrita dos correspondentes; perderam-se a forma e o estilo da assinatura, além dos dados de selos e carimbos no envelope, que são igualmente elementos constitutivos da carta, pois revelam características culturais e contribuem para uma aproximação à forma original do texto.

Talvez a maior perda seja a ocorrida nas cartas escritas por Rafael Alberti, pois a impressão não contempla um elemento fundamental de sua composição: os desenhos com os quais ilustrou algumas das cartas enviadas a Cela. Como resultado de uma rápida análise dos documentos que fazem parte do acervo da Fundación Pública Gallega Camilo José Cela, podemos perceber que a comunicação se estabelecia não apenas a partir das

⁸¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 498

⁸² Ibid., p. 257. Américo Castro estava aposentado pela Universidade de Princeton, Nova Jersey, e, em 1959, era professor na Universidade de Houston, Texas.

palavras, mas também por meio dos desenhos que são signos mobilizados para o convencimento e sedução do destinatário. Embora não fosse exclusividade dos envios feitos ao escritor galego, e sim forma de expressão do missivista, como um presente, as cartas de Alberti apelavam para o sentido e interesse estético de Cela, bem como para sua condição de colecionador, uma vez que se repete em *Correspondencia con el exilio* o pedido aos correspondentes de fotos, livros autografados e outros objetos para sua coleção pessoal.

A fundação foi criada por Cela em 1986 com o nome de Fundación Camilo José Cela para reunir e conservar o patrimônio artístico e o legado de Cela, composto por obras de arte de amigos e conhecidos, como quadros de Miró e Picasso, todos os seus manuscritos, versões de seus livros aparecidos em diversos lugares do mundo, e outros. Em 2012, foi incorporada à Junta de Galícia, passando a ter o caráter público que consta na versão atual de sua denominação. Em janeiro de 2012, tivemos acesso ao epistolário original de Alberti que está nessa fundação e vimos que sua importância reside também nos recursos pictóricos de que se valia o poeta. Alberti usa com frequência diferentes cores e toma o espaço do papel de diversas maneiras com cuidado para dispor as palavras e os elementos desenhados em missivas redigidas à mão ou a máquina. Em carta de 19 de novembro de 1966, desenha uma figura de diferentes cores no centro do papel e o elemento escrito, também com cores diversas, aparece nas laterais da figura. Vez por outra, as margens desaparecem na experimentação. Quanto aos desenhos, são recorrentes as figuras humanas e os elementos da natureza, cujos motivos podem ser mar, peixes, aves, entre outros⁸³.

A presença do manuscrito na correspondência de Alberti, no envelope ou nas cartas, permite a identificação fácil da autoria antes mesmo da leitura dos dados do remetente ou da abertura do envelope – como apontava Pedro Salinas ao contrapor a epístola escrita a máquina à manuscrita⁸⁴ – pelas pistas dadas pela letra e, acrescentamos, pelos elementos

⁸³ No Anexo B deste trabalho, apresentamos a imagem de um fac-símile de carta de Alberti encontrado em site de jornal que ilustra nossos comentários.

⁸⁴ SALINAS, Pedro. *Pasajeros en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007, p. 298–299.

pictóricos que a acompanham, particularizando e desvelando traços de caráter e da história do carteador. Cabe observar que a primeira vocação de Alberti foi a pintura, tendo realizado sua primeira exposição em 1920. Apesar de ter seguido o percurso estimulado pela literatura, e particularmente pela poesia, a pintura permaneceu em sua produção, como tema ou como fonte de recursos. Diz Salinas:

en la letra manuscrita, esa persona aún logra salvarse agarrada a la última tabla, y arribar cognoscible a los ojos del destinatario, mientras que la máquina, golpeándole tecla tras tecla, no para hasta dejarle bien sumido en ese mar liso de la anónima impersonalidad. [...] Por algo en español se habla del “carácter” de letra. La letra es un carácter – marca, señal, en griego – y por lo tal distingue a un ser, le diferencia de los otros.⁸⁵

Aproximadamente metade das 839 cartas – e suas variações em bilhetes, notas, cartões, etc – que completam *Correspondencia con el exilio* foi escrita por Camilo José Cela, sendo que a maioria delas foi enviada a Américo Castro, se consideramos a comunicação individual com cada interlocutor. Por isso, no tópico seguinte, dirigimos o nosso olhar para a biografia de Cela, enquanto apresentaremos seus interlocutores conforme analisemos cada bloco de cartas.

2.5 Remetente: Camilo José Cela

O escritor espanhol, e galego orgulhoso de seu local de nascimento⁸⁶, ganhador dos principais prêmios literários de sua época – como o Prêmio Nobel (1989) e o Prêmio Cervantes (1995) –, membro da Real Academia Española desde 1957, onde tomou posse

⁸⁵ SALINAS, Pedro. *Pasajeros en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007, p. 299.

⁸⁶ “Soy gallego y así lo pregonó orgullosamente a los cuatro vientos; proclamo a voz en grito mi compromiso con Galicia, su historia y su cultura; a Galicia he donado, a través de mi Fundación, cuanto tenía y tuve, y no me imagino que pudiera haber nacido en cualquier otro lugar del mundo que no fuera Iria Flavia, la aldea en la que empecé a respirar hace ya algunos años”. CELA, Camilo José. Escrito en Madrid. *ABC Sevilla*, Sevilla, p. 19, 10 jan. 1999. Disponível em: <<http://hemeroteca.sevilla.abc.es/detalle.stm>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

com um discurso sobre a obra literária do pintor Solana, Camilo José Cela viveu entre 11 de maio de 1916 e 17 de janeiro de 2002. Nasceu e foi enterrado em Iria Flavia, povoado que faz parte da comunidade autônoma da Galícia e onde está a fundação que leva o seu nome. Em cartas a diferentes interlocutores, Cela mostra afeição pela Galícia e comenta sobre os amigos que tinha na região. Diz a Américo Castro: “Diga que sí a la invitación gallega que habrá recibido. Es un país que merece la pena, ya verá usted”⁸⁷.

No dia seguinte ao de sua morte, os meios de comunicação de massa espanhóis, para não falar sobre os de outras partes do mundo, davam a notícia do acontecimento, publicando textos de diferentes gêneros (reportagens, ensaios, cartas e poema) que faziam uma aproximação à figura do escritor e de sua importância para o quadro cultural do pós-Guerra Civil. Escolhemos um desses textos para conduzir a nossa biografia de Cela, precisamente, o que foi publicado no jornal *El País*, escrito por Francisco Rico, seu companheiro como membro da Academia Espanhola de Letras e crítico literário:

Epitafio 'ex abrupto' para C. J. C.

De mal genio vaporoso,
con un pronto genital,
fuiste, sin falla, genial
y, mil veces, generoso.
Puedes marcharte orgulloso
de haber ahormado a tu hechura
la literatura pura
con las mugres de posguerra.
Leve te sea la tierra,
piadosa la sepultura.⁸⁸

Entendemos que, nesse poema, há menção a algumas características relacionadas com a descrição e a história pessoal e profissional do escritor que se tornaram públicas e aparecem com frequência em suas biografias. Antes, porém, chama-nos a atenção que,

⁸⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 175.

⁸⁸ RICO, Francisco. Epitafio 'ex-abrupto' para C.J. C.. *El País*, Madrid, 18 jan. 2002. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2002/01/18/cultura/1011308406_850215.html>. Acesso em: 04 jul. 2014.

entre os gêneros possíveis, Francisco Rico tenha escolhido a poesia para despedir-se de Cela. É certo que Rico opta por uma forma tradicional do epitáfio – o verso –, em que esclarece ter sido escrito de improviso ou sem grande preparação (*ex abrupto*), cujo conteúdo incorpora a homenagem ao escritor imortal e o tom de despedida. Por outro lado, a forma de aceno final, talvez paradoxalmente, remete-nos às primeiras tentativas literárias de Cela, que se deu por meio da poesia e da submissão de poemas a revistas como *El Argentino* e *La Fábula*⁸⁹. A atração por esse gênero literário é um dos principais assuntos da primeira carta do livro *Correspondencia con el exilio* que é de María Zambrano e foi escrita antes da guerra, em 29 de agosto de 1935. Por meio deste epistolário, ficamos sabendo que Cela frequentou a casa da filósofa e ensaísta quando era bem jovem e ali conheceu figuras célebres do cenário cultural espanhol. A certa altura da carta, perguntou Zambrano:

¿Qué ha sido de su vida? ¿Qué lee? ¿Qué escribe? ¿Qué piensa?

Me imagino seguirá adentrándose por el camino de sus últimos poemas. Y a medida que así sea se sentirá más sereno y con más riqueza interior.⁹⁰

Não consta resposta a essa carta, bem como à seguinte, também de Zambrano, já do pós-guerra, de outubro de 1946. Mas o maior hiato temporal será entre este segundo documento e o seguinte: a terceira carta do bloco, escrita em 1960 por Cela, convidando-a para colaborar em *Papeles*. Antes, porém, rememora o tempo passado em casa de Zambrano e se vale desta lembrança para estabelecer conexão com sua interlocutora, como havia feito ela mesma mais de duas décadas antes:

⁸⁹ Adolfo Sotelo Vázquez nos dá mais dados sobre a formação de Cela: “Su primer perfil como escritor fue el de poeta. Vocación que no abandonó jamás, pero que fue la que guió sus primeros pasos por el suplemento literario de *El Argentino* *El Argentino* y la revista *Fábula* en La Plata, y sus primeras tentativas de publicar en la revista bonaerense *Sur*, dirigida por Victoria Ocampo, tal como atestigua una carta (conservada en la Fundación) de Guillermo de Torre – fechada en el verano del 1937– y en la que aconsejaba al joven Cela la publicación de sus poemas en *Hora de España*, a la par que le comunicaba la imposibilidad de que el poema que les había remitido viese la luz en *Sur*”. SOTELO VÁZQUEZ, Adolfo. Camilo José Cela, perfiles de un escritor. In: AGUILAR RUIZ, Julio et al. *Anuario 2005 de Estudios Celianos*. Madrid: UCJC/Fundación Camilo José Cela, 2005, p. 163-164.

⁹⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 33.

¿Cuántos años? ¿Cuántos vaivenes y rumbos? ¿Cuántas dulces incertidumbres y amargas realidades? ¿Se acuerda de cuando iba, adolescente y delgadito, a las dominicales reuniones en su casa de la plaza del Conde de Barajas, entre el mercado y el obispo? Yo era cliente de Carlos Díez, que fue el que me llevó a la tertulia. A veces hasta me atrevía a meter baza en la conversación, a cambio de que [Enrique] Azcoaga o [Arturo] Serrano Plaja o Maruja Mallo o Miguel Hernández me riñesen al salir. Usted me trataba bien, me daba confianza y una taza de té, me dejaba exponer mis proyectos y mis ilusiones. Le estoy a usted muy agradecido, María, aunque haya tardado un cuarto de siglo en decírselo. En mis memorias, de las que el primer tomo —el de la niñez, que le envió— ya ha salido, hay dos personas cuya benéfica influencia sobre mí hará que me detenga ante ellas con tanto cariño como respeto: la otra es Pedro Salinas, que también me dio la mano.⁹¹

A inclinação de poeta de Cela não aparece de modo direto em sua carta a Zambrano, ao contrário, é esta quem faz a primeira referência e nos esclarece, embora se possa deduzir na carta, pois basta observar os nomes dos artistas que o recriminavam por “meter o bedelho” (*meter baza*) nos assuntos do grupo depois da tertúlia, como é o de Azcoaga, Serrano Plaja e Miguel Hernández⁹². Desse modo, Cela dá a conhecer algumas raízes de sua formação literária ao comentar sobre as tertúlias e os incentivos que recebeu da filósofa, bem como ao referir-se às aulas de literatura contemporânea que assistiu com Pedro Salinas na Universidad de Madrid, ainda que não fosse aluno da carreira.

Mas não foi a poesia que deu fama a Cela no cenário nacional e internacional, e sim a prosa por meio da publicação do livro *La familia de Pascual Duarte* em 1942, embora a consagração tenha chegado com *La colmena* em 1951. Ambos os livros foram vítimas diferentes da censura. Em carta de 1961, Corpus Braga questionava Cela sobre como este romance, que considerava de profundo valor e mal compreendido entre os espanhóis do continente e do exílio, pôde ser publicado em Madri em data tão inicial. Cela diz que ignora o motivo da autorização e propõe a seguinte justificativa:

⁹¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 34-35. Carta a María Zambrano, 15 de novembro de 1960.

⁹² Enrique Azcoaga, Arturo Serrano Plaja e Miguel Hernández são autores de obras poéticas que transitaram também por outros gêneros literários.

tanto porque yo procedía de zona nacional como porque la novela pasó desapercibida ya que cuando se dieron cuenta, en 1943, la retiraron y la tuvieron prohibida dos o tres años. Después fue autorizada de nuevo sin tachaduras. La novela que sí estuvo tachada íntegra y desde el principio – y sigue estándolo – es *La colmena*, que publiqué primero en Argentina y luego en Méjico.^{93 94}

Sobre *La colmena*, Camilo José Cela Conde, na biografia que escreveu sobre o pai, relata as artimanhas que usavam os livreiros, escritores e editores para conseguir disponibilizar a obra aos leitores na Espanha, violando as rigorosas leis da censura:

La colmena, como ya se dijo, acabó por salir en febrero de mil novecientos cincuenta y uno en Buenos Aires. En el pie de imprenta de las siguientes ediciones, las de la editorial Noguer, figuraba México, pero se hacían en realidad en Barcelona y estaban a disposición del lector en casi todas las librerías españolas, por el acreditado sistema de esconderlas en la trastienda o de guardarlas, simplemente, bajo el mostrador.⁹⁵

Retrospectivamente, podemos entender melhor o motivo da pergunta de Corpus Braga e a resposta de Cela, complementando-a com a lembrança do limitado alcance que tinha na sociedade a publicação de um romance. Segundo os estudos de Hans-Jörg Neuschäfer sobre a censura ao romance, ao teatro e ao cinema, no período franquista, a produção cultural estava controlada pelo Estado que impunha claramente suas limitações em dois momentos de censura: a prévia, que recaía sobre o projeto literário, teatral ou cinematográfico, e a definitiva, que se voltava para o produto final. Além disso, havia uma lista de temas proibidos que haviam sido estabelecidos hierarquicamente. No entanto, ainda segundo Neuschäfer, algumas obras conseguiram romper o silêncio: em 1942, o romance

⁹³ De acordo com o *Diccionario Panhispánico de Dudas* da Real Academia Española, até recentemente, era comum, na Espanha, usar a forma *Méjico* e *mejicano/a*, apesar de que, no México e na América Hispânica, a forma usual para a escritura do nome do país e do gentílico era *México* e *mexicano/a*. A variação da escritura não é acompanhada pela variação de pronúncia e o motivo é que, na história da formação da língua espanhola, encontramos que a antiga produção sonora da letra x era a que hoje corresponde à letra j. Apesar de não condenar a forma *Méjico*, a Academia recomenda a outra forma de escritura. Estas informações podem ser encontradas em <<http://lema.rae.es/dpd/?key=m%C3%A9jico>>. Acesso em: 01 fev. 2013. Américo Castro também usa a forma *Méjico*, como se pode confirmar nas cartas dos dias 18 de abril e 07 de maio de 1958. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 218-219.

⁹⁴ Ibid., p. 798. Carta a Corpus Braga, 7 de outubro de 1961.

⁹⁵ CELA CONDE, Camilo José. *Cela, mi padre*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1989, p. 54.

La familia de Pascual Duarte de Cela; em 1949, a estréia da peça de teatro *Historia de una escalera* de Buero Vallejo; e, em 1952, o filme *Bienvenido Mr. Marshall* de Berlanga. Afirma ainda:

No es casual que fuese la novela la primera en encontrar de nuevo un lenguaje propio, que la siguiera algo más tarde el teatro y que el cine precisase más tiempo [...]. Esta gradación refleja el rigor matizado de la vigilancia, que en el medio de comunicación más influyente, el cine, era, lógicamente, mayor que en una novela destinada a la lectura privada. El teatro ocupaba una posición intermedia: ciertamente era su audiencia más reducida que la del cine, pero al tener las representaciones carácter público, estaban sometidas a un control más duro que la lectura de la novela.⁹⁶

Além desses títulos, Cela produziu muitos outros relatos em prosa – romances, autobiografias, textos jornalísticos, etc – e um grande epistolário. Como dissemos antes, apenas 839 cartas foram reunidas no livro *Correspondencia con el exilio*, que são as cruzadas com escritores exilados sobre colaborações para PSA.

Voltando ao poema de Rico que nos ajuda a formular esse retrato de Cela, a expressão em latim, *ex abrupto*, leva-nos a trazer à tona também a preocupação de Cela em selecionar ou elaborar jogos com palavras, algo que está tanto em seus livros quanto em suas cartas, para atender a fins específicos. Seu interesse pela lexicografia levou-o a escrever dicionários e uma enciclopédia cujo tema é o erotismo. Inclusive, o sexo e o erotismo são alguns dos pilares básicos que alimentam sua veia provocadora e aparece com mais ou menos evidência nas polêmicas de sua vida e em seus escritos, estando contemplado no poema pelo verso “con un pronto genital”.

Na esfera da vida, uma perspectiva da ótica íntima pode ser dada por seu filho⁹⁷, que prefere tratar o assunto com polidez e sem entrar nos detalhes explorados por diferentes artigos e matérias dos meios de comunicação – com os quais Cela (pai) soube lidar bem. Na esfera da produção intelectual, o elementar fato de abordar temas e situações relacionadas

⁹⁶ NEUSCHÄFER, Hans-Jörg. *Adiós a la España eterna. La dialéctica de la censura. Novela, teatro y cine bajo el franquismo*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores, 1994, p. 11.

⁹⁷ CELA CONDE, Camilo José. *Cela, mi padre*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1989, p. 233.

com o sexo e o erotismo, em uma Espanha vigiada pelas forças do Estado e da Igreja até em seus mais cotidianos e extra-oficiais representantes, funcionou como uma ação contestatória e elemento de renovação:

Ha contado siempre con la prensa, que ha reído su desenfado y lo que, más que a menudo puede calificarse de zafiedad, pero quien quiera descalificarle por ello deberá recordar que no es pequeña su erudición en tema – el sexo, el lenguaje bajuno – sobre los que ha dejado obras de referencia y hay que agradecerle, al cabo, su cruzada personal contra ciertos tabúes colectivos.⁹⁸

Sem dúvida, o tratamento de temas sobre sexualidade e o uso de palavras puderam colocá-lo em situação de risco de perder o horizonte da produção artística, como alerta Américo Castro, em carta de 17 de setembro de 1964:

Algunas me parece van deslizándose por una pendiente menos estimable – complacencia por la expresión sucia, que podría serlo todavía más si se proyectara sobre una *perspectiva* salvadora [...]. Las páginas tuyas sobre su tema viajero me encantaron y animaron. Luego leí lo de las *Izas*, [*rabizas y colipoterras*] y demás, y tuve la impresión de que se está Ud. dañando su propia literatura que es suya y es también de nosotros sus entrañables lectores.⁹⁹

Rico não se esquece de considerar a genialidade de Cela para a criação literária e, podemos ampliar, para a execução de projetos que sobreviveram a ele: “fuiste, sin falla, genial / [...] / Puedes marcharte orgulloso / de haber ahormado a tu hechura / la literatura pura”. Tampouco se esqueceu de comentar seu caráter – “De mal genio vaporoso” –. Para alguns, hábil conversador, divertido, carismático, dinâmico, curioso, inclusive terno e amável, e irônico. Para outros, orgulhoso, amante do poder, preconceituoso (particularmente com os homossexuais), oportunista e duro com os demais e consigo mesmo, às vezes, intratável, de gênio ruim. Tinha por hábito não pedir desculpas. Certamente, uma figura

⁹⁸ ALVAR, Carlos; MAINER, José-Carlos; NAVARRO, Rosa. *Breve historia de la literatura española*. Madrid: Alianza Editorial, 2007, p. 641.

⁹⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 379.

polêmica que está vinculada a, pelo menos, duas passagens problemáticas ética, moral ou criminalmente. A primeira, diz respeito à sua solicitação para atuar como delator antes de acabar a guerra. É de 1938 uma carta sua em que solicita o ingresso no Cuerpo de Investigación y Vigilancia, propondo-se a denunciar figuras que tivessem conduta diferente da imposta¹⁰⁰. Naquele momento, não conseguiu o posto pleiteado, mas conseguiu outro cargo de vigilância anos mais tarde, como é o de censor, cujas atividades foram executadas entre os anos de 1941 e 45 e estavam voltadas para a avaliação de revistas e outros meios escritos de comunicação pública.

A segunda passagem polêmica diz respeito a um processo por plágio que foi instaurado em 1999 contra Cela e a editora Planeta por ocasião de sua vitória no concurso *Premio Planeta 1994* com o livro *La cruz de San Andrés*. Segundo a querelante, María del Carmen Formoso, representada por seu filho, Cela teria se aproveitado de sua obra, *Carmem, Carmela, Carmiña: Fluorescencias*, enviada com a diferença de dois meses em relação à do ganhador, para escrever o texto premiado. O processo envolveu advogados, juízes e críticos literários para determinar o nível de coincidência e semelhanças entre as duas obras. Com a morte de Cela em 2002, o único nome que passou a constar no processo foi o de José Manuel Lara Bosch, como presidente da editora.

Um preceito que ficou famoso na voz de Cela, para bem e para mal, diz “el que resiste, gana”. De tão ligada à sua figura, é citada na capa de um dos livros que se volta para o escritor, precisamente do hispanista Ian Gibson:

Cela (que se jactaba de ser *judoka*) se consideraba gladiador, quiere ser gladiador y quiere que le mentemos como gladiador. Es mucha palabra, gladiador, con su evocación de anfiteatros romanos y cruentos y públicos enfrentamientos cuerpo a cuerpo. Eso sí, públicos, a la vista de todos. Trasladado al terreno civil, ser gladiador es luchar con denuedo contra las circunstancias adversas, afrontar con energía las dificultades, triunfar. Y Cela dedicó su vida entera a triunfar.¹⁰¹

¹⁰⁰ GIBSON, Ian. *Cela, el hombre que quiso ganar*. Madrid: Taurus, 2003, p. 78–79. Gibson reproduz a carta de Cela, datada de 30 de março de 1938.

¹⁰¹ GIBSON, Ian. *Cela, el hombre que quiso ganar*. Madrid: Taurus, 2003, p. 105.

De fato, Cela resistiu a diferentes acontecimentos e, fazendo ponte com o poema que serve de fio condutor dessa apresentação biográfica, construiu uma obra que ainda está sendo estudada. Pode-se dizer que existe consenso amplo ao identificá-lo como um autor fundamental do pós-Guerra Civil, e, ampliamos, construiu um monumento epistolar que há poucos anos começou a ser examinado timidamente ou até com desconfiança, sempre, claro, a partir de certos ângulos, até pela impossibilidade de, neste momento, examiná-lo em sua totalidade.

Consideramos que está assentado o conceito de que, nos anos 50 da Espanha, vivenciou-se a experiência de procurar alternativas fora ou dentro do controle do Estado entre vozes sociais, políticas e culturais abertas ao diálogo – seja por insatisfação com o regime, por dissidência ou por oposição – para reconstruir o país segundo as premissas da modernidade. É com esse horizonte que lemos e analisamos as cartas que compõem o nosso *corpus*, isto é, de acordo com o contexto de reconciliação cultural que possibilitou que o entendimento alcançado na esfera privada fosse transferido para a esfera pública por meio de projetos comuns no tempo em que se deu a comunicação entre os escritores.

3 Os bastidores da publicação de textos de escritores exilados

Tanto os textos de Alberti, Aub, Castro e Prados publicados em PSA quanto as cartas trocadas com Cela foram elaborados na mesma época. Inicialmente escritas para dar a conhecer a revista e pedir colaboração ou oferecê-la, dependendo de quem fizesse o primeiro contato, as cartas ressaltavam o aspecto mais prático e objetivo das necessidades editoriais. Ao longo da relação dialógica, ganharam nova dimensão à medida que passaram a incorporar posicionamentos sobre questões literárias, culturais, políticas e, conforme crescia a aproximação, pessoais e prosaicas. Todos esses temas cabem nas cartas, como é próprio do gênero epistolar, assim como cabe a aproximação de seu discurso com o literário. Tais movimentos assumem diferentes graus de relevância de acordo com os interlocutores, afinal

la carta es terreno tan resbaladizo, que la intención estrictamente humana, de comunicarse con otra persona por escrito, al tener que servirse inevitablemente del lenguaje, puede deslizarse al otro lado de las fronteras de lo privativo, sin que el autor se dé cuenta apenas, y convertirse en intención literaria. Porque el lenguaje tiene sus misteriosas leyes de hermosura, sus secretas exigencias, también, que tiran del que escribe. Es muy difícil que la persona que se pone a escribir no sienta, dése o no cuenta clara de ello, prurito de hacerlo bien, de escribir bien.¹⁰²

Neste capítulo, valemo-nos do caráter documental¹⁰³ associado à carta para entender e analisar a construção do diálogo entre os autores que estudamos, tentando

¹⁰² SALINAS, Pedro. *Pasajeros en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007, p. 277. Para as reflexões apresentadas nesta tese, outros textos fundamentais para a compreensão do gênero epistolar como híbrido são os trabalhos de Claudio Guillén e de Marcos Antonio de Moraes, principalmente: GUILLÉN, Claudio. La escritura feliz: literatura y epistolalidad. In: *Múltiples moradas. Ensayo de literatura comparada*. Barcelona: Tusquets Editores, 2007. p. 177-233; e MORAES, Marcos Antonio de. *O orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

¹⁰³ Bastons I Vivanco destaca, entre os valores associados à carta, o aspecto ficcional e o aspecto documental, uma vez que pode se constituir em crônica de diversas realidades, aproximando-se do gênero jornalístico. BASTONS I VIVANCO, Carles. Polisemantismo y polimorfismo de la carta en su uso literario. *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*. Madrid: Sociedad Española de Literatura General y Comparada, n. 10, 1996, p. 237. Disponível em:

respeitar sua complexidade e localizando-o em um contexto histórico mais amplo em que agentes culturais da península e do exílio se mobilizaram para estabelecer pontes de aproximação e cooperação intelectual. As correspondências dão notícia desse movimento e da configuração de redes de sociabilidade que se estabelecem de acordo com interesses comuns e se organizam em torno a certa sensibilidade cultural e afinidades entre os escritores, conforme nos explica Jean-François Sirinelli em seu ensaio sobre a definição do conceito de intelectual. Segundo ele, os intelectuais se reúnem “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”¹⁰⁴. Sirinelli acrescenta que revistas¹⁰⁵, manifestos e abaixo-assinados são alguns dos espaços por meio dos quais poderíamos observar a sociabilidade, embora variem de acordo com a época e os grupos e subgrupos de intelectuais envolvidos:

As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os “salões”, na fronteira entre os dois séculos, constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem intelectualidade.¹⁰⁶

Entendemos que um possível desdobramento do conceito, ao considerar Sirinelli as particularidades do momento histórico e de cada grupo em formação, compreende a correspondência entre autores espanhóis do século XX como espaços de sociabilidade, dada a necessidade de romper a dispersão geográfica entre os interlocutores, bem como a profusão de material e a qualidade dos textos. Além de disso, a maleabilidade do gênero epistolar e a competência dos autores em situação de comunicação permitem a divulgação

<<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01349464288793179312680/018674.pdf?incr=1>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

¹⁰⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248.

¹⁰⁵ Sirinelli entende que a revista “é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”. *Ibid.*, p. 249.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 249.

de textos da esfera íntima em locais e contextos públicos – leituras em encontros poéticos, publicação em revista ou outros – como veremos a seguir.

Nos próximos tópicos, analisamos os diálogos e a rede de sociabilidade estabelecidos pelas correspondências, procurando identificar certas particularidades da circulação de textos inéditos que tinham a meta de serem publicados na Espanha, inicialmente em PSA, mas sem perder de vista a possibilidade de sua edição no formato de livro, desde que fossem aprovados pelo critério editorial e pelo controle dos órgãos censores. Em seguida, perseguimos os registros referentes à ação da censura em suas variadas facetas e como os escritores e as obras foram afetados por elas, assim como os recursos de que se valeram os autores para enfrentá-la. No último tópico, concentramo-nos em alguns projetos culturais que se realizaram ou que se frustraram por diversos motivos.

3.1 Dissolvendo fronteiras

Embora seja somente nos anos 50 que ganha força a procura de formas e estratégias de aproximação que coloquem em diálogo os autores espanhóis da península e do exílio, o tema já havia sido considerado pelo viés da sociologia por Francisco Ayala na década anterior. Escrevendo com base em sua experiência de exílio na Argentina, Ayala apresentou algumas considerações sobre as dificuldades dos escritores espanhóis para continuar produzindo, depois da divisão da Espanha provocada pela Guerra Civil, no ensaio *Para quién escribimos nosotros*¹⁰⁷. Estas dificuldades atingiam os grupos que compunham as duas faces da literatura espanhola daquele momento, isto é, o grupo dos exilados, denominado Espanha peregrina, e o grupo dos escritores que ficaram no continente e se enfrentavam com a consolidada ditadura franquista, denominado Espanha cativa¹⁰⁸.

¹⁰⁷ O ensaio foi publicado inicialmente na revista *Cuadernos Americanos*, México, em 1949, mas nos baseamos na sua reedição na década de 80, conforme a seguinte referência bibliográfica: AYALA, Francisco. *Para quién escribimos nosotros*. In: *La estructura narrativa y otras experiencias literarias*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 181-204.

¹⁰⁸ Diz Ayala: “El problema, pues, consiste en cómo retomar ahora en nuestras manos, digerida tan terrible experiencia, la dirección de nuestra propia vida de escritores, tal cual ésta se nos da, dentro

Ayala reconhece que a Guerra Civil interrompeu o dinamismo da atividade cultural espanhola e impediu que os exilados escrevessem para seu leitor ideal ou colocassem suas ideias em circulação entre seus pares. Com menos destaque no texto, mas igualmente importante, existe uma advertência que conduz à exigência de uma reflexão dos protagonistas culturais sobre o inevitável encontro e diálogo:

No olvidemos, por lo pronto –algunos tienden a olvidarlo–, que ambas Españas, la peregrina y la cautiva, la fugitiva de sí misma y la aherrojada en sí, se anhelan recíprocamente, víctimas de un mismo destino. Olvidarlo pudiera ser fatal para todos y quizás antes que para nadie para nosotros, los emigrados [...] y, sobre todo, fatal para el porvenir de las letras hispanas, porque ello supondría la perduración de una beligerancia extendida por insensatez, no contra lo que la merece, que es ajeno por esencia, opuesto, a la literatura, sino contra España entera y cuanto allí alienta y quiere vivir, y por querer vivir es fraterno a cuanto quiere vivir en nosotros mismos.¹⁰⁹

A mesma atenção ao futuro das letras espanholas e do próprio país reaparece no ensaio quando, pouco mais adiante e encerrando o texto, Ayala comenta os convites da geração posterior à sua para o encontro entre as duas Espanhas que partiam do continente, sob a forma de textos públicos ou privados, e que deveriam ser considerados por mais difícil e amarga que fosse a experiência. O autor identifica, no entanto, uma desigualdade de tom nos convites registrados publicamente e nos enviados pela privacidade do diálogo epistolar, como verificamos no seguinte fragmento:

Y ahora que llegan de España –con sordina y por alusiones, en la letra impresa; claramente, en la correspondencia particular– algunos llamamientos patéticos de la generación más joven, grave sería que no supiéramos acudir a un

de circunstancias cuyo marco no podemos alterar, pero sobre cuyo fondo debemos actuar con los medios que nos son peculiares; es decir, dentro de las circunstancias de la emigración, y asiéndonos a ellas con todas resoluciones y energía; pues la emigración pertenece de lleno, lejos de ser un accidente inconsiderable y accesorio, al destino de la literatura española, como le pertenece –lo que no es sino la otra faz de ese mismo destino– el cautiverio de España, pues si hay una llamada España peregrina es, precisamente, porque hay una España cautiva”. AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. In: *La estructura narrativa y otras experiencias literarias*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 199-200.

¹⁰⁹ Ibid., p. 201-202.

diálogo sin duda espinoso y quizás, a ratos, amargo, pero cuyas tensiones crearían el ámbito de resonancias para una comunidad espiritual restablecida en la manera única que comunidades tales pueden darse hoy; como inteligencia fundamental de los mejores en un plano muy desligado de contingencias prácticas inmediatas.¹¹⁰

O texto de Ayala nos interessa particularmente como teorização e pela repercussão que provocou entre os exilados, cujos reflexos práticos podem ser identificados como elemento da (pré)história dos projetos comuns executados por Cela, Alberti, Aub, Castro, Prados e outros escritores de diferentes gerações que vivenciaram as consequências da guerra civil. Exemplo disso é que acreditaram e investiram (praticamente) desde o início em PSA, embora, enquanto projeto e primeiros números, a revista devesse resolver problemas como ter curta circulação dada as dificuldades próprias de burlar a voracidade censória, conseguir suporte financeiro, atrair material (colaborativo) de qualidade ou manter a credibilidade da publicação, sem considerar que, mesmo em seus melhores momentos, e como era próprio de publicações com características similares ou próximas, como *Índice* e *Ínsula*, PSA tinha uma circulação limitada pelo tamanho da tiragem, preço do exemplar ou locais de venda.

Na esfera privada da carta enviada a Cela, Ayala responde com clareza à pergunta do título do seu ensaio – *Para quién escribimos nosotros* – mais de uma década depois de sua publicação em *Cuadernos Americanos*. A comunicação entre os dois escritores inicia-se quando Ayala escreve para agradecer que um estudo sobre sua obra, enviado por um amigo, tenha sido aceito em PSA e se propõe a colaborar com a revista. Com a resposta positiva de Cela, sente-se estimulado a compartilhar a grande preocupação que sente em publicar na Espanha. Comenta, na segunda carta, sobre a relação de sua obra *Muertes de perro* com a censura, apresenta suas dúvidas editoriais e pede conselhos. Finalmente, declara: “como comprenderá, uno escribe también y principalmente para la Península”¹¹¹.

¹¹⁰ AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. In: *La estructura narrativa y otras experiencias literarias*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 204.

¹¹¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 818. Carta a Cela, 18 de agosto de 1961.

Cela parece ser um dos interlocutores ideais para o encontro entre os realizadores do lado dos vencedores¹¹², para colaborar no redimensionamento da dicotomia península / exílio pelo prestígio que tinha alcançado entre diferentes gerações de artistas espanhóis com a qualidade de obras como *La colmena* ou *Viaje a la Alcarria*, que se seguiram a *La familia de Pascual Duarte*. Américo Castro avalia de forma positiva as três obras de Cela em um único parágrafo em carta da década de 60:

Ud. es un noble ejemplo de superación de la estupidez sangrienta entre el 36 y el 39. Su obra fue recibida, dentro y fuera de España, con alegría; lo siniestro en *La colmena* y *Pascual Duarte* está más simbolizado que ingenuamente representado. En los *Viajes*, sobre todo en el de La Alcarria, ha vivificado Ud. el paisaje español, lo ha montado sobre dimensiones de que carecía en la literatura del 98.¹¹³

Blanco Aguinaga propõe uma interpretação de *La colmena* que, acreditamos, contribuiu para entender como Cela conquistou a disposição dos exilados para o diálogo. Segundo o pesquisador, entre as décadas de 40 e 50, a literatura espanhola era formada por duas faces que se complementavam com perfeição:

A lo que se escribía fuera, le faltaba la concreción de las dificultades de la lucha interna, donde por “lucha” entiendo no sólo un compromiso político, sino los quehaceres necesarios para la pura sobrevivencia; lo escrito dentro, en cambio, buscaba los precedentes de su lucha en una Historia cuyo discurso, prohibido en su casa, poseían *todavía* quienes ya no vivían con ellos. [...] Y esas dos historias eran parte de *una* sola historia puesto que el discurso de los vencidos, estuvieran fuera o dentro, no funcionaba sin el referente del de los vencedores, al cual una y otra vez nos remite. Curiosamente, pero quizá no sea tan paradójico como parece, la primera reunión de todos estos diversos factores se logra en *La colmena*, novela escrita en

¹¹² Para referir-se à literatura produzida dentro e fora da Espanha, Carlos Blanco Aguinaga prefere usar os termos “literatura de vencedores y literatura de vencidos” para distinguir ambas produções até aproximadamente o começo dos anos 50. BLANCO AGUINAGA, Carlos. La literatura del exilio en su historia. *Migraciones y Exilios, Cuadernos de AEMIC*, Madrid, n. 3, 2002, p. 41.

¹¹³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 387-388. Carta a Cela, 19 de março de 1965.

España nada menos que por un censor de antecedentes fascistas, pero publicada por primera vez, no lo olvidemos, en el extranjero.¹¹⁴

Por sua vez, uma rápida verificação dos nomes dos autores cujas cartas estão reunidas no livro *Correspondencia con el exilio* ajuda a demonstrar que Cela compartilhava o pressuposto de que representantes fundamentais da cultura espanhola estavam fora do país, reconhecimento que apontava Ayala no ensaio de 1948, quando comentava sobre o chamado da geração jovem. Do mesmo modo, distingue em sua formação o legado da tradição literária anterior à guerra. Lembremos que frequentava espaços de sociabilidade próprios do período, como cafés e tertúlias em casa de artistas e intelectuais. Foi em uma das reuniões na casa de María Zambrano que aconteceu o primeiro encontro de Cela com Max Aub, como se lê em sua resposta a Aub:

Mi distinguido amigo y compañero,
Nos conocimos en casa de María Zambrano, en la plaza del Conde de Barajas, en Madrid, hacia el año 34 o 35. Yo era un adolescente delgadito que hacía versos *nerudianos* y leía su *Fábula verde*.¹¹⁵

Além de se colocar como leitor dos interlocutores com os quais dialogava por carta, algumas vezes, faz referência direta à influência ou à presença de alguns deles em sua obra:

Querido Max,
Sueño, desde hace tiempo, con publicar algo de mi viejo y admirado León Felipe. En mi *Viaje a la Alcarria* (1945) le aludía, tan breve como cariñosamente; creo que fue la vez primera que su nombre apareció en letra de molde en España después del 1939, e ignoro si él o tú conocíais este mínimo tributo que le rendí.¹¹⁶

¹¹⁴ BLANCO AGUINAGA, Carlos. La literatura del exilio en su historia. *Migraciones y Exilios, Cuadernos de AEMIC*, Madrid, n. 3, 2002, p. 30-31.

¹¹⁵ Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 1. Carta a Aub, 28 de setembro de 1957.

¹¹⁶ Ibid., Carta 11. Carta a Aub, 22 de junho de 1958. A primeira versão de *Viaje a la Alcarria* é de 1948, enquanto uma nova versão é escrita em 1986 com outra viagem de Cela, após quase quarenta anos, pelos mesmos lugares.

A resposta de Max Aub colabora para ampliar nosso conhecimento sobre o funcionamento das tertúlias e encontros literários da década de 30 bem como mostra a receptividade de María Zambrano aos iniciantes, além de funcionar nesse começo de diálogo como referência discursiva importante para estabelecer laços e construir a proximidade que não havia sido marcante em outro momento. No entanto, o acontecimento do passado apenas favorece a proximidade no presente da interlocução porque está acompanhado pela solidez da produção artística:

Sí, con su referencia, ahora recuerdo un muchacho espigado, de los que llamábamos irreverentemente “hijos” de María Zambrano. El haberle estrechado la mano entonces, a más de su obra, creo que me dan derecho a llamarle amigo.¹¹⁷

É bastante particular a comunicação entre esses dois escritores. O conhecimento de Aub sobre *Viaje a la Alcarria* mostra o seu nível de atenção aos autores e ao que se produzia na península, bem como ao que circulava sobre os próprios exilados dentro da Espanha: “Yo sí leí tu referencia a León en tu ‘Viaje alla Alcarria’ (sic). No me creerás si te digo que me sorprendió, y harás bien”¹¹⁸. Não era casual que fosse assim, afinal, Aub tinha a mesma disposição de Cela para o ativismo cultural, como demonstra sua intervenção por carta em nome de outros escritores, como León Felipe ou Emilio Prados, ou sua vinculação a Unión de Intelectuales Españoles en México (UIEM), que idealizou *El boletín de Información* (1956 – 1961) responsável por promover o premio *Nueva España*, conquistado por escritores da península, como Victoriano Crémer ou Angela Figuera Aymerich. Precisamente, um dos objetivos da associação era favorecer a aproximação com os escritores da península, estimulando-os desde o âmbito da cultura na luta contra o franquismo, o que implicava a atenção às novidades literárias. Francisco Caudet dedica um capítulo bastante informativo à associação e ao boletim. Segundo ele,

¹¹⁷ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 3. Carta a Cela, 29 de outubro de 1957.

¹¹⁸ Ibid., Carta 12. Carta a Cela, 1 de julio de 1958. Para evidenciar a forma escrita original, usaremos a notação “sic” entre parênteses para diferenciá-la da notação feita pelos editores do livro que a usam entre colchetes.

Como los exiliados estaban altamente politizados y enfrentados, la UIEM pretendió convertirse, desde el momento de su fundación [1947], en un organismo que agrupara –superando las diferencias y divisiones partidistas– a intelectuales de todas las disciplinas y tendencias ideológicas. Se perseguía, de este modo, aunar fuerzas para continuar, de manera efectiva y responsable, la labor cultural y, al mismo tiempo, propiciar la solidaridad con los españoles del interior en su lucha contra el franquismo, un régimen que, impuesto por la fuerza, imposibilitaba la libertad política y, en consecuencia, el desarrollo en libertad de la cultura.¹¹⁹

Juan Ramón Figuera Figuera, filho de Angela Figuera, na apresentação da edição de 2002 do livro ganhador do prêmio de poesia *Nueva España* de 1958, conta da seguinte maneira quais eram os propósitos da autora e as peripécias que teve que enfrentar para publicar sua obra:

Ángela quería con *Belleza cruel* dar voz a los perseguidos, los desesperanzados, ponerse junto al hombre y acompañarle, ayudar a hacer puentes entre hermanos separados. Y, como vamos a ver, tuvo la alegría de conseguirlo, aunque exigir cuentas sin respeto alguno a generales, ministros y banqueros, cantar el pan robado..., todo en *Belleza cruel* hacía imposible su aparición en la España de los cincuenta.¹²⁰

Por lo tanto, Ángela lo envió a varios amigos en el extranjero para tratar de publicarlo, y la Unión de Intelectuales Españoles en Méjico concedió en 1958 el premio de poesía Nueva España a *Belleza cruel*, que se editó allí ese mismo año precedido de unas inolvidables “palabras...” en las que León Felipe pregonaba con entusiasmo, humildad y profundo afecto su reencuentro con los hermanos que se quedaron en la casa paterna cantando con esperanza, con ira, sin miedo...

Mais adiante, afirma que a premiação e publicação do livro pela Unión de Intelectuales Españoles en México, com prólogo de León Felipe, abriu

un puente entre quienes contra viento y marea, censura y represión, seguían escribiendo en España, y muchos intelectuales españoles exiliados, como León Felipe, o procedentes de otros países, como Pablo Neruda (...) Ser no sólo subversivo sino, además, premiado y elogiado por los rojos del extranjero no facilitó

¹¹⁹ CAUDET, Francisco. *El exilio republicano en México. Las revistas literarias (1939 – 1971)*. Madrid: Fundación Banco Exterior, 1992, p. 413.

¹²⁰ FIGUERA AYMERICH, Ángela. *Belleza cruel*. Madrid: Ediciones Torremozas, 2002, p. 9.

precisamente la distribución comercial de *Belleza cruel* en España. Pero no impidió su difusión.¹²¹

E termina o parágrafo dizendo que o livro de sua mãe foi mais lido do que vendido.

Como se vê, na década de 50, os escritores do exílio também estavam procurando maneiras de vincular-se com o trabalho dos escritores da península através de prêmios literários, da mobilização para a publicação de suas obras no exterior¹²², da reavaliação de posturas que podiam prolongar celeumas – conforme esclarece Ayala – ou, ainda, fazendo circular entre conhecidos e amigos os textos e as informações que nasciam na península. São escritores que estão atentos ao que passa no país que deixaram, no país de acolhida e também no contexto internacional. Por sinal, tal inquietude e cosmopolitismo cultural e político, mais do que próprios destes autores, caracterizaram as gerações mais velhas de exilados, independentemente de sua formação, como sublinha Carlos Blanco Aguinaga:

teníamos extraordinarios modelos de internacionalismo cultural en nuestros mayores ya que, para fortuna de la cultura española, los intelectuales del exilio *todos*, literatos o fisiólogos, matemáticos o filósofos, *todos* habían estado siempre al corriente de lo que se producía en el Mundo. Pero ellos habían sido internacionalistas en función de transformar la realidad española y, ya en el exilio, seguían pensando en España como ámbito natural de su producción, fuese ésta literaria, científica o pictórica.¹²³

Retomando as considerações sobre a necessidade de diálogo, conforme havia sido proposta por Ayala na década de 40, uma característica bastante valorizada por Cela no discurso da correspondência está voltada para a habilidade dos escritores de apropriarem-se das experiências que lhes tocou viver com objetividade e por meio da razão – ainda que, para isso, devessem subjugar os sentimentos e as paixões que pudessem dividi-los ou

¹²¹ FIGUERA AYMERICH, Ángela. *Belleza cruel*. Madrid: Ediciones Torremozas, 2002, p. 9-10.

¹²² Mas, considere-se que, segundo Manuel L. Abellán, o escritor médio espanhol tinha pouco contato com o mundo exterior e com o mundo editorial latino-americano, tendo preferido ceder aos imperativos da censura ou procurado maneiras de burlá-la. ABELLÁN, Manuel L. *Censura y creación literaria en España (1939-1976)*. Barcelona: Ediciones Península, 1980, p. 67.

¹²³ BLANCO AGUINAGA, Carlos. La literatura del exilio en su historia. *Migraciones y Exilios, Cuadernos de AEMIC*, Madrid, n. 3, 2002, p. 39.

permaneceram sob a forma de crenças ou expectativas desvinculadas da realidade do país –, como o explicita Cela em carta a Aub: “Desde mi retiro voluntario de Mallorca quiero organizar, ignoro si insensatamente, la unión de los españoles por la vía de la inteligencia y no por la del movedizo sentimiento o la creencia mágica. Ayúdame el viejo y tú”¹²⁴.

Se em sua análise sociológica Francisco Ayala observa que as tensões e amarguras poderiam atravessar o diálogo entre os escritores separados pela guerra, Cela, no terreno particular das cartas, opta pela visão otimista e reforça sua expectativa de construir interlocuções entre iguais pautadas na boa vontade e na disposição para o entendimento, oferecendo aos artistas e escritores suas páginas na revista e nas cartas “de la manera más servicial y mostrándose siempre dispuesto a cualquier cosa que sirva al conocimiento de los españoles por parte de los españoles”¹²⁵.

Os correspondentes tampouco se esquecem de que se trata de um projeto com vistas para o futuro da Espanha, como demonstra Castro em uma despedida de fim de ano que contém certo balanço das necessidades do país e dos espanhóis, seu tema central de reflexão em pesquisas e nas cartas: “Aprovecho estas líneas, ya tan próximas al 1959, para desearle un nuevo año feliz, de paz y libertad, de justicia clarividente y mesurada, de cosas creadas con inteligencia y con vida apuntadas hacia el mañana”¹²⁶. Desenvolvem tal projeto, portanto, como intervenção que é cultural e política, por mais que Cela minimize este último aspecto para o outro e para si mesmo. Tanto o circuito cultural quanto o circuito de poder de Estado eram conhecidos e frequentados por ele com maior ou menor intensidade e possivelmente, mais do que um exagero usado como argumento de convencimento para conseguir colaborações, tenha nascido daí sua certeza de que existia um número significativo de espanhóis da península dispostos a estabelecer pontes com o exílio. Em outro fragmento que nos interessa, encontrado em carta a Emilio Prados, lê-se:

¹²⁴ Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 11. Carta a Aub, de 22 de junho de 1958. O “viejo” ao qual Cela faz referência no texto é o poeta León Felipe.

¹²⁵ CHAMORRO, Eduardo. Prólogo. In: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 18.

¹²⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 617. Carta a Cela, 30 de dezembro de 1958.

En *Papeles* manda usted, mandan ustedes, mis amigos. No es vana palabrería; es una muy honda verdad. Le aseguro que para eso los fundé: para que fuesen la sosegada –aunque minúscula– esquina de la historia de España en la que los españoles de buena voluntad (que si vamos a contarlos a lo mejor no somos tan pocos como pensamos) podamos hablar, sin gritar, y entendernos y hacernos entender.¹²⁷

A singularidade de PSA, como “esquina de la historia de España”, postulada pelo contexto histórico para o encontro, pode ser identificada em diferentes excertos de cartas de Américo Castro que, na maior parte do tempo de mais de uma década de colaboração, encontrou coincidências entre seus objetivos e os da revista, que entendia ser construída por seus colaboradores administrativos e intelectuais “por interés hacia algo que no se toca con el dedo”¹²⁸.

Estão dadas, assim, as condições para realizar a metáfora de que com frequência se valia Cela como despedida em suas cartas, isto é, a que caracteriza PSA como o consulado dos autores e artistas exilados e que o situa como cônsul, oferecendo-se para representá-los diplomaticamente no próprio e mudado país. Particularmente para Castro, especifica e amplia seu consulado, estendendo-lhe a casa em Maiorca, onde era esperado com a esposa anualmente, se não para hospedar-se, ao menos como visita. Em carta de 6 de novembro de 1957 diz: “Un abrazo muy respetuoso –y también muy fuerte– de su devoto cónsul por estas carpetovetónicas trochas y parideras”¹²⁹. Na de 6 de fevereiro de 1958, encontramos: “Su consulado en España – que es mi casa y mi revista – no puede ni quiere

¹²⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 639. Carta a Prados, de 3 de março de 1958.

¹²⁸ No parágrafo em que se encontra esse excerto, Castro dá orientações de como deveriam ser distribuídos os exemplares que havia encarregado à revista do texto “Santiago y los Dióscuros”: “me doy cuenta del trabajo que esto representa para sus empleados, así como del gasto de sobres y de franqueo. El único modo de que me resigne a ello (dado que los *Papeles* no son una empresa comercial, y que todos colaboran en la revista por interés hacia algo que no se toca con el dedo), es añadir a los gastos de impresión de los sobretiros, los suplementos de los envíos”. Ibid., p. 178. Carta a Cela, de 4 de setembro de 1957.

¹²⁹ Ibid., p. 191. Carta a Castro, de 6 de novembro de 1957.

prescindir de su presencia”¹³⁰. A Rafael Alberti garante: “sepa que, en estas latitudes, debe considerarme como su más amistoso cónsul”¹³¹.

Parece-nos bastante significativa a metáfora do consulado e do cônsul porque se constrói não apenas como retórica para a apresentação de uma proposta, mas se dirige à criação de uma realidade nova para seus interlocutores em que Cela se prontifica a intervir, valendo-se de seu prestígio, em benefício de seus conterrâneos, no melhor uso das atribuições de um cônsul honorário¹³². Da mesma forma, a metáfora situa a revista e Cela, nos papéis de seu diretor e editor, na geografia espacial da textualidade que se situa na intertemporalidade porque aponta para o futuro em dois momentos. No primeiro, pela expectativa dos autores e da equipe editorial de que as colaborações vençam os empecilhos – por exemplo, da censura – e se concretizem sob a forma de publicação. No segundo, enquanto registro escrito que é objeto de memória e almeja sobreviver a seu tempo, alcançando leitores de outras temporalidades. A ironia antiacademicista do editorial de Cela do último número da revista revela sua segurança sobre a transcendência de seu projeto:

Ya con un pie en el otro mundo que empieza al borde de la fosa común en la que pescan los eruditos, los doctorandos y los coleccionistas, los PAPELES DE SON ARMADANS desean salud y buena suerte a todos. [...]

Laurence Sterne, novelista inglês del siglo XVIII, decía que la muerte abre la puerta de la fama y cierra tras de sí la de la envidia. Quizá tuviera razón y ahora, más famosos y menos envidiados, esperamos el juicio de todos con tanta serenidad del ánimo como sosiego de la memoria.¹³³

¹³⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 201. Carta a Castro, de 6 de fevereiro de 1958.

¹³¹ Ibid., p. 119. Carta a Alberti, de 28 de setembro de 1963. Embora tenhamos citado apenas alguns exemplos sobre esse lugar de cônsul que assume Cela para seu interlocutor, estruturas semelhantes são encontradas nas cartas de outros correspondentes reunidas no livro, como é o caso das escritas a Jorge Guillén.

¹³² Segundo Paulo Borba Casella, é marcante na figura histórica do cônsul honorário: “o homem de prestígio, que se insere com destaque em determinado grupo social, no seio do qual, a ele compete zelar pelos interesses e pela integridade do ser e do ter dos nacionais do Estado que o nomeia”. Do mesmo texto, pode ser útil a localização da origem da figura do cônsul honorário (em oposição ao de carreira) na antiguidade e o surgimento da instituição consular com a finalidade de proteger mercadores e navegadores que estavam fora de sua cidade natal, eram estrangeiros e, portanto, não recebiam o amparo de órgãos e instituições locais. CASELLA, Paulo Borba. Cônsules honorários. *Revista da Faculdade de Direito*. São Paulo: USP, v. 82, 1987, p. 148-158.

¹³³ CELA, Camilo José. Breves palabras de despedida. *Papeles de Son Armadans*, Madrid - Palma de Mallorca, año XXIV, ns. CCLXXIV-LXXV y LXXVI y último, enero/feb./ marzo 1979, p. 3-4.

Em ambos os casos, ainda perseguindo as transposições sugeridas pela metáfora, tanto Cela como seus interlocutores, ao comungarem certos interesses editoriais e estarem espacialmente afastados dos principais núcleos de poder, movem-se em um entre-lugar, facilitado pela pouca expressividade de Maiorca no cenário das atividades culturais espanholas na década de cinquenta. Buades i Juan lembra que Cela foi à ilha procurando paz e solidão para realizar sua obra, mas, em seguida, transformou-se em uma espécie de gestor cultural que organizava conferências em sua casa, onde falavam amigos de diferentes lugares, bem como participava de tertúlias em cafés da região. Além dessas iniciativas, sua presença famosa estimulou as instituições públicas a desenvolverem atividades culturais¹³⁴. Cela é um tanto enigmático em carta a Alberti sobre sua mudança e não explora o tema com os outros três escritores: “Pero yo, querido Alberti, no vivo en Madrid porque no puedo ni quiero vivir en Madrid. Desde lejos quizá no entendiera usted las hondas razones de mi ausencia”¹³⁵. Por outro lado, vai à capital com frequência, onde tem um endereço fixo de contato, conforme consta em PSA.

Dos autores estudados, pelo tipo de relação de proximidade e cumplicidade estabelecidas ao longo dos anos, Américo Castro é o único que parece sentir-se à vontade para expressar de maneira ilustrativa o poder que alcança seu interlocutor na ilha, como fica evidente ao caracterizar o território como um “virreinato”:

Después de mucho tiempo sé indirectamente de Ud. por Carmen, con motivo de mi no realizado proyecto de volver ahí este año. Como siempre, se ha molestado afectuosamente por mí, y se lo agradezco de veras. Imagínese cómo me habría gustado regresar a la Isla de su virreinato¹³⁶.

Se Castro pôde fazer essa afirmação pela vivência com Cela, anteriormente, quando se preparava para visitá-lo pela primeira vez, emite consideração semelhante com base em

¹³⁴ BUADES I JUAN, Josep Maria. *Intel-lectuals i producció cultural a Mallorca durant el franquisme (1939-1975)*. Palma: Edicions Cort, 2001.

¹³⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 111. Carta a Alberti, 24 de outubro de 1959.

¹³⁶ Ibid., p. 269. Carta a Cela, 7 de julho de 1960.

informações que havia recebido por meio de suas redes de contato e de intercâmbio, que funcionavam pelas trocas entre grupos diferentes de intelectuais ou eram alimentadas pelas notícias fornecidas pelos parentes ou amigos que viviam ou circulavam pela Espanha. Ao aceitar o convite para ir a Maiorca, mas encontrando problemas para finalizar os preparativos por conta das questões ligadas à regularização do turismo – como ter que comprar voo de ida e volta e fazer reserva em hotel por meio de uma agência – diz: “Realmente encuentro grandes novedades en este país. Aunque a lo mejor es posible que Vd. posea medios de lograr una vuelta –me aseguran que se ha metido Vd. en el bolsillo a esa hermosa isla, y merecidamente”¹³⁷. A resposta a esta carta confirma tal importância:

Aleje usted de su mente esas minúsculas preocupaciones; los que se quedan sin avión son los turistas, que para eso están, no mis amigos. Tome usted tan sólo el billete Barcelona-Palma, véngase para aquí y, cuanto antes, escríbame una breve nota diciéndome qué día quiere regresar. Lo demás es cosa mía. No se preocupe, le repito.¹³⁸

A imagem de autoridade explicitada pelas figuras de cônsul, conforme a autorepresentação, ou de vice-rei, conforme a representação de Castro, tem em sua outra face o pedido direto ou indireto de Cela para que seus interlocutores agissem também como cônsules, motivando o seu círculo de trabalho ou referência a colaborar com PSA. Castro e Aub enviavam seus textos, divulgavam a revista entre conhecidos e atuavam de modo a indicar algum crítico ou pesquisador para escrever sobre determinados temas a pedido de Cela – ou mesmo sem a existência de pedido, dada a confiança de que gozavam, como acontece com Castro – apesar do aviso onipresente na revista de que os textos publicados teriam sido especialmente solicitados aos autores¹³⁹. Aub e Castro são escritores que assumem a disposição para colaborar como cônsules, havendo ou não uma solicitação

¹³⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 168. Carta a Cela, 21 de julho de 1957.

¹³⁸ Ibid., p. 168. Carta a Castro, 23 de julho de 1957.

¹³⁹ Do primeiro ao último número, se pode encontrar nas páginas finais a seguinte informação: “Todos los textos aparecidos en PAPELES DE SON ARMADANS son inéditos, en la lengua –o al menos en la versión– en que los publicamos, salvo que lleven expresa indicación en contrario, y han sido especialmente solicitados de sus autores, traductores o comentaristas”.

formalizada na correspondência. Em resposta a duas cartas de Cela, enviadas em dias seguidos, em que, na primeira, existe a despedida com a referência consular – “reciba el respetuoso y fuerte abrazo de siempre de su cónsul y devoto amigo” – e, na segunda, uma ação protetora, ou consular, ao sugerir a Castro que não aceitasse o convite para participar de um evento que poderia resultar em confronto com seus inimigos históricos, Castro finaliza sua carta assim: “Un gran abrazo de este su amigo, dispuesto a servir de ‘cónsul’ también y deseoso de tener materia sobre que actuar”¹⁴⁰.

Quando se trata de Max Aub, o convite para a intervenção consular partiu de Cela que pede sua ajuda para convencer León Felipe a escrever poemas para serem publicados no número de homenagem a Vicente Aleixandre e Dámaso Alonso: “Haz un poco el papel de cónsul de la revista en esa latitud”¹⁴¹. A resposta positiva é imediata e Cela a recebe na carta posterior de Aub:

O.K. Acepto el consulado, completamente de acuerdo contigo. Tu mandas, dime qué quieres. Estás en relación con Emilio, con Luis, con Manolo. Ahora tendrás los versos que quieres, de León. ¿Te interesan los mexicanos? Los buenos, Octavio Paz por ejemplo.¹⁴²

Ao menos uma vez, cogitou-se pedir objetivamente a intervenção da diplomacia espanhola no México para fazer chegar a Cela um objeto artístico. Trata-se do quadro que teria sido pintado por Josep Torres Campalans, personagem criado por Aub que elaborou e divulgou sua biografia e trabalhos artísticos, de modo a conseguir organizar exposições das

¹⁴⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 223. Carta a Cela, 28 de maio de 1958.

¹⁴¹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 11. Carta a Aub, 22 de junho de 1958.

¹⁴² Ibid., Carta 12. Carta a Cela, 1 de julho de 1958. Nas palavras de Aub, está a sugestão para que se amplie o espaço dado pela revista aos escritores hispano-americanos. Castro é outro correspondente atento a essa questão. Em carta de 12 de maio de 1958, recomenda a Cela: “Miguel Enguídanos, colega y estimadísimo amigo, ha escrito estas excelentes páginas sobre el sentido de la obra de Borges [“Imaginación y evasión en los cuentos de Jorge Luis Borges”]. Iba a mandarlas a la *Nueva Revista de Filología Española*, y me he interpuesto... Creo que se publican pocas cosas sobre Hispanoamérica en los *Papeles*, y que lo de Enguídanos nos vendría al pelo –salvo su superior parecer y juicio como patrón de la nave Armadánica”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 220.

obras (quadros e desenhos) nos Estados Unidos (1962) e no México (1958). Um capítulo do romance sobre esse personagem já havia sido publicado precisamente em PSA¹⁴³. A sequência do diálogo epistolar sobre o envio do quadro mostra o cuidado dos dois escritores em estabelecer um parâmetro de atenção mínima com as diferenças políticas. Aub comenta sobre problemas para fazê-lo chegar a Cela: El cuadro es una lata mandarlo. Lo mejor y lo más sencillo sería que alguien de la “Iberia” te lo llevase. ¿No conoces a nadie de esa benemérita línea?”¹⁴⁴.

Cela encontra a seguinte saída:

Voy a ver si consigo traerme el cuadro de Josep Torres Campalans (q.D.h.) por vía diplomática, como corresponde a su misterioso paso por este valle de lágrimas. Imagínate la ilusión que pongo en su raro último viaje y, si te lo piden por el conducto que te indico, suéltalo aunque se te desgarre el corazón.¹⁴⁵

Conta Aub sobre o desenlace do envio e nos dá mais detalhes sobre o quadro:

¡Por fin salió el cuadro! Se lo entregué personalmente al representante oficioso del gobierno del general Franco, anteayer. Parece que se lo lleva un señor Antonio Maraver, que se va con todo y sus muebles a España. Ya me dirás cuando llegue a tus manos, lo que te parezca. Es uno de los cuadros “recontrados” que figuró en la exposición de Nueva York. A ver si te saco una copia del catálogo.¹⁴⁶

Ao que se percebe do diálogo epistolar, as duas matérias que os interlocutores de Cela mais prezavam como consulares são: serem publicados na Espanha e voltarem ao país. Essa volta poderia dar-se em termos físicos ou metaforicamente, seja através da própria publicação, seja através das recordações individuais ou coletivas que compartilhavam pela experiência cotidiana ou pela experiência cultural comum. À primeira matéria, dedicamos os próximos tópicos deste capítulo, enquanto a segunda matéria está

¹⁴³ As cartas 8 e 9 dos arquivos da Fundación Max Aub contam a história do envio dos textos e da publicação deles em PSA.

¹⁴⁴ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 50. Carta a Cela, 19 de março de 1963.

¹⁴⁵ Ibid., Carta 51. Carta a Aub, 28 de março de 1963.

¹⁴⁶ Ibid., Carta 52. Carta a Cela, 2 de dezembro de 1963.

desenvolvida entre este capítulo e o próximo, em que nos detemos sobre a configuração do discurso da amizade.

3.2 Movimentos de (auto)censura

Publicar na Espanha governada por Franco requeria considerar o enfrentamento com a censura. Ao examinar esse tema nas cartas, identificamos um dos aspectos fundamentais para entender a construção de redes de sociabilidade entre os escritores da península e do exílio com o objetivo de renovarem, na medida do possível, o cenário cultural espanhol. Entendemos também como se estabelece e desenvolve a relação de confiança entre Cela e Alberti, Aub, Castro ou Prados. Sendo assim, torna-se necessário aprofundar o estudo, recuperando os debates e, se possível, as ações que permitiram que os textos passassem pelo controle da censura institucionalizada, apesar do pouco espaço que Cela dá às etapas de sua negociação com as esferas oficiais. Ação curiosa para salvar um texto da censura é narrada não por Cela, e sim por seu filho, Camilo José Cela Conde. Trata-se da história da publicação por meio de PSA do livro escrito por Cela e ilustrado por Picasso, *Gavilla de fábulas sin amor*, considerado por Alberti como admirável¹⁴⁷. De acordo com Cela Conde:

[Cela] Se fue hasta El Escorial a ver a Saturnino Alvarez Turienzo, un sacerdote y teólogo de gran prestigio, llevándole el libro para que emitiera su capacitada opinión. Fue favorable. Alvarez Turienzo no encontró en él nada que fuera de especial gravedad para la Iglesia Católica, ni para la salvación de sus fieles [...]. Con el *nihil obstat* de un hombre de la Iglesia como Alvarez Turienzo, la censura, aunque a regañadientes, no tuvo más remedio que dejar pasar el libro. [...] Una vez impreso el libro, el ministro Arias Salgado montó en cólera. Se confirmaron todos los malos augurios, todas las sospechas. Los textos eran blasfemos, dijeran lo que dijeren los teólogos. Y había que añadir los dibujos, claramente pornográficos en la opinión de

¹⁴⁷ Diz Alberti, escrevendo desde seu exílio em Roma: “¡Qué estupendo su libro [*Gavilla de fábulas sin amor*] con los colores de Picasso! Gran suerte la suya. Yo quise siempre tener alguna obra mía ilustrada por él. Pero desde Buenos Aires no era posible. A comienzos de otoño iré a verlo. Ahora no estoy tan lejos como antes”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 119-120. Carta a Cela, 28 de junho de 1964.

tan notable autoridad en materia de escándalos. Así que se cernió sobre el libro la orden de prohibición y la amenaza del secuestro.¹⁴⁸

Alberti conhece o livro de Cela e Picasso porque, conforme complementa Cela Conde, poucos meses depois da ordem de proibição, aconteceu a reforma de gabinete por meio da qual se destituiu Gabriel Arias Salgado e se nomeou Manuel Fraga Iribarne como ministro da pasta de Informação e Turismo. Fraga Iribarne revogou o veto que pesava sobre as obras *La colmena* e *Gavilla de fábulas sin amor*.

Nas cartas, destaca-se o papel de Cela como editor comprometido com seu grupo de artistas editados. Talvez por isso, por um lado, naturalize as gestões para salvar um texto integralmente e prefira deter-se em tranquilizar seus interlocutores; por outro, à medida que vai encontrando abertura na política do Estado para a censura, preocupa-se menos com as orientações preventivas e mais em estimular os escritores a produzirem obras, cuja única medida de controle fosse dada pela qualidade artística – textos, obras de artes plásticas, como as ilustrações e linoleogravuras preparadas por Alberti, e outros – para que as desse a conhecer por meio de PSA ou de outra instituição cultural sob sua responsabilidade.

Nesse sentido, é esclarecedor o diálogo que tem com Alberti sobre a censura ao pedir texto para ser publicado pela editora Alfaguara, fundada em 1964 pelo construtor Jesús Huarte e dirigida por Camilo José Cela e seus irmãos Juan Carlos Cela Trulock e Jorge Cela Trulock. O poeta esclarece que está escrevendo alguns textos sobre Roma e acrescenta: “Ahí, en España, funciona la censura y en esos poemas romanos no me muerdo la lengua. Si una vez terminado se lo propusiera a usted, ya sé que tendría que mutilarlo y eso le quitaría toda su gracia y realidad”¹⁴⁹. A resposta de Cela valoriza seu conhecimento sobre a censura ao insinuar que existe uma maneira “oportuna e inteligente” para sobrepujá-la, ainda que não indique qual é:

¹⁴⁸ CELA CONDE, Camilo José. *Cela, mi padre*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1989, p. 138-139.

¹⁴⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 121. Carta a Cela, 11 de julho de 1965.

Mil gracias por ese posible –y futuro– libro inédito romano. Es cierto que en España hay censura pero no lo es menos que, con una lidia oportuna e inteligente, puede ser derrotada. En todo supuesto pienso que la batalla debe plantearse y, en su caso, usando la artillería gruesa. Con el no ya estamos, y el sí, a veces, se produce.¹⁵⁰

Aproximadamente uma década antes, caracterizava seu trabalho com a censura de maneira similar a Américo Castro. Quando se convence de que valia a pena publicar em PSA, Castro envia duas colaborações no ano de 1957 e se compromete a enviar outra, se as primeiras fossem publicadas, acreditando que o maior empecilho estava na história associada ao seu nome e não nas ideias específicas contidas nas colaborações. Desabafa:

Espero con más curiosidad que otra cosa la decisión respecto de los textos ahí copiados. Dudo que los dejen, pero valía la pena probar. [...] Está bien hacer la prueba con esos dos fragmentos en sus *Papeles*, porque si pasan, es decir si el nombre es pasable, entonces intentaremos lo de *La Celestina*, si tengo tiempo y estoy en forma.¹⁵¹

Na resposta de Cela à preocupação de Castro, existem mostras de algumas de suas estratégias de intervenção – ampliando-se a já citada sobre sua obra em parceria com Picasso, ou seja, a de pedir a aprovação de uma figura de relevo, naquele caso, religiosa – para apresentar os textos separadamente, além de justificar seus êxitos como editor de escritores pouco apreciados pelo regime com base em um exercício de paciência. Outro ponto que aborda é o da definição de um modelo de sustentação desses nomes na revista graças aos seus próprios editoriais, apesar do risco que corria de ser ele próprio censurado:

Le tendré puntualmente informado de la suerte de sus dos artículos. Para no alarmar, no envió –en esta ocasión– sino uno: el de “[Santiago y] los Dioscuros”. Para este número he escrito un editorial que título “El viejo profesor”; en él no le cito pero sí, claro es, le aludo desde el principio hasta el fin. Veremos también si navega con vientos propicios. Ojalá todo marche y usted –“con tiempo y en forma”– me escriba sobre *La Celestina*. Soy paciente y cabezón –dos virtudes quizás de precario pero

¹⁵⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 121. Carta a Alberti, 17 de julho de 1965.

¹⁵¹ Ibid., p. 170-171. Carta a Cela, 16 de agosto de 1957.

que suelen faltar a los españoles— y no suelo entregarme con facilidad. Lo digo a cuenta de la lidia de sus papeles con nuestra siempre benemérita y tutelar censura.¹⁵²

Outro motivo de importância do tema da censura está em trazer à luz informações encontradas na esfera íntima da troca epistolar sobre a perseguição à produção cultural escrita – que, por sinal, atravessou todo o período de ditadura franquista – que poderia incidir sobre o livro sob a forma de repressão ao material em circulação para sua desapareição definitiva ou temporária ou sob a forma de censura ao texto a ser editado e divulgado. Decorrem daí duas consequências principais: a de impedir o retorno do texto reprimido ou, ainda, a de instalar um tipo específico de texto autorizado, criando um vazio cultural para que o discurso do Estado pudesse se instalar e preenchê-lo, conforme explica José Andrés de Blas¹⁵³. Um caso ilustrativo de perseguição em diferentes etapas pode ser encontrado na história do livro de Cela, *La familia de Pascual Duarte*. Apesar de ter sido autorizado pela censura e publicado em 1942, o livro foi retirado das livrarias em 1943, em sua segunda edição, e permaneceu proibido por dois ou três anos, de acordo com as informações do próprio autor¹⁵⁴.

Para estabelecer a diferença entre definições inter-relacionadas (isto é, entre repressão e censura), Andrés de Blas apoia-se nos estudos pioneiros de Manuel Abellán, discutindo alguns conceitos, dando-lhes nova leitura ou alinhando-os para torná-los operacionais¹⁵⁵. Embora estejamos considerando conceitos articulados com base no estudo da perseguição ao livro e à produção literária, pensamos que, dada a funcionalidade deles, por alguns motivos podemos estendê-los às questões abordadas nas cartas relativas aos

¹⁵² CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 171-172. Carta a Castro, 19 de agosto de 1957.

¹⁵³ ANDRÉS DE BLAS, José. La censura de libros durante la Guerra Civil Española. In: RUIZ BAUTISTA, Eduardo (Coord.). *Tiempo de censura. La represión editorial durante el franquismo*. Gijón: Ediciones Trea, 2008, p. 19-20.

¹⁵⁴ Comentamos as dificuldades que Cela encontrou para publicar *La familia de Pascual Duarte* e *La colmena* no capítulo anterior, no subcapítulo “Remetente: Camilo José Cela”, mais precisamente nas páginas 57 e 58.

¹⁵⁵ O diálogo com a obra de Manuel L. Abellán pode ser encontrado principalmente em: ANDRÉS DE BLAS, José. El libro y la censura durante el franquismo: Un estado de la cuestión y otras consideraciones. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid, n. 12, p. 281-301, 1999.

textos literários ou críticos, mesmo quando está em primeiro plano sua publicação na revista PSA.

O primeiro desses motivos considera que tanto os livros quanto as revistas e outros periódicos eram regidos pelos mesmos parâmetros de vigilância de censura prévia e/ou definitiva. O segundo, refere-se ao fato de a execução do projeto de PSA ter-se ampliado conforme certas especificidades ao longo de sua existência, alcançando a publicação de livros em diferentes coleções. A título de exemplo, as 50 separatas numeradas dos artigos publicados apresentadas ao autor poderiam ser editadas em maior número em situações especiais. Uma delas surgiu a pedido de Américo Castro que, como uma espécie de comemoração por publicar na Espanha depois de 20 anos de ausência, encomendou a edição de 1000 separatas de sua primeira colaboração na revista: “Si, en contra de lo que espero, permitieran lo de ‘los Dioscuros’, tendría que hacer mil sobretiros a mi costa, naturalmente”¹⁵⁶. No começo da década de 70, a revista publicou *Pequeña y vieja historia marroquí*, de Max Aub, por meio da coleção Azanca, dedicada ao ensaio e à narrativa, como aparece no anúncio do projeto feito por Camilo José Cela Conde. Merece destaque o bom humor com que “Camilo José Cela, hijo” – como assina a carta – lembra a fragilidade e a instabilidade do projeto, apesar da perspectiva de reunir material de qualidade, por depender do beneplácito de instituições que estavam fora do controle dos criadores – “hasta que nos la cierren”:

Mi padre me anima a escribirle para proponerle una idea que hace tiempo nos ronda por la cabeza.

Se trata de reunir las diversas colaboraciones con las que usted nos ha honrado desde hace tanto tiempo en un tomo y publicarlas en una nueva colección que va a nacer un día de estos.

La colección, bajo el pie editorial de Papeles, va a editar sólo cosas muy buenas, hasta que nos la cierren, con ensayo y narración de autores como Gustavo

¹⁵⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 174. Carta a Cela, 4 de agosto de 1957.

Bueno, William Burroughs, Hemingway, Ernst Fisher, Jonh Updike, Allen Ginsberg y otros de línea parecida.¹⁵⁷

Retomando as considerações de Andrés de Blas, encontramos ainda que a delimitação dos conceitos permite compreender os desdobramentos da censura que, a partir de seu lugar institucionalizado e respaldado por ações administrativas, projetava seu discurso em outros agentes sociais. Próprios de seus desdobramentos são a autocensura e “outras censuras” – que o autor considera como “censura social” ou “segunda censura” – bem como os efeitos que alcançam o leitor¹⁵⁸. Tais efeitos não são suficientemente discutidos ao longo do *corpus* para que possamos tecer considerações, enquanto os outros desdobramentos aparecem com mais ou menos evidência de acordo com cada conjunto de cartas, exceto no de Prados – Cela, cujo tema prescinde de relevância.

Além da censura institucional e da autocensura, entendendo-a como as providências adotadas pelo autor para antecipar-se à exclusão de seu texto de certo espaço editorial, às possíveis supressões ou às alterações censórias administrativas, identificamos nas cartas referências a três outras censuras. A primeira, volta-se para certa característica do mercado editorial que, respondendo também às imposições da censura institucional, deveria publicar alguns textos em edições de luxo ou em pequenas tiradas. A segunda está relacionada com o comportamento da crítica cultural, cujo trabalho sofria a influência de certos grupos de pressão relacionados com a ideologia do Estado. A terceira, diz respeito ao papel do editor ao realizar a seleção de textos e propor modificações prévias à sua apresentação oficial para aumentar as chances de publicação, levando-o a atuar, se não como um censor extraoficial, ao menos como um especialista em estratégias censórias, afinal, dada a submissão da imprensa e das editoras à política de Estado, supunha-se:

¹⁵⁷ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 14, Carta 1. Carta a Aub, 15 de fevereiro de 1970. Apesar de a data constar na missiva, é provável que o ano esteja errado e o correto seja 1971.

¹⁵⁸ ANDRÉS DE BLAS, José. El libro y la censura durante el franquismo: Un estado de la cuestión y otras consideraciones. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid, n. 12, p. 281-301, 1999.

que el editor –que es normalmente quien realiza los trámites de presentación de la obra a la censura– realizase una censura previa a la oficial y que tuviese buen cuidado de no presentar ningún texto que levantase las sospechas del censor.¹⁵⁹

Tentaremos seguir o rastro de quatro das modalidades de censura neste tópico, não necessariamente na sequência apresentada no parágrafo acima, já que são modalidades suficientemente autoexplicativas. Entretanto, discutiremos a modalidade que se verifica por meio da atuação da crítica cultural no tópico seguinte porque esta colabora para a restrição da circulação ou para o silenciamento das obras que os exilados conseguiam publicar na Espanha – dado que é uma opção enfrentar-se ou não com um texto ou com um autor –, assim como dificulta a legitimação de ideias. Castro é o autor que sinaliza essa outra censura em suas cartas, principalmente a partir da década de 60.

Começamos pelo único fracasso editorial de Cela, nos limites do nosso *corpus*, que foi o de não publicar o texto de Max Aub *Homenaje a los que nos han seguido*. Na carta em que informa a derrota, Cela, em uma das poucas vezes, estende-se no lamento sobre as dificuldades que encontra ao realizar seu trabalho e pede que Aub o facilite, enviando texto menos comprometedor. A dose de humor negro se completa com o pedido de que seja um conto desapaixonado que seria usado com o fim prático de escapar à censura:

Gracias por tu generoso Homenaje a los que nos han seguido, que –como me temía– se ahogó íntegramente en las “procelosas ondas” de la censura. A veces, quienes andáis por ahí, os olvidáis de lo difícil (o, al menos, de lo incómodo y embarazoso) que resulta andar por aquí [...].

Mándame un cuento “aséptico”. Quiero vencer la resistencia a tu nombre por parte de quienes pueden vetarlo. Ayúdame y no tomes actitudes románticas e ineficazmente juveniles. Te lo digo desde mi vejez de 45 años. Créeme y, si hace el caso, perdóname.¹⁶⁰

¹⁵⁹ ANDRÉS DE BLAS, José. El libro y la censura durante el franquismo: Un estado de la cuestión y otras consideraciones. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid, n. 12, 1999, p. 290.

¹⁶⁰ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 37. Carta a Aub, 13 de abril de 1962.

A resistência sobre a qual comenta não é apenas com relação aos textos, e sim à presença de Aub na Espanha, cuja autorização para entrar no país foi sistematicamente solicitada desde 1953 e, igualmente, sistematicamente negada, até que consegue visitá-lo em 1969 com um visto de turista. Em uma das cartas a Cela, em que alude ao assunto, Aub dá mostra do seu desejo de voltar, tomado pela desesperança: “¿Me dejarán ir este año a Formentor? Supongo que tampoco. Y con las ganas que tengo...”¹⁶¹.

A reclamação de Cela a Aub quanto ao trabalho com a censura contrasta com a proclamada confiança em seus méritos e habilidades. Por exemplo, quando o escritor exilado, cumprindo o seu papel como cônsul ao convencer León Felipe a enviar poemas para PSA, cogita do risco de que o material seja interditado pela censura – “Ojalá no tengas dificultades con el Santo Sínodo”¹⁶² – recebe a seguinte resposta otimista e até presunçosa: “Al Santo Sínodo me lo paso por el forro de las pelotas, también llamado escroto”¹⁶³.

A carta que inclui o comentário de Aub sobre sua *Homenaje* censurada dá notícias também sobre a morte de Emilio Prados, apenas um dia depois de ter ocorrido¹⁶⁴. Talvez pela dupla perda – a imposta pela censura e a imposta pela morte –, o parágrafo final esteja imbuído do pessimismo causado pelo luto, que se dissemina e se reflete no lamento pelo risco de escrever à margem e pela ameaça de ser esquecido como autor por produzir textos que não encontrariam espaço no presente ou futuro – a ênfase está indicada na gradação dos marcadores espaciais “ahí” e “ningún sitio”. Escreve Aub:

Gracias por tu carta del 13. Te mandaré un cuento “aséptico”. Y cree que nunca he “tomado actitudes”, escribo lo que me sale, sin pensarlo mucho. Ahí queda eso. Lo malo, que no sirve, hoy para ahí. Y luego el tiempo pasa tan aprisa que ya no sirve para ningún sitio ni para nada.¹⁶⁵

¹⁶¹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 31. Carta a Cela, 19 de janeiro de 1961.

¹⁶² Ibid., Carta 14. Carta a Cela, 09 de julho de 1958.

¹⁶³ Ibid., Carta 16. Carta a Aub, 20 de julho de 1958.

¹⁶⁴ Ver Anexo C deste trabalho.

¹⁶⁵ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 39. Carta a Cela, 25 de abril de 1962.

Javier Sánchez Zapatero avança na análise sobre o pesar de Aub pela morte de Prados, situando-o para além da relação de amizade específica entre os dois e estabelecendo-o no contexto de resistência republicana que permanecia ativa, apesar do tempo que levava no exílio:

una de las constantes de la vida de Aub en el exilio fue la frustrante decepción con la que fue acogiendo todos y cada uno de los fallecimientos de los amigos y compañeros de profesión exiliados. Además de por el lógico sentimiento de desolación inherente a toda muerte de un ser querido, su reacción parecía estar provocada por el hecho de que, a medida que iban muriendo, se hacía más patente la imposibilidad de volver a disfrutar con ellos de una vida de convivencia pacífica en España. Asimismo, con su pérdida se incrementaba la dificultad de la tarea autoimpuesta por los exiliados de mantener con vida el proyecto republicano y de mostrar una versión histórica contraria a la ofrecida por Franco. Si morir es siempre abrir la puerta al olvido, mucho más lo es morir en el exilio, que es ya una forma de olvido.¹⁶⁶

No entanto, o abatimento de Aub não o impede de concluir que é mais útil para os seus propósitos enviar um conto que pudesse garantir a circulação de seu nome por meio de publicações em PSA. Ao discorrer sobre seu procedimento criativo, mostra a perfeita identificação entre temas e escritor. Por fim, resolveu o risco de que o texto não encontrasse o seu lugar, publicando-o no número de novembro do mesmo ano da *Revista de la Universidad de México*.

A análise de *Homenaje a los que nos han seguido* esclarece tanto o agradecimento de Cela no fragmento citado quanto o motivo de a censura institucional tê-lo proibido. Nele, Aub traça uma linha de continuidade literária em que os valores da cultura republicana, da qual é um dos representantes, podem ser identificados como herança de certo grupo de

¹⁶⁶ SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. *Un epistolario contra el olvido: Max Aub en contacto con la España del interior*. Salamanca, 2010, p. 10. Mimeografado. A versão publicada, que não conseguimos durante a elaboração da tese, tem a seguinte referência bibliográfica: SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. *Un epistolario contra el olvido: Max Aub en contacto con la España del interior*. In: ACILLONA LÓPEZ, Mercedes (Coord.). *Sujeto exílico: epistolarios y diarios: exilio en primera persona*. San Sebastián: Universidad de Deusto / Hamaika Bide Elkartea, 2010. p. 105-122.

escritores da península, como é o caso dos nomes que cita, incluindo o de Cela¹⁶⁷. Para eles, fazia a homenagem informada no título do artigo. No último parágrafo, considera o peso da censura sobre o trabalho dos escritores da península, embora entenda que nem mesmo ela é capaz de anular tal herança:

Casi todos -¿ por qué no todos?- los jóvenes poetas, novelistas, ensayistas españoles que valen están con lo que mal defendimos. Consuelo evidente pero consuelo sólo. Vistos desde tan lejos ¡qué ternura, qué amor, qué confianza, qué estima, qué querencia, qué cinco sentidos puestos en ellos! [...]

Quisieron arrancarnos de cuajo de España, sin lograrlo. Allí más vivos que nunca, Antonio Machado, Federico García Lorca, Miguel Hernández y los vivos que no nombro, en la sangre de los nuevos.

¿Cuántas veces me vi y veo en Aleixandre, en Dámaso, en Cela, en Otero, en los más jóvenes, cuando más jóvenes mejor, porque cada vez veo y nos y los veo más adelante? Lo poco que hacemos, para ellos. Aunque no podamos nada, para ellos. Lo que hicimos ¿si no para ellos, para quién?

Lo prodigioso: que no sólo no nos defraudaron sino que nos dan lo más que se puede pedir cuando nos vamos quedando solos –y que se solía perder, según dicen, en tiempos pasado–: esperanza. [...]

Con la censura auestas recorren largos caminos. Si tropiezan vuelven a la carga, con la carga en los hombros, como lo que son, antes que nada, hombres. Gracias a ellos, si no hemos de volver a pisar nuestra tierra, nos queda para siempre el consuelo de no haber vivido en vano.¹⁶⁸

A leitura desse fragmento de *Homenaje* e do fragmento da carta de Aub citado anteriormente leva-nos a problematizar sua afirmação de que “nunca he ‘tomado actitudes’” ao enviar o texto a Cela. Algo possível de acontecer, afinal era um intelectual experiente em várias áreas da produção cultural – escritor, tradutor, crítico de teatro, roteirista de cinema,

¹⁶⁷ Javier Quiñones amplia essas considerações, afirmando que *Homenaje* “se convierte así en una reivindicación de lo que podríamos llamar la cultura republicana o en sentido más amplio, la cultura de los años veinte y treinta que quedó truncada al final de la guerra civil en 1939”. QUIÑONES, Javier. “Homenaje a los que nos han seguido”: Max Aub en *Papeles de Son Armadans*. AZNAR SOLER, Manuel (ed.). *Escritores, editores y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006, p. 285-297.

¹⁶⁸ AUB, Homenaje a los que nos han seguido. *Revista de la Universidad de México*, México D.F., n. 3, noviembre (1962), p. 17. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/8094/9332>. Acesso em: 08 nov. 2014.

entre outras áreas – e estava acostumado a experimentar e a provocar com as suas ideias e produções. O próprio Cela havia sido provocado por Aub. Em carta do ano de 1959, Aub propõe que o escritor galego preparasse o que fosse necessário para que uma escritora que não existia ganhasse o prêmio Nadal ou outro prêmio literário importante¹⁶⁹. A escritora inventada remete-nos à mesma natureza de criação do personagem-pintor Jusep Torres Campalans. Cela rejeita a proposta de Aub, delimitando os contornos de sua relação profissional com o interlocutor, de seu lugar como editor e de seu projeto editorial:

No tengo en mi mano dar el Nadal ni ningún otro premio. Vivo, creo que por fortuna para mí, muy alejado de ese turbio mundo y tampoco tengo, esa es la verdad, ningún deseo de entrar en él. Te digo a cuenta de lo que me propones, que es gracioso, sin duda, pero para mí no viable. Mercedes Raventós suena muy a Premio Nadal. Si llegas a presentarte con ese nombre, cuenta con mi más absoluta discreción. Ahora bien: Si llegas a hacerlo, no convendría que diésemos en ‘Papeles’ ningún nuevo capítulo.¹⁷⁰

Ao problematizar a afirmação de Aub sobre a ausência de intenção provocativa ao enviar *Homenaje* – provocação que poderia envolver a habilidade e poder do editor ou a atenção da censura institucional ao texto –, longe de perseguir o que poderia haver de verdade ou mentira no comentário, interessa-nos destacar que a configuração da subjetividade na carta não se constrói de maneira restrita e como única expressão daquele que escreve. O diálogo epistolar está atravessado pelos interesses que motivam a participação de cada interlocutor, assim como acontece na vida social, sendo, portanto, um espaço que permite a encenação de papéis que constroem a empatia com o outro, como explica Marcos Antonio de Moraes ao analisar a correspondência de Mário de Andrade:

A carta pressupõe dois componentes determinantes: o “diálogo” e a “*mise-en-scène*”. Se o diálogo confere a cumplicidade sugerida por Mário, a encenação direciona a

¹⁶⁹ A carta que contém essa proposta foi escrita durante uma viagem de Aub ao Reino Unido, segundo o cabeçalho – The Old Rectory, Edmondthorpe, Melton Mowbray –, e só encontramos a versão manuscrita que está na Fundación Pública Gallega Camilo José Cela. Carta a Cela, 1 de janeiro de 1959.

¹⁷⁰ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 18. Carta a Aub, 23 de janeiro de 1959.

escrita, pois o missivista, consciente ou inconscientemente, passa a atuar em face dos diversos destinatários, modificando-se com a intimidade ou se afirmando no discurso desejado.¹⁷¹

Aub dá mostra de transigência ao aceitar escrever o conto asséptico, assim, como deu mostras de transigência antes, autocensurando-se, ao enviar o primeiro texto para PSA. Na Fundación Max Aub, encontramos duas cartas elaboradas em dias seguidos, 28 e 29 de outubro de 1957, que anunciam o envio de obras diferentes, sendo que a escolha final foi pelo texto que representava o menor risco de ser barrado pela censura institucional¹⁷². As mudanças de conteúdo observadas nas cartas acompanham esse movimento. Na primeira – a que não foi enviada, de acordo com os documentos arquivados na Fundación Pública Gallega Camilo José Cela – encontra-se a medida de seu temor de não conseguir a publicação (“Temo mucho”):

Las cosas que pasan: creí tener cien textos –por lo menos tres o cuatro cuentos– para sus “Papeles”. Y resulta que, por una causa o por otra, no sirven. Le incluyo “El prurito”. Temo mucho que no lo pueda publicar. Ojalá me equivoque.

Si no le sirve, dígamelo enseguida y le mandaré algún capítulo inofensivo de cualquiera de las dos novelas próximas.¹⁷³

Por sua vez, na segunda carta, a que efetivamente chegou ao destinatário, Aub se preocupa mais com o gosto e as expectativas do editor do que com a censura oficial:

Las cosas que pasan: creí tener, por lo menos, tres o cuarto cuentos para sus “Papeles”. Resulta que por una causa o por otra, no sirven.

Le incluyo un trozo de “Las oposiciones”. Ojalá le guste.¹⁷⁴

Cela levou alguns anos, e publicou cinco textos de Aub em PSA¹⁷⁵, para sugerir o envio de material passível de aprovação pela censura. Quando se trata de Américo Castro,

¹⁷¹ MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp / IEB-USP, 2001, p. 20.

¹⁷² As imagens digitalizadas das cartas podem ser encontradas nos Anexos D e E desta tese.

¹⁷³ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 2. Carta a Aub, 28 de outubro de 1957.

¹⁷⁴ Ibid., Carta 3. Carta a Aub, 29 de outubro de 1957.

essa sugestão acompanhou o primeiro convite de colaboração¹⁷⁶. Cela justifica com argumentos históricos – o da ditadura sob a forma da expressão “por razones obvias” – seu zelo castrador, embora se contradiga ao expressar sua receptividade às colaborações de Castro – “Todo cabe en *Papeles* siendo suyo”. Se o tom cuidadoso de seu discurso poderia também estar marcado por certa insegurança que é comum ao início de qualquer grande projeto, a contradição se amplia ao solicitar a um ensaísta envolvido em polêmicas antigas que escreva um texto incontestado que, por sinal, associa a científico. A resposta é dada com as seguintes palavras:

Le agradezco muy de veras su cordial invitación, pero... me tracé hace años una línea de conducta, a costa de desgarros y dolores muy punzantes, y la línea sigue ahí, como una cicatriz bien marcada. [...] Ahora bien, a mi edad, ¡71!, hay que estar en donde se está. No acepto, ni colaboro con mi presencia a nada que huela a “comprensión”. De ahí mi horror por cuanto hay tras la famosa cortinita.¹⁷⁷

Na mesma carta, no parágrafo seguinte, Castro dá um exemplo da ação censória institucional à sua produção que o leva ao ceticismo da resposta acima, no entanto, da mesma forma que Cela, dá sinal de receptividade, ao demonstrar seu desejo de publicar no país e ao buscar signos de tolerância, que crescerá conforme receba e aprove os primeiros números de PSA. Em outras palavras, quando passe a confiar nos êxitos editoriais de seu interlocutor:

Un grupo de americanos –discípulos, amigos– cometió la imprudencia de querer imprimir un volumen con artículos y ensayos míos, puramente histórico-literarios, sin referencia a nada discutible. Pues bien, han puesto el veto a eso, sin razón ni motivo. Desde hace 20 años no he escrito nada para ser publicado ahí, me

¹⁷⁵ São eles: “Llegada de Victoriano Terraz a Madrid” (PSA, n. 23, 1958), “Jusef Torres Campalans” (PSA, n. 29, 1958), “Prólogo para una edición popular del Quixote” (PSA, n. 47, 1960), “Lo más del teatro español en menos que nada” (PSA, n. 55, 1960), “Una petición de mano” (PSA, n. 65, 1961). O próximo texto será publicado no ano de 1963: “Antología traducida” (PSA, n. 92).

¹⁷⁶ Como vimos no capítulo anterior, o trecho da carta diz: “por razones obvias, preferiría, claro es, que ese texto no fuese polémico sino científico. ¿Querrá usted enviarnos algo? Todo cabe en *Papeles* siendo suyo, y en esta casa usted manda”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 163. Carta a Castro, 24 de maio de 1956.

¹⁷⁷ Ibid., p. 164. Carta a Cela, 1 de junho de 1956.

gustaría poder cambiar esa línea antes de terminar mi vida, pero no veo signos de tolerancia ni de comprensión.¹⁷⁸

Poucos meses depois, na terceira carta do conjunto, é Castro quem volta a falar sobre colaboração para *Papeles*, ao enviar uma carta manuscrita – que, pelos poucos temas tratados e caráter resumido, mais parece um bilhete – da qual podemos inferir um pedido para que o convite para escrever em PSA permaneça ativo: “Su revista me agrada mucho, y confío en que alguna vez las circunstancias me permitan enviarle una colaboración en lugar de un cheque”¹⁷⁹. De fato, não demorou para que a primeira colaboração fosse enviada, embora só tenha se realizado após uma visita de Castro a Cela em Maiorca, quando esteve na Espanha por motivo de saúde de sua mulher. Com frequência, desconfia de que as suas colaborações serão alteradas ou vetadas pela censura, da mesma forma que acontecera com o projeto de seus discípulos e amigos.

Vejamos as primeiras referências a esse desânimo de Castro ou à expectativa negativa quando se trata de submeter sua produção aos órgãos censores. Em carta de 25 de Julio de 1957 registra: “Si estoy con ganas de escribir, me gustaría intentar hacer algo sobre *La Celestina*, con destino a su revista, si logro hacer lo que deseo y si luego dejan publicarlo”¹⁸⁰. Naquele momento, não consegue escrever sobre *La Celestina*, porém, durante a visita a Cela, disponibiliza duas colaborações para PSA. Enquanto espera a anuência da censura, Castro indica-nos uma estratégia oficial corrente de impedir a circulação de obras permitidas, como é o caso da limitação de divisas para a importação de livros. Encontramos na seguinte carta a Cela:

Si, en contra de lo que espero, permitieran lo de “los Dioscuros”, tendría que hacer mil sobretiros a *mi costa*, naturalmente. [...] Aunque la [La] *Realidad histórica*

¹⁷⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 164. Carta a Cela, 1 de junho de 1956.

¹⁷⁹ Ibid., p. 165. Carta a Cela, 6 de novembro de 1956.

¹⁸⁰ Ibid., p. 169. Carta a Cela, 25 de julho de 1957. Além de certo desânimo de Castro pela possível atuação da censura, preocupava-o o acúmulo de desafios prosaicos que condicionavam a atividade de escrever, como a idade e o trabalho.

[de España] fue permitida, como no dejan divisas a los libreros para importarla, pues el resultado es como si estuviera prohibida.¹⁸¹

Os textos enviados são *Santiago y los Dioscuros* e *La orientalidad de los musulmanes de Al-Andalus*, aprovados em sua integridade e publicados, respectivamente, nos número da revista de setembro e outubro de 1957. Cela aceita imprimir as 1000 separatas do texto, de acordo com o pedido de Castro, além das 50 distribuídas gratuitas como retribuição ao colaborador. No entanto, como o número de separatas pede autorização dos órgãos censores, parece mais adequado a Cela, em seu papel de editor, valer-se de certa manobra para evitar problemas, como a de não numerá-las. Confidencia a Castro:

Según la ley, los sobretiros se entienden no comerciales ni dispuestos para la venta, sino publicados como obsequio a los amigos o recuerdo a los admiradores. Un texto, por breve que fuera, destinado a la venta, requeriría nuevas y muy engorrosas censuras en las que, probablemente, nos iríamos a pique. Se lo digo con toda la cautela y discreción son pocas y pienso que no sería el mejor sistema el de encargar su reparto a ningún librero [...].

Como tampoco creo que nuestros beneméritos amigos de la censura entendiesen por sobretiros una edición de 1.000 ejemplares, creo que lo mejor sería que fuesen sin numerar. A la pregunta de que cuántos se hicieron podremos siempre responder con un vago “muy pocos, cien o ciento veinte...”¹⁸²

Embora não tenhamos encontrado registros de que algum texto de Castro publicado em PSA haja sofrido interferência da censura, podemos resgatar exemplos de experiências negativas que o autor vivenciou em outras revistas ou editoras nas queixas contidas em suas cartas: “en una cosa publicada por *Destino* en Barcelona, la censura, en mi frase ‘la

¹⁸¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 174. Carta a Cela, 25 de agosto de 1957.

¹⁸² Ibid., p. 176. Carta a Castro, 31 de agosto de 1957. A insistência de Castro em distribuir os textos na Espanha leva sua filha e Cela a providenciarem quem pague pela publicação das separatas do primeiro texto, para que não arque com o custo o autor, o que acaba acontecendo por meio da editora Taurus. A mesma editora publicará ainda nessa década *Hacia Cervantes* (1957) e *Origen, ser y existir de los españoles* (1959).

dimensión imperativa de la persona', tacharon *imperativa* (tengo la foto)"¹⁸³. A própria Alfaguara é acusada por Castro de administrar mal sua produção, mutilando-a, ao deixar de publicar sua entrevista, realizada por ocasião do ciclo de conferências organizado por Cela para divulgar a edição própria de *Don Quijote* (1967): "nunca me dijeron por qué no se publicó la entrevista que me hizo un Sr. Montini, en nombre de Alfaguara. ¿Fue detenida por quienes saben y pueden? Si silencio, para qué entrevista; si entrevista, por qué mutismo"¹⁸⁴. Cela o convidara a apresentar uma das comunicações e se propõe a pagar – "en secreto"¹⁸⁵ – por sua participação, mas Castro declina do convite devido à uma forma de conduta pessoal e profissional que zela pela coerência e devido à falta de liberdade de expressão na Espanha. Escreve de Madri:

Presentarme yo ante un público de Madrid después de 31 años de distanciamiento sería un fuerte badajazo, significaría que entro, que me lanzo al ruedo. [...] Ya sabe que no hago política, por ignorar el arte de hacerla; pero para presentarme ante un público, necesitaría poder decir antes unas cuantas cosas imposibles de decir (tan imposibles aquí como en Praga, Berlín oriental o Moscú).¹⁸⁶

Assim como acontece com Américo Castro, Rafael Alberti se preocupa constantemente com a possibilidade de ser censurado pelo histórico de obras mutiladas e o demonstra cada vez que envia uma colaboração. Temos um exemplo quando se trata do corte de poemas em livro a ser lançado pela editora Losada, embora não explique se houve censura institucional ou do editor, que Alberti emprega para generalizar as mutilações em suas obras: "La Editorial Losada publicará a fines de año mis *Poesías Completas* (o casi completas –siempre a mí me hacen mutilaciones–)"¹⁸⁷. Outro exemplo, aproximadamente oito anos depois, ao enviar sonetos para a homenagem a Ramón Valle Inclán, expressa a Cela sua preocupação com os novos poemas: "Los he escrito, como ve, inmediatamente,

¹⁸³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 413. Carta a Cela, 1 de dezembro de 1965.

¹⁸⁴ Ibid., p. 469-470. Carta a Cela, 13 de enero de 1968.

¹⁸⁵ Ibid., p. 459. Carta a Castro, 17 de julho de 1967.

¹⁸⁶ Ibid., p. 459-460. Carta a Cela, 20 de julho de 1967.

¹⁸⁷ Ibid., p. 106. Carta a Cela, 10 de agosto de 1958.

recordando los maravillosos días que pasé con él en Roma hace ahora ¡31 años! Espero que la censura de ese hermoso país donde vive no se fije demasiado en el último soneto”¹⁸⁸. Cela lhe transmite confiança ao responder: “La censura no se fijará en nada y, si lo hace, peor para ella”¹⁸⁹.

Se não encontramos informações sobre mudanças solicitadas pela censura institucional a textos de Alberti publicados sob a responsabilidade de Cela, encontramos alterações sugeridas pelo escritor galego, em sua condição de editor, para adaptar-se às orientações oficiais. Segundo o modelo de Andrés de Blas, estamos diante de um caso de censura social. Em outra situação, Cela procura evitar que Alberti se autocensure. Exemplo do primeiro tipo de situação é a proposta de alteração da ficha biográfica de Alberti:

Me llega su ficha biográfica y me apoyo en su coletilla –“estaba ya hecha”– para hacerle un ruego: que me permita quitar, o pulir, sus alusiones políticas. A ningún puerto nos lleva que la censura se la cargue de la cruz a la fecha. Se trata, querido Alberti, de que su nombre (y tantos otros nombres) tome el aire de España, el confinado aire al que tanto bien puede hacer escuchar su poesía. Le hablo a usted con el corazón en la mano y mi intención, créame, no puede ser más honesta ni, probablemente, más pareja a la suya. Y más claro, el agua.¹⁹⁰

Nessa ficha, Alberti havia organizado os principais acontecimentos de sua vida, praticamente ano por ano, entre 1902 e 1958, evidenciando, no período correspondente, sua participação a favor de grupos de esquerda, fosse por sua atuação política – em 1936, participa ativamente nas campanhas da coalizão de esquerda Frente Popular – fosse por sua produção intelectual: “como secretario de la Alianza de Intelectuales Antifascistas trabaja mucho en la dirección de revistas, grupos teatrales para el frente, ediciones, etc”¹⁹¹.

Exemplo do segundo tipo de situação, em que o editor atua para evitar que o autor se autocensure, é a controvérsia sobre a inclusão do poema “Diálogo entre Venus y Príapo”

¹⁸⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 141. Carta a Cela, 17 de julho de 1966.

¹⁸⁹ Ibid., p. 141. Carta a Alberti, 23 de julio de 1966.

¹⁹⁰ Ibid., p. 107. Carta a Alberti, 19 de agosto de 1958.

¹⁹¹ Ibid., p. 156. Anexo à carta a Cela, 10 de agosto de 1958.

no livro *Poemas de amor*, que Alberti preparava para ser publicado pela recém-nascida Alfaguara. Nesse diálogo, dois mitológicos seres representantes da fertilidade revelam seu amor e desejo mútuos por meio de expressivas imagens eróticas¹⁹². Logo que o lê, Cela festeja o poema e aponta um risco: “Me llegan hoy el ‘Diálogo entre Venus y Príapo’ – cachondísimo, sí, pero no creo que insalvable en la censura”¹⁹³. Vale a pena lembrar que o receio de Cela se sustenta devido aos parâmetros seguidos pela censura institucionalizada para permitir ou proibir uma obra, ou seja, a lista de perguntas que Manuel Abellán considera “un sencillo esquema inquisitorio”. Nos relatórios emitidos, deveria constar se a obra atacava alguns dos valores cultuados pelo Estado, como o regime franquista ou seus colaboradores, o dogma, a moral ou a Igreja¹⁹⁴.

Inicialmente, Alberti decide incluir o poema, logo, repensa e opta por limitar suas ousadias: “He decidido no incluir en el libro el ‘Diálogo de Venus y Príapo’. Haré algún nuevo

¹⁹² Vale a pena citar o início do poema, onde podemos reconhecer algumas dessas imagens. Ver: ALBERTI, Rafael. *Poemas de amor*. Madrid: Alfaguara, 1967, p. 69-71.

“Príapo

...Despierta, sí, cerrada / caverna de coral. Voy por tus breñas, / cabeceante, ciego, perseguido. / Ábrete a mi llamada, / al mismo sueño que en tu gruta sueñas. / Tus rojas furias sueltas me han mordido. / ¿Me escuchas en lo oscuro? / Sediento, he jadeado las colinas / y descendido al valle donde empieza / el caminar más duro, / pues todo, aunque cabellos, son espinas, / montes allí rizados de maleza. / ¿Duermes aún? ¿No sientes / cómo mi flor, brillante y ruborosa / la piel, extensa y alta se desnuda, / y con labios calientes / - coral los tuyos y los míos rosa - / besa la noche de tus labios muda? / ¡Despierta!

Venus

¿Quién me nombra? / ¿quién persigue mis óleos seminales, / quién mi gruta de sombra / y navegar oculto mis canales?

Príapo

Quien solamente puede y se desvela, / levantado por ti de noche y día, / se atiranta en candela / y no se dobla hasta que el mar lo enfría. / ¡Deja que te contemple!

Venus

Que te mire / déjame a mí también. / ¡Siempre eres bello!

Príapo

¡Déjame que en tus selvas te respire!

Venus

¡Qué me despeine en tu robusto cuello!”

¹⁹³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 123. Carta a Alberti, 27 de Julio de 1965.

¹⁹⁴ A lista completa é: “1) ¿Ataca al dogma?, 2) ¿a la moral?, 3) ¿a la Iglesia o a sus ministros?, 4) ¿al régimen y a sus instituciones?, 5) ¿a las personas que colaboran o han colaborado con el régimen?, 6) los pasajes censurables, ¿califican el contenido total de la obra?, y 7) informe y otras observaciones”. ABELLÁN, Manuel L. *Censura y creación literaria en España (1939-1976)*. Barcelona: Ediciones Península, 1980, p. 19.

poema más claro que ese, pero menos *comprometedor*¹⁹⁵. A solução da controvérsia se produz com a intervenção de Cela ao motivá-lo a tentar a inclusão: “Es lástima que no quiera incluir el ‘Diálogo de Venus y Príapo’ pero, en fin, usted es quien tiene la palabra”¹⁹⁶. A pesar de demorar mais do que a paciência de Alberti gostaria, dois anos, o livro é publicado em 1967, sem que constem mutilações segundo os materiais que examinamos, e em duas coleções: a de luxo e com pequena tirada pela “Gallo en la torre” e a para um público mais amplo, com 1000 exemplares numerados, pela Amans Amens, que reunia livros de poesia de poetas como Alberti, Miguel Hernández e Vicente Aleixandre, com ilustrações feitas com a técnica da ponta seca. Ambas as coleções contam com o material visual criado por Alberti, sendo que a primeira gerou diferentes versões do material completo, conforme consta nas informações pós-textuais. Os mil e sessenta e quatro exemplares foram distribuídos assim (os grifos figuram no livro):

Un ejemplar único, acompañado de una prueba de las planchas enteras de las dos pinturas secas grabadas por el poeta; el cobre de una de ellas; el manuscrito de un poema; un dibujo coloreado original, no incluido en la edición, y una prueba de las planchas inutilizadas

Diez ejemplares, numerados del 1 al 10, con una prueba de cada punta seca; un dibujo coloreado original del poeta, no incluido en la edición, y una prueba de las planchas inutilizadas

Cuarenta y tres ejemplares, numerados del 11 al 53, con una viñeta coloreada dibujada por el poeta.

Diez ejemplares, de colaborador, numerados de la A a la I.
Todos los ejemplares dichos van firmados por el poeta.

Y en la colección

AMANS AMENS

¹⁹⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 126. Carta a Cela, 16 de outubro de 1965.

¹⁹⁶ Ibid., p. 141. Carta a Alberti, 18 de outubro de 1965.

Mil ejemplares, numerados del 1 al 1000, sobre papel alisado, con las dos puntas secas impresas sobre papel de hilo con la filigrana del gallito y de la editorial.¹⁹⁷

Tamanho empenho em indicar a história da composição e impressão do livro por parte de Alfaguara, naturalmente, remete-nos à estratégia que Cela havia usado antes para que o livro de Castro, *Santiago y los Dioscuros*, escapasse da censura, isto é, a de editar apenas 1000 exemplares, daquela vez, sem numerá-los¹⁹⁸. Por outro lado, sugere-nos uma opção editorial pela edição de luxo e pequeno número de exemplares – por sinal, ambas são coleções de luxo, levando-se em conta o contexto social –, baseada no alcance da censura como instituição que também incidia sobre o mercado de livros ao dificultar sua divulgação de diversas formas¹⁹⁹.

As duas situações experimentadas por Alberti permitem-nos supor que, mesmo diante da disposição para fazer história com a publicação de textos dos escritores exilados, o comportamento de Cela como editor indica que ele próprio havia estabelecido certa gradação de dificuldades ao lidar com a censura, sendo que conseguir publicar um texto com referências a questões políticas era mais difícil que um texto com referências a questões sexuais.

¹⁹⁷ ALBERTI, Rafael. *Poemas de amor*. Madrid: Alfaguara, 1967. Tivemos acesso ao ejemplar número 329 que faz parte do acervo do Ibero-Americano Institut (IAI), localizado em Berlim.

¹⁹⁸ Em entrevista de 1970 ao jornal ABC, Jorge Cela Trulock expõe as metas da editora Alfaguara quanto à publicação de poesia e comenta sua edição em diferentes coleções. À pergunta “¿Seguirá Alfaguara editando poesía?”, diz Cela Trulock que, por meio da coleção Amans Amens, estão “en la calle Alberti y Hernández. Ahora Viola está haciéndonos las puntas secas que ilustrarán el libro de Aleixandre. Como usted sabrá, estos libros pasan luego a la colección ‘La palma de la mano’, más asequible, que es donde ha salido el de Otero”. BURGOS, Antonio. Treinta mil ejemplares se han editado hasta ahora de “San Camilo, 1936”. ABC (Sevilla), Sevilla, 26 fev. 1970. El mundo de los libros, p. 19. Disponível em: <<http://hemeroteca.sevilla.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/sevilla/abc.sevilla/1970/02/26/019.html>>. Acesso em: 10 fev. 2015. Pelo que pudemos verificar, o livro de Alberti foi publicado unicamente pela coleção Amans Amens.

¹⁹⁹ Conforme esclarece Andrés de Blas, a censura como instituição incidia sobre o mercado de livros “autorizando un texto en tirada limitada o autorizándolo sólo en una edición de lujo, o prohibiendo su exhibición en los escaparates de las librerías, aspectos todos ellos que dificultarán la difusión del producto”. ANDRÉS DE BLAS, José. El libro y la censura durante el franquismo: Un estado de la cuestión y otras consideraciones. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid, n. 12, 1999, p. 290.

Ainda sobre a autocensura, são poucos também os casos desse exercício encontrados na correspondência de Américo Castro, se consideramos a quantidade de missivas trocadas e de textos publicados em PSA. O primeiro deles surge quando se trata de *Prioridad de entender*, que saiu no número de abril de 1958 de *Papeles*, considerando o que pede ao editor ou o possível esforço que pressupõe escrever vigiando-se para que não haja nenhuma frase considerada ofensiva. Castro se propõe a atenuar o texto para evitar problemas e escreve: “P.D. No creo quede en mi texto ninguna frase de tono violento. Pero si así fuera, le ruego que la atenúe. Deseo atenerme a lo de “poignée de fer, gant de velours”. Me conviene a mí y a la revista”²⁰⁰. Em outro caso, diz a Cela: “le mandaré mi artículo sobre Las Casas, suavizando alguna frase gruesa del final; aun así, no sé si la censura teológica lo dejará pasar”²⁰¹. A resposta de Cela não poderia ser mais alentadora ao estabelecer uma aliança entre autor, editor e editora quando se trata de ultrapassar os obstáculos da censura, sendo ele próprio um representante desses três grupos:

Lo que usted haga, bien hecho estará; pero yo en su pellejo no suavizaría el final del “Las Casas” por temor a la intervención de la censura teológica (?). La censura, mi querido don Américo, es una muleta de primer orden para quienes – autores, editores o comentaristas– no quieren dar la raza (sic). Que no es el caso de usted, ni el mío, ni el de la editorial.²⁰²

Castro e Alberti são os escritores que mais verbalizaram – ao longo das respectivas correspondências – a preocupação em ter seu texto interditado pelas vias institucionais. Em comparação, Max Aub é o autor que efetivamente teve mais problemas com a censura, se consideramos as suas variadas formas, segundo o que aparece nas cartas que compõem o nosso *corpus*. Além do texto que discutimos antes, *Homenaje a los que nos han seguido*, Aub é protagonista de uma história curiosa e que não consta em sua correspondência com Cela. Aliás, existe um hiato entre os anos de 1966 e 1970, embora pareça haver

²⁰⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 207. Carta a Cela, 15 de março de 1965.

²⁰¹ Ibid., p. 429. Carta a Cela, 24 de março de 1966.

²⁰² Ibid., p. 430. Carta a Castro, 26 de março de 1966.

comunicação entre eles, haja vista os textos publicados em *Papeles*. Aub conta a Jorge Guillén que o homenageara em um poema a ser publicado em PSA. Quando Guillén pergunta a Cela sobre este poema²⁰³, fica sabendo que:

Los versos en que Max Aub canta a los amigos [“Nosotros, entonces”] los tengo un poco parados. A Dalí le llama hijo de puta, epíteto quizá excesivo; se lo consulté al interesado, por eso de que los surrealistas son incoercibles y todavía no he tenido respuesta. Publicarlo, sin más ni más, me parecería más bien poco discreto.²⁰⁴

Na resposta de Cela, vê-se que sua atuação censória ao adiar a publicação do texto não está determinada pelos critérios estabelecidos pela censura institucionalizada. Com efeito, parece responder a suas convicções de editor e a sua preocupação em evitar conflitos. Guillén faz uma sugestão que acaba solucionando o impasse, apesar de que o sabemos pela aparição do poema em PSA com a troca do verso – “Hijo de ruta / nacido con bigotes por pinceles / y cojones”²⁰⁵ –, sem que autor e editor tivessem comentado a mudança. Propôs:

Permítame que le proponga una variante, que haría posible la publicación: hijo de ruta.

Gracias al cambio de una letra yo sería colaborador en ese texto de nuestro amigo. ¡Y quién duda de que esta designación le cuadra bien al ilustre pintor! Hijo de ruta – y de rutas internacionales...²⁰⁶

Apesar de ter assumido contornos próprios em certos momentos históricos pela necessidade de adequação às mudanças na sociedade e de sobrevivência do regime, alguns críticos concordam em que não houve avanços significativos na legislação da censura para a publicação de livros desde a lei promulgada durante a guerra em 1938 até

²⁰³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 598. Carta a Cela, 18 de outubro de 1968.

²⁰⁴ Ibid., p. 599. Carta a Guillén, 26 de noviembre de 1968.

²⁰⁵ AUB, Max. Nosotros, entonces. *Papeles de Son Armadans*. Madrid - Palma de Mallorca, año XIV, tomo LII, n. CLV, feb. 1969, p. 153.

²⁰⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 599. Carta a Cela, 4 de dezembro de 1968.

sua substituição por outra com elementos aberturistas em 1966, conhecida como a “Ley Fraga”, devido ao nome do ministro de Informação e Turismo da época, Manuel Fraga Iribarne. Talvez a diferença mais marcante esteja no procedimento de autorização de textos, com o fim da censura prévia a que estava submetida toda obra em projeto, ou seja, antes de sua publicação, segundo a exigência da lei de 38. Por outro lado, a lei de 66 criou a fórmula da consulta voluntária que dava ao editor ou autor a opção de apresentar a obra aos censores antes da publicação para que recebesse sua aprovação, recusa ou uma lista de aspectos que deveriam ser modificados²⁰⁷. Essa concessão tinha como contrapartida as pesadas multas e sanções que insidiam sobre os editores e as obras divulgadas que fossem consideradas impróprias.

Tantos anos de vivência sob o signo da censura levaram os escritores e editores a procurar desde formas linguísticas até formas organizacionais e administrativas de lidar com ela. Comenta Lucía Montejo Gurruchaga que os autores

Solían acudir también a otras argucias, como reeditar poemas que habían recibido el beneplácido junto a otros inéditos, y sin censura previa, argumentando que tenían ya la autorización, y corriendo el riesgo de que toda la edición fuese secuestrada si el original había sido modificado o se habían introducido poemas cuya publicación había sido denegada.

Muchos autores emplearon la táctica de incluir como prólogo o introducción el estudio de un autor respetado por el Régimen como forma de proteger su contenido o daban a conocer algunos de sus poemas tachados o mutilados, o cuya publicación en libro se les había denegado, en antologías o revistas. Era frecuente que seleccionaran algunos de los poemas que imaginaban que iban a tener problemas con la censura para que aparecieran previamente en alguna revista o algunas antologías preparadas por críticos de reconocido prestigio, autoridad e influencia, tanteando así la posible acogida. En ocasiones, salían mejor paradas las que habían

²⁰⁷ Em nota de rodapé, ao descrever os setores do governo responsáveis pela censura, Lucía Montejo Gurruchaga considera como eufemística a expressão “consulta voluntária”. MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. Las limitaciones de expresión en España durante las décadas cincuenta y sesenta: el ejemplo de dos antologías poéticas. *Epos: Revista de Filología*, Madrid, n. 12, 1996, p. 277.

sido ideadas por críticos o especialistas de menor renombre y escasa celebridad, porque los censores no las estaban esperando.²⁰⁸

Algumas dessas estratégias identificamos na discussão entre Cela e os seus interlocutores, sendo que talvez a principal delas resida na própria figura de Cela em seu papel de cônsul, que, como vimos, implica em que esteve do lado franquista, era respeitado como escritor pelo regime e pessoalmente bem relacionado com membros do grupo no poder, além de conhecer os mecanismos de funcionamento da censura, pois exerceu oficialmente essa atividade entre 1941 e 1945. Estavam dadas, portanto, as condições, ao menos mínimas, para que Cela atuasse como muro de contenção – expressão de Jordi Gracia que usamos no capítulo anterior – para a publicação dos escritores exilados ou fosse capaz de dar o respaldo que comenta Castro, em sua última missiva, para fazer circular ideias polêmicas ou inovadoras:

No sé si el volumen de Taurus se agotará en vida mía. Tampoco sé si algunos de mis grandes amigos –Ud. en primera fila– querrían añadir una página a fin de respaldar con su prestigio la idea de que “lo español” necesita ser concebido, utilizado y protegido en forma distinta a como lo hace la R. Academia de la Historia.²⁰⁹

3.3 Obras protegidas da intempérie

É Américo Castro quem nos inspira a dar título a este tópico. Aos 81 anos de idade, na última carta escrita a Cela, de acordo com o livro, datada de 10 de agosto de 1971, depois de tecer alguns comentários sobre a situação de suas obras em distintas editoras e sobre a dificuldade da crítica em voltar-se para as suas ideias, reconhece o próprio abatimento pelo cansaço e pelas doenças que lhe incomodavam. Ao mesmo tempo, vê como imperativo continuar difundindo-as e resume: “Estoy muy cansado y harto de tanta

²⁰⁸ MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. Las limitaciones de expresión en España durante las décadas cincuenta y sesenta: el ejemplo de dos antologías poéticas. *Epos: Revista de Filología*, Madrid, n. 12, 1996, p. 280.

²⁰⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 482. Carta a Cela, 10 de agosto de 1971.

plepa. La vida va empinando su cuesta cada vez más, aunque por desgracia no es posible, en mi caso, dejar mis asuntos a la intemperie”²¹⁰.

De modo diferente, e sem expressá-lo com tanta clareza na correspondência, Prados é outro dos interlocutores que se preocupa com o risco de deixar sua obra à intempérie e reconhece em Cela um aliado para evitar que isso aconteça. Longo foi o caminho até que Cela publicasse seu livro, além de mediar a aparição de dois poemas em PSA – “Sonoro enigma” e “Aceptación de la palabra”. Trata-se de *Signos del ser*, que, segundo carta de Cela, terminou de ser impresso no mesmo dia da morte de Prados. O principal tema de tal carta era, exatamente, dar notícia de que o livro havia sido publicado na Espanha:

Imagínate con qué alegría te mando este recién nacido ejemplar de tu libro, aún caliente como los primeros panes de la mañana. Dentro de un par de días, chapuzaré en las azules aguas de esta orilla latina el ejemplar que se te antoja mojado en la mar de Ulises. Para complacerte estoy yo, hermano mío, que a fuerza de quererte y admirarte me siento capaz de echar al correo una ola para ti.²¹¹

As duas últimas cartas de Prados, uma de fevereiro e a outra de março de 1962, têm a construção e organização editorial desse livro como cerne da mensagem e não trazem referência à cobrança da previsão de publicação. Talvez porque, na ausência de cartas de Cela, o poeta conseguisse mais dados sobre o andamento do processo por meio de outros interlocutores, como o secretário de redação e subdiretor de *Papeles* Sergio Vilar²¹². No entanto, sabemos da angústia que sente pela espera por carta de Aub em que este verbaliza a pergunta silenciosa e acrescenta que o livro era a única coisa que importava ao amigo, mesmo quando sua saúde se comprometia com seriedade. Diz Aub poucos dias antes da morte de Prados:

²¹⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 483. Carta a Cela, 10 de agosto de 1971.

²¹¹ Ibid., p. 709. Carta a Prados, 26 de abril de 1962.

²¹² Na carta em que reforça o pedido de cuidado com a edição de seu texto, refere-se Prados a Vilar: “Y como sé por carta de Sergio Vilar que mi manuscrito está contigo, preparándose a entrar en el ruedo, quisiera pedirte que, si es posible, respetes la separación que yo he mantenido, como silencios del poema”. Ibid., p. 707. Carta a Cela, 1 de fevereiro de 1962.

Emilio Prados acaba de tener otra hemoptisis, sin mayor gravedad por el momento. Está en cama, sin poder hablar. Me encarga que te pregunte que hay con su libro. Es lo único que le importa. Escríbele. Está arrepentido de la última carta que te mandó.²¹³

São dois casos de autores que, no limite da desapareição do corpo físico, demonstram máxima preocupação com a permanência de suas ideias e obras – Castro o diz textualmente sobre suas ideias cervantinas: “Ellas me importan más que yo”²¹⁴. Para esses autores, a melhor forma de protegê-las da intempérie é levá-las de volta a Espanha e publicar em PSA – revista e editora – ou Alfaguara. Ao menos inicialmente, a realização desse desejo de volta contribuiu para romper o histórico de demonização de criadores da área da literatura e da crítica literária que facilitava o silenciamento ou desaparecimento de seu nome, ao menos do circuito cultural especializado. Isso não significa que houve uma ausência absoluta, particularmente a partir dos enfrentamentos por mudanças da década de 50, uma vez que seus nomes poderiam aparecer em manuais de literatura, ser citados positiva ou negativamente em jornais ou revista, fazer parte da bibliografia de cursos de poucos professores universitários ou ter seus textos circulando em redes subterrâneas de resistência. De qualquer modo, todas essas formas são alheias ao controle dos autores²¹⁵.

Na medida do possível, PSA e outras revistas literárias representavam um trampolim para estabelecer contatos com editores que pudessem publicar as obras em outra escala e

²¹³ Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 36. Carta a Cela, 9 de abril de 1962.

²¹⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 465. Carta a Cela, 23 de noviembre de 1967.

²¹⁵ Entre os livros que trataram de considerar a literatura produzida fora da península, alguns títulos são avaliados por Max Aub em conversa por carta da mesma época com José María Caballero Bonald, poeta e ex-secretário da revista PSA. É Caballero Bonald quem aborda o assunto, comentando sobre a utilidade para o leitor espanhol do livro de José R. Marra-López, *Narrativa española fuera de España (1939 – 1961)*, embora considerasse que teria sido melhor que fosse publicado fora do país. Aub amplia o número de autores que abordam igualmente o tema, lembrando também os livros de Juan Luis Alborg e o de Eugenio de Nora, mas assumindo que, mesmo sem tê-los lidos todos, acreditava que o de Nora era o mais sério. Sobre a carta de Caballero Bonald: Fundación Max Aub, Caixa 3, Pasta 21, Carta 11. Carta a Max Aub, 29 de janeiro de 1963. Para a resposta de Aub, ver: Ibid., Carta 12. Carta a Caballero Bonald, 6 de fevereiro de 1963. Por sinal, os livros discutidos são manuais que consideram a obra de Aub. As referências bibliográficas comentadas nas cartas são: MARRA-LÓPEZ, José Ramón. *Narrativa española fuera de España (1939 – 1961)*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1963; ALBORG, Juan Luis. *La hora actual de la novela española*. Madrid: Taurus, [v. 1, 1958; v. 2, 1962]; NORA, Eugenio de. *La novela española contemporánea (1898 – 1927)*. Madrid: Gredos, 1958.

condições. Francisco Ayala manifesta esse desejo em sua segunda carta a Cela quando lhe pede conselhos sobre editores e expõe claramente a questão que o fez escrever o ensaio comentado anteriormente, *Para quién escribimos nosotros*, ao defender que o autor espanhol escreve para ser lido na Espanha. No entanto, apresenta o problema extra de que, vencida a barreira da censura, as obras não circulavam, seja por incompetência da editora, seja por outros motivos, como a falta de interesse das livrarias, acostumadas a oferecer o mesmo tipo de produtos e, principalmente, os mais rentáveis; a falta de informação do leitor sobre a obra ou autor, entre outras. Ayala identifica a negligência do editor e dos distribuidores como responsável pela falta de circulação de seu livro *Muertes de perro*. Ao pedir a opinião de Cela sobre questões editoriais, comenta:

Dígame su opinión y déme su consejo, pues como comprenderá uno escribe también y principalmente para la Península, y es una triste gracia que una vez pasada la barrera oficial de la censura los libros de uno sean inaccesibles para los lectores españoles, pocos o muchos, que quieran comprarlos.²¹⁶

A sequência de etapas até a publicação de uma obra e os circuitos envolvidos até chegar ao leitor são preocupações e temas aos quais Castro volta com mais frequência em suas cartas a partir da década de 60. Nessa época, suas obras passaram a ser publicadas por diferentes editoras espanholas – como Taurus e Alfaguara – ou ganharam novas edições em países da Europa, como França e Alemanha. Inicialmente, seu esforço, assim como o de Ayala, era conseguir espaço para publicar e aproveitar os que surgem. No final do ano de 1957, apresentava um balanço dos projetos em que estava envolvido, enquanto esperava a chegada de um material publicado na Argentina:

corrijo las pruebas de la traducción francesa del libro que le llegó, y tengo que hacerlo despacio porque hay algunos descuidos. Además, el libro que según todos los pronósticos sale estos días en Madrid, me ha hecho trabajar mucho (un ensayo largo

²¹⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 818. Carta a Cela, 18 de agosto de 1961.

y lleno de cosas, y otros añadidos). Tres libros en tres lugares distintos, todos necesitados de biberón y cuidados, me tienen algo aplastado.²¹⁷

Logo, ganha relevo a importância de encontrar críticos especialistas que apresentassem juízos sobre as suas ideias, fazendo-as circular, e desafiassem-no a avançar na construção de seus conceitos ou a esclarecer pontos de vista. Sem dúvida, o primeiro crítico que lhe interessa é seu interlocutor epistolar, uma vez que a dinâmica da escritura de missivas de Castro mantém certo frescor de elaboração de conceitos, originado na atmosfera de improviso e amplitude dos assuntos, que parecem se revelar ao longo da carta. As epifanias podem originar-se nas cartas para, então, transformarem-se em conceitos reformulados que se tornam mais precisos para a divulgação sob a forma de artigos ou livros ou circularem ao mesmo tempo entre estes tipos de produção. Vejamos como Castro apresenta uma ideia que pensa surpreender o interlocutor e a si mesmo, enquanto aprofunda considerações e estabelece o vínculo da amizade pelo segredo. Antes, devemos indicar que a informação entre colchetes é uma ampliação incluída na edição das cartas no livro *Correspondencia con el exilio* que corresponde ao artigo publicado por PSA:

Voy a mandarle unas paginillas sobre... ¡agárrese, el origen hebreo de *hidalgo* ["Hidalgo": un injerto semítico en la vida española"]! Sugería yo en uno de mis seminarios el otro día que *hidalgo* podría ser una formación lingüística como la de ciertas palabras hebreas (por ejemplo, "flecha" es en hebreo "el hijo del arco", y así en otros casos). Pues bien, un profesor que asiste de oyente a mis clases, que sabe del *Talmud*, encontró la *exacta palabra de que es calco hidalgo*. (No hable de ello hasta que no salga, porque hay muchos "malsines" en todas partes.) Pero le anuncio que en cuanto tenga los datos completos, pergeñaré una breve cosa, y se la mandaré. Conviene dar aire a esto en una revista que lee la gente que debe leer. Hay, por lo visto, una Providencia que vela por quienes tienen razón, y da en el coco a tanto burro mala persona como anda por esos mundos. Si no viene la guerra y nos vamos todos a freír átomos, terminaré mi segunda edición de *La realidad histórica*, muy remozada. Doy el golpe de gracia a la leyenda de los españoles eternos, leyenda que se arrastra por las cabezas desde hace siglos. No hay caso igual de infantilismo, multiplicado por pertinaz obtusez. Pero el hallazgo de "hidalgo" me viene a la mano

²¹⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 195. Carta a Castro, 27 de dezembro de 1957.

como el estoque a quien va a descabellar el morlaco. Se lo cuento, porque es Ud. el amigo que es.²¹⁸

Na medida em que se frustram as expectativas de encontrar críticos que realizem análises consistentes de sua obra, cresce a angustia de Castro. Inicialmente, o tema é trazido à tona por Cela, quando lhe pede indicações de críticos que pudessem resenhar o livro *Realidad histórica*. Em sua resposta, Castro colabora para que identifiquemos outra faceta da censura, conforme aprendemos com Andrés de Blas, dessa vez, por meio da dificuldade de encontrar leitores críticos e de estabelecer diálogo e polêmicas com os seus pares. Afirma que está marginalizado, principalmente na área acadêmica, e que são poucos os que poderiam tratar de sua obra:

Soy un “marginal”, y los eruditos no suelen entenderme (con excepciones notables). Hay mucho detalle en mi libro que exige saber y pensar. [...]

Dámaso Alonso no ha escrito nada sobre mi libro, y preferiría morir a meterse en tal fregado, aunque tiene de sobra talento para hacerlo. Pero siente horror a ese tipo de cuestiones. Otros se asustan o sienten envidia, o se dan cuenta de que tendrían que adquirir nociones que les faltan, etc. Más fácil es que Vd. halle a alguien con buena voluntad y mente clara entre personas sin compromisos académicos, eruditos, etc.²¹⁹

A insistência de Castro sobre o silêncio dos colaboradores de Cela leva o escritor galego a defender seu trabalho. Para isso, escreve uma carta em que apresenta sua posição sobre os conceitos de Castro, caracteriza o país em que vive e, principalmente, discorre sobre sua condição de editor que, assim como está envolvido no processo de revelar textos fundamentais e defendê-los, deve mover-se com o cuidado que o nível de coerção social exigia. Sem perder o tom do elogio que costumava guardar para Castro, e que parece fazer bem ao exilado, escreve na carta de 7 de abril de 1958:

²¹⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 278-279. Carta a Cela, 29 de outubro de 1960.

²¹⁹ Ibid., p. 197-198. Carta a Cela, 27 de dezembro de 1957.

Habla usted, mi querido don Américo, del silencio de mis colaboros sobre su obra. Es cierto y también, en cierto modo, no es absolutamente cierto del todo. Para hablar de su obra hay que tentarse la ropa –me refiero a la ropa intelectual, que para romper lanzas por usted que dice la verdad, no hace falta cubrirse con ningún otro ropaje ni estar provisto de valor alguno, fuera del de la inteligencia –y en este pobre país no es fácil hallar gentes lo bastante “bien vestida” para hacerlo. En alguna carta le pedía que me sugiriese usted nombres, de dentro o de fuera, y usted, con una elegancia exquisita, escurrió el bulto, cosa –de otra parte – que me honra. Yo no he dejado ni un momento de pensar en la solución de este bache y creo que algún día podré darle la grata –y justa– sorpresa de que lea en mis páginas alguna noble página sobre sus escritos. No olvide de que, por razones de ajenas estulticias, debo andar con pies de plomo (que no son cobardes sino, simplemente, que aspiran a ser eficaces) en todo este asunto que hago tan mío como pueda serlo de usted.²²⁰

Demorará algum tempo até que apareçam em *Papeles* as primeiras críticas sobre as obras de Castro. O próprio Cela preparou um artigo em que se apoia nas ideias de Castro e de outros autores que se dedicavam a pesquisar sobre a formação da Espanha e sobre o sentimento de unidade nacional, Ramón Menéndez Pidal, Marcelino Menéndez Pelayo e Claudio Sánchez Albornoz. Deu-lhe o título de “Sobre España, los españoles y lo español” e o publicou no número de maio / junho de 1959 dos *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*²²¹. Sobre esse ensaio, Castro apresenta as seguintes considerações:

Ayer llegó *Cuadernos [del Congreso por la Libertad de la Cultura]* con su sorprendente artículo, tan hondo, tan mesurado, tan objetivo [“Sobre España, los españoles y lo español”]. Dice todo lo que hay que decir, y además se ve que su enfoque literario de la vida de ahora le sirve para penetrar en el mundo de antaño. Y es que España, bueno, los españoles, han vivido en una especie de “colmena”. Ud. debiera ponerse la mochila, y darse paseitos históricos.²²²

Em outro momento, após terem saído os primeiros comentários em PSA sobre sua obra, Castro constrói a seguinte reflexão em que destaca a limitada atuação da crítica

²²⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 214.

²²¹ Id. Sobre España, los españoles y lo español. *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*. París, n. 36, p. 9-18, mayo – junio 1959. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/hem/dep/clc/n36p009.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

²²² CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 245-246. Carta a Cela, 6 de junho de 1959.

especializada cujos silêncios se deviam ao medo do novo, mas também às retaliações que recaíam sobre aqueles que acolhiam as concepções ou os nomes proscritos pelo regime:

El ambiente de ese país es extraño. Asombra que sea un médico la única persona con suficiente calibre para ocuparse de mi última obra, en *Ínsula*. Es pobre intelectualmente ese medio; privan los sansones, y domina el miedo a la claridad. Una persona muy adicta que, alguna vez ha escrito sobre mis cosas, me dijo a principio de este mes, que no puede hacerlo más porque... tiene hijos, y los sansones le quitarían el pan.²²³

A barreira da crítica literária preocupou muito mais Castro do que outros escritores, ao menos quando se trata de verbalizá-la nas cartas. Entende a produção dessa barreira de duas maneiras: a primeira, pelo silenciamento; a segunda, por uma aproximação crítica que não centra a atenção às ideias principais de seus textos e, sim, às secundárias ou se preocupa em tecer considerações sobre sua vida. Ao fazer o balanço da homenagem que havia recebido em *Papeles*, encontra erro ou ação discriminatória na organização editorial dos textos, pois considera que o melhor deles ficou escondido no final do número / homenagem:

¿Qué diría Ud. de quien dice ocuparse de C. J. C., el de hoy, y ocupara su espacio tipográfico con referencias a su modo de caminar, o de soltar tacos, o de hacer chistes, o de ser muy bueno con sus amigos, o sobre su “pasión literaria”, sin decir una ... (aquí un taco camileño) sobre su literatura? Eso es lo que hicieron esos señores en aquel número de *Papeles*. Uno que se refirió un poco más al “asunto” –es una persona que es muy buena y muy adicta–, no entró a fondo en lo que “escuece” y sus páginas quedaron algo escondidas al final de su revista.²²⁴

Além de publicar textos em PSA – sendo Castro e Aub os mais assíduos colaboradores entre os estudados, vale repetir – cada escritor teve ao menos um livro publicado em coleções editoriais ligadas à revista ou pela editora Alfaguara, enquanto se

²²³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 350-351. Carta a Cela, 30 de setembro de 1963.

²²⁴ Ibid., p. 455. Carta a Cela, 7 de junho de 1967.

manteve Cela à frente desses projetos. Lembremo-nos que foi ele um dos líderes de Alfaguara entre 1964 a 1972 e abandonou sua direção por divergir da política da empresa, de acordo com suas informações²²⁵. Dá a conhecer o projeto com estas palavras, vinculadas ao pedido de segredo sustentado pela esfera da amizade:

Y ahora una noticia, todavía a título privado. El próximo día 1º de septiembre comenzarán a dar sus primeros y previos pasos de tanteo y puesta en marcha las Ediciones Alfaguara, empresa que inspiro, superviso y manejo. Procuraremos hacer una editorial selecta, muy cuidadosa y respetuosa y honesta con los autores y con todos, de tendencia liberal y de realidades muy concretas y medidas pesadas. ¡Qué los dioses del Olimpo nos sonrían propicios, amén!²²⁶

PSA e Alfaguara são projetos bem-sucedidos que publicaram textos inéditos ou representativos da obra dos autores que compõem nosso *corpus*. É possível conhecer, em certa medida, o efeito desses projetos por meio das lembranças do crítico José-Carlos Mainer, que narra sua surpresa ao descobrir escritores ausentes do cânone peninsular e da história da Espanha durante sua formação acadêmica:

Quienes, desde la España del franquismo, empezamos a estudiar —mal o bien— los textos y los nombres del exilio, llegamos a ellos por un imperativo moral. Casi nadie nos los explicó en las aulas y conocerlos fue reconstruir nuestra propia historia, buscar nuestros verdaderos maestros y, al cabo, una etapa decisiva en la creación de nuestra conciencia política. Los descubrimos en pesquisas interminables en librerías de viejo, en la trastienda de librereros amigos que traían volúmenes argentinos o mexicanos y también en las páginas memorables de las monografías sobre narrativa de Eugenio García de Nora, de José Ramón Marra-López, Domingo Pérez Minik y Juan Luis Alborg. O en alguna reseña que venía en la memorable *Ínsula* de Canito y Cano (tan distinta del soso boletín profesional de centenarios, a cargo de grupillos y escuelitas filológicas, en que hoy se ha convertido) y en el

²²⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 154. Carta a Alberti, 7 de fevereiro de 1972.

²²⁶ Ibid., p. 367. Carta a Castro, 3 de agosto de 1964.

atractivo y equívoco *Índice* de Juan Fernández Figueroa. O en las páginas de aquellos *Papeles de Son Armadans*, memorable invención de Cela.²²⁷

Em certos casos, os textos inéditos chegavam pela primeira vez ao país por vontade própria desde a guerra, como esclarece Rafael Alberti ao enviar material para ser publicado em PSA: “Ahí van los dos poemas para el homenaje. Escribo a Vicente [Alexandre] y Dámaso [Alonso], enviándoles copia. Son los primeros poemas que por propia voluntad publico en España después de 20 años”²²⁸. Américo Castro também comenta sobre a ausência de seus escritos e, apesar de negar o convite de Cela em sua primeira carta, demonstra o desejo de mudar a situação, como vimos antes.

Se Alberti e Castro foram atraídos pela insistência de Cela, Max Aub e Emilio Prados, escrevendo a primeira carta e valendo-se de diferentes subterfúgios, propõem-se como colaboradores. Mais agilidade e clareza para aproveitar a oportunidade demonstra Max Aub ao enviar a Cela o pedido de que seja ele também convidado a participar da revista²²⁹. Prados escreve para agradecer um lote de revistas que, em nome de Cela, tinham lhe enviado. Vale-se da carta para pedir uma assinatura, anunciar o envio de seus livros como retribuição e comenta: “A la vez quiero decirle que lo que necesite de por aquí me lo diga, que muy de veras haré lo posible para que lo tenga”²³⁰.

Se os projetos foram frutíferos, tanto PSA como Alfaguara, foi porque os escritores estudados mostram disposição para colaborar com a revitalização da cultura espanhola por meio do encontro da inteligência, haja vista o tamanho da fratura causada pela guerra e suas consequências. A tradução máxima da perda, segundo o pensamento dos exilados,

²²⁷ MAINER, José-Carlos. Consideraciones sobre el lugar del exilio de 1939 en la construcción de la historia de la literatura española. *Migraciones & Exilios*. España, n. 3, 2002, p. 52.

²²⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 108. Carta a Cela, sem data, que, pela organização do livro e pelo tema, parece ser de 1958.

²²⁹ O conteúdo integral da carta pode ser consultado no capítulo dois deste trabalho, na página 49, nota de rodapé 77. Cela prontamente faz o convite esperado: “Venga en buena hora su cuento, que deseo muy de veras y que será publicado con todos los honores debidos. Sólo quiero –usted lo comprenderá muy bien– que sea inédito”. *Ibid.*, p. 615. Carta a Aub, 28 de setembro de 1957.

²³⁰ *Ibid.*, p. 635. Carta a Cela, 18 de novembro de 1957. A resposta não poderia ser mais animadora sobre a ajuda que poderia dar a Cela a partir do México: “¿Se imagina usted el gozo con que en esta su casa se recibirían un fajo de versos inéditos suyos?” CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 636. Carta a Prados, 3 de dezembro de 1957.

estava no fragmento do verso de León Felipe que diz “me llevo la canción”. Se sob a massacrante influência da guerra o poeta pôde emitir esse balanço altivo e ao mesmo tempo acusatório, no final da década de 50, revelando as mudanças de perspectiva pessoal e de certo grupo de escritores que tendiam a priorizar a construção de pontes possíveis de contato naquele momento, acaba revisando-o ao elaborar o texto para o prólogo do livro *Belleza cruel*, de Ángela Figuera Aymerich, a ganhadora do prêmio “Nueva España” de poesia, promovido pelo *El boletín de Información* (1956 – 1961). Conhecemos o texto de León Felipe em primeira mão, graças à carta de Max Aub a Cela, que o envia como sugestão para ser publicado em PSA por sua beleza e importância, antes de sua divulgação em livro:

Con estas palabras quiero arrepentirme y desdecirme, Angela Figuera Aymerich... De cosas que uno ha dicho, de versos que uno ha escrito. Porque yo fuí el que dijo al hermano voraz y vengativo, cuando, aquel día, nosotros, los españoles del éxodo y del llanto, salimos al viento y al mar, arrojados de la casa paterna por el último postigo del huerto... Yo fuí el que dijo:

“Hermano... tuya es la hacienda...
la casa, el caballo y la pistola...
Mia es la voz antigua de la tierra.
Tu te quedas con todo
y me dejas desnudo y errante por el mundo...
Mas yo te dejo mudo... ¡mudo!...
Y ¿cómo vas a recoger el trigo
y alimentar el fuego
si yo me llevo la canción?”

Fué este un triste reparto caprichoso que yo hice, entonces, dolorido, para consolarme. Ahora estoy avergonzado. Yo no me llevé la canción. Nosotros no nos llevamos la canción. Tal vez era lo único que no nos podíamos llevar: la canción, la canción de la tierra, la canción que nace de la tierra, la canción inalienable de la tierra, (sic) Y nosotros, los españoles del éxodo y del viento... ¡Ya no teníamos tierra! Vosotros os quedasteis con todo: con la tierra y la canción. [...]

De este lado nadie dijo la palabra justa y vibrante. Hay que confesarlo: de tanta sangre a cuestas, de tanto caminar, de tanto llanto y de tanta injusticia... no brotó el poeta.

Y ahora estamos aqui, del otro lado del mar, nosotros los españoles del éxodo y del viento, asombrados y atónitos oyéndoos a vosotros cantar: con esperanza, con ira sin miedo...

Esa voz... esas voces... Dámaso, Otero, Celaya, Hierro, Crémer, Angela Figuera Aymerich... los que os quedasteis en la casa paterna, en la vieja heredad acorralada... vuestros son el salmo y la canción.²³¹

Cela concorda sobre a beleza do texto, mas o dispensa, alegando que há muito tempo espera publicar algo de León Felipe na revista e prefere que sejam poemas inéditos e não um prólogo curto, uma vez que esta seria “La nueva presencia de la voz de León Felipe en Celtiberia”²³².

No entanto, os escritores não colaboravam apenas quando enviavam materiais para PSA. Também o faziam quando alertavam Cela sobre projetos que poderiam ter vida breve. Alguns fracassaram antes mesmo de serem elaborados formalmente, como é o caso da criação de uma nova revista apresentada assim por Cela em carta do ano de 1958:

En el mes de mayo creo que aparecerá el primer n. de una nueva revista que me he inventado y que llevará el hermoso y nada breve título de *Versos y cuentos de Bellver. Páginas llamadas El huevo de Juanelo o gavilla de la prosa a huevo y la poesía a huebos*. Con ella me las prometo muy felices. Si usted me autorizase sus “Reflejos islámicos” para sus páginas (habrá separatas) conseguiría yo ver nacer a mi criatura con el mejor padrino.²³³

Américo Castro não está de acordo com o nascimento da revista, entre outros motivos, pelo dispêndio de energias que representa. Para ele, seria melhor concentrar os esforços para enriquecer a que já existe, ou seja, PSA²³⁴. Pelas palavras de Cela em carta seguinte, é com pesar que abandona o projeto. Inclusive, pela construção discursiva, parece

²³¹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 10. Anexo à carta a Cela, 17 de junho de 1958.

²³² Ibid., Carta 11. Carta a Aub, 22 de junho de 1958.

²³³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 208. Carta a Castro, sem data, mas, pela referência que Castro faz a ela, provavelmente é de 21 de março de 1958.

²³⁴ Considera precisamente Castro: “Muy seductor su *Huevo de Juanelo*. Ignoro si el público está para tantas revistas. Ya es un milagro que sus *Papeles* prosperen y circulen tanto. Sería tal vez más deseable darles vida larga e intensa, más bien que diluir su sustancia. No hay mucho original seductor en estos tiempos, y aunque Vd. tiene energía para levantar moles de buena prosa, no sé qué le ocurrirá a su Juanelo”. Ibid., p. 209. Carta a Cela, 26 de março de 1958.

que a decisão de abandoná-lo foi tomada enquanto escrevia a carta, pois há uma gradação que vai da esperança de vida para a revista, nas três primeiras linhas da citação abaixo (“no saldrá por ahora”), à sua morte, nas três últimas (“Descanse en paz el nonato *Huevo de Juanelo*”), sendo que entre ambos grupos existem alguns parágrafos que tratam de diferentes assuntos:

El huevo de Juanelo padece de orquitis burocrática y no saldrá por ahora, y quién sabe si nunca. Espero sus “Reflejos islámicos” para mis siempre ilusionados *Papeles* [...]. Sus argumentos sobre *Versos y cuentos de Bellver* son sabios y aleccionadores. Hay que saber maniobrar a tiempo. Descanse en paz el nonato *Huevo de Juanelo*. Amén.²³⁵

Finalmente, vale a pena mencionar que esses escritores se moviam entre diferentes expressões artísticas e valorizam a escritura e os diversos gêneros literários e discursivos. Um exemplo, é a carta que escreve Cela a León Felipe solicitando poemas para outro projeto cultural, como é o caso da reunião literária que estava promovendo em Maiorca, isto é, as *Conversaciones Poéticas de Formentor*. Dada a impossibilidade de León Felipe enviar material inédito, Cela lê sua carta no evento e a publica, em número especial de PSA, praticamente na íntegra, ao lado de outras escritas por Manuel Altolaguirre e Luis Cernuda. O fragmento omitido diz respeito ao aspecto mais fortemente vinculado à esfera íntima da comunicação, em que o poeta o elogia.

Chama particularmente a atenção a maneira como os escritores estudados exploram as possibilidades do gênero epistolar. Além da versatilidade da carta como objeto da esfera particular que pode irromper na esfera pública no momento quase presente de seu envio e recepção – como aconteceu com a carta de León Felipe a Cela –, a própria escritura pode ser tensionada, permitindo que se infiltre a poesia, a construção autobiográfica, memorialística ou testemunhal. Parece ser comum entre os escritores que estudamos a circulação entre diferentes gêneros discursivos, como se não houvesse gêneros menores,

²³⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 211. Carta a Castro, 30 de marzo de 1958.

ainda que houvesse os prediletos de acordo com as individualidades. Dessa maneira, quando Cela pede a Prados uma nota biográfica que deveria figurar na antologia que pretendia organizar com os poetas de 27, e este escreve uma carta na fronteira do literário relembrando sua trajetória, Cela a entende como substituta adequada da biografia e a elogia: “Gracias por tu bellísima carta de información, que irá íntegra, y por tu foto”²³⁶. No caso específico da interlocução entre Prados e Cela, o fazer poético é tema das cartas e forma a materialidade do texto com alguma frequência, revelando-se em um potente elemento para a construção da amizade epistolar.

A proximidade entre Cela e seus interlocutores cresceu, na medida em que os projetos eram bem realizados, e se expandiu para a esfera da amizade, adotando discursos e características diferentes de acordo com o interlocutor. Dedicamos o próximo capítulo à reflexão sobre as particularidades dessas aproximações.

²³⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 655. Carta a Prados, 22 de junho de 1958.

4 Segunda pátria: a linguagem da amizade nas correspondências

A definição da relação de amizade como uma segunda pátria foi cunhada por Emilio Prados para explicar a intensidade de sua troca de cartas com os amigos. Correlata a ela, está a “manía epistolar” que se espalhou entre os membros da Geração de 27. Segundo Prados, em uma de suas missivas a Cela contando-lhe sobre essa geração e as publicações da *Revista Litoral*, o grupo se formou por encontro e não por acordo. Seus integrantes se ajudavam mutuamente para conseguir publicar os livros e, com o afastamento físico, dedicaram-se a escrever cartas²³⁷. Prados faz um paralelo entre o seu esforço e o de Cela para fazer circular obras de escritores por meio de revistas literárias e narra assim a constituição do grupo de poetas do qual fazem parte dois carteadores que estudamos aqui, Prados e Alberti:

es que mi generación se formó, *no por acuerdo*, sino por encuentro. Yo esto lo sé más, pues en un tiempo traté de hacer con *Litoral* lo que Vd. hoy en sus *Papeles*. Me fui a Málaga con ese acuerdo interior. Puse mi *imprentilla* y trabajé para conseguir el dinero necesario para lo que pensaba. Cuando pude, se hizo el 1.^{er} número de la revista... Y después los libros de Federico, Vicente [Aleixandre], pudieron hacer, porque –después de habernos “encontrado” cada uno “en su olivo”: uno en Madrid otro en Sevilla otro en Málaga, etc...–, entonces sí acordamos –para la cuestión económica– ayudarnos unos a otros, de forma que con el producto del libro de cualquiera de nosotros (en mejor situación e.) se editaba el libro del que no podía pagarlo. ¡Así se constituyó nuestra amistad y se publicó nuestra poesía! Después se arruinó *Litoral* y fuimos creciendo. Unos aquí y otros allá nos escribíamos. Incluso recuerdo que se nos tachó entonces de tener “la manía epistolar”.²³⁸

²³⁷ A mania de Prados de escrever cartas não se limitou às interlocuções com os membros da Geração de 27, como indica a correspondência com Cela ou com José Luis Cano, e assumiu condição especial quando se tratou do diálogo com os amigos a ponto desse território textual se transformar em uma segunda pátria. É José Luis Cano quem faz essa afirmação sobre Prados: “La amistad era para él, como una vez me dijo, una segunda patria”. CANO, José Luis; PRADOS, Emilio. *Cartas desde el exilio*. Valencia: Pre-Textos, 1997, p. 15.

²³⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 646.

Ainda que não pertença a esse grupo geracional, Cela se identifica com a disposição para escrever cartas e diz que também sofre um pouco da mesma mania²³⁹. Se consideramos que, de acordo com a Fundación Pública Gallega Camilo José Cela, existem aproximadamente 95.000 cartas classificadas que foram trocadas com 13.000 interlocutores²⁴⁰, podemos afirmar que a mania de Cela cresceu de modo exponencial ao longo dos anos e superou a de Prados tanto em quantidade como em número de interlocutores. Mas Prados e Cela são apenas alguns dos escritores espanhóis de destaque do século XX que se valeram conscientemente desta forma de comunicação para romper a barreira geográfica e como estratégia de aproximação.

Cela guardou cuidadosamente as cartas que recebeu e as cópias das que enviou, assim como o fez Max Aub, depois que se refugiou no México, constituindo um epistolário com mais de 10.000 documentos²⁴¹. Ambos contaram com a ajuda de funcionários para a organização das cartas e para dar maior dinamismo ao trabalho. Outros importantes escritores de cartas não puderam reunir ou guardá-las pela própria necessidade de peregrinar entre países, que pode se transformar na condição intrínseca de estar exilado, pelo ritmo de vida ou por questões de particularidade de caráter. Podemos citar dois exemplos de escritores exilados cujas cartas foram preservadas com mais cuidado pelos destinatários ou por terceiros do que pelos remetentes. Este é o caso de Rafael Alberti e de Américo Castro.

Na fundação que recebe o seu nome, existem apenas aproximadamente 40 cópias de cartas das que Rafael Alberti enviou e, por exemplo, nenhuma das enviadas a Cela²⁴². É bastante particular o caso de Alberti, independentemente de sua opção ou não por este tipo de escritura, pois à preocupação com o tema, somava-se o aproveitamento artístico e visual

²³⁹ De acordo com Cela: “Yo también tengo un poco la manía epistolar y, entre maniáticos del mismo orden, no es difícil el entendimiento”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 657. Carta a Prados, 6 de julho de 1958.

²⁴⁰ Estes dados podem ser encontrados na página da fundação, cujo endereço eletrônico é: <<http://fundacioncela.wordpress.com/coleccion/es/epistolario/>>. Acesso em 10 mar. 2014.

²⁴¹ SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. *Un epistolario contra el olvido: Max Aub en contacto con la España del interior*. Salamanca, 2010, p. 3. Mimeografado. Ver nota de rodapé 166 sobre este texto.

²⁴² Esta informação nos foi transmitida por e-mail por Concha Fernández Candau, bibliotecária da Fundación Rafael Alberti, e recebeu o seguinte código na instituição: “R. de Salida nº 14/2013”.

da folha. Em relação a suas experimentações linguísticas, elas podiam gerar uma carta de forma mista entre poesia e prosa, sendo que, por meio do poema cobrava a publicação de seu livro, recordando ao correspondente a brevidade da vida em oposição à esperança de sobrevivência da obra, como ocorre em carta de 17 de julho de 1966:

Mi querido Cela,

Volvió el verano.

Pasará el verano. Llegará otro verano.

y nosotros nos iremos

y no volveremos más.

¿Qué pasó?

Mi poesía de Amor

murió en flor

¿O no murió?²⁴³

A relação com a pintura não é casual, uma vez que é corrente identificá-la como sua primeira vocação. Por outro lado, não é o único escritor, entre os citados neste texto, que se vale dessa forma artística de leitura do mundo, embora tenha sido o mais próximo a ela e apresentado sua obra visual publicamente ainda jovem. Alberti, que nasceu em 1902, participa da primeira exposição, por sinal, coletiva, em 1920. Max Aub e Cela também tiveram suas pinturas expostas, usando seus nomes ou pseudônimos.

Quando se trata dos documentos escritos por Américo Castro, a falta de uma sistemática preservação por parte do autor nos impede de conhecer o alcance de seus interlocutores intelectuais e todas as cartas trocadas. Tais faltas se notam inclusive quando se trata de correspondentes de longa data, como é o caso de suas trocas com o hispanista francês Marcel Bataillon que foram publicadas em livro. Há indícios de que uns 100 documentos de Castro tenham desaparecido, pois os que foram encontrados em arquivos

²⁴³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p.140. Carta a Cela, 17 de julho de 1966.

não chegavam a formar uma série contínua²⁴⁴. No texto de apresentação, encontramos dados sobre o caráter desorganizado de Castro que se verifica em várias esferas: “no es un hombre que se organiza con antelación, sino que prepara textos y conferencias al último momento, basándose en una inmensa memoria y en lecturas compulsivas realizadas con prisa”²⁴⁵. Entre outros lugares, documentos pessoais de Castro estão em seu arquivo na Fundación Xavier Zubiri ou, os anteriores a 1936, podem ser encontrados no Archivo General de la Administración de Alcalá de Henares.

Quando se trata dos escritores que compõem o nosso *corpus*, no território textual das cartas, a forma de tratamento amistosa contribui para a constituição de redes de sociabilidade e, principalmente, para a longevidade do diálogo indispensável para a consolidação de pontes culturais. Ao mesmo tempo, a imagem de Cela como mediador se fortalece. Dizemos isso, sem perder de vista os matizes de complexidade existentes no tecido da relação de proximidade entre os carteadores que, inclusive, podem estabelecer laços de amizade baseados na linguagem afetiva e na presença física, como no caso de Cela e Castro. Tal complexidade se instala desde o princípio em razão dos referentes históricos e culturais aos quais estão vinculados, isto é, pela atuação política dos interlocutores durante a Guerra Civil, pelo contexto de repressão da ditadura de Franco no tempo do presente da escritura das cartas e pela divisão dos escritores entre os da península e do exílio.

Esses desafios levaram-nos a buscar um modelo de compreensão do conceito de amizade que considerasse a experiência de novas formas de sociabilidade e estivesse além do modelo representado pela metáfora da família, sempre associada à salvaguarda de sentimentos e afetos. Aliás, Francisco Ortega, analisando as convergências entre o pensamento de Arendt, Foucault, Derrida e Deleuze, considera que essa imagem da amizade é dominante no nosso imaginário e condiciona a nossa forma de pensar, agir e,

²⁴⁴ BATAILLON, Claude; BATAILLON, Gilles. El diálogo de dos humanistas. In: CASTRO, Américo; BATAILLON, Marcel. *Epistolario Américo Castro y Marcel Bataillon (1923 – 1972)*. Madrid: Biblioteca Nova / Fundación Xavier Zubiri, 2012, p. 15-16.

²⁴⁵ Ibid., p. 15.

até, de nos relacionarmos em termos de afetos. Para Ortega, apenas “criando alternativas, seremos capazes de superar as frustrações. Fugir desse imaginário é tarefa difícil, talvez impossível, que requer *uma política da imaginação*, um gosto pela experimentação e a criação de algo novo”²⁴⁶. É como disposição para experimentar e criar que entendemos a troca epistolar entre Cela e Alberti, Aub, Castro ou Prados. Max Aub entende como tolerância essa ação afirmativa, como podemos constatar na carta que escreve ao presidente da França, em 1951, questionando a negação para o pedido que havia feito de visto para entrar no país:

El mundo agoniza por falta de tolerancia, no estoy dispuesto a contribuir a ello, en lo poquísimo que soy, pero no dejo de ser hombre.

La tolerancia, que nada tiene que ver con el verbo tolerar, es hoy el bien más olvidado. Reina su contrario. Y, sin embargo, no hay ni hubo mayor grandeza que el arribo a su puerta, cuando no se trata de debilidad. Prenda exclusivamente humana: aceptar lo de los demás. No hacer en ellos lo que no se quiere para sí mismo. No olvidarse que el hombre es la medida del hombre. Lo dijo Confucio, ayer, como todos saben; todos lo olvidan hoy, como demuestran.²⁴⁷

A interação entre os escritores cujas cartas estudamos permite o surgimento de um novo processo, o que está de acordo com outro sentido de política, aquele proposto por Hannah Arendt. Ela observa sua existência fora dos limites do Estado, mas sempre na convivência entre os diferentes porque os homens estão, a seu ver, considerados em sua pluralidade e também estão aptos a agir, a desenvolver processos e a começar de novo²⁴⁸.

²⁴⁶ ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 12.

²⁴⁷ AUB, Max. Carta al presidente Vicente Auriol. In: AUB, Max. *Hablo como hombre*. Segorbe: Fundación Max Aub, 2002, p. 116. Ver também a nota de fim de texto n. 98 deste livro sobre a noção de tolerância para Aub.

²⁴⁸ A autora afirma no fragmento 1 do livro *O que é política*: “A política baseia-se na pluralidade dos homens. [...] A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças”. Sobre o agir, Arendt considera ainda que o homem é “dotado, de um modo extremamente maravilhoso e misterioso, de fazer milagre. No uso idiomático habitual e comum, nós chamamos essa aptidão de agir. É característico do agir a capacidade de desencadear processos, cujo automatismo depois parece muito semelhante ao dos processos naturais; é-lhe característico, inclusive, o poder impor um novo começo, começar algo de novo, tomar iniciativa ou, adotando-se o estilo de Kant, começar uma cadeia espontaneamente”. ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 21-22 e p.43.

Francisco Ortega defende a tese de que Arendt, Foucault, Derrida e Deleuze são autores que buscam uma alternativa política àquela expressa pela política partidária e apontam para a recuperação do espaço público que, na leitura de Arendt, pode ser criado e redefinido em qualquer lugar, “não existindo um *locus* privilegiado”²⁴⁹, dependendo da aproximação entre os homens pelo discurso e pela ação. Nesse sentido, é possível compreender que a convivência no território das correspondências se irradia e alcança a revista PSA no tempo da escritura das cartas, constituindo-a em espaço público e, portanto, político. Ortega resume o entendimento de política por parte dos quatro filósofos com os quais trabalha

como atividade de criação e experimentação. Neste sentido, a amizade representa, como veremos, um “exercício do político”, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento²⁵⁰.

Ian Gibson nega que tenha havido interesse pessoal de Cela pela amizade com os exilados e situa a relação entre eles no campo do benefício profissional, embora reconheça a atenção ao destino cultural da Espanha. Em suas palavras:

Cela no admiraba especialmente a los escritores del exilio –así lo declaró en distintas ocasiones a lo largo de los años–, pero entendía que tanto en su propio interés como en el de la cultura española era necesario que tuviesen cabida en las páginas de *Papeles de Son Armadans*. Y así fue como, por vez primera desde el final de la guerra, reaparecían en España nombres como Emilio Prados, Luis Cernuda, Jorge Guillén, Pedro Salinas y un largo etcétera. Todo ello contribuyó grandemente al prestigio de Cela en los círculos intelectuales europeos, le puso en contacto con numerosos escritores de otros países y significó un hito importante en su camino hacia Estocolmo.²⁵¹

²⁴⁹ ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000, p. 23.

²⁵⁰ Ibid., p. 23-24.

²⁵¹ GIBSON, Ian. *Cela, el hombre que quiso ganar*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2003, p. 168.

Se a hipótese de Ian Gibson é certa, para o entendimento da amizade como forma de experimentação de relações desafiadoras cuja intimidade se contrói nos limites estabelecidos pela ausência do outro, uma vez que ocorre principalmente no território epistolar, as correspondências dos escritores espanhóis parecem dar boas respostas para a busca por nova sensibilidade²⁵² e para a construção de uma rede de sociabilidade. É principalmente por meio das correspondências de Aub e Cela e de Cela e Castro que pensamos identificar, de modo mais claro, a procura por formas alternativas de relacionamento para dar conta das diferenças entre os interlocutores.

Nos próximos tópicos, apresentamos nossa leitura das quatro formulações da amizade epistolar que escolhemos. Todas elas nascem da construção de um projeto intelectual específico que se realiza como uma metáfora da recuperação do espaço público, pois, ao menos em PSA circulavam as vozes dos escritores da península e do exílio. Entretanto, apresentam dinâmicas específicas de acordo com o modo de subjetivação dos interlocutores no território da correspondência. Começemos pelas cartas de Prados e Cela.

4.1 Prados e Cela: amizade à distância

Emilio Prados nasceu em Málaga em 1899 e morreu na Cidade do México em 1962. Foi aluno da Residencia de Estudiantes, onde se relacionou com Federico García Lorca e outros representantes da cultura republicana. Durante a juventude, viajou à Suíça para se recuperar de uma crise de tuberculose, doença que padecia desde a infância. Também conheceu a Alemanha, onde estudava seu irmão, e iniciou aí seus estudos de filosofia, na Universidade de Friburgo, mas não os concluiu. Ao voltar à Espanha, fundou com

²⁵² Conforme Ortega: "Vivemos em uma época de des-politização que exige uma re-invenção do político, entendido como o espaço do agir e da liberdade, da experimentação, do inesperado, do aberto, um espaço vazio, ainda a ser preenchido: a amizade como exercício do político. A amizade constitui uma nova sensibilidade e uma forma de perceber diferente, baseada no cuidado e na encenação da "boa distância". Somos capazes de aceitar o desafio de pensar a amizade para além da amizade própria, de imaginar metáforas e imagens para nossas relações de amor e amizade, de usufruir o sabor doce dessa nova amizade? TALVEZ". ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000, p. 117.

Altolaguirre a tipografia *Sur* e a revista *Litoral* – que publicou poetas da Geração de 27, como Rafael Alberti, Federico García Lorca ou Vicente Aleixandre. Foi para o exílio no México em 1939, devido a sua militância no movimento republicano. Entre as obras de relevância que publicou após sua saída da Espanha, estão *Jardín cerrado* (1946), *Río natural* (1953) e *La piedra escrita* (1961). Rafael Alberti, ao receber o Prêmio Cervantes de 1983, fez um discurso em que homenageia membros da Geração de 27 e sobre Emilio Prados diz:

Y Manuel Altolaguirre. Y Emilio Prados, malagueños los dos, frente a las costas berberiscas, desde los litorales de su Málaga. Emilio, oscuro, lleno de galerías secretas, de torturados subterráneos en busca de la luz, después de tantos años de exilio, sin retorno.

*Cierro los ojos. El sueño,
por ellos baja a escuchar
dentro de mi corazón,
el viento oscuro del mar.*

*¡Ya no podré despertar!
¡Ya no sabré despertar!*

Tenía sesenta y tres años cuando murió en México.

*¡Cuán cara eres de haber, oh dulce España!*²⁵³

Um dos correspondentes assíduos da fase final da vida de Emilio Prados foi Camilo José Cela. Entre os anos de 1957 e 1962, trocaram cinquenta e sete cartas, de acordo com o material reunido no livro *Correspondencia con el exílio*²⁵⁴. Abre o conjunto, a carta enviada por Prados para solicitar uma assinatura da revista e para avisar que havia reservado dois livros de poesia que seriam enviados como forma de retribuição pelos três números de

²⁵³ ALBERTI, Rafael. Discurso de Rafael Alberti en la entrega del Premio Cervantes 1983. In: ALBERTI, Rafael et al. *Rafael Alberti: Premio "Miguel de Cervantes" 1983*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Cultura, 1989, p. 61.

²⁵⁴ Lembremos que estas cartas já haviam sido publicadas em uma edição da revista *El Extramundi y Los Papeles de Iria Flavia* e receberam comentários e uma esclarecedora apresentação de Antonio Carreira. Ver nota de rodapé 1.

cortesia de PSA. Por meio dessa carta, ficamos sabendo que havia escrito outra, dias antes, para agradecer tais exemplares²⁵⁵. A sucessão de cartas do mesmo remetente prenuncia uma característica da correspondência de Prados e Cela: a ansiedade epistolar de Prados pela demora da resposta às suas missivas. Assim, tentava acelerar o ritmo do interlocutor e abreviar a espera pelo carteiro com a escritura de nova carta, fosse para retomar algum aspecto pouco desenvolvido anteriormente ou para resolver um esquecimento ou, simplesmente, para compartilhar o resultado do enfrentamento com a folha em branco.

Na primeira carta, predominam alguns dos tópicos principais deste *corpus*, como o intercâmbio de livros e a disposição para colaborar com o outro. Também está presente, na despedida, o chamamento para estabelecer o vínculo de amizade com a promessa de que seria verdadeiro:

Tanto me gustaría seguir recibiendo estas publicaciones que le ruego a Vd. que hable con J[osé]. L[uis]. Cano o escriba a Bernabé Fernandez Canivell a Málaga, para que ellos le anticipen la cantidad necesaria para una suscripción, por año. Después ya hablaré con ellos, para arreglar la cuestión de dinero. Me gustaría recibir también el *Almanaque 1958* de la revista. [...] Yo tengo aquí guardados para Vd. dos libros míos de poesía. Son los últimos que he escrito y me alegra mucho el poder corresponder con ellos, un poco, al agradecimiento por sus envíos. A la vez quiero decirle que lo que necesite de por aquí me lo diga, que muy de veras haré lo posible para que lo tenga.

Mientras recibo nuevas noticias tuyas, le envío un abrazo juntamente con la verdadera amistad.²⁵⁶

Fecha o conjunto, a carta de Cela dando conta de que o livro de Prados, *Signos del ser*, havia finalmente sido publicado na Espanha. Como vimos, este último envio, com data

²⁵⁵ As primeiras linhas da carta dizem: “Mi estimado amigo: Hace días que le escribí a Vd. para darle las gracias por su envío de tres números de *Papeles*, su revista, que tanta alegría me ha traído”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 635. Carta a Cela, 18 de novembro de 1957.

²⁵⁶ Ibid., p. 635. Carta a Cela, 18 de novembro de 1957. Em sua segunda carta, repete sua disposição para a amizade que caracteriza como verdadeira, apesar da perspectiva de que seja promovida apenas pela escrita: “Adiós. Téngame por verdadero amigo suyo y reciba un fuerte abrazo”. Ibid., p. 638. Carta a Cela, 22 de febrero de 1958.

de composição de 26 de abril de 1962, nunca chegou ao destinatário, pois Prados havia morrido dois dias antes. Pode-se ler:

Te quiero saber ya bueno, ya lejos de la cama del enfermo. Toma medicinas. Obedece al médico y a los amigos. Y escribe, escribe siempre: lo que quieras, lo que te venga a la cabeza o a la pluma, en prosa o en verso, pero escribe. Y no olvides que, a tantas leguas de distancia, tienes un corazón muy próximo a tu corazón: el de tu hermano que te abraza muy estrechamente.²⁵⁷

Entre a formalidade da primeira carta e a proximidade ostensiva – e quase premonitória de ser expressa pela última vez – presente no fragmento citado acima, há uma progressiva construção da intimidade que mostra o jogo discursivo de sedução mútua de que se valiam Prados e Cela em sua correspondência para estabelecer o idealizado laço de amizade. Nela, aspectos do trabalho editorial artístico combinam-se com as preocupações afetivas. O estreitamento dos laços no plano da escrita implica na mudança da forma de tratamento e do uso dos pronomes pessoais, passando de “usted” para “tú”. Prados foi o primeiro a indicar que a relação estabelecida entre ele e Cela, em certo momento da correspondência, não comportava mais o afastamento indicado pelo pronome que, no contexto, apontava para a formalidade: “Ahora me “resultó” feo ese Vd. que he escrito, pero, en fin, seguiré. ¡Así es la vida!”²⁵⁸.

A resposta de Cela está na carta seguinte na forma de pós-escrito: “P. D. A mí también me duele el Vd. Rompa usted el fuego...”²⁵⁹. A partir daí, as assinaturas se restringem com frequência apenas ao nome – Emilio e Camilo José – e crescem na linguagem as manifestações de intimidade. As mudanças conduzem ao acúmulo de experiências sentimentais e afetivas ao incluir o vínculo familiar, como era desejo de Prados, e hierarquizam a relação fraternal, em certa medida, quando passam a tratar-se como “hermanito menor”, “hermano” ou “hermano mayor”, de acordo com quem escrevesse a

²⁵⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 709.

²⁵⁸ Ibid., p. 645. Carta a Cela, 6 de maio de 1958.

²⁵⁹ Ibid., p. 649. Carta a Prados, 24 de maio de 1958.

carta, se Prados ou Cela²⁶⁰. Prados estimula, até exige, aproximar-se da família Cela pelo registro epistolar. Ao descrever a dor que se pode sentir pela perda de um pai, lembra-se de que Cela tem um filho e reclama: “Deja lo literario para ciertas ocasiones, y desde hoy abre las puertas de lo íntimo familiar tuyo que tanto necesito hoy yo, solo aquí lejos”²⁶¹. Cela aceita o argumento quase que integralmente. O “quase” deve-se à presença do literário, da experimentação poética da linguagem da carta – a alma como “guarida que no abdica los cariños”, por exemplo, e ao envio de seus livros:

Abro mis puertas familiares, como me pides y tanto te agradezco. Te mando, con las llaves de mi casa, una foto de mi mujer y otra mía. [Añadido manuscrito:] *Van aparte*. Dentro de poco saldrá la de nuestro único hijo: Camilo José, mozo de catorce años. Piensa lo que es cierto: que un hermano que está lejos escribe, sólo para que sepa de él y de los suyos, al hermano al que las circunstancias –las cosas circundantes, aquellas que se empeñan en cercarnos– apartaron de todos los paisajes menos el del alma: la guarida que no abdica los cariños.

Por la foto que te envío verás que tengo pinta de bruto. Te juro que, por debajo de la piel, no lo soy. Los campesinos gallegos berrendos en corsarios ingleses tenemos, de vez en cuando, aires muy engañosos.

Te quiero mucho. En esta casa, que es un pequeño oasis de buena intención, todos te queremos mucho. Con el ánimo de que pudieran servirte de distracción durante unas horas, te envío mis dos últimos libros: *La rosa*, t. 1 de mis memorias, y *Primer viaje andaluz. Notas de un vagabundaje por Jaén, Córdoba, Sevilla, Huelva y sus tierras*.

Un abrazo muy fuerte de tu agradecido, de tu leal.²⁶²

Charo, a esposa de Cela, também torna-se parceira epistolar de Prados, segundo as referências que encontramos nas cartas. Em uma delas, lemos: “Creo que me debes cartas, pero es igual. No sé si “por aquello de que me escribió tu mujer” ya crees que me has contestado. Yo no lo creo. Le escribo a cada uno su parte y que Dios los reúna a todos”²⁶³. Em fragmento de outra carta, há o seguinte conselho: “Charo: eso de que te pases el Año

²⁶⁰ Prados brinca com as expressões na despedida da carta de 2 de dezembro de 1960: “Dulces abrazos a Charo y el Jr. y para ti (que ellos me perdonen) un abrazo mayor, hermanito menor”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 695.

²⁶¹ Ibid., p. 679-680. Carta a Cela, 4 de março de 1960.

²⁶² Ibid., p. 681-682. Carta a Prados, 18 de março de 1960.

²⁶³ Ibid., p. 703. Carta a Prados, 11 de dezembro de 1961.

Nuevo leyendo mi libro no me parece bien ¡Mais! Te abraza²⁶⁴. A carta seguinte é de Cela, na qual também se encontram referências à comunicação entre Prados e Charo e aos afetos:

Charo me asegura que te escribirá. También afirma, con una seriedad solemne, que te quiere mucho pero mi leal consejo es que no te fíes demasiado. Las señoritas donostiarras son volubles –¡parecen poetas malagueños!– y de poco fundamento. [Añadido manuscrito por Rosario Conde:] *No le hagas ningún caso. Charo.*²⁶⁵

Charo costumava intervir na comunicação epistolar do marido para resolver algum problema urgente durante suas viagens, como se verifica na correspondência de Cela com Castro ou com Alberti. Quando isso acontece, a carta constitui material do epistolário do escritor – interlocutor de Cela. No caso da correspondência de Prados, embora existam referências a Charo, como vimos, isso não acontece.

Assim como cabem muitas pessoas, também cabem muitos temas na pátria epistolar de Prados: encontra condições para expressar-se e expor algo de suas dificuldades de exilado e do cotidiano do México; revela aspectos dos encontros culturais dos exilados; reflete sobre sua produção poética e estilística e, principalmente, entrega-se às emoções e sentimentos. Mesmo os temas objetivos estão entremeados com a leitura subjetiva dos acontecimentos do mundo. A criação da atmosfera de intimidade e de autêntica expressão do estado momentâneo dos sentimentos de Prados em algumas cartas está de acordo com a definição proposta por Pedro Salinas: “Volvamos ahora a recordar qué es una carta: es una exteriorización de un estado subjetivo del momento, de un modo de sentir o pensar aislado de los demás, y comunicado a otra persona libremente, tal como se nos ocurre”²⁶⁶.

A interlocução com Prados nos permite conhecer uma faceta mais delicada e emocionalmente exposta de Camilo José Cela na escrita epistolar, se a comparamos com

²⁶⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 705. Carta a Prados, 10 de janeiro de 1962.

²⁶⁵ Ibid., p. 706. Carta a Prados, 1 de fevereiro de 1962.

²⁶⁶ SALINAS, Pedro. *Pasajero en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007, p. 305.

as outras do livro e o *leitmotiv* que impulsiona todos os diálogos, qual seja, escrever para *Papeles*. A aparente espontaneidade e a fragilidade física e emocional expressas nas cartas por Prados²⁶⁷ convidam Cela a estabelecer coincidências e valer-se da linguagem dos sentimentos, solapando, em alguma medida, o espaço dedicado à proeminência do seu autorretrato mais comum, o de editor. Isso é possível porque

A presença do outro determina as formas do contar(-se), prendendo-se a determinados fins. A experiência comum de quem escreve cartas não ignora que o carteador se modifica em graus diferentes, moldando-se pela imagem que tenciona mostrar ao outro, reflexo não muito distante das ações sociais que modelam o indivíduo em mil facetas da personalidade.²⁶⁸

A dinâmica dessa interlocução pode ser encontrada nos fragmentos seguintes em que a ausência de carta tem o sentido implícito de ausência de amizade, cobra a expressão dos bons sentimentos e é motivo para confirmar o contrato de amizade e as juras de afeto. Prados acusa, com uma pitada de comicidade:

Mi querido Cela: ¿qué te pasa? Me estoy muriendo a chorros y sin chorros desde que te escribí mi última carta, en la que te decía que te volvería a escribir. Pero... ¡lo has tomado demasiado en serio! Ni una palabra tuya. Ni felicitación. Ni nada.²⁶⁹

Cela se defende:

No es cierto que te estés muriendo. Tampoco es cierto que te vayas a morir. Crujidas, ¿quién no las pasa? Tu carta me ha sobrecogido el corazón y necesito que me des un parte casi diario de tu salud, de tu estado de ánimo, del tiempo que hace, la estrella que reluce, el verso recién brotado. Esto de la amistad es, quizás, un

²⁶⁷ Eduardo Chamorro caracteriza essa correspondência como a “más cálida, tierna y sentida, con un Emilio Prados postrado, despierto y con ficciones de adormilado, fraterno, generoso, nostálgico, angustiado, anhelante de afecto y tan candoroso en sus efusiones”. CHAMORRO, Eduardo. Prólogo. In: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 22.

²⁶⁸ MORAES, Marcos Antonio de. *O orgulho de jamais aconselhar. A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp / FAPESP, 2007, p. 75.

²⁶⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 695. Carta a Cela, 23 de fevereiro de 1961.

estúpido juego de egoísmos. Soy egoísta, sí, porque te quiero mucho y porque te tengo demasiado cerca de mí. No importa que esté la mar por medio; esa es un minucia que nada debe preocuparnos.²⁷⁰

Entendemos que a condição de saúde frágil de Prados, que se tornou mais aguda na velhice, contribuiu para ressaltar a importância do intercâmbio epistolar, uma vez que, preso à cama, restavam-lhe poucas atividades, entre elas, a de escrever e de tentar a interlocução com os ausentes, presentificando-os como era possível. Em carta a Cela de 04 de junho de 1958, diz: “Tu carta está a mi lado, a mi derecha, sobre mis libros. Es decir, aquí estás realmente, conmigo. Y hasta me regañas en ella un poco, como todos los que me quieren de verdad lo hacen”²⁷¹. Já na de 25 de junho do mesmo ano, contava: “en la otra [carta], no recuerdo qué, solamente escribí esa carta para estar contigo porque tú me hablaste de lo que para ti significaba la amistad... y yo estoy aquí solo, solo, solo y enfermo”²⁷². No ensaio “Defensa de la carta misiva y de la correspondencia epistolar”, Pedro Salinas discorre sobre as características do encontro que as cartas permitem e sua proposta se alinha com a de Prados ao presentificar Cela como lhe era possível, no caso, pela presença física da carta dele:

¡Cuántas muchas más almas, sufridoras de aislamiento, de soledades, van a hallar ahora remedio por la postal! Distancias y ausencias son tinieblas, y envuelven por igual al presente y al ausente. Un no poder verse material, engendra como un espiritual al no verse. Las gentes, de lejos, mueren a la visión; y empiezan a agonizar en la memoria de los corazones. La carta actúa como luz, porque luz es el verbo.²⁷³

²⁷⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 696. Carta a Prados, 1 de março de 1961.

²⁷¹ Ibid., p. 650.

²⁷² Ibid., p. 656.

²⁷³ SALINAS, Pedro. *Pasajero en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007, p. 259-260.

Ao contrário de estabelecer distância entre o “fazer literatura” e a naturalidade e sinceridade epistolares²⁷⁴, esses elementos parecem se unir na correspondência e configuram a cena em que se movem ambos os escritores. Cela reconheceu méritos literários nas cartas de Prados e mais de uma vez propôs a seu interlocutor transformá-las em material de publicação tal como haviam sido concebidas. Certa vez, para a antologia dos poetas da Geração de 27 que pensava organizar, pede a Prados uma ficha biográfica detalhada, mas, em seu lugar, recebe uma longa carta com os dados que queria. Ao invés de propor a substituição do material, Cela o elogia:

Tu “bellísima carta” –jamás retiraré el adjetivo– irá íntegra en mi *Antología*, como ya te anunciaba y tú ahora me autorizas. Creo que es un documento de primerísimo orden, aparte de cualesquiera otras –y evidentes– razones literarias.²⁷⁵

Prados sente necessidade de explicar sua relutância em que a carta seja publicada e, ao fazê-lo, destaca a carga subjetiva que depositou nela, tornando-a exclusiva para o destinatário. Carta é confidência:

Y es que la “bellísima carta” de información, la escribí para ti, para que fueras sacando de ella los datos que te importaran. Por lo tanto me siento un poco desnudo, innecesariamente, en público si va íntegra. Ahora bien si tú crees que ello puede servir de comunión buena: ¡venga!²⁷⁶

Em outra ocasião, Prados duvida da habilidade para escrever suas memórias:

Entonces pensé hacerlo... Y lo estoy haciendo a ratos. Algunas veces lloro, otras no... Mi prosa es una mierda y a nadie le importará nada de mí. Pero lo hago y

²⁷⁴ Dialogamos com os estudos de Marcos Antonio de Moraes e o entendimento negativo que Mário de Andrade externa em algumas cartas sobre o “fazer literatura” no território textual da correspondência, pois implicaria no rompimento da naturalidade e da sinceridade da conversa epistolar devido ao jogo estético. MORAES, Marcos Antonio de. *O orgulho de jamais aconselhar. A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp / FAPESP, 2007, p. 67-74.

²⁷⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 658. Carta a Prados, 6 de julho de 1958.

²⁷⁶ Ibid., p. 665. Carta a Cela, 1 de agosto de 1958.

diré las cosas más difíciles. Desde que tenía *meses* (te lo juro). Y luego, te las mandaré a ti o te las daré cuando me muera.²⁷⁷

Cela, que havia apresentado Prados com o seu primeiro livro de memórias, tece comentários sobre a maneira de enfrentar os obstáculos apontados pelo interlocutor, inclusive quando se trata da morte – tema que se torna mais recorrente nas cartas de Prados à medida que envelhece:

Escribe tus memorias como me anuncias, como –gozosamente– me amenazas. Tus cartas que mi mujer guarda con un respecto que quizás no te merezcas, ¡mamonazo!, son ya páginas de tus memorias. Te prometo una edición de chinos, cuidada como si fuera de chinos, para cuando tú quieras. No –¿por qué, de nuevo, me amenazas?– para cuando te mueras. Tú te has de morir. Yo, antes o después, también. Pero la posteridad, mi querido y monstruoso hermanazo, me toca los cojones. ¿Te enteras? Yo quiero todo en vida, en vida de todos. ¿Te sigues enterando? Y el que venga detrás que arree. A veces pienso en ir a Méjico, a matarte por mi propia mano para contarlo después; sólo para contarlo después. [...] No hay jamás nada espantoso en la vida de los santos, ni en la de nadie. A veces, en cambio, hay luminosos y bellísimos instantes en la vida de los criminales, y en la de todos.²⁷⁸

Se Prados colocou o “fazer literatura” no território epistolar como um dos mecanismos de aproximação com a família Cela, o escritor galego contribuiu com a promessa de eficiência, sensibilidade e paciência editorial. A correspondência dá a medida da preocupação do poeta com sua obra, principalmente durante a realização, pelas correções dos originais que podiam estender-se mais do que esperava o editor²⁷⁹. Ao longo da comunicação, não há indícios de que Cela conhecesse, especificamente, as inquietudes de Prados antes de que começassem a cartear-se. Entretanto, escolhe as palavras certas em sua primeira carta:

²⁷⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 700. Carta a Cela, 24 de setembro de 1961.

²⁷⁸ Ibid., p. 702. Carta a Prados, 05 de outubro de 1961.

²⁷⁹ Essa faceta de Prados é apontada por Max Aub no poema “Nosotros, entonces”: “Málaga, capital de España. / Litoral, capital de Málaga. / Emilio, capitán del alma, / Emilio, azul cielo y marino, / y capitán de las erratas.” AUB, Max. *Nosotros, entonces. Papeles de Son Armadans*, Madrid - Palma de Mallorca, año XIV, tomo LII, n. CLV, feb. 1969, p. 152.

¿Se imagina usted el gozo con que en esta su casa se recibirían un fajo de versos inéditos suyos? Nada puedo ofrecerle en el terreno material, pero sí en el de la amistad, una escrupulosa corrección de pruebas y unas separatas que, a falta de otras virtudes, tienen cierta mínima dignidad. Nuestro contento habría de ser compartido por sus numerosos –y para usted desconocidos en su mayoría– lectores de España. Anímese. Y sepa, en todo caso, que las puertas de mi revista están de par en par abiertas para usted.²⁸⁰

Em um único parágrafo, Cela verbaliza alguns dos pontos gratos e motivos de preocupação para seu interlocutor. Em primeiro lugar, está a informação de que, apesar do exílio e do isolamento que experimentava no México, a obra de Prados continuava circulando dentro da Espanha e tinha um número significativo de leitores. Em segundo lugar, dá a entender que esses leitores se renovaram e, portanto, já não correspondem à imagem que Prados pudesse ter deles. Em terceiro lugar, Cela se apresenta como um editor seguro, receptivo, incansável e disposto a realizar os pedidos e exigências de mudanças e correções indicadas pelo escritor a qualquer momento e fase do processo editorial. Emilio Prados conhece o valor do oferecimento – pela experiência na revista *Litoral* e na editora *Sur* – e se beneficia dele em algumas ocasiões, como em sua primeira colaboração em PSA:

Mi querido amigo: Hace ya varios días le mandé a Vd. un poema nuevo para que lo incluyera en el grupo que componen los que en varias cartas le fui enviando.

No sé si los habrá recibido. Dígamelo por favor, pues me voy llenando de dudas... y termino al final por no creer en nada de lo que escribo y aterrarme ante su publicación posible [...].

Debido a las mismas dudas de que le hablo, le dije que cambiara el título del grupo de poemas en *Laurel de vida*, en lugar de *Sonoro Enigma*, que fue el que primero le dí.

Hoy le ruego, por favor, que si está a tiempo vuelva este primer título a encabezar el grupo. Me parece más justo a lo que hago o quiero hacer.

²⁸⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 636. Carta a Prados, 3 de diciembre de 1957.

Con esto, de verdad, termino por ahora mis cartas y le ruego que me perdone por tanta molestia.²⁸¹

Vinculada à questão editorial, vale a pena recuperar a importância que o tópico da viagem de volta a Espanha representou para a construção da idealizada amizade entre Prados e Cela. Destacam-se duas formas de viagens: uma, como movimento físico, como um deslocamento que rompe barreiras geográficas; outra, como metáfora que encontra sua realização na memória afetiva e na escritura.

No que diz respeito ao deslocamento físico, Prados nunca voltou, a pesar de ter recebido o estímulo de Cela e de outros interlocutores, como o de seu amigo José Luis Cano que acredita que

Emilio no solo murió de una dolencia física, sino de una dolencia espiritual. Murió de soledad y de nostalgia, con el corazón vuelto hacia Málaga, la Málaga que le hizo poeta y a la que nunca olvidó, como nunca olvidó a sus amigos, a los viejos y a los nuevos.²⁸²

O motivo para desconsiderar a volta não está claramente manifestado nas cartas a Cela e parece ser resultado do sentimento de solidão, isolamento e marginalidade que acompanhava o poeta mesmo antes do exílio, como relata na carta manuscrita de 22 de março de 1960: “Mi hermanito Celilla: Vino tu carta hoy, y ¡qué bien vino! Se me fue acentuando el destierro (aunque desterrado yo creo que siempre lo estuve) y, no sé por qué deseaba carta tuya”²⁸³. Aproximadamente dez anos antes, em outubro de 1947, ao escrever a Cano, recusava a possibilidade de regresso a Málaga e desconfiava de que nunca mais voltaria:

Tú piensas un poco y verás que yo ahora no debo ir a Málaga... ¿Por qué? Hay muchas razones y tú las sabes. ¿Sigo siendo Emilio, o no? Entonces,

²⁸¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 638. Carta a Cela, 22 de fevereiro de 1958.

²⁸² CANO, Jose Luis; PRADOS, Emilio. *Cartas desde el exilio*. Valencia: Pre-Textos, 1997, p. 15.

²⁸³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 682.

independientemente de mis nostalgias y de mis sentimientos de tristezas o alegrías, hay cosas más hondas que tal vez me hagan morir o vivir lejos de esas playas, de ese mar y de esa tierra... (...) ¿Tú crees de verdad que en un jardín bellissimo, frente a mi mar, en mi tierra, tendría yo la paz que quieres para mí? Tú sabes que no... No me hables, pues, como una tentación, del mar y la paz contemplativa [,] de la hermosura de Málaga.²⁸⁴

Carlos Blanco Aguinaga denomina cantos de sereia a estes convites tentadores de regresso, que partiram da Espanha com mais frequência a partir de 1953 e propõe que, talvez, os mais perigosos tenham sido enviados por Cela que escreveu – “de repente”, segundo Aguinaga – em uma carta a Prados:

Piénsalo mucho antes de contestarme a lo que te voy a preguntar: ¿quieres venir a España? Poco peso e influencia tengo, pero sí muy buena voluntad de servir a los amigos, y creo que entre Vicente [Aleixandre] y yo podríamos enderezar lo que pareciese torcido.²⁸⁵

Esse foi o primeiro convite direto dos dois que Cela fez a Prados ao longo da correspondência e estamos de acordo com Blanco Aguinaga de que se trata de uma proposta atraente. No entanto, discordamos de que tenha aparecido “de repente” nas cartas. Ao contrário, pensamos que é o ápice da conversa sobre um tópico, exteriorizado sob a forma de saudade, que estava sendo discutido com frequência há algum tempo e, acrescentamos, o canto de sereia para Prados – assim como para os outros interlocutores de Cela que estudamos – era outro e estava diretamente relacionado com a publicação e o tratamento dado à sua obra literária. No caso específico do poeta, estar na Espanha era alcançá-la com suas palavras publicadas ou com a escritura de cartas íntimas.

O tema da saudade da Espanha aparece já na segunda carta de Prados ao mencionar como seria prazeroso se pudesse percorrer o país. Logo, propõe um pacto que

²⁸⁴ CANO, José Luis, PRADOS, Emilio, *Cartas desde el exilio*, Valencia, Pre-Textos, 1997, p. 38.

²⁸⁵ BLANCO AGUINAGA, Carlos. “Ir o volver o estar como en destierro”: Emilio Prados frente a los cantos de sirenas. *Ínsula*, Madrid, n. 627, marzo 1999, p. 17. O mesmo fragmento da carta pode ser encontrado em: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 657. Carta a Prados, 06 de julho de 1958.

observa a realização de seu desejo sempre que Cela o tivesse na memória, se lembrasse dele, durante os seus deslocamentos²⁸⁶: “Como no puedo, como desearía, *vagabundear* con usted por esos pueblos de España, recuérdeme y hable alguna vez conmigo cuando esté por esas carreteras tan queridas. Gracias por ello...”²⁸⁷.

Cela aceita a proposta com as seguintes palavras, duas cartas depois, cruzando, pela primeira vez e de modo permanente, lembrança com a expressão de amizade:

Escríbame la carta que, por anunciada, me debe y envíeme siempre su poesía. Y su amistad a la que, como usted quiso, recordé el otro día, con la alondra por único testigo, sobre el yermo solar de la ermita románica de Fuentidueña, que nuestros colonizadores se llevaron para su Nueva York.²⁸⁸

O tema da saudade volta com mais força depois do comentário de Cela e Prados encontra na barreira da linguagem o limite de sua exteriorização:

Y si tienes “un ratillo libre”, háblame de tus paseos: de Fuentidueña despojada o de tu Palma despojada de xilografías. Todo viene de ahí, de “España bajo su sol” cosa que nadie puede llevarse de ahí. Tú no sabes lo que es sentirla clavada, cada día más hondamente en la sangre. ¡Perdón! ¡Ya estoy sentimental, cursi y sin tono!²⁸⁹

Fazemos referência ao pacto porque aparecerá em outros momentos da correspondência como forma de reivindicação, de celebração, de encontro ou como forma de reduzir a distância entre México e Espanha, em suma, traduzindo o tipo de relação que estabeleceram. Considere-se ainda que o pacto sinaliza alguns contrastes no momento de

²⁸⁶ No presente da escritura da correspondência, Cela tinha uma importante produção de relatos de viagens. A título de recorte, vamos listar os que foram publicados até o ano da última carta para algum dos autores com os quais trabalhamos, ou seja, até 1972, de acordo com a Fundación Pública Gallega Camilo José Cela: *Viaje a Alcarria* (Madrid: Revista de Occidente, 1948), *Ávila* (Barcelona: Noguer, 1952), *Del Miño al Bidasoa* (Barcelona: Noguer, 1952), *Vagabundo por Castilla* (Barcelona: Seix Barral, 1955), *Judíos, moros y cristianos* (Barcelona: Destino, 1956), *Primer viaje andaluz* (Barcelona: Noguer, 1959), *Cuaderno del Guadarrama* (Barcelona: Arión, 1960), *Página de geografía errabunda* (Madrid: Alfaguara, 1965), *Viaje al Pirineo de Lérida* (Madrid: Alfaguara, 1965), *Madrid* (Madrid: Alfaguara, 1966), *Viaje a U.S.A.* (Madrid: Alfaguara, 1967), *Barcelona* (Madrid: Alfaguara, 1970), *La Mancha en el corazón y en los ojos* (Barcelona: Edisven, 1971).

²⁸⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 637. Carta a Cela, 25 de janeiro de 1958.

²⁸⁸ Ibid., p. 640. Carta a Prados, 26 de março de 1958.

²⁸⁹ Ibid., p. 656-657. Carta a Cela, 25 de junho de 1958.

vida que experimentavam os interlocutores. Encontramos Cela em plena condição física e intelectual, circulando por diferentes regiões da Espanha e diferentes países, acumulando prêmios e dedicado à construção de seu presente e de seu futuro por meio das atividades do cotidiano em ampla gama de esferas – a do trabalho, a da família, a da cultura, e outras. Emilio Prados se autorepresenta, com alguma frequência, como relativamente imobilizado pelas doenças crônicas ou oportunistas, aprisionado na cama: “Te escribo, aquí tendido en la cama, como siempre”²⁹⁰. Tomado pela tristeza e pela solidão, estranhando o lugar onde vive, espera na amizade epistolar algum alívio: “Necesito que me escribas hoy mismo. Estoy muy triste. (¡Melancolía!) Pero... quisiera morir. [...] Soy un dulce trapito lejano y solo, olvidado en una tierra arisca”²⁹¹. Ou ainda, cativo das lembranças:

Apenas me deja la vida, ahora, otra cosa más que la de pensar en ella y en la hermosura que, hoy, fuera de mí me esconde. Pero no me importa o, por lo menos, no me importa demasiado. Quiero decirte –tú lo sabes– que la mitad de la vida está por dentro de nosotros, viva... Y, a mi edad, más aún.²⁹²

A diferença de idade entre os dois colabora para aumentar o contraste e a função social que podem desempenhar. Ainda que estejam comprometidos com as respectivas produções literárias, de acordo com a correspondência, Cela é um membro ativo da sociedade e está participando de realizações em distintos ambientes profissionais – como editor, escritor, administrador e outros. Por sua vez, Emilio Prados, menos comprometido com as urgências do cotidiano, dedica-se a uma função social que é própria da pessoa idosa, como é o caso de recordar e de ser a própria memória de um grupo ou de uma comunidade. Esse conceito mais geral da função social da memória na velhice foi explorado por Ecléa Bosi, no livro *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*, que se apoia no pensamento de Halbwachs para afirmar que

²⁹⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 649. Carta a Cela, 4 de junho de 1958.

²⁹¹ Ibid., p. 676. Carta a Cela, 24 de junho de 1959.

²⁹² Ibid., p. 649. Carta a Cela, 4 de junho de 1958.

há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade [...]. [O] homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos freqüentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refracção do seu passado.²⁹³

Prados rememora seu passado individual e coletivo, o da Geração de 27 ou o de seus amigos, cujas obras mereciam outra leitura ou tratamento, como demonstra sua intervenção junto a Cela em relação a Moreno Villa e reatualiza histórias que foram silenciadas ou mal contadas. Uma delas esclarece o motivo que o levou a não participar das duas versões da antologia dos poetas da Geração de 27 organizada por Gerardo Diego:

la verdadera negación mía, para figurar en la *Antología*, fue refiriéndose a la 1ª A. mi actitud *entonces* era “feroz”, y recuerdo que le dije a Gerardo “yo no conozco a Emilio Prados”... y otras variantes del mismo tono. Cuando se iba a editar la 2ª A, me dijo Gerardo ‘si no recibo carta tuya, para esta fecha, es que no deseas tomar parte en el libro’. Y yo, por flojera, lo fui dejando... Y salió el libro con la aclaración que ya conoce. Esto, no crea que me duele, más que en el sentido de que, al cabo de tantos años, nadie sabe la verdad que ahora le digo.²⁹⁴

Estes últimos comentários abrem-se para o deslocamento da análise do regresso físico em direção à possibilidade do regresso metafórico conduzido pela memória e pelas lembranças ou pela imaginação, uma vez que a amizade entre Prados e Cela se construiu por meio da escritura e prescindiu de outro conhecimento prévio que não fosse aquele mediado pela historiografia ou pelos textos literários.

Na interlocução, também houve conflitos. Se a ausência de carta e de atenção epistolar imediata por parte de Cela poderia ser um motivo de dissabor, foi motivo de conflito

²⁹³ BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

²⁹⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 641. Carta a Cela, 7 de abril de 1958.

Cela ter-se esquecido de convidá-lo para prestar homenagem a seus amigos de geração, por ocasião de seus sessenta anos:

En casa de tu paisano vi de pasada el número dedicado a V[icente Aleixandre]. F[ederico]. y D[ámaso Alonso]. del cual ni me hablaste, ni tenía noticias hasta que supe que estaba impreso. Y, al leer el índice de colaboración, me ha dado pena. Sí; porque esos tres nombres son de tres amigos míos muy grandes. Y yo soy selvático pero no tanto.²⁹⁵

De todo modo, os conflitos se dissolviam pela disposição dos interlocutores em continuar a troca de cartas, isto é, em manter o diálogo.

4.2 Movediço terreno da relação epistolar: Aub e Cela

Uma aproximação à produção artística de Max Aub pede necessariamente que consideremos o impacto que a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Franco tiveram em sua vida e em sua obra. Mas a vida marcada pelos acontecimentos históricos antecede essas catástrofes. Com ascendência alemã e francesa, pelo lado paterno e materno, respectivamente, Aub nasceu em 1903 em Paris e, onze anos depois, passou a viver na Espanha, fixando residência em Valência, e se naturalizou espanhol em 1923. Sua família fugia, naquele momento, das consequências da Primeira Guerra Mundial. Na década de 30, participou ativamente da vida cultural espanhola e atuou como adido cultural na França. Devido à derrota republicana, mudou-se com a família para seu país de nascimento. Perseguido político, acusado de ser comunista, sofreu seguidas prisões, inclusive nos campos de concentração de Vernet e de Djelfa, até conseguir asilo no México em 1942. Naturalizou-se mexicano em 1955.

Aub resume dessa maneira aspectos de sua biografia, na carta a Vicente Auriol, presidente francês entre 1947 e 1954:

²⁹⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 673. Carta a Cela, 28 de fevereiro de 1959.

Soy escritor, español y fui agregado cultural de la Embajada de España en Francia en 1936 y 1937. Dejemos aparte que nací en París, lo que no hace sino dar cierto sesgo tragicómico a la situación. En marzo de 1940, por una denuncia, posiblemente anónima, fui detenido, a lo que supe después, por comunista. Conocí campos de concentración –París, Vernet, Djelfa–, cárceles –Marsella, Niza, Argel–, fui conducido esposado a través de Toulouse para ser transportado, en las bodegas de un barco ganadero, a trabajar en el Sahara y otras amenidades reservadas a los antifascistas. Esto no tiene, desgraciadamente, nada de particular y fue el premio de muchos españoles defensores de la legitimidad de su gobierno.

Lo único que importa ahora, Señor Presidente, es que la denuncia era falsa. Yo no soy, ni he sido comunista. He sido, soy socialista. Usted lo es, o lo fue. Por otra parte tampoco quiero dejar de asentar que el ser comunista no me parece ninguna mengua, ni mucho menos. Tal como no lo es, para mí, ser por ejemplo, católico, apostólico y romano. ¡Ojalá tuviera uno su fe! Pero no, creo, y es bastante difícil mantener esta posición en medio de tanta ceguera, en el progreso, en la libertad, en la amistad y en ese cierto ardor humano que la alimenta.²⁹⁶

Sua carreira profissional conta com a experiência de dirigir a rádio e televisão da UNAM e atuar nas áreas de cinema, ensino, crítica teatral e produção literária. Incursionou em todos os gêneros literários, pois escreveu diários, ensaios, obras de teatro, poesia, romance e contos. Entre os epistolários, podemos citar os já publicados: *Epistolario del exilio. Max Aub (1940-1972)*, *Max Aub. Ignacio Soldevila. Epistolario 1954-1972*, *Max Aub-Francisco Ayala. Epistolario 1952-1972*, e *Max Aub. Tuñón de Lara. Epistolario, 1958-1973*. Note-se, portanto, que a comunicação epistolar com Cela é somente uma das que foram divulgadas e, ainda assim, não em sua totalidade, pois, em *Correspondencia con el exilio*, não se incluem suas cartas²⁹⁷.

A correspondência entre os dois escritores teve início em 1957 e se manteve ativa até a morte de Aub, em 1972, com um período de prolongado silêncio: entre 1966 e 1970, de acordo com o material reunido na Fundación Max Aub, ou entre 1964 e 1970, de acordo com *Correspondencia con el exilio*. Isso não significa a ausência de colaboração de Aub em PSA, pois, apesar da existência de conflitos na esfera privada entre os dois missivistas, a

²⁹⁶ AUB, Max. Carta al presidente Vicente Auriol. In: AUB, Max. *Hablo como hombre*. Segorbe: Fundación Max Aub, 2002, p. 112.

²⁹⁷ Ver nota de rodapé 7.

vontade de agir, de pluralizar os discursos que circulavam na península, de experimentar a criação de algo novo, alimentava tanto Aub quanto Cela. Demonstra-o a lista de textos publicados em PSA durante todo período da correspondência epistolar, aproximadamente um por ano²⁹⁸.

O reflexo desse silêncio na segunda fase da comunicação epistolar, a partir de 1970, pode ser rastreado, pelo predomínio da discussão sobre projetos editoriais, ausência de propostas criativas e a flutuação da forma de tratamento entre “tú” e “usted”, embora as marcas de amigável cortesia permaneçam nas saudações iniciais e finais, com o uso de palavras como “querido” e “grande abraço”.

Antes de propor uma explicação para o silêncio epistolar, que nos parece carregado de ressentimento, é preciso entender o porquê de não ter havido ruptura. Primeiro, podemos retomar as considerações de Ian Gibson sobre a lucidez de Cela para identificar a importância dos escritores do exílio para a cultura espanhola e, portanto, da importância da obra de Aub. Segundo, podemos resgatar a autoanálise de Max Aub sobre sua abertura ao diálogo em uma das cartas. Após uma longa negociação sobre a composição de um livro sobre a Cidade do México que Cela havia pedido a Aub para ser publicado pela Alfaguara, Aub cede às orientações de Cela e diz, em carta de 14 de abril de 1971: “Siempre fui hombre de muy buen conformar”²⁹⁹.

Esse projeto, que se completaria com um livro de Cela sobre Nova York e outro de Rafael Alberti sobre Roma, não se concretizou, embora tenha sido o cerne das missivas da segunda fase da comunicação epistolar. A ideia era que Aub escrevesse um texto sobre a cidade que lhe correspondia, considerando as fotos de Carles Fontseré. Como Cela

²⁹⁸ Entre 1964 e 1970, período de ausência de missivas, de acordo com o livro, foram publicados os seguintes textos de Aub em PSA: “Crímenes y epitafios mexicanos y algo de suicidios y gastronomía” (n. 101, 1964), “Prólogo acerca del teatro español de los años veinte de este siglo” (n. 118, 1966), “Antología traducida” (n. 122, 1966), “Algunos muertos recientes que uno ha conocido (Giacometti Elio Vittorini)” (n. 125, 1966), “Enrique Díaz-Canedo” (n. 140, 1967), “Apunte de Jorge Guillén, con Max Aub al fondo, por éste” (n. 147, 1968), “Nosotros entonces” (n. 155, 1969), “Notas mexicanas” (n. 173, 1970). Javier Quiñones comenta algumas dessas colaborações. QUIÑONES, Javier. “Homenaje a los que nos han seguido”: Max Aub en *Papeles de Son Armadans*. In: AZNAR SOLER, Manuel (Ed.). *Escritores, editores y revistas del exilio español de 1939*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2006, p. 285-297.

²⁹⁹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 69.

começou a apresentação do projeto com um “Sobre unas magníficas fotos de Carles Fontseré”, Aub entendeu que o texto era um elemento secundário em relação às fotos³⁰⁰. O projeto gerou tema de discussão e conversa em várias missivas, 13 no total, até que ficou claro que a importância era dada ao texto, enquanto as fotos eram ilustrativas.

Um aspecto interessante do projeto é a proposta que faz Aub de incluir fotos dos túmulos dos artistas espanhóis enterrados na cidade, compondo assim uma nova imagem do México e dando certo desfecho biográfico para os mortos. Vejamos a sequência do diálogo. Propõe Aub:

Una sola sugerencia: tal vez no estaría mal dedicar una página del libro a las fotografías de las tumbas de los exilados españoles en los cementerios de la ciudad: Díez-Canedo, Moreno Villa, Domenchina, el doctor Márquez, Cernuda, Garfias, Prados, León Felipe, etc. Deme su parecer. Como son auténticamente impersonales podría encargarlas a cualquier fotógrafo de buen ver (es decir, con buen ojo).³⁰¹

Cela consente: “Sobre la marcha: excelente tu idea de dejar constancia de los españoles enterrados en Méjico. Adelante”³⁰². O ano da morte de Aub é também o ano de sua segunda visita a Espanha, ocasião em que se encontra com Cela, como ficamos sabendo nas páginas dos diários de Aub³⁰³, e não através das cartas.

Apesar das diferentes trajetórias de vida dos dois escritores, alguns paralelismos podem ser identificados entre a fecunda e inquieta carreira artística de Max Aub e a de Camilo José Cela. Um deles é a presença nas tertúlias na casa de María Zambrano, onde

³⁰⁰ Pode-se ler em parte do parágrafo da carta: “Sobre unas magníficas fotos de Carles Fontseré – unas cincuenta o sesenta por volumen– Rafael Alberti está escribiendo un libro sobre Roma y yo otro sobre Nueva York. ¿Querría usted escribir uno sobre Méjico? Son para Alfaguara, la editorial de mis hermanos que me publicó el San Camilo, 1939, la novela que le envié y que supongo ya en sus manos. Los libros son de pura creación literaria en la que el personaje –o el tema, por huidizo que fuere– es la ciudad; quiero decir que en ningún caso se trata de una guía ni de nada que se le parezca”. Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 64. Carta a Aub, 9 de marzo de 1970.

³⁰¹ Ibid., Carta 72. Carta a Cela, 25 de mayo de 1970.

³⁰² Ibid., Carta 73. Carta a Aub, 5 de junho de 1970.

³⁰³ Pode-se ler sobre Cela: “Amable, ameno, mala leche y amigo de hacer favores. Extraña saber que el inglés fue su lengua materna y que no aprendió español hasta más tarde y que pudo escoger su nacionalidad hasta los veintiún años. Escritor hasta las uñas, organizado, creyéndose la divina garza, envidioso de los grandes, no duda de sí. No le creo muy leído (por su biblioteca, verbigracia), pero sí magníficamente organizado, con mujer propicia para ese género de deporte. [...] Cuida y calcula sus negocios –bien planeado–, sale de ellos con las manos limpias y los bolsillos llenos. Liberal a la española y a la inglesa”. AUB, Max. *Diarios (1939-1972)*. Barcelona: Alba Editorial, 1998, p. 519.

os dois se conheceram; outro seria a diversidade de áreas das artes e comunicação às quais se dedicaram e, certamente, o mais relevante seria a importância que davam a projetos editoriais e à preservação da memória. À semelhança das homenagens que *Papeles* realizava para os escritores que completavam sessenta anos – sendo Aub um deles –, em 1964, Aub criou e dirigiu a revista *Los Sesentas* que recebia colaborações exclusivamente daqueles que tinham ou ultrapassaram a idade anunciada no título. Apesar de sua curta vida – aproximadamente dois anos e cinco números –, na lista de colaboradores da revista, constam os nomes de Rafael Alberti e Américo Castro. Hábeis editores, Cela e Aub trocaram informações sobre publicações e foram cónsules dos projetos um do outro, como vimos no capítulo anterior.

Talvez movidos pelo mesmo objetivo de conhecer e reunir o que fazia aquela geração dividida e dispersada pela Guerra Civil, ambos escritores desenvolveram a prática de arquivar dados de suas vidas e atividades profissionais – como recortes de crítica literária, cartões, além das mencionadas cartas –. Camilo José Cela Conde, que foi interlocutor de Max Aub durante a preparação do livro *Pequeña y vieja historia marroquí*, a pedido do pai, mostra a importância que se dava à opinião da crítica e revela algo do humor de Cela ao lê-las, de modo geral, comedido nas correspondências. A carta é de 13 de abril de 1972, Cela Conde era subdiretor de PSA:

Ayer - ¡Al fin! – le hemos enviado los ejemplares de la recién nacida historia marroquí. Ya le iremos informando de cómo reacciona el país.

¿Quiere usted que le mandemos las críticas que salgan? Mi padre es muy aficionado a leer las memeces que se inventan los críticos, y a veces se enfada y todo –con el San Camilo se enfadaba casi siempre-, pero insiste en la lectura. Ya nos dirá cosas.³⁰⁴

O livro reúne um número significativo de colaborações de Aub em PSA, sendo que o texto que não havia sido publicado na revista, por problemas com a censura, é precisamente o que dá título ao livro. Para sua composição, Aub escreveu uma carta a pedido de Cela

³⁰⁴ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 14, Carta 13. Carta a Aub, 13 de abril de 1972.

Conde que aparece no livro, após a introdução, como uma espécie de prólogo, explicando sua opção de escrever para PSA e listando os problemas que tinha em outras revistas³⁰⁵. Espaço para publicar e liberdade para produzir harmonizam-se com a dimensão da amizade epistolar:

¿Por qué colaboré con *Papeles de Son Armadans*? Porque es la revista de su padre.

Yo quería (quiero) publicar en España. Lo malo, en 1950, era saber dónde. *Insula*, bien (y sigo). ¿*Índice*? De mi colaboración en esa revista tendría algo que decir, pero su director no quiere y menos poner los puntos sobre las íes, y soy bastante mirado en eso de la ortografía y preferí darme por enterado [...].

No soy sectario; nunca envié página que no pudiera publicarse –o a lo sumo con una supresión insignificante si el burócrata se levantaba de peor humor el martes que el lunes [...].

Siento no poder hacerlo en revistas de gran circulación, pero comprendo que no íbamos a estar de acuerdo en los temas a tratar. A veces he dicho algunas verdades, lo que me lleva a suponer que colaboré en *Papeles* porque nunca quise dar mi brazo a torcer, y lo cierto es que no lo intentaron siquiera. De ahí mi feroz agradecimiento.

Sólo estuve en Mallorca una vez –y una semana– debe haber como cincuenta años; pero me acuerdo como si fuese mañana; tal como *Papeles* ha mantenido durante décadas, la imagen de una España que sólo existe en nuestro pasado y en nuestro porvenir.

Nunca creo haber y haberme aprovechado tanto de una amistad y de una hoyanca.³⁰⁶

Aub ressalta as oportunidades criadas para a publicação de seus textos, por outro lado, deixa transparecer certo sinal de pessimismo ao apontar que a singularidade da revista promove uma imagem da Espanha desvinculada do presente de sua produção, ou seja, “que sólo existe en nuestro pasado y en nuestro porvenir”. Pessimismo maior, relacionado explicitamente com a revista, pode ser identificado em fragmento de *La gallina ciega*, escrito após sua primeira visita à Espanha, em 1969. Nele, o escritor assinala que as colaborações

³⁰⁵ Ver Anexo F desta tese.

³⁰⁶ AUB, Max. Carta de Max Aub a Camilo José Cela, hijo. In: *Pequeña y vieja historia marroquí*. Palma de Mallorca: Las Ediciones de los *Papeles de Son Armadans*, 1971, p. 9–10.

publicadas em PSA estavam destinadas à obscuridade e seus autores terminavam por servir aos interesses do regime:

Nadie lee *Papeles de Son Armadans*, revista confidencial, para suscriptores. Tendré que enviar, aquí, las separatas que me regalan para que se enteren, por lo menos, cuarenta personas.

Igual debieron de hacer los de *Ínsula*, que no se ve en parte alguna. Nadie habla de ninguna de estas dos revistas. Como si no existieran. Por algo dejan que en una y otra publiquen tanto los que estamos fuera. (Llamarnos *refugiados* o exiliados o exiliados o trasterrados parece ya totalmente *fuera* de lugar.) Fuera, sólo de ellas se habla, únicas que se ven. “Juan ríe, Juan llora”; no es mala política para una dictadura. Y así, sin querer, la servimos.³⁰⁷

Retomando o tema da preocupação arquivística, aproximadamente 10.000 correspondências estão sob a custódia na Fundación Max Aub, enquanto 95.000 estão sob a custódia da Fundación Pública Gallega Camilo José Cela. São dois escritores que propõem ao pesquisador a construção de novas memórias pelas diferentes vozes que povoam os documentos arquivados. Nesse sentido, são arquivistas de existências, e parecem, por um momento, construir o lugar imaginado por Philippe Artières onde seria possível reunir todos os rascunhos e dossiês de suas existências³⁰⁸.

Tantas semelhanças invocam as diferenças que vão responder pelo período de silêncio que nasce e se resolve no território textual das cartas ou, ao menos, da escrita. Lembremo-nos que a relação epistolar entre Aub e Cela, que pertencem a diferentes gerações de escritores, tinha certas garantias. A primeira, por terem se conhecido durante as tertúlias na casa de María Zambrano e a segunda, porque Aub reconhecia qualidade na produção artística de Cela. No entanto, Aub deixa pendente a confirmação desse elo, nesse início de troca epistolar, que deveria se dar pela presença física: “Espero que algún día,

³⁰⁷ AUB, Max. *La gallina ciega*. Diario español. Barcelona: Alba Editorial, 1998, p. 214.

³⁰⁸ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 9-10, 1998.

frente a frente, podamos confirmarlo”³⁰⁹. E se propõe a enviar suas obras a Cela, porque sabe que não circulavam pelo país, além de encaminhar a primeira colaboração para PSA – “Llegada de Victoriano Terraza a Madrid”. Cela confirma que só conhece a obra de Aub anterior à guerra e que isso se deve ao contexto histórico peninsular. Também afirma: “Tengo la certeza de que frente a frente, como usted pide, podremos confirmar nuestra vieja amistad”³¹⁰.

O encontro físico se mantém como uma pendência durante praticamente toda a correspondência, uma vez que só acontece pouco antes da morte de Aub, em 1972. Mas volta como tema da conversa em diversos momentos e com diferentes tons. Em 58, Aub propõe que se encontrem na França ou Itália, onde estaria. Não era um bom período para Cela. Uma negociação das cláusulas da formulação da amizade verifica-se por este desencontro ao propor Cela a mesma estratégia de estabelecimento de vínculo que funcionava na interlocução com Prados e que se manifestava pela lembrança do ausente durante suas viagens pela Espanha: “El otro día estuve en tu Valencia, por mor de conferencia. Te dediqué un recuerdo”³¹¹. Aub esquivava-se desse encontro que se realiza pelo exercício da imaginação e destaca o esquecimento de seu nome no país: ¡Qué bien que te acordaras de mí en Valencia! ¿Se acuerdan ellos?”³¹². As próximas cartas são de Aub, enviando poemas de León Felipe ou seus próprios textos para serem publicados em *Papeles*.

No caso de Aub, tanto a volta física quanto a volta metafórica, por meio das obras, estavam condicionadas pelas batalhas com a censura. Um caso, que preferimos apontar neste capítulo porque não estava sob a responsabilidade editorial de Cela, diz respeito à

³⁰⁹ Ampliamos o fragmento de carta de Aub citado no capítulo 2: “Sí, con su referencia, ahora recuerdo un muchacho espigado, de los que llamábamos irreverentemente “hijos” de María Zambrano. El haberle estrechado la mano entonces, a más de su obra, creo que me dan derecho a llamarle amigo. Espero que algún día, frente a frente, podamos confirmarlo. Sus libros llegan aquí, los míos no llegan allá. Dígame los que quiere”. Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 3. Carta a Cela, 29 de outubro de 1957.

³¹⁰ Ibid., Carta 4. Carta a Aub, 4 de novembro de 1957.

³¹¹ Ibid., Carta 11. Carta a Aub, 22 de junho de 1958.

³¹² Ibid., Carta 12. Carta a Cela, 1 de julho de 1958.

publicação do livro *La Calle de Valverde*³¹³. Na primeira carta em que se refere ao livro, conta Aub: “Parece que Seix y Barral tienen ciertas dificultades con el Santo Oficio para la publicación de una novela mía. Dios les ayude”³¹⁴. Na segunda, expressa a raiva pela notícia da proibição: “Los hijos de la mañana, después de nueve meses –buen término– decidieron que mi novela no se debía publicar por esas tierras. Hijos de tales por cuales”³¹⁵. Cela não comenta estes casos e só vai se pronunciar sobre a censura quando ele próprio é impedido de atuar como muro de contenção para promover a liberação de *Homenaje a los que nos han seguido*.

A partir do final de 1960, de acordo com carta de 28 de dezembro que se encontra na Fundación Pública Gallega Camilo José Cela, a meta de Aub é encontrar-se com Cela na Espanha. Volta ao tema repetidas vezes, ainda que mude o humor, algumas vezes se mostra esperançoso e outras, desanimado. Por sua vez, Cela escreve uma carta exclusivamente para oferecer acolhida em sua casa:

Querido Max

¡Ojalá! En mi casa tienes sitio, paz y un plato a la mesa. Te espero con los brazos abiertos.

Un fuerte abrazo, anticipo del que quisiera darte de verdad.³¹⁶

Em carta de 12 de julho de 1961, compartilha Aub a esperança de voltar: “A ver si este año tengo más suerte y podemos abrazarnos”³¹⁷. A carta seguinte também é de Aub e encontramos o resultado negativo de mais uma tentativa de volta a Espanha: “Tampoco este año, por las mismas razones que el pasado, podré ir a Palma. Lo siento, además, porque hubiese defendido tu candidatura para el ‘Prix Intenational des Editeurs’”³¹⁸. Sobre esse

³¹³ Javier Quiñones identifica o livro referido nas cartas como sendo *La Calle de Valverde*. QUIÑONES, Javier. Camilo José Cela y Max Aub, evocación de una amistad transterrada (seguida de un epílogo epistolar). In: AGUILAR RUIZ, Julio et al. *Anuario 2005 de Estudios Celianos*. Madrid: UCJC/Fundación Camilo José Cela, 2005, p. 97.

³¹⁴ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 22. Carta a Cela, 2 de julho de 1959.

³¹⁵ Ibid., Carta 25. Carta a Cela, 8 de janeiro de 1960.

³¹⁶ Ibid., Carta 30. Carta a Cela, 3 de janeiro de 1961.

³¹⁷ Ibid., Carta 34.

³¹⁸ Ibid., Carta 35. Carta a Cela, 24 de março de 1962.

tema especificamente, Cela lamenta: “Lo que siento de que no vengas a Mallorca no es tanto el no poder abrazarte como el que prevalezcan las causas que te impiden pasarte aquí unos días”³¹⁹.

Essa sequência de retalhos de cartas, em que Aub anuncia seus trâmites para conseguir o visto para voltar a Espanha, tem o objetivo de mostrar a relevância do assunto na comunicação com Cela. A última menção a ele será precisamente na carta que parece ser responsável pelo silêncio que está devidamente marcado pela ausência de comunicação epistolar, conforme aponta Javier Quiñones³²⁰. O pesquisador levanta hipóteses sobre o motivo do desconforto de Cela e, a partir da materialidade do texto dessa carta, encontra no recurso do sarcasmo uma possível justificativa. Em maio de 1966, Aub recebe um convite impresso, tocado pelo bom humor, para festejar o quinquagésimo aniversário de Cela, em que se oferece ajuda “para todo cuanto pueda necesitar en lo tocante a viajes, alojamientos, médicos y botica y demás vicios y zarandajas”³²¹. Apesar da impessoalidade do convite, Aub responde e, ao fazê-lo, repassa pontos de confluência da história dos dois, como o de homenagear os artistas sessentões, e como o assunto embaraçoso do tão esperado visto. Não há saudação inicial ou final e, à data, segue um texto em terceira pessoa que contrasta com a ostensiva referência às inquietações de Aub:

Max Aub asistirá con todo gusto al venerable cincuentenario de don Camilo José Cela Trulock sintiendo que no sean menos los años que cumple y espera que el Sr. Sánchez sea tan amable de remitirle el visado que necesita para entrar en España y los inevitables pasajes en cualquier compañía de aviación, ya que en esto no tiene preferencia alguna.

Agradece muy cumplidamente los ofrecimientos de botica, ya que tiene seis enfermedades crónicas que más o menos se compaginan y espera pasar algunos

³¹⁹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 37. Carta a Aub, 13 de abril de 1962.

³²⁰ Em sua análise, Javier Quiñones informa sobre a existência de uma carta de Aub, de 1967, entre outros temas, lamentando que aquela era a terceira ou quarta missiva enviada, sem que houvesse resposta. QUIÑONES, Javier. Camilo José Cela y Max Aub, evocación de una amistad transterrada (seguida de un epílogo epistolar). AGUILAR RUIZ, Julio et al. *Anuario 2005 de Estudios Celianos*. Madrid: UCJC/Fundación Camilo José Cela, 2005, p. 100-101.

³²¹ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Convite 61 a–b, s/d.

días en compañía del ilustre director de la revista que supone con tanto gusto le acoge.

Max Aub aprovecha esta oportunidade para desear que Camilo José Cela cumpla diez años más para ofrecerle con la misma liberalidad cuantas páginas quiera entonces ocupar en “Los Sesenta”. Y espera que, para entonces, tal vez tenga la ocasión de darle el abrazo que le envía.³²²

Mais do que o sarcasmo presente nessa carta, entendemos a divergência entre Aub e Cela como resultado do experimentalismo linguístico proposto por Aub para a correspondência, situando-o na ampla categoria do humor – como a ironia, o cômico, ou a paródia. Ao contrário do que acontece na correspondência entre Prados e Cela, tensionar a linguagem das cartas é tensionar os vínculos da amizade epistolar, criando afastamento e colocando em pauta o risco de cisão. Isso se dá porque Aub reitera a proposta de dessacralização de uma ampla gama de contextos de formalidade – situacionais ou de variedades linguísticas. Pelo menos três situações sugerem essa perspectiva de análise, embora com resultados diferentes para a manutenção dos mecanismos de cumplicidade entre os autores.

A primeira, embora seja a última na sequência temporal, aparece na carta que citamos antes. Seu texto poderia ser compreendido como um exercício de autoironia, pois, mostrando a “constituição do discurso como fato histórico e social”³²³, Aub reafirma seu frustrado esforço de voltar. Outra possibilidade de leitura pode revelar uma provocação ao interlocutor ao lembrá-lo da inadequação do convite. As promessas de benesses logísticas, que facilitariam a vida do convidado, resumidas na expressão “todo cuanto pueda necesitar”, são desmascaradas ou dessacralizadas pela impossibilidade de cumprimento do mais importante requisito: a permissão para entrar na Espanha.

A segunda, deve-se à proposta de Aub de criar a personagem de Mercedes Raventós que apresentaria uma obra em um concurso literário e, por meio da intervenção de Cela, seria a vencedora. Como vimos no capítulo anterior, apesar de considerar divertida

³²² Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 62. Carta a Cela, 4 de mayo de 1966.

³²³ BRAIT, Beth. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 15.

a proposta, Cela a rejeita, evitando a dessacralização da figura do editor. E Aub reconsidera: “Lo de Mercedes Raventós fue humorada de un amanecer. Si no lo entras, yo tampoco. No tiene ninguna importancia”³²⁴.

Na terceira situação, Aub dessacraliza o texto formal e impessoal que anunciava a publicação da colaboração do autor em PSA e acompanhava as separatas. Trata-se do “B.L.M.” – ou “besalamano” – que estão arquivados na mesma pasta das cartas pessoais de Cela na Fundación Max Aub³²⁵. Transcrevemos o fragmento relevante do documento enviado em nome de Cela:

*El Director
de
Papeles de Son Armadans
B. L. M.*

A su distinguido amigo Max Aub, y tiene el gusto de adjuntarle 46 separatas de su narración LLEGADA DE VICTORIANO TERRAZA A MADRID, publicada en el nº XIII de la revista. Los ejemplares número 47, 48, 49 y 50 se reservan para nuestro archivo.

Asimismo se permite rogarle que se sirva devolverle un ejemplar firmado para su colección particular.³²⁶

Ao discurso formal e oficial da revista, Aub contrapõe o seu pessoal e particular, reinventando o B.L.M.. Como uma paródia do primeiro, convida às conversas sobre o divino e humano e, tomando distância dos aspectos ficcionais que pudéssemos identificar no texto, inclui um parágrafo pessoal no final do documento. O B.L.M. de Aub diz:

Max Aub B.L.M. a su distinguido amigo Camilo Jose Cela y tiene el gusto de acusarle recibo de 46 separatas de su narración LLEGADA DE VICTORIANO

³²⁴ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 19. Carta a Cela, 13 de fevereiro de 1959.

³²⁵ O *Diccionario Panhispánico de Dudas* dá a seguinte definição desse documento: “Carta breve que contiene la abreviatura *b. l. m.* (*besa la mano*), redactada en tercera persona y sin firma’ (...). Este sustantivo masculino se escribe siempre en una sola palabra”. Disponível em: <<http://lema.rae.es/dpd/?key=besalamano>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

³²⁶ Observe-se que o texto de Aub foi publicado no número XXIII da revista e não no número XIII. Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 5. Carta a Aub, 21 de fevereiro de 1958.

TERRAZA A MADRID, publicada en el número XIII (sic) de la revista que tan brillantemente dirige.

Asimismo se permite incluirle el ejemplar número 2, firmado, para su colección particular.

Max Aub se alegra muchísimo de considerarse colaborador de PAPELES DE SON ARMADANS y espera que, de aquí adelante podrá tener el gusto de escribirse acerca de lo divino y lo humano con su amigo Camilo José Cela.³²⁷

A avaliação de Cela deste B.L.M. festeja o que pode haver de criação artística: “Me llega tu coñón B.L.M. Mil gracias”³²⁸. Nesta última situação, a dessacralização é avaliada como positiva.

Outra proposta divertida, desta vez feita por Cela, foi experimentada igualmente pelos dois no território textual das cartas, na fase de comunicação em que havia um bom vínculo de cumplicidade. A história começa com Cela cobrando um exemplar do livro *Jusep Torres Campalans* – imaginando que existiria uma edição francesa, pois já tinha a mexicana –, cujo fragmento havia sido publicado em PSA³²⁹. Como o exemplar que recebe é igual ao que tem, decide presenteá-lo a uma vizinha:

El avión me trajo –!todo llega!– tu Jusep Torres Campalans made in Mexico, igual al que ya tenía. El ejemplar duplicado –y no firmado– se lo regalaré a Miss Lissa Sänderlasse, una criaturita que está como un tren y que me enseña las tetas, desde su alto tejado, todas las mañanas a las 9. !Oh, el orden sueco, las mozas suecas, la gimnasia sueca!³³⁰

Na resposta, está a autorização de Aub para o presente: “Conforme de toda conformidad con que mi ejemplar vaya a parar a manos de Miss Lissa –que no debe estarlo tanto– por las referencias que das”³³¹. O desfecho da história é dado por Cela, na carta de 28 de março de 1963: “Miss Lissa – !animalito! – está feliz con su ejemplar. Toma el sol em

³²⁷ Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 6. Carta a Cela, 25 de marzo de 1958.

³²⁸ Ibid., Carta 7. Carta a Aub, 27 de abril de 1958.

³²⁹ Quando recebe o exemplar mexicano, comenta: “Lo que yo buscaba y sigo buscando es un ej. de la gran edición francesa, que no sé ni si existe. Si no hubiera más huevos –ni más cera que la que arde– hasta lo pagaría”. Ibid., Carta 49. Carta a Aub, 12 de março de 1963.

³³⁰ Ibid.

³³¹ Ibid., Carta 50. Carta a Cela, 19 de março de 1963.

cueros vivos y, a veces, se queda dormida, igual que una lagartija cachondísima, con la biografía del pintor muerto sobre sus más íntimas y latidoras biografías”³³².

Considerando as manifestações de humor na correspondência de Cela e Aub, podemos propor que o experimentalismo linguístico tanto levou à aproximação quanto ao afastamento na esfera particular das cartas. No entanto, Aub e Cela, que em alguns momentos da interlocução parecem se espelhar no trabalho intelectual um do outro, são capazes de manter a colaboração na esfera pública (PSA), confirmando a possibilidade de existir a relação de sociabilidade apesar das divergências latentes no plano particular. Os correspondentes revelam, assim, uma experiência de amizade, cuja formulação é encontrada no plano das cartas e responde às especificidades do momento histórico, construída na distância e na diversidade que os caracteriza como escritores e como homens.

Não podemos perder de vista, por outro lado, que essa é uma das imagens dos carteadores projetada para o futuro. Outras podem ser reveladas por meio do estudo dos arquivos que cuidadosamente montaram. Afinal, como pontuou Philippe Artières:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.³³³

4.3 Entre negócios e amizade na correspondência de Cela e Alberti

Na lista dos poetas da Geração de 27 que se exilaram, está o nome de Rafael Alberti. Filiado ao partido comunista e participante ativo nas questões culturais e políticas do lado republicano, Alberti foi secretário da Alianza de Intelectuales Antifascistas e um dos

³³² Fundación Max Aub, Caixa 4, Pasta 13, Carta 51. Carta a Aub, 28 de março de 1963.

³³³ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida, *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p. 31.

diretores da revista *El mono azul* que era distribuída na frente de batalha. Depois de sair “milagrosamente” da Espanha, de acordo com suas palavras³³⁴, viveu por pouco tempo na França e por muitos anos na Argentina e na Itália, antes de voltar ao seu país.

Se Alberti só se estabeleceu na Espanha depois da morte de Francisco Franco, sua produção artística já circulava no país há algum tempo como resultado de diferentes iniciativas, entre elas, as promovidas por Camilo José Cela. Como exemplo, podemos citar a homenagem que faz Cela por ocasião do sexagésimo aniversário de Alberti, em 1962, dedicando-lhe um número especial da revista *Papeles de Son Armadans*.

Ao examinar as cartas trocadas entre Cela e Alberti entre 1956 e 1972, em *Correspondencia con el exilio*, vemos que nelas se constrói um espaço textual para discutir a criação artística principalmente de Alberti, tanto a relacionada com a produção literária quanto a referente às artes plásticas, além da discussão sobre aspectos de editoração de seus textos. Como é característico desse grupo de escritores, também figuram alguns dos temas importantes para o exilado, como a preocupação mais ou menos intensa com os alcances da censura. Por outro lado, a comunicação se estabelece não só a partir das palavras, mas também por meio de outro signo, como é o caso dos desenhos de Alberti. Ainda que não faça parte de nossos objetivos desenvolver uma análise que considere o entrelaçamento entre palavra e imagem, até porque a existência dos desenhos está apenas informada no livro, não podemos omitir sua presença porque é um signo mobilizado para o convencimento e para a sedução do interlocutor, como veremos. É nesses meandros que podemos buscar a construção da amizade epistolar, como expressão da subjetividade de dois escritores atuantes em suas especialidades de trabalho.

A primeira carta que aparece no conjunto é de 09 de fevereiro de 1956. Um amigo comum, Rafael Penagos, faz a mediação e apresenta a Alberti o desejo de Cela de se corresponder com ele e de lhe pedir colaboração para *Papeles de Son Armadans*,

³³⁴ A informação está na ficha biográfica enviada por Alberti a pedido de Cela e que acompanha a carta de 10 de agosto de 1958. Diz: “1939. – Acabada la guerra española, salido de su país milgrosamente, trabaja em París, con su mujer, como *speaker* de la Radio Paris-Mondial. Empieza a escribir un nuevo libro de poemas: *Entre el clavel y la espada*”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 157.

classificada por Penagos como “una revista literaria – e independiente”³³⁵. Em carta que acompanha a de Penagos, Cela reafirma o caráter independente da revista, propõe-se a trabalhar pela qualidade de publicação do material enviado e diz que a admiração pelo poeta ultrapassa a resposta que possa ter a seu pedido.

O tema da admiração de Cela por Alberti estará presente na maioria das cartas, se não em todas, de diferentes maneiras. Geralmente, manifesta-se na saudação com que Cela termina as cartas: “de su viejo admirador y nuevo amigo”, “de su muy devoto lector y leal amigo”, “de su devoto lector y agradecido amigo”, “de su admirador y muy afmo amigo”. A gradação que se percebe nos fragmentos citados culmina na última carta, em que se lê: “de su viejo lector y muy amigo”. A posição de leitor se reflete na importância que dedica às obras de Alberti e nos insistentes pedidos de autógrafos. Além de leitor, Cela vai estabelecer com o poeta uma relação que comporta a de editor que publica seus textos e ilustrações. Já a relação de amizade parece assentar-se sempre em frágil equilíbrio.

Ainda que a comunicação entre Cela e Alberti se estabeleça, existe um período de silêncio de aproximadamente um ano que se deixa entrever das duas cartas de Cela, as primeiras do livro. Sabemos, no entanto, que entre uma e outra, houve resposta de Alberti, disposto a colaborar com a revista. Responde Cela a essa carta desaparecida com uma declaração privada e solene que versa sobre vários tópicos relativos à revista, como liberdade temática, competência do editor e virtudes da publicação (“honesta”). Escreve:

Claro que sus versos –sobre Picasso o sobre el Arzobispo de Manila – llegarán siempre a tiempo a los *Papeles de Son Armadans*. La revista, quizás milagrosamente, aún no ha muerto, y la publicación de sus tan deseados versos habría de infundirle aún mayor vida. El número especial de Picasso no lo hemos publicado porque se nos pasó la fecha sin conseguir las suficientes colaboraciones especiales. Dimos dos poemas, uno de Luis Felipe Vivanco y el otro de Blas de Otero. Sus poemas –que tanto le agradecemos ante su solo anuncio– podrán versar sobre lo que usted quiera ya que lo que nos ilusiona es ofrecer algo suyo y no me atrevería, ciertamente, a marcarle suerte alguna de preferencia. Anímese usted a ponerlos en el correo y entienda bien claro que, contra viento y marea y contra tirios y

³³⁵ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 100.

troyanos, usted tiene unas páginas amigas en España, unas páginas honestas y bienintencionadas que, a falta de mayores méritos, tienen proyectado morir obscuramente antes que prostituirse.³³⁶

A colaboração com PSA somente se efetivará em 1958 por ocasião da homenagem prestada pela revista a Vicente Aleixandre e a Dámaso Alonso pelo sexagésimo aniversário. No total, foram sete colaborações, sendo que três delas apareceram no mesmo número da revista. Mas são dois os motes sedutores usados por Cela para convencer Alberti a enviar textos: primeiro, inclui também a solicitação de poemas para acompanhar um número da revista ilustrado por Picasso, que aparece como elo comum entre os dois; segundo, assim como aconteceu com Prados, informa que preparava uma antologia dos poetas de 27 para a qual a participação de Alberti era fundamental. Escreve Cela: “Si usted aprueba la idea y me brinda la colaboración que le pido, el libro será una realidad. En caso contrario, el libro se quedaría en proyecto puesto que usted, claro es, no puede faltar”³³⁷. Lança mão ainda de outro argumento para convencer Alberti ao lembrar que um longo ensaio sobre sua obra havia sido publicado em *Papeles*: “En nuestro número XVI, correspondiente al pasado Julio, publicamos un largo ensayo de Luis Felipe Vivanco, titulado ‘Rafael Alberti en su palabra acelerada y vestida de luces’. Confío en que Vivanco ya le habrá hecho llegar alguna separata”³³⁸.

Diante desses estímulos, que beiram a chantagem, e após cinco cartas enviadas por Cela, Alberti responde afirmativamente às solicitações. Antes, porém, o discurso de Cela indica que estava em contato com Alberti, embora sem ter recebido colaborações para PSA, seja por carta que se perdeu ao longo do tempo, seja porque a resposta era dada pela escritora Maria Teresa León, esposa de Alberti. A saudação inicial da carta de 26 de maio de 1958 faz referência direta aos dois. Nela, Cela volta a incentivá-lo com outros argumentos contundentes, que procura completar o desenho da aproximação:

³³⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 102. Carta a Alberti, 16 de janeiro de 1957.

³³⁷ Ibid., p. 105. Carta a Alberti, 26 de maio de 1958.

³³⁸ Ibid., p. 103. Carta a Alberti, 20 de agosto de 1957.

Nuestra correspondencia, mi querido Alberti, ha sufrido frecuentes interrupciones y demoras, yo creo que perjudiciales para todo ya que, entre todos, son muchas las cosas que se podrían hacer. La llegada de este libro traducido por María Teresa y por usted me da buenas esperanzas de poder reanudarlas. [...] En España tiene usted más amigos de los que piensa y en *Papeles de Son Armadans*, una honesta y liberal tribuna a su disposición. Su voz es de las pocas que faltan en mi lista, Alberti, y es también una de las pocas que no debieran faltar.³³⁹

Por fim, segundo a correspondência publicada, devemos insistir, apresenta-se Alberti no diálogo, propondo-se a escrever um poema inédito, como exige a revista, sobre Aleixandre para o número de homenagem. Nessa primeira carta do poeta, há os dois recursos importantes para estabelecer a cumplicidade com o interlocutor: texto e ilustração. O desenho de Alberti, acompanhando o texto datiloscrito, reforça o pedido de desculpa por não responder as cartas recebidas com a brevidade que imaginava aconselhável: “le escribo largo, por fin. Estoy en falta con usted. Nada le dije de su heroica modernización de *El cantar de Mio Cid*. Hermoso y logrado trabajo, por el que le felicito de verdad”³⁴⁰. Para ele, ausência de cartas não significa ausência de amizade. Alberti se autorepresenta como um mal carteador: “Escribo pocas cartas. Quedo mal con todo el mundo. No se enfade por mis largos silencios”. Também semeia a ideia de que seja ele próprio um homenageado, quando complete 60 anos – o que de fato acontecerá. Diz a Cela: “Dentro de cinco años, podré yo figurar en un número parecido”³⁴¹.

A resposta confirma a promessa de editor que havia feito a Alberti no começo do diálogo: “Venga en buena hora lo de Aleixandre y no me presuma de viejo, que no lo es. Alargo los plazos de la imprenta y le espero hasta el 10 o el 12 de septiembre. El n. es el de octubre y la revisa se compone a mano, no lo olvide. Ojalá sople la musa y ¡qué gozo, si quisiera soplar!”³⁴²

³³⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 104.

³⁴⁰ Ibid., p. 105-106. Carta a Cela, 10 de agosto de 1958.

³⁴¹ Ibid., p. 106. Carta a Cela, 10 de agosto de 1958.

³⁴² Ibid., p. 107.

Por fim, em uma carta manuscrita, breve, quase um recado, Alberti anuncia o envio das esperadas colaborações para o número de homenagem³⁴³. A resposta de Cela será entusiasmada:

Mi querido Rafael Alberti,
¡Qué alegría la de recibir sus versos! Supongo que la de Vicente [Alexander] y Dámaso [Alonso] no será menor y el número, con sus señales de refuerzo –¡qué por los pelos llegó!– promete ser magnífico.
No ignoraba –ninguno ignoramos– el señalado favor que para los *Papeles* supone el ser su voluntaria tribuna después de tanto dolor y tantos años. ¡Qué alegría me acaba usted de dar, mi querido Alberti!³⁴⁴

Além da proteção do editor pela importância do editado, Alberti instiga a compulsão de colecionador de Cela e alimenta seu prazer pelas artes plásticas. Outra vez, o desenho se inclui na carta e colabora para enfatizar o agradecimento de Alberti a Cela. Lê-se na carta de 14 de julho de 1960:

Mi querido Cela:
Pensaré que no recibí las preciosas separatas de “La Chunga”. Llegaron cuando yo andaba de viaje –Venezuela, Cuba, Colombia, Perú...– ¿cómo agradecerle este regalo? También recibí su poema a Altolaguirre. Creo que es, hasta ahora, el único que se ha escrito sobre el pobre Manolo.³⁴⁵

Alberti, por sua vez, na carta de 16 de novembro de 1962, reforça seu retrato de mal carteador e justifica o silêncio: “Gracias por perdonarme mi silencio, que no significa despego, falta de amistad, etc., sino puñetera pereza andaluza para escribir cartas. Muy mal está esto. Yo lo sé. Pero...”³⁴⁶. Se há um carteador que, entre nossos estudados, inverte a confortável situação da ansiedade epistolar é Alberti. De modo geral, é Cela quem pede o

³⁴³ Ver página 112 desta tese.

³⁴⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 109. Carta a Alberti, 5 de noviembre de 1958.

³⁴⁵ Ibid., p. 113.

³⁴⁶ Ibid., p. 115.

rompimento do silêncio, quem descobre um tema para atrair o poeta para o diálogo, ainda que nem sempre essa vontade de encontro se mostre recíproca.

Seja para desculpar-se, seja para agradecer ou para estimular Cela a agilizar a publicação de seus textos e imagens, o desenho cumpre uma função nas cartas de Alberti. Como reforço das palavras agradecidas, o desenho tem na carta de 24 de setembro de 1963, a vigésima segunda trocada entre Cela e Alberti, sua mais evidente tradução. Nessa carta, Alberti enfatiza por meio de palavras emocionadas seu agradecimento pela homenagem que lhe rendem em *Papeles de Son Armadans* e faz referência a sua situação de escritor dentro da Espanha: “Necesito leer este homenaje con el detenimiento que merece para escribirle a usted de nuevo y agradecerle una vez más el bien que ha hecho a este casi ya viejo poeta español al recordarle dentro de su perdida patria”³⁴⁷.

Vale a pena resgatar da primeira carta de Alberti a Cela a menção que faz a seu exílio e ao de Maria Teresa León, na saudação final, ao dizer: “Reciba de estos dos españoles que salieron de España hace ya casi veinte años un gran abrazo”³⁴⁸. Poucas vezes há comentários diretos sobre a condição de exilado de Alberti ou à Espanha sob a ditadura Franco, embora os temas estejam subjacentes ao diálogo. Normalmente, aparecem tais temas quando se discute a publicação de um texto, como acontece com *Poemas de amor*, conforme estudamos no capítulo 2. Podemos ainda resgatar referências ao exílio pelas mudanças de lugar de residência de Alberti, passando de Buenos Aires a Roma, sem entrar no mérito dos motivos para o deslocamento, bem como pela declaração que faz o poeta sobre publicar na Espanha e que termina por demonstrar o sucesso da empresa de Cela na direção da revista *Papeles de Son Armadans* como espaço de encontro da produção de escritores espanhóis exilados e da península. Em cartas nas quais Alberti aborda a questão do exílio, aparece a dor pela separação e pelo afastamento, mas também o sentimento de reencontro.

³⁴⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 118.

³⁴⁸ Ibid., p. 106. Carta a Cela, 10 de agosto de 1958.

O entusiasmo é a marca registrada das cartas de Cela nessa correspondência, e conta pontos para convencer Alberti a participar dos projetos que idealiza ou executa. Para cada novo projeto que demanda intenso trabalho, a frase de estímulo para Alberti é “al toro que es una mona”. De modo geral, a faceta de escritor de Cela se ofusca para ceder espaço à de agitador cultural e editor, além de fã de Rafael Alberti. Há poucas referências às suas obras, diferente de sua troca epistolar com Max Aub ou Américo Castro. Por sua vez, Alberti se deixa editar por Cela, agradecendo a intervenção para divulgar sua obra na Espanha. Na relação entre editor e editado, residem alguns conflitos causados pelo tempo imaginado e o tempo necessário para a publicação da obra.

Um dos projetos que rendeu mais dúvidas, frustrações e ansiedade para Alberti ao longo da comunicação, diz respeito à publicação do livro *Poemas de amor*. Em clima de confiança entre editor e editado na fase de composição da obra, está a discussão sobre as erratas e o compromisso com a obra por parte da editora. Cela responde por Alfaguara ao afirmar:

Seguimos esperando sus dos láminas y el poema-prólogo porque pienso que no es prudente mandar nada a la imprenta hasta que el maquetista haya trabajado sobre *todo* el original. No se trata de hacer un libro más sino un magnífico libro y esto, claro es, tiene sus servidumbres. Ni qué decir tiene que las reproducciones saldrán perfectamente y esto no debe inquietarle lo más mínimo. Las pruebas claro es que las recibirá usted, si insiste en verlas, aunque en Alfaguara todos le agradeceríamos que renunciase a la revisión. Tenga la completa seguridad de que será hecha por especialistas que además pondrán en la labor sus cinco sentidos. Particularmente, debo decirle que creo más en la eficacia de estas personas que en la de nosotros los autores.³⁴⁹

Apesar da promessa de perfeição da obra, em função da correção de profissionais, Alberti não desiste de sua leitura das provas: “Tengo mucho miedo a las erratas. Mi original

³⁴⁹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 132-133. Carta a Alberti, 25 de janeiro de 1966.

a máquina tiene, seguramente, errores, pues yo escribo muy mal. Las pruebas, de recibirlas, se las devolvería en 24 horas”³⁵⁰.

Cada vez que Alberti cobra a publicação do livro, Cela reatualiza o argumento de que o objetivo é que o resultado seja excelente e, por isso, a demora. Quando envia todos os originais de *Poemas de amor* – textos e ilustrações – Alberti reivindica a remuneração que lhe cabe:

Me alegra le gustara el prólogo y las dos últimas láminas. Ya está todo, por mi parte. Ahora, aguardo impaciente, las primeras pruebas. Este libro de amor debe aparecer, creo yo, en primavera, o a principios de verano. No más tarde. Usted verá.

Ahora quisiera pedirle un gran favor. Acabo de comprarme una casa en Roma, mejor dicho, un departamento, y necesito que mis editores me echen una mano. La suya no puede fallar. ¿Podría anticiparme ahora lo que más pudiese de mis derechos?

Siempre se lo agradecería este poeta gaditano que le abraza.³⁵¹

O projeto vai se transformando e tomando forma, até chegar à versão final – ou versões –, à medida que avança o diálogo. Desse fragmento, no entanto, destacam-se dois pontos. Em primeiro lugar, o fato de Cela e Alberti conservarem a forma de tratamento “usted” ao longo de todo o epistolário e abrirem pouco espaço à cumplicidade fora do campo editorial. Em segundo lugar, e reforçando o que foi dito antes, note-se que o favor pedido por Alberti está dirigido a seu editor e não ao amigo epistolar ou a ambos. Embora carinhosas, as saudações de Alberti poucas vezes fazem referência à amizade, sendo mais comuns variações em torno ao “abraço” – “un gran abrazo”, “un fuerte abrazo”. Por sua vez, Cela se apresenta com frequência como leitor e amigo, procurando amenizar o que pode haver de leitor no trabalho editorial.

Ainda sobre *Poemas de amor*, vale a pena resgatar das cartas a análise que faz Alberti do material disponibilizado ao público, embora em pequena tiragem, 1000

³⁵⁰ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 133. Carta a Cela, s/d.

³⁵¹ Ibid., p. 135. Carta a Cela, 24 de fevereiro de 1966.

exemplares pela coleção Amans Amens. À festa pelo resultado, soma-se a atenção à remuneração que talvez lhe coubesse:

¡Al fin! ¡Hermoso y perfecto. *Poemas de amor!* muy contento M^a. Teresa y yo. Tengo, hasta ahora, el ejemplar que me trajo un muchacho de Barcelona. Espero los otros. Ya tendrá, firmados, el colofón y los dos grabados. Estoy de enhorabuena. Muestro el libro a mis amigos italianos. Grandes elogios. Un éxito. Ahora quiero –y perdóneme– saber qué derechos me quedan por cobrar, dado que va a utilizar en esos ejemplares especiales todos los dibujos que hice, que fueron muchos. Felicite a todos los que cuidaron la edición. Es una maravilla. Gracias.³⁵²

Tão logo termina esse projeto, Cela propõe outro: o de escrever sobre Roma para compor certo conjunto com o livro encomendado a Max Aub, sobre a Cidade do México, e com o que escrevia, sobre Nova York. Alberti aceita, recebe as fotos de Carles Fontseré, mas o projeto definha. Há poucas cartas de Alberti depois desse momento e as três últimas, em um intervalo de aproximadamente dois anos, são de Cela. Na última, este dá notícia de que abandona a Alfaguara alegando diferenças de critérios sobre a política editorial:

Mi querido amigo,

Hace tiempo que le debo a usted una explicación, la de mi silencio, y ahora que ya puedo hacerlo me apresuro a dársela. Las cosas, en Alfaguara, no marchaban según mi idea y, ante la disparidad de criterios, preferí apartarme. Eso es todo pero, y en última instancia, tampoco tenía por qué respaldar con mi nombre una política editorial con la que estaba en desacuerdo.³⁵³

Evidentemente, os escritores poderiam se comunicar por outros meios – Alberti havia informado por carta seu número de telefone –, o que geraria certos vazios no diálogo epistolar. Por outro lado, podemos retomar o conceito de Jeanne Bem sobre a totalidade das cartas, formando a correspondência, que constrói uma história, uma narrativa, para propor uma leitura do encontro entre Alberti e Cela. Assim, esta correspondência, entre as

³⁵² CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 147. Carta a Cela, 7 de junho de 1967.

³⁵³ Ibid., p. 153-154. Carta a Alberti, 7 de fevereiro de 1972.

que estudamos, é a que conta com maior número de cartas de Cela em comparação com as de seu interlocutor, indicando o valor que dava à presença de Alberti entre seus colaboradores e como seu editado. É verdade que devemos considerar a alardeada preguiça epistolar de Alberti e adicionar que, apesar dela, pela presença dos recursos de artes plásticas, suas cartas carregavam outro significado, tornando-se presentes enviados ao seu interlocutor. São, portanto, exclusivas e únicas, e pedem seu tempo de execução.

Dado o envolvimento de Cela, com o fim dos laços de negócios, resta a esperança de que, ao longo de mais de quinze anos de troca epistolar, tenham sido criados laços de amizade que o permita relacionar-se com Alberti em outra instância, como sugere a pergunta presente na última carta da correspondência, de 07 de fevereiro de 1972: “Estoy deseando viajar a Roma para saludarles a María Teresa y a usted. ¿Podrá ser este año?”³⁵⁴. Sendo assim, no final da leitura da correspondência, o olhar do leitor anônimo das cartas identifica certa circularidade do discurso dos missivistas, particularmente de Cela. Ele começa o conjunto pedindo a colaboração de Alberti para sua revista e termina-o pedindo a amizade de Alberti. Entre os negócios e o pedido de amizade, produziram-se 76 cartas.

4.4 Formas de acolhida, formas de amizade entre Cela e Castro

O bloco de *Correspondencia con el exilio* que compreende a correspondência de Cela e Américo Castro está formado por 327 cartas, sendo que, apenas algumas, são de familiares dos escritores. Desde nosso ponto de vista, trata-se da mais intensa troca de cartas no que diz respeito à quantidade e uma das mais expressivas, senão a mais expressiva, em termos de temas discutidos. Além disso, dão conta da construção de diferentes tipos de laços entre os dois, inclusive do laço de amizade.

Os vínculos de amizade entre Cela e Castro, para além da amizade epistolar, merecem referência por causa da incredulidade que ainda hoje geram. Em 2009, foi

³⁵⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 154. Carta a Alberti, 7 de fevereiro de 1972.

realizado na Espanha o congresso internacional *El pensamiento de Américo Castro. La tradición corregida por la razón* com o objetivo de discutir o pensamento e as contribuições de Américo Castro para a história da cultura espanhola do século XX. Uma das conferências foi dada por Julio Rodríguez Puértolas com o título “Amistades peligrosas: Américo Castro y Camilo José Cela”. Neste texto, Rodríguez Puértolas descreve Cela como um escritor interesseiro, bem relacionado com setores do regime franquista e resgata seu passado como censor oficial entre os anos 1941 e 1945. Considera que os interlocutores de Cela do exílio desconheciam essa faceta, daí a facilidade de comunicação entre eles:

muy probablemente ni don Américo ni el resto de los exiliados que se carteaban con Cela conocían. Esto es, que como funcionario de Prensa y Propaganda ejerció de censor oficial entre 1941 y 1945, protegido por el notorio falangista Juan Aparicio y sustituyendo en el puesto a otro camarada de camisa azul, Eugenio Suárez (todavía hoy asiduo colaborador de *El País*).³⁵⁵

Quando proferiu a comunicação no congresso, Rodríguez Puértolas apenas pôde aventar a possibilidade de que os interlocutores de Cela não soubessem sobre seu passado. Alguns anos depois, continuamos na mesma situação. Isto é, não encontramos referências ao conhecimento dos interlocutores sobre o passado de Cela como censor e tampouco podemos imaginar em que medida esse conhecimento resultaria em outras formas de sociabilidade ou de amizade. Mas ao avaliar a amizade entre Cela e Castro como perigosa, Rodríguez Puértolas parece querer destacar, entre outros pontos, a coerência do pensamento de Castro e sua trajetória pessoal e profissional. Era conhecido e admirado por sua capacidade intelectual e pela seriedade de seu trabalho mesmo antes de ir para o exílio.

³⁵⁵ RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio. Amistades peligrosas: Américo Castro y Camilo José Cela. *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, Alicante, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_71.html#l_33_> Acesso em: 27 mar. 2011.

Favorável à República, foi um dos inspiradores de sua obra cultural³⁵⁶ – por exemplo, com a criação da seção de estudos hispano-americanos do Centro de Estudios Históricos.

Castro nasceu no Rio de Janeiro, em 1885, mas só viveu no Brasil até os cinco anos de idade, quando sua família voltou para a Espanha e se instalou em Granada. Com o início da Guerra Civil, foi para a França e em seguida para a Argentina, onde viveu até 1937. Mudou-se para os Estados Unidos, onde conseguiu a nacionalidade entre 1942 e 1943. Nesse país, trabalhou como docente em diferentes universidades, mesmo depois de sua aposentadoria compulsória por idade, caso de Wisconsin, Texas, Princeton. Viveu nos Estados Unidos por trinta anos e mudou-se para a Espanha (Madri), em 1968, devido à saúde de sua esposa. Morreu em 1972.

Na correspondência com Cela, Castro ressalta a importância que a liberdade de expressão, a circulação entre intelectuais dispostos ao debate e o livre acesso aos livros, nos EUA, representavam para sua obra. Em contraposição, Espanha, em alguns momentos, aparece descrita como um lugar quase mítico. Em carta de 15 de outubro de 1961, declara:

Gracias mil muchas veces por su entrañable carta, y por su buen deseo de que nos vayamos por ahí a tener quien nos ayuda en nuestra vejez. Figúrese si me atrae la cosa. Pero, ¿qué respondería Ud. si le propongo ir a morar en lugar de delicias en donde no hubiese ni con qué ni en qué escribir? Esa es mi situación. Lo poco que hago y me resta por hacer necesita medios ahí inexistentes. [...] El creador imaginativo trabaja encima de su columna, como San Simeón Estilita; yo soy un pobre hombre que necesita esto y lo otro, y nunca basta. Además, personas algo al tanto a quienes preguntar éste y otro dato, con quien cambiar ideas.³⁵⁷

Entretanto, sabia identificar os pontos fracos de viver no país. Em 1957, em Princeton, logo depois de visitar Madri, pondera:

³⁵⁶ MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco. *Américo Castro: entonces y ahora*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_68.html#I_19_>. Acesso em: 08 fev. 2015.

³⁵⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 306.

Desde el 23 de septiembre, fecha de nuestra vuelta a casa, trato de escribirle. Más que el tiempo astronómico me ha faltado el “psíquico”. Llegar aquí ha sido como despertar del sueño hispánico, entrar en la tarea grata de trabajar en una buena biblioteca, y con comodidades mecánicas (agua caliente automática y constante, ducha a presión, calefacción –hace a veces frío– puesta en marcha dándole a una ruedecita, etc.); pero sin nadie que eche una mano. Todavía no hemos encontrado un ser humano y coloreado que se digne venir a “colaborar” con nosotros algunas horas. No se imagina como cambia todo, sobre todo con una persona aún delicada de salud. La vida material se come mucho tiempo psíquico.³⁵⁸

Ao longo de sua vida profissional, Castro dedicou-se a estabelecer o pensamento que considerasse a importância da secular convivência – harmoniosa ou conflitiva – entre os muçulmanos, judeus e cristãos para a formação do povo espanhol no século XV. Nas últimas décadas de sua vida, e pode-se ver pelas cartas a Cela, descobre a importância dos conversos para a história da Espanha. Durante o período em que organiza essa teoria, também prepara os textos que seriam reunidos em um livro para ser publicado por Alfaguara – que recebeu o título de *Cervantes y los casticismos españoles*. Em carta de 3 de abril de 1966, confidencia:

La introducción en breves palabras es conveniente; el volumen, pese a su heterogeneidad aparente, es muy coherente, porque los cuatro cosos (sic) se ligan con la circunstancia de saberse ahora quiénes y cómo eran los españoles. Lo más difícil será enchufar a lo del *Quijote* algo de lo que estoy terminando de escribir. El hallazgo de ser Cervantes y... don Quijote *no* cristianos viejos levantará adoquines en la cabeza de quienes así la tienen pavimentada, pero no lo puedo remediar.³⁵⁹

A atenção de Castro à mestiçagem aumentava na Espanha – cujo discurso oficial preconizava a origem cristã – a aversão ao seu pensamento. Insistia em cartas a Cela que era entendido por poucos críticos, como vimos no capítulo anterior. Eduardo Subirats observa o prolongamento dessa aversão no tempo e propõe outro argumento para explicá-la

³⁵⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 184. Carta a Cela, 2 de outubro de 1957.

³⁵⁹ *Ibid.*, p. 433.

ao associá-la ao esforço de europeização da Espanha. Subirats comenta os motivos do “sequestro” de Américo Castro, em texto publicado inicialmente no jornal *El Mundo* em 2001:

Excepto para una minoría intelectual, la obra de Américo Castro ha significado en España un sonoro no-lugar. Para el viejo nacionalismo católico, la importancia que sus investigaciones literarias y filológicas otorgaban a la cultura hispanoárabe e hispanojudía fue anatema. Tras la muerte del dictador Franco las cosas no mejoraron. La izquierda se embarcó precipitadamente en un ideario europeísta de cambalache. En el marco del Quinto Centenario del llamado Descubrimiento de América y de la incorporación administrativa a la Comunidad Europea, se decretó a España como parte intrínseca de una Europa de la que no se tiene concepto. Castro quedaba excluido por recordar que histórica, literaria y lingüísticamente hablando los universos culturales ibéricos eran inseparables del mundo árabe y hebreo.

Por otra parte, la visión castriana de la Historia española rompía estructuralmente las construcciones tradicionalistas de Menéndez Pelayo, Unamuno, Ortega y Maeztu, y de los valores del Movimiento nacionalcatólico que esos escritores inspiraron más o menos directamente.³⁶⁰

Desde o início da correspondência, Cela assume o papel de ouvinte e estimula Castro a desenvolver suas reflexões sobre qualquer tema por escrito e, principalmente, a publicá-las em PSA. Essa dinâmica da relação de trabalho está de acordo com a conduta de Castro na década de 30 que, conforme Francisco Márquez Villanueva, tinha a característica de distribuir

a los cuatro vientos una multitud de artículos y reseñas: bien sea en la *Revista de Filología Española*, el *Bulletin Hispanique*, *La Gaceta literaria*, *Sur* o *Crisol*, pero sobre todo periódicos como *La Nación* de Buenos Aires, *El Nacional* de Caracas, *Excelsior* de Méjico, y muy especial *El Sol* de Madrid, que viene a ser como su propia casa. Centrado en la actualidad y siempre profundo, le encanta a don Américo la

³⁶⁰ SUBIRATS, Eduardo. Américo Castro secuestrado. In: SUBIRATS, Eduardo (Coord.). *Américo Castro y la revisión de la memoria (El Islam en España)*. Madrid: Ediciones Libertarias / Prodhufi, 2003, p. 215. No mesmo texto, Subirats dá alguma ideia das reações exacerbadas vinculadas à circulação da obra de Castro: “Dos años atrás organicé, bajo los auspicios de la New York University y del Ministerio de Educación y Cultura, dos congresos que tuvieron lugar sucesivamente en Madrid y Nueva York sobre Américo Castro. Su significativo título era: “Revisión de la Historia”. Y su objetivo, llamar la atención sobre la importancia de su obra y poner a la defensiva su ninguneo oficial y oficioso. El evento madrileño fue un éxito: nos silbaron y echaron tomates, nos llamaron agentes de la CIA y nos silenciaron mediáticamente, con la solitaria excepción de *El Mundo*”. Ibid., p. 216.

inmediatez de poder ver impreso a primera hora de la mañana lo que escribiera la tarde antes. Es frecuente oír que su obra mayor es también toda ensayística, lo cual es muy cierto y se dice casi siempre con mala uva, pero es porque se desconoce u olvida cómo el pensamiento español de esa época ha tenido que recurrir, con Unamuno, Ortega y ahora don Américo, a una fórmula de arte y a la amplia difusión de la prensa periódica como medio de llegar a un público intelectualmente huérfano y no en modo alguno despreciable, pero que no lee libros como en Alemania.³⁶¹

O bom desempenho editorial de Cela³⁶² se soma ao desejo de Castro de compartilhar o resultado de suas reflexões e o leva a publicar onze textos na revista. Também é crucial para a crescente intimidade entre os dois, o tratamento que Cela dispensa a Castro, que de modo geral se moveu entre os limites da bajulação e da preocupação autêntica. O gesto de amizade se amplia em paralelo aos pedidos de colaborações para *Papeles*. Na segunda carta, Castro deixa entrever a possibilidade de enviar alguma colaboração para a revista. Cela, identificando a disposição, meses depois, ao saber que o exilado estava na Espanha, envia-lhe uma carta convidando-o a visitá-lo em sua casa em Palma de Maiorca:

Permítame que, sabiéndole tan cerca, le envíe mi saludo. Si quiere usted pasarse unos días con su señora en Palma de Mallorca, sepa que, en esta su casa, tiene una cama y un plato a la mesa. Se lo digo de todo corazón y mi mejor deseo sería el de que usted aceptase. A falta de lujos, tendría usted paz y amistad discreta: es lo que ofrezco.³⁶³

³⁶¹ MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco. *Américo Castro: entonces y ahora*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_68.html#I_19_>. Acesso em: 08 fev. 2015.

³⁶² Castro se valia com mais frequência do que Alberti, Aub ou Prados, dos conhecimentos e opiniões editoriais de Cela. Suas orientações acertadas levam-no a caracterizar essa faceta de Cela, em carta de 11 de setembro de 1960, assim: “Es Ud. un tigre editorial que no marra zarpazo. El éxito ha sido redondo: eliminadas las ridículas ilustraciones, ante todo”. A resposta de Cela ao comentário de Castro, em carta de 20 de setembro de 1960, ao lado da sempre celebrada admiração pelo interlocutor, menciona uma habilidade sua bastante importante no mundo editorial–empresarial como é a de reconhecer os bons negócios, sejam intelectuais ou financeiros: “No soy ningún tigre editorial y marro la mar de zarpazos, se lo aseguro. Lo que pasó ahora es que la lidia fue fácil porque el matador a quien apodero –que es usted– es una “garantía para las empresas”. Felicitémonos y ¡al toro, que es una mona!”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 275 e 276.

³⁶³ Ibid., p. 165. Carta a Castro, 13 de julho de 1957.

Depois de certa negociação sobre voos e outros temas da organização da viagem, coordenada por Cela, a família Castro passa seis dias na casa de Palma de Maiorca e aprova a recepção. É durante a organização dessa viagem que Castro dá os primeiros sinais de que efetivamente vai colaborar com *Papeles*, e concretiza sua colaboração preparando dois textos na casa de Cela. Imediatamente ao deixar Palma de Maiorca, Castro lhe escreve para agradecer os dias de convívio:

Mi primera carta, al volver, es para agradecerle los seis estupendos días pasados con Vds. – cordiales, comprensivos, panorámicos de vida, recordables –. Esto último es para mí lo que más vale en una persona, libro, obra humana... ser grata y profundamente recordables.³⁶⁴

A declaração dos sentimentos de Castro esboça a configuração dessa forma de amizade. Nas cartas, assim como parece ser na vida, o escritor galego vai desdobrar-se para ser atencioso, cordial, compreensivo e “recordable”, como valoriza seu interlocutor. Assim como faz Castro, Cela aproxima vida e obra:

La pena de los seis días fue que no fueron doce. Pero, ¡en fin!, demasiados han sido para su paciencia. Por esta latitud le recordamos todos con el cariño y con el respecto que se merecen su persona, su figura y su obra, y nuestra casa y los paisajes mallorquines que con usted recorrimos ya para siempre quedarán vinculados a la permanente lección que fueron sus horas aquí.³⁶⁵

A satisfação de Castro com a visita leva-o a comentar com Jorge Guillén sua experiência. Este escreve a Cela e, aos elogios pela atenção dispensada ao amigo, acrescenta os elogios ao editorial de Cela em PSA sobre Castro: “Don Américo regresó encantado de su estancia con usted, con ustedes en esa Isla de bendición. Muy feliz y muy sentida la página sobre ‘El viejo profesor’”³⁶⁶.

³⁶⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 170. Carta a Cela, 16 de agosto de 1957.

³⁶⁵ Ibid., p. 171. Carta a Castro, 19 de agosto de 1957.

³⁶⁶ Ibid., p. 536. Carta a Cela, 9 de novembro de 1957.

A amizade, que vai se estreitando ao longo das cartas e das visitas, por alguns dias ou de passagem pela casa de Cela, dura quinze anos aproximadamente, estando sempre atravessada pelas questões literárias e culturais. A família Castro voltará outras tantas vezes a Maiorca, a ponto de o encontro se transformar, praticamente, em um evento anual de férias. Certa vez, de regresso aos EUA, compartilha Castro:

Aquí, añorando. Después de cenar los dos viejos nos pusimos a ver el mapa de Mallorca en un gran atlas alemán de que dispongo (1922): está todo, menos el Molins, y Uds. entrando en su cochecito, y Miguel ofreciendo manjares convenientes.³⁶⁷

Os encontros físicos afetam minimamente o diálogo epistolar. Mesmo quando Castro se vê massacrado pelas urgências do cotidiano e da idade, a necessidade epistolar se mantém. Apenas depois de seu regresso a Espanha, percebem-se silêncios longos, ainda que saibamos que os escritores podiam encontrar-se ou comunicar-se por outros meios.

As famílias, quase que imediatamente, são tema das cartas ou, no mínimo, são mencionadas afetuosamente nas saudações. Em consonância com a crescente intimidade proporcionada pelas visitas da família, aumenta o tom familiar das cartas, até atingir o auge quando Cela compara Castro a seu pai e, logo, Castro se transforma, metaforicamente, em seu pai. Em um fragmento significativo, encontramos: “De todas formas Don Américo, a usted, el hombre a quien más quiero y respeto después de mi padre, quiero decirle, emocionadamente, que estoy a su mandar, que para mí será siempre el mejor”³⁶⁸. O ápice da gradação está no seguinte trecho: “Permítame que le bese, emocionadamente, la frente y ambas manos, como a un padre”³⁶⁹. A resposta de Castro à segunda manifestação de carinho está na saudação final da carta imediatamente posterior ao dizer: “Sabe cuánto le quiere y admira”³⁷⁰.

³⁶⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 273. Carta a Cela, 4 de setembro de 1960.

³⁶⁸ Ibid., p. 307. Carta a Castro, 20 de outubro de 1961.

³⁶⁹ Ibid., p. 349. Carta a Castro, 17 de setembro de 1963.

³⁷⁰ Ibid., p. 351. Carta a Cela, 30 de setembro de 1963.

Pensamos que, quando se trata da esfera íntima, os laços de amizade entre Cela e Castro se moveram para o carinho familiar, motivados pelas particularidades de vida de cada um dos interlocutores. Cela insiste nesses laços e cria as condições para receber a família Castro em sua casa, como se tratasse de seus pais: “Charo y yo les rogamos que acepten nuestra hospitalidad y se instalen en nuestra casa. Su señora no tendrá tertulias que le molesten y ustedes dos ocuparán nuestra alcoba, que está un poco más aislada de ruidos”³⁷¹.

Em razão da relação que se esforça para construir, Cela pode insistir para que Castro volte a morar na Espanha, para que os visite com mais frequência, comunica-se com a filha de Castro, expressa-se de maneira emotiva em algumas cartas e dá conselho sobre como ocupar-se dos detratores da obra do ensaísta, entre outros temas. A língua pode ser convocada como recurso de expressão dos sentimentos. Em carta sem data, está a saudação final em espanhol e em galego ou em português: “Echándolos de menos com *muita saudade*, los abraza”³⁷².

De todas as correspondências do *corpus* desta tese, a de Castro e Cela é a que mostra o desenvolvimento de maior proximidade entre os interlocutores. A frequente troca de cartas e as visitas colaboram para interpretar a relação de amizade como relação de parentesco. O risco imanente a esta interpretação está em suprimir a pluralidade e a diferença, trocando-as pela segurança, como aprendemos com Francisco Ortega. Vê-se que são os interlocutores que mais diminuíram a distância física e que mais se voltam às referências familiares. Vez por outra, Castro aconselha Cela e diz que se preocupa com sua saúde física e com sua obra:

Pero me apenó sobremanera verle tan cansado, tan exhausto de fuerzas, lo cual es malísimo para la salud física y también para la literatura. Está Ud. sacando demasiado de sus reservas de energía, y si continúa así pronto se verá sin posibilidad

³⁷¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 204-205. Carta a Castro, 10 de março de 1958.

³⁷² *Ibid.*, p. 286. Carta a Cela, s/d.

de escribir. Ya comprenderá que para que yo me permita decirle esto, ha hecho falta que compruebe que en efecto está llegando al límite de sus posibilidades físicas.³⁷³

Por outro lado, as discrepâncias históricas e literárias regulam, de alguma maneira, a tendência a caracterizar a relação por meio da metáfora familiar. De fato, é principalmente quando sentem que suas ideias ou suas obras estão desprotegidas, abandonadas pelo outro, que Cela e Castro revelam seu humor. Se Castro costuma questionar e apontar suas discordâncias sobre variados assuntos com mais frequência, esse não é o caso de Cela, que se esforça, nas correspondências, para apresentar seu lado ponderado e mediador. Porém, a irritabilidade de Cela pode se insinuar quando a apreciação negativa diz respeito à sua produção literária, como se o escritor fosse a dimensão mais frágil do homem.

Cela e Castro trocam livros, falam de novos projetos e, por vezes, apontam para o começo desses projetos nas cartas. Com a permuta de livros, há também o intercâmbio de opinião sobre o material lido. No início da troca epistolar, quando Castro fazia comentários elogiosos aos textos de Cela, a resposta do autor analisado comportava agradecimentos com palavras emocionadas. Em 1957, Castro inclui no livro *Hacia Cervantes*, publicado pela Editora Taurus, uma crítica positiva sobre a obra de Cela, intitulada “Algo sobre el ‘nihilismo’ creador de Camilo José Cela”. As críticas negativas, prefere reservá-las à esfera da “más estricta reserva e intimidad” e dizem respeito, principalmente, ao uso de palavras vulgares ou do campo semântico da sexualidade que são consideradas distanciadas do uso artístico. Esse tema se destaca particularmente nas cartas dos dias 09 e 17 de setembro e 02 de outubro de 1964. Na primeira, Castro se manifesta assim:

Cada día me siento más ligado a Ud. afectiva y “literariamente”. Es Ud. una gran figura española visible a distancia, en un medio en donde las ocasiones para entristecerse son más frecuentes que las regocijantes. He leído con la avidez de siempre sus dos últimas obras, ya muy popularizadas, probablemente muy del agrado de la masa, no por lo valioso encerrado en ellas, sino por lo detonante de sus palabras, de muchas de ellas. Me parece que esa es pendiente peligrosa, porque la

³⁷³ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 345-346. Carta a Cela, 2 de setembro de 1963.

estructura artística cede al peso de lo no artístico. La realidad de la experiencia inmediata por muy llamativa que sea, como objeto sexual o mal oliente, no basta. [...] No me parece que el maneirismo de repetir los nombres de sus figuras literarias sea bastante para neutralizar, o para realzar, la visión quieta de lo carente de trascendencia (humorística, inquietante, perspectivística, simbólica, etc.). Su *fuerte* de Ud. (digan lo que digan quienes no le quieren más que yo) son *La colmena*, *Pascual Duarte*, los *Viajes*, el prólogo –formidable– al del Pirineo, etc. En esas obras la *visión*, el disparo por elevación, pone en su lugar el detalle, la anécdota.

Sé lo arriesgado de decir estas cosas. Aunque, por otra parte, callarlas sería desleal, tratarlo a Ud. como a una persona que viene de visita, y Ud. merece más que eso. Yo, naturalmente, no voy a cometer la estupidez de dar consejos a un artistazo como Ud. Mas sí creo, en cambio, prudente decir como lector (en la más estricta reserva e intimidad) qué es lo que en su obra se me aparece como cima y como valle.³⁷⁴

Cela revela sua irritação em aceitar tais críticas e, inicialmente, ensaia uma tentativa de explicação sobre suas opções estéticas. No entanto, dada a insistência de Castro na infelicidade de algumas de suas escolhas, diz com tom de desabafo:

Su opinión sobre mi obra – sobre parte de mi última o penúltima obra – es válida, por suya, y me ha dado no poco que cavilar y pensar. En España he recibido no pocos palos de la extrema derecha católica e inquisitorial (el nefando Opus Dei, por ejemplo) y no debo dejar de decirle que me ha dolido –y mucho– el considerar que a lo mejor estaban en lo cierto, cuando persona tan liberal y aplomada como usted venía a coincidir, en la esencia de sus apreciaciones, con los supuestos de estos malvados que tanto daño nos están haciendo a todos. [...] Por eso –y por que tomo buena cuenta de lo que las gentes de bien, como usted, me dicen– pienso, a veces, si no sería mejor colgar la pluma y dejar el campo libre a los del Opus y a los comunistas, que son una y la misma cosa aunque procuren disfrazarse con diferentes ropajes.³⁷⁵

A comparação que faz Cela, unindo pelas avaliações de sua obra comunistas, Opus Dei e Castro, soa como uma revanche ao ataque de que se sente vítima. Dito de outro modo: as ressalvas de Castro a certos aspectos estilísticos das obras literárias são

³⁷⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 376-377. Trecho da carta do dia 17 de setembro pode ser lido no capítulo dois. Ver nota de rodapé 99.

³⁷⁵ *Ibid.*, p. 383-384. Carta a Castro, 14 de março de 1965.

recebidas por Cela como ataque pessoal e, intencionalmente ou não, responde colocando-se como vítima nessa esfera. Um fragmento significativo do esforço que faz Castro para apresentar novo ângulo do problema pode ser encontrado no seguinte trecho de carta:

Lo de las palabrotas es un tic nervioso, como todos ellos remediable. Brota de un 'subyo' anterior, es un eco del caos sin barreras cuando la gente se comía el huevo duro con la cáscara, por no sentir fueran diferentes cosas. [...] Ahora estoy persuadido de que Ud. acude a la pornografía cuando está algo cansado – es como soltar tacos, o ponerle a la escultura del santo, dos pistolas –. [...] Ud. Es un noble ejemplo de superación de la estupidez sangrienta entre el 36 y el 39. Su obra fue recibida, dentro y fuera de España, con alegría [...]. Dése algún reposo, querido Camilo.³⁷⁶

Por meio desse episódio, percebemos uma inversão do comportamento que os interlocutores mantiveram ao longo da correspondência. Castro passa por alto as comparações de Cela, minimiza o conflito e contemporiza em uma carta de aproximadamente quatro páginas. É uma das poucas vezes em que veio à luz dissonância importante entre os dois escritores, embora não tenha afetado a forma de amizade.

Em sua última missiva, Castro aborda alguns temas pessoais e coletivos que mais o preocupavam, como a saúde debilitada, as possíveis mudanças nos estudos da história da Espanha, a falta de leituras críticas adequadas de sua obra, a acolhida de sua produção na revista *Papeles de Son Armadans* e a atenção à amizade e ao respaldo de Cela ao que produzia. Lê-se em alguns parágrafos:

Llegó a mí noticia que no le había gustado no le informaran acerca del volumen con cosas sobre mi obra [*Estudios sobre la obra de Américo Castro*], para ésta tan conveniente. No intervine en la selección de nombres, como es natural, y me parece que los amables organizadores tal vez redujeron el número de los invitados, dado lo ceñido del tema y para no importunar. Veo que también Angel M^a. de Lera (*ABC*, 5 agosto) hubiera querido colaborar. Todo ello me honra mucho; y parece que el "clima" historiográfico va cambiando. Recuerde que en el número de su revista –tan

³⁷⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 384-386. Carta a Cela, 19 de março de 1965.

gentil y generosamente dedicado a mi persona—, me echaron muchas flores, pero nadie se atrevió a decir que la historiografía de los grandes maestros era un tejido de desatinos. Es natural que así fuera, porque las tradiciones seculares no se rompen en un abrir y cerrar de ojos.

No sé si el volumen de Taurus se agotará en vida mía. Tampoco sé si algunos de mis grandes amigos —Ud. en primera fila— querrían añadir una página a fin de respaldar con su prestigio la idea de que “lo español” necesita ser concebido, utilizado y protegido en forma distinta a como lo hace la R. Academia de la Historia.

Lamenté no verle y charlar con Ud. durante su estancia en Madrid, y me hace mucha falta no perder el contacto con un *escritor-persona* de su calibre.

Estoy muy cansado y harto de tantas plepa. La vida va empinando su cuesta cada vez más, aunque por desgracia no es posible, en mi caso, dejar mis asuntos a la intemperie.³⁷⁷

Após a morte de Castro, a filha dele, Carmen Castro, propõe a Cela que escreva a biografia do ensaísta e elenca muitos motivos para escolhê-lo para a tarefa, entre os quais: “Porque eres absolutamente consciente”³⁷⁸. A resposta de Cela, apesar de gentil, sinaliza os problemas para a realização do projeto, cuja lista só aumenta nas missivas seguintes até ser abandonado:

Jamás recibí un encargo más honroso que el tuyo. En principio, acepto muy gustoso hacer la biografía de don Américo pero no escueta (¿por qué escueta?) sino a lo que dé, que será no poco. [...]

De otra parte y puesto que el respecto que siento por don Américo me impediría ciertos silencios cómplices, ¿crees que es sensato que me pidas el libro y yo acepte hacerlo? Piensa, querida Carmen, que es no poco probable que mi leal visión de don Américo disguste a más de uno y de dos. Como es lógico, no voy a decir nada contra nadie pero sí todo en pro de nuestro viejo entrañable y ejemplar.³⁷⁹

Fica claro, pela leitura das cartas, que Cela tinha um senso de oportunidade que o levou a identificar, em diferentes momentos, que era partícipe destacado da construção de um momento histórico e cultural. Isso se verifica também por meio do cuidado que teve em

³⁷⁷ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 482-483. Carta a Cela, 10 de agosto de 1971.

³⁷⁸ Ibid., p. 485. Carta a Cela, 7 de junho de 1973.

³⁷⁹ Ibid., p. 486. Carta a Carmen Castro, 11 de junio de 1973.

guardar cópia de suas cartas e arquivar as cartas de seus interlocutores. Talvez este tenha sido seu último gesto de amizade: zelar pelas cartas de Castro para que pudessem sair do arquivo e construir uma de suas memórias.

5 Considerações finais

A história que revela a troca epistolar de Cela com Rafael Alberti, Max Aub, Américo Castro e Emilio Prados é a do estabelecimento de pontes entre os escritores da península e do exílio para intervir no cenário cultural espanhol durante as décadas de 50 a 70 e para salvaguardar tanto a produção intelectual e artística de nomes silenciados pelo regime franquista quanto a do próprio Cela. Entre os intelectuais, o tema era motivo de discussão desde a década de quarenta e podemos situar a intensificação dos encontros, tanto no cenário privado das correspondências quanto no cenário público das revistas, a partir da década de cinquenta. Nessa década, pode-se verificar que movimentos de busca de alternativas à asfixia imposta pela ditadura partiam de diferentes setores da sociedade espanhola, inclusive de jovens que se empenharam

por su cuenta y sin demasiadas fuentes fiables, sin maestros activos y verdaderos, la reanudación de una modernidad que crecía y maduraba fuera de España, y había de haber razón esencial u ontológica para que esa modernidad no creciese también en España... por mucho que los orígenes de gran parte de aquellos muchachos estuviesen intensamente implicados en la cultura política y universitaria del primer franquismo y sus pilares ideológicos falangistas y católicos. Iban a salir de ella, sin duda, pero con el viento de proa.³⁸⁰

Apesar das diferenças entre os correspondentes, as trocas epistolares foram contínuas e somente foram interrompidas pela morte do interlocutor de Cela. A exceção é o caso de Alberti, cujo fluxo de cartas registrado no livro se encerra em 1972, enquanto a última colaboração com PSA é de 1977, por ocasião da homenagem a Blas de Otero, com o poema “A Blas de Otero”.

De modo geral, as correspondências têm como tema inicial as colaborações para a revista *Papeles de Son Armadans* (1956 – 1979). Nesse sentido, a mobilização de Cela para consegui-la tem a mesma dinâmica que a dos escritores do exílio em oferecê-la, pois se

³⁸⁰ GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006, p. 10.

trata de um grupo de intelectuais atento ao cenário político, social e cultural da Espanha, disposto a intervir e capaz de aglutinar representantes de diversas áreas e diferentes gerações em torno a certos projetos cuja realização coloca em perspectiva a superação da dicotomia península/exílio. Este é o caso de revistas como PSA, *Índice* ou *Ínsula*. Lembremo-nos que o cenário cultural em que circulavam Alberti, Aub, Castro e Prados era mais abrangente e cosmopolita que o da Espanha.

PSA circulava entre os exilados pelas remessas de divulgação feitas por Cela ou por meio de empréstimos entre os assinantes e não assinantes. Um fragmento de carta de Prados mostra bem como o sistema de leitura poderia ser coletivo e como, mesmo ao longe, os exilados se articulavam em torno da publicação de sua obra e da obra de seus amigos:

León [...] me preguntó –al saber que te iba a escribir, y que nos escribíamos alguna vez– por unos poemas que le dio a Max Aub para *Papeles*. ¿Lo recibiste o no? Estábamos con Manolo [Altolaguirre] y yo acababa de recibir *Papeles*. Le di a Manolo mi ejemplar porque él no lo tenía y venían cosas suyas [“El caballo griego”]. [...] Por cierto, si me haces el favor, dile al gerente de la revista que como ahora me es imposible pagar la deuda con Papeles que prefiero dejar de recibirlos a que se perjudique y pueda terminarse la revista. Que cuando me sea posible enviar la cantidad que debo y hacer otras suscripciones que lo haré. Mientras, no te preocupes, yo la puedo leer pidiéndosela a algún amigo.³⁸¹

A revista foi de fato idealizada e levada adiante por Cela com o fundamental apoio de um grupo administrativo alinhado com a sua proposta e disposto a dar suporte às suas ausências, que aumentaram na medida em que cresciam seus compromissos profissionais local e internacionalmente. Assim, os correspondentes de Cela podiam contar com as intervenções de sua esposa, Charo, para assuntos pontuais e de secretaria das atividades intelectuais³⁸², ou com a intervenção do gerente ou subdiretor da revista. O filho de Cela, Camilo José Cela Conde resume o papel e as atribuições desse profissional em PSA:

³⁸¹ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 668. Carta a Cela, 28 de outubro de 1958.

³⁸² Em certo fragmento, Cela sugere a Américo Castro que se instale em Palma de Maiorca e que se beneficie de sua equipe de ajudantes, com a coordenação de Charo secretariando-o: “Esta corte de

La revista, según proclamaba su cabecera, estaba “dirigida por Camilo José Cela”, pero siempre hubo alguien para echarle una mano en el manejo (relativo) de los originales, la correspondencia y la imprenta. Durante las ausencias de mi padre, que, tal como sea dicho, fueron haciéndose más y más largas cada vez, el secretario se convertía, de hecho, en un director accidental; su huella era claramente visible tanto en el contenido literario de la revista como en el combate mantenido con la imprenta para sacarla sin demasiadas fechas de retraso.³⁸³

Américo Castro é protagonista de um caso exemplar que indica os possíveis danos que os afastamentos de Cela da revista e de seus interlocutores podiam causar aos projetos comuns, apesar do esforço para desdobrar-se e responder às demandas que havia escolhido e do trabalho de seu grupo de funcionários. O atraso do número de PSA em que sairia seu texto “Cervantes se nos desliza en ‘El celoso extremeño’”, fevereiro – março de 1968, e a ausência de notícias de Cela ou de seus auxiliares diretos, leva-o a enviar uma carta de tom irritado, em que expressa a dúvida sobre o profissionalismo editorial:

Prometió Ud. dar en febrero mi artículo cervantino, que aunque nada valga, para mí es importante; quedamos que me enviarían unos sobretiros por avión. Como pasaba el tiempo y nada venía, escribí a Fernando [Sánchez Monge], DOS VECES. El mutismo no me parece amistoso (desde luego no lo es), ni correctamente editorial tampoco.

Ud., un secretario, quien sea, me tienen que decir qué pasa con mi artículo. La responsabilidad de verme yo forzado a escribirle en este tono –quién lo hubiera

secretarias de que gozo, con Charo a la cabeza y, cada día que pasa, más guapas todas (¡que el Señor las bendiga!), está a su disposición en cuanto usted, dando muestras de la sensatez que todos le deseamos, se decida a venirse a esta sosegada latitud: a escribir poesías a la luna y a aplaudir la llegada de la primavera en el bullarengue de las turistas en flor (¡a las que el Señor guarde!). A resposta de Castro, na carta seguinte, reforça a necessidade de outro tipo de estrutura de pesquisa que não pode encontrar na Espanha: “Uso papel recién venido para contestar a sus líneas, que obligan a tanta gratitud. Ud. me ofrece un paraíso de reposo, cara al mar azul, rodeado de afectuosas ayudas. Sería estupendo, ¿pero y... lo otro? Todavía puedo escribir, y eso requiere medios. No soy creador, y la sensibilidad y la fantasía no hacen para mí de columnas y contrafuertes. La meditación sobre los valores y problemas de dimensión cultural necesita contacto con los fenómenos de cultura occidente-oriental entre los cuales me muevo. Para escribir la segunda parte de *La realidad histórica* (la primera llegó ayer en avión), y presentarla como la primera necesito acudir a algo que está fuera de mí, en libros y en obras de arte inasequibles en Mallorca, y en Madrid, y en Barcelona. La limitación de quien no es artista consiste justamente en necesitar medios extra y peri-personales”. CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 324. Carta a Castro, 10 de novembro de 1962. A resposta de Castro pode ser encontrada nas páginas 324-325. Carta a Cela, 16 de novembro de 1962.

³⁸³ CELA CONDE, Camilo José. *Cela, mi padre*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1989, p. 128-129.

creído posible— le incumbe a Ud. o a quien ahora se ocupe de *Papeles de Son Armadans*.

Un abrazo de su siempre cordial amigo.³⁸⁴

Charo se apressa em articular uma resposta para Castro em nome de Cela, informando sobre a ausência dele de Maiorca por compromissos de trabalho e se desculpa, reiterando as preocupações e os cuidados que a família Cela lhe reservava:

No sabe cuánto lo sentimos pues, como usted ya lo sabe, en esta casa lo queremos mucho todos y nos disgusta hacer algo que pueda siquiera preocuparle. Hemos tenido la desgracia de vivir en unos tiempos muy difíciles, complicados y tener que andar siempre de cabeza, pero una vez dentro de ese ritmo ya no se puede salir. En fin, menos mal que tenemos salud, que no es poco.³⁸⁵

Dados fundamentais dos bastidores da configuração da revista estão documentados nas cartas e mostram a disposição dos correspondentes em solucionar ou contornar conflitos, às vezes por meio do silêncio, e a disposição para ocupar os espaços abertos, apesar do regime franquista, por mais insignificantes ou polêmicos que fossem. Nesse sentido, Cela soube captar certas facilidades e favores da ditadura através de seus vínculos pessoais com figuras destacadas do regime, principalmente para que seu trabalho literário ou editorial escapasse, na medida do possível, da censura e soube conquistar o respeito dos interlocutores exilados.

Por outro lado, essa afinidade com a ditadura promove tensões sobre a independência da revista propagada por Cela, inscrevendo-a em um circuito mais amplo de pequenas mostras de tolerância do regime. No entanto, os exilados o reconheceram como aquele que defendia ideias semelhantes às suas particularmente em duas principais motivações que sustentam e caracterizam o diálogo.

³⁸⁴ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 472. Carta a Cela, 16 de março de 1968.

³⁸⁵ Ibid., p. 473-474. Carta a Castro, 26 de março de 1968.

A primeira motivação é a de promover atividades que pudessem ultrapassar as fronteiras espacial, intelectual e política entre representantes fundamentais da cultura espanhola, de modo a colocá-los em situação de compor redes e experimentar adesões para criar novos projetos. Dessa forma, poder-se-iam romper barreiras que inviabilizavam a circulação de certos nomes e textos na Espanha. Tanto as considerações de Francisco Ayala quanto as de Max Aub, em *Homenaje a los que no han seguido*, para citar duas análises do contexto literário feitas sincronicamente, que discutimos no segundo capítulo, reforçam as linhas de continuidade entre os campos literários e intelectuais da península e do exílio independente das rupturas, embora não as neguem.

Para avançar nessas considerações, ainda no segundo capítulo, propusemos a leitura das correspondências como espaço de sociabilidade cuja territorialidade é textual, propício para o diálogo, para a negociação e para a construção de consensos, em que se articulavam as estratégias para vencer a resistência dos órgãos do regime franquista à produção intelectual e aos nomes de Alberti, Aub, Castro e Prados. Em outras palavras, o esforço de Cela visava a pôr em circulação na Espanha a produção dos exilados, apesar da censura que tentava condicionar e reger meticulosamente o trabalho editorial. O reflexo desse novo espaço de sociabilidade colabora para, por um lado, atenuar, minimizar a fratura do quadro cultural provocado pela guerra e, por outro lado, desafia certo enfoque maniqueísta que considera incongruente o fomento do diálogo e o estabelecimento de acordos – e, no caso de Cela e Castro, de laços de amizade – entre escritores que, embora consagrados em razão da produção literária, tinham pontos em sua biografia que os colocavam em situação de enfrentamento em certos períodos.

A adesão de Prados, Castro, Aub e Alberti ao projeto de Cela, isto é, a PSA, deve-se principalmente à figura de Cela como editor de uma publicação de méritos relativos ao projeto gráfico, aos textos publicados e à atenção dada aos colaboradores no que se refere às revisões de provas tipográficas e substituição de originais. Ao mesmo tempo, está o ideal – compartilhado por todos – de publicar na Espanha, como esclarece Aub na carta a Cela

Conde que se transformou no prólogo do livro *Pequeña y vieja historia marroquí*. Américo Castro também se identifica declaradamente com esses ideais e expressa seu empenho em escrever para o público da península:

Como los *Papeles* encajan tan ajustadamente en mis modos de sentir y pensar, le voy a mandar un chismecito breve para el mes de mayo, el de las flores, sobre algo así como “Reflejos islámicos en Jorge Manrique y en San Juan de la Cruz”. Hay que escribir para el público, y no para los sabios. Además, desde ahí y no periféricamente.³⁸⁶

O fragmento citado ao mesmo tempo em que invoca a primeira motivação que caracteriza o encontro entre Cela e os quatro interlocutores cuja correspondência estudamos, também aponta a segunda motivação. Nela predomina o caráter particular do encontro e as aproximações individualizadas frente à necessidade de implementar salvaguardas e promover a divulgação da obra de cada escritor em situação de diálogo. Preservar a obra da intempérie pressupõe manter as pontes que foram estabelecidas. Basta ver que foi o descuido de Emilio Prados que resultou na supressão de seu nome da segunda antologia de poeta da Geração de 27 organizada por Gerardo Diego, conforme sutilmente lamenta ele mesmo em carta a Cela. O aprendizado de Prados com a experiência leva-o a insistir na ideia de Cela de montar uma nova antologia dos poetas dessa geração, embora este projeto nunca tenha se realizado. O empenho de Prados também se revela na superação de sua própria delicadeza ou modéstia, para usar uma caracterização de José Sanchis-Banús, quando ele propõe a Cela que edite um livro seu. É dos ajustes da proposta que nasce *Signos del ser*. Esse aprendizado de Prados foi estimulado por Sanchis-Banús ao observar que a falta de influência da obra do poeta era resultado também da falta de empenho pessoal:

³⁸⁶ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 205-206. Carta a Cela, 15 de março de 1958.

– La difusión de una obra depende en gran parte de causas exteriores a ella, y en particular del tipo humano de su creador. Durante toda su vida, Vd –por delicadeza, si “modestia” le desagrada– ha organizado el silencio en torno suyo.³⁸⁷

“Obras son amores...”³⁸⁸. A máxima formulada por Castro, para justificar a defesa que fazia de suas ideias e de sua produção quando sentiu que estavam sendo ameaçadas, parece identificar o grande elo que uniu os carteadores que estudamos, levando-os a promover uma intensa troca epistolar. Se o impulso inicial para o diálogo foi dado pela disposição intelectual de intervir no campo cultural espanhol daquele momento, a construção da proximidade e o uso da linguagem da amizade pelos interlocutores colaboram para sustentá-lo. Em comum, têm a mesma função política, isto é, a de dissolver fronteiras e garantir as pontes entre os escritores da península e do exílio, mantendo a singularidade que os caracteriza.

A especificidade da linguagem de cada discurso da amizade revela o direcionamento da escrita para construir a aproximação entre os correspondentes. Por outro lado, mesmo quando os carteadores parecem motivados por sentimentos e afetos, o distanciamento mantém-se, no mínimo, pelas peculiaridades do encontro que pode realizar-se apenas no plano epistolar, como no caso de Prados com Cela. Em todas as correspondências, no horizonte, está o que é próprio de cada interlocutor. Sem obliterar divergências políticas ou estéticas, os correspondentes tentam reativar o potencial criador do diálogo bem como sua potencial função de provocar mudanças.

Embora o exílio tenha sido composto por grupos com pensamentos diferentes em relação ao diálogo, os escritores que compõem o *corpus* que escolhemos apostaram por uma forma específica: a forma individual, ainda que com propostas coletivas, pautada pela paciência, constância e longevidade das trocas. Nas correspondências encontram-se o melhor registro de que, mais de uma década depois da proposta de Ayala, concretizou-se

³⁸⁷ SANCHIS-BANÚS, José; PRADOS, Emilio. *Correspondencia 1957-1962*. Edición de Juan Manuel Díaz de Guereñu. Valencia: Pre-textos, 1995, p. 109.

³⁸⁸ CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009, p. 217. Carta a Cela, 14 de abril de 1958.

uma ação que mobilizou membros das gerações mais jovens que viviam na Espanha e os das gerações mais velhas que estavam no exílio.

As cartas também dão conta de que o diálogo era um projeto de mão dupla que, por um lado, procurava estimular a produção literária na Espanha e, por outro lado, incentivava os escritores individualmente a preservar sua obra, sejam livros ou textos de revistas, e a tirar do isolamento suas múltiplas e variadas existências.

No que diz respeito a Cela, a extensão do acervo particular que organizou em vida e a expressividade das trocas epistolares arquivadas, cuja mostra encontramos em *Correspondencia con el exilio*, revelam sua intenção de construir certas imagens de si e refutar outras, ou ao menos, problematizá-las. No *corpus* que analisamos, percebe-se que a figura do escritor, de importância já consolidada no período de escritura das cartas, é colocada em segundo plano para que se revelem duas outras formas de existência. A primeira seria a do editor eficiente que conseguiu passar, sem grandes perdas, pelo filtro da censura tanto seus textos quanto os de seus editados, fossem eles poetas, narradores ou ensaístas. A segunda, seria a do mediador cultural que queria distanciar-se da intolerância do regime franquista para construir uma ponte entre a península e os intelectuais da II República banidos ao final da Guerra Civil. Ambas as imagens deixam latentes o esforço para compor um quadro mais amplo de seu papel no cenário cultural da península ao dialogar com certos aspectos controvertidos de sua trajetória, como o de censor, inscrevendo-o, para o futuro, como um mediador cultural fundamental do período.

Referências

Arquivos consultados

FUNDACIÓN MAX AUB.

FUNDACIÓN PÚBLICA GALLEGA CAMILO JOSÉ CELA.

Fontes

ABELLÁN, Manuel L. *Censura y creación literaria en España (1939-1976)*. Barcelona: Ediciones Península, 1980.

_____. Censura y autocensura en la producción literaria española. *Nuevo Hispanismo*, n.1, p.169-180, 1982. Disponível em: <http://www.represa.es/represa_4_octubre_2007_articulo6.html>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ALBERTI, Rafael. *Poemas de amor*. Madrid: Alfaguara, 1967.

_____. Discurso de Rafael Alberti en la entrega del Premio Cervantes 1983. In: ALBERTI, Rafael et al. *Rafael Alberti: Premio “Miguel de Cervantes” 1983*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Cultura, 1989. p. 55-70.

ALVAR, Carlos; MAINER, José-Carlos; NAVARRO, Rosa. *Breve historia de la literatura española*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

AMAT, Jordi. Notas sobre la edición. In: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009. p. 863-871.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRÉS DE BLAS, José. El libro y la censura durante el franquismo: Un estado de la cuestión y otras consideraciones. *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid, n. 12, p. 281-301, 1999.

_____. La censura de libros durante la Guerra Civil Española. In: RUIZ BAUTISTA, Eduardo (Coord.). *Tiempo de censura. La represión editorial durante el franquismo*. Gijón: Ediciones Trea, 2008. p. 19-20.

ANGELIDES, Sophia. Carta e literatura. In: *Carta e literatura: correspondência entre Tchêkhov e Górkí*. Bóris Schnaiderman (Org.). São Paulo: Edusp, 2001. p. 15-26.

ARAYA, Guillermo. *El pensamiento de Américo Castro*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

ARNAU I SEGARRA, Pilar (Ed.). *Josep María Llompart. Articles i traduccions a Papeles de Son Armadans*. Barcelona: Abadía de Montserrat, 2007.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASCUNCE ARRIETA, José Angel. El exilio del desencanto vencedor. In: AZNAR SOLER, Manuel. *Escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2006. p. 17-34.

AUB, Max. Poesía desterrada y poesía soterrada. *Sala de Espera*, México, v. 1, n. 5, p. 1-16, 1948.

_____. Homenaje a los que nos han seguido. *Revista de la Universidad de México*, México D.F., n. 3, noviembre (1962), p. 17. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/8094/9332>. Acesso em: 08 nov. 2014.

_____. Nosotros, entonces. *Papeles de Son Armadans*. Madrid / Palma de Mallorca, año XIV, tomo LII, n. CLV, p. 151-157, feb. 1969.

_____. Carta de Max Aub a Camilo José Cela, hijo. In: *Pequeña y vieja historia marroquí*. Palma de Mallorca: Las Ediciones de los *Papeles de Son Armadans*, 1971. p. 9-10.

_____. *La gallina ciega. Diario español*. Barcelona: Alba Editorial, 1998.

_____. Carta al presidente Vicente Auriol. In: *Hablo como hombre*. Segorbe: Fundación Max Aub, 2002. p. 109-117.

AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. In: *La estructura narrativa y otras experiencias literarias*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p. 181-204.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306

BASTONS I VIVANCO, Carles. Polisemantismo y polimorfismo de la carta en su uso literario. *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*. Madrid: Sociedad Española de Literatura General y Comparada, n. 10, p. 233-238, 1996. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01349464288793179312680/018674.pdf?incr=1>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

BATAILLON, Claude; BATAILLON, Gilles. El diálogo de dos humanistas. In: CASTRO, Américo; BATAILLON, Marcel. *Epistolario Américo Castro y Marcel Bataillon (1923 – 1972)*. Madrid: Biblioteca Nova / Fundación Xavier Zubiri, 2012. p. 13-17.

BELTRÁN ALMERÍA, Luis. Las estéticas de los géneros epistolares. 1616: *Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada. Anuario X*. Madrid: Sociedad Española de Literatura General y Comparada, 1996, pp. 239-246. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01159074986708347448813/018675.pdf?incr=1>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

BEM, Jeanne. O Estatuto Literário da Carta (Le statut littéraire de la lettre). Tradução de Cláudio Hiro. In: FRANÇON, André; GOYARD, Claude (Org.). *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984. p. 113-116.

BERNABÉU ALBERT, Salvador. “Un señor que llegó del Brasil”. Américo Castro y la realidad histórica de América. *Revista de Indias*, Madrid, v. LXII, n. 226, p. 651-674, 2002. Disponível em: <<http://digital.csic.es/bitstream/10261/28653/1/535.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

BLANCO AGUINAGA, Carlos. “Ir o volver o estar como en destierro”: Emilio Prados frente a los cantos de sirenas. *Ínsula*, Madrid, n. 627, p. 16-18, marzo 1999.

_____. Sobre Emilio Prados y la poesía republicana de la Guerra Civil. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 222, p. 92-108, nov. 1999.

_____. La literatura del exilio en su historia. *Migraciones y Exilios, Cuadernos de AEMIC*, Madrid, n. 3, p. 23-42, 2002.

_____; Rodríguez Puértolas, J.; Zavala, Iris M. *Historia social de la literatura española (en lengua castellana)*. Madrid: Castalia, 1979.

BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOU, Enric. Defensa de la voz epistolar. Variedad y registro en las cartas de Pedro Salinas. *MonteAgvdo*, 3ª. Época, n. 3, p. 37-60, 1998. Disponível em: <<http://revistas.um.es/monteagudo/article/view/77091>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

BURGOS, Antonio. Treinta mil ejemplares se han editado hasta ahora de “San Camilo, 1936”. *ABC (Sevilla)*, Sevilla, p. 19, 26 fev. 1970. El mundo de los libros. Disponível em: <<http://hemeroteca.sevilla.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/sevilla/abc.sevilla/1970/02/26/019.html>>. Acesso em: 10 fev 2015.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

BUADES I JUAN, Josep Maria. *Intel·lectuals i producció cultural a Mallorca durant el franquisme (1939-1975)*. Palma: Edicions Cort, 2001.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANO, José Luis; PRADOS, Emilio. *Cartas desde el exilio*. Valencia: Pre-Textos, 1997.

CARREIRA, Antonio. Apresentação de un epistolario de amistad. *El Extramundi y Los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, ano II, n. V, p. 11-40, 1996.

CASELLA, Paulo Borba. Cônsules honorários. *Revista da Faculdade de Direito*. São Paulo: USP, v. 82, p. 148-158, 1987.

CASTRO, Américo. Dinamiteros de la cultura. *El Sol*, Madrid, año XIX, n. 5.570, 1935.

_____. *España en su historia: cristianos, moros y judíos*. Crítica: Barcelona, 2001.

_____; BATAILLON, Marcel. *Epistolario Américo Castro y Marcel Bataillon (1923 – 1972)*. Madrid: Biblioteca Nova / Fundación Xavier Zubiri, 2012.

CAUDET, Francisco. *El exilio republicano en México. Las revistas literarias (1939 – 1971)*. Madrid: Fundación Banco Exterior, 1992.

CELA, Camilo José. Segunda edición. *Papeles de Son Armadans*. Madrid – Palma de Mallorca, año I, t. I, n. I, p. 3-4, jul. 1956. Segunda Edição.

_____. Sobre España, los españoles y lo español. *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*. París, n. 36, p. 9-18, mayo/jun. 1959. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/hem/dep/clc/n36p009.htm>>. Acesso em: 10 de nov. 2014.

_____. Breves palabras de despedida. *Papeles de Son Armadans*, Madrid – Palma de Mallorca, año XXIV, ns. CCLXXIV-LXXV y LXXVI y último, p. 3-5, enero/feb./marzo 1979.

_____. Escrito en Madrid. *ABC (Sevilla)*, Sevilla, p. 19, 10 jan. 1999. Disponível em: <<http://hemeroteca.sevilla.abc.es/detalle.stm>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

_____. *Correspondencia con el exilio*. Barcelona: Destino, 2009.

CELA CONDE, Camilo José. *Cela, mi padre*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1989.

CHAMORRO, Eduardo. Prólogo. In: CELA, Camilo José. *Correspondencia con el exilio*, Barcelona: Destino, 2009. p. 9-29.

DE MARCO, Valeria. O cru e o polido nas cartas dos exilados republicanos espanhóis. In: WAIZBORT, Leopoldo (Org.). *A ousadia crítica: ensaios para Gabriel Cohn*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008. p. 285-302.

_____. Carpeaux: mediador entre a literatura das “duas Espanhas” e o Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 77, p. 319-332, 2013.

_____. La memoria histórica en el territorio epistolar del exilio republicano español: las cartas en relatos de Max Aub. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA Y CULTURA ESPAÑOLAS CONTEMPORÁNEAS: LOS SIGLOS XX Y XXI, 1., 2008, La Plata. *Anais eletrônicos...* La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata. 2008, p. 1-12. Disponível em: <<http://congresoespanyola.fahce.unlp.edu.ar/programa/ponencias/DemarcoValeria.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

DENNIS, Nigel. *José Bergamín en sus cartas*. Málaga: Centro Cultural Generación del 27, 2012.

DÍAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? *Manuscrita: revista de Crítica Genética*. São Paulo, n. 15, p. 119-162, 2007.

DÍAZ DE GUERREÑO, Juan Manuel. Prólogo. In: SANCHIS-BANÚS, José; PRADOS, Emilio. *Correspondencia (1957-1962)*. Valencia: Pre-textos, 1995. p. 9-28.

ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

FIGUERA AYMERICH, Ángela. *Belleza cruel*. Madrid: Ediciones Torremozas, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, v. 8/9, p. 14-29, 2008.

_____; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCÍA SÁNCHEZ, Jesús. *La censura postal en la Europa del siglo XX*. 2009. 994 f. Tesis (Doctorado)– Facultad de Geografía e Historia, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2009. Disponível em: <<http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/76473>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

GARAGORRI, Paulino. *Introducción a Américo Castro. El estilo vital hispánico*. Madrid: Alianza Editorial. 1984.

GIBSON, Ian. *Cela, el hombre que quiso ganar*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2003.

GLONDYS, Olga. *La Guerra Fría cultural y el exilio republicano español*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012.

GRACIA, Jordi. *Estado y cultura. El despertar de una conciencia crítica bajo el franquismo, 1940 – 1962*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

_____. *El valor de la disidencia. Epistolario inédito de Dionisio Ridruejo. 1933 – 1975*. Barcelona: Editorial Planeta, 2007.

_____. *A la intemperie. Exilio y cultura en España*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

GUILLÉN, Claudio. *Múltiples moradas. Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets Editores, 2007.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IONTA, Marilda. *As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

KAUFMANN, Vicent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

La integración de los alumnos universitarios en el S.E.U.. *ABC*, Madrid, Edición de la mañana, p. 17, 17 nov. 1943. Disponível em: <<http://hemeroteca.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/madrid/abc/1943/11/17/017.html>> Acesso em: 04 jul. 2014.

LARRAZ, Fernando. *El monopolio de la palabra. El exilio intelectual en la España franquista*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.

LEJEUNE, Philippe. A qui appartient une lettre? In: *Pour l'autobiographie: chroniques*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

LLORENS, Vicente. *Estudios y ensayos sobre el exilio republicano español de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *O modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. 260 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MAINER, José-Carlos. "Por un pensamiento que a lo mejor es mentira": la guerra civil en la obra de Camilo José Cela. *Bulletin Hispanique*. Bordeaux, v. 94, n. 1, p. 245-261, 1992.

_____. Consideraciones sobre el lugar del exilio de 1939 en la construcción de la historia de la literatura española. *Migraciones & Exilios*. España, n. 3, p. 51-57, 2002.

_____. A la intemperie: Max Aub, los intelectuales y la guerra fría. *El Correo de Euclides. Anuario científico de la Fundación Max Aub*, n. 1, p. 41-52, 2006.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MALGAT, Gérard. El visado rechazado o la insoluble ficción policial. In: *Max Aub y Francia o la esperanza traicionada*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2007. p. 123-127

MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco. *Américo Castro: entonces y ahora*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon-0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_68.html#l_19_>. Acesso em: 08 fev. 2015.

MARTÍN, Francisco José. El Príncipe y el Hereje. “Vidas paralelas” de Américo Castro y Marcel Bataillon. In: CASTRO, Américo; BATAILLON, Marcel. *Epistolario Américo Castro y Marcel Bataillon (1923 – 1972)*. Madrid: Biblioteca Nova / Fundación Xavier Zubiri, 2012. p. 25-62.

MATEOS, Abdón. *Historia del antifranquismo. Historia, interpretación y uso del pasado*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, 2011.

MIRANDA, Wander Mello. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 35-42.

MONTEJO GURRUCHAGA, Lucía. Las limitaciones de expresión en España durante las décadas cincuenta y sesenta: el ejemplo de dos antologías poéticas. *Epos: Revista de Filología*, Madrid, n. 12, p. 277-295, 1996.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp / IEB-USP, 2001.

_____. *O orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2007.

MUNHOZ, Solange. *Narrar a vida à margem. O exílio em “La casa y el viento, de Héctor Tizón, “En estado de memoria”, de Tununa Mercado, e “Rabo de foguete. Os anos de exílio”, de Ferreira Gullar*. 146 f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEUSCHÄFER, Hans-Jörg. *Adiós a la España eterna. La dialéctica de la censura. Novela, teatro y cine bajo el franquismo*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores, 1994.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Para uma teoria das cartas. In: *As máscaras da totalidade totalitária. Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p. 191-195.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PAIVA, Kelen Benfenatti. *Nos bastidores do arquivo literário: Henriqueta Lisboa entre versos e cartas*. 219 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-8RXH9S>>. Acesso em: 17 de nov. 2014.

QUÍÑONES, Javier. Camilo José Cela y Max Aub, evocación de una amistad transterrada (seguida de un epílogo epistolar). In: AGUILAR RUIZ, Julio et al. *Anuario 2005 de Estudios Celianos*. Madrid: UCJC/Fundación Camilo José Cela, 2005. p. 89-107.

_____. “Homenaje a los que nos han seguido”: Max Aub en *Papeles de Son Armadans*. In: AZNAR SOLER, Manuel (ed.). *Escritores, editores y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006. p. 285-297.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Disponível em: <<http://lema.rae.es/dpd/?key=>>>. Acesso em: 07 abr. 2012.

RESINA, Joan Ramón. *Papeles de Son Armadans*, revista literaria de Postguerra. *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año XII, n. XLV, p. 111-132, 2006.

RICHARDS, Michael. Falange, autarquía i crisi. La vaga general de 1951 a Barcelona. *Segle XX. Revista catalana d'història*. Barcelona, n. 3, p. 95-124, 2010. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/segleXX/article/view/9836/12652>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

RICO, Francisco. Epitafio 'ex abrupto' para C. J. C. *El País*. España, 18 enero 2002. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/cultura/CELA_TRULOCK/_CAMILO_JOSE/Epitafio/ex/abrupto/C/J/C/elpepicul/20020118elpepicul_6/Tes>. Acesso em: 27 marzo 2011.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

ROCHA, João Cezar de Castro. A epistolografia como desafio à história e à teoria literária. In: *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2008. p. 145-155.

RODRÍGUEZ MARCOS, Javier. Cartas de la España Peregrina. <http://www.elpais.com/articulo/cultura/Cartas/Espana/peregrina/elpepucul/20090313elpepicul_1/Tes>, último acesso: 25 jul. 2009.

RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio. Amistades peligrosas: Américo Castro y Camilo José Cela. *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*, Alicante, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-pensamiento-de-americo-castro-la-tradicion-corregida-por-la-razon--0/html/59a331f7-5fa5-495f-a76b-5faaf159cfbf_71.html#I_33_>> Acesso em: 27 mar. 2011.

_____. *Historia de la literatura fascista española I*. Madrid: Ediciones Akal, 1986.

RUIZ BAUTISTA, Eduardo (Coord.). *Tiempo de censura. La represión editorial durante el franquismo*. Gijón: Ediciones Trea, 2008.

RUIZ CARNICER, Miguel Ángel. El Sindicato Español Universitario (SEU) del distrito de Zaragoza durante la guerra civil (1936-1939). *Revista de Historia Jerónimo Zurita*. Zaragoza, n. 53-54, p. 79-99, 1986.

_____. "La voz de la juventud". Prensa universitaria del SEU en el franquismo. *Bulletin Hispanique*, t. 98, n. 1, p. 175-199, 1996. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hispa_0007-4640_1996_num_98_1_4903>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALINAS, Pedro. *Pasajero en las Américas. Cartas y ensayos del exilio*. México: FCE, 2007.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Recuerdos y reflexiones del exilio*. Barcelona: Associació d'Idees; GEXEL, 1997.

SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. *Un epistolario contra el olvido: Max Aub en contacto con la España del interior*. Salamanca, p. 1-16, 2010. Mimeografado.

SANCHIS-BANÚS, José; PRADOS, Emilio. *Correspondencia (1957-1962)*. Valencia: Pre-textos, 1995.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorin, 1994.

SINOVA, Justino. *La censura de Prensa durante el franquismo*. Madrid: Espasa-Calpe, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SORIA OLMEDO, Andrés. *Pedro Salinas: el exilio, los ensayos y la carta*. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12580529823481506109435/018510.pdf?incr=1>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

SOTELO VÁZQUEZ, Adolfo. Camilo José Cela, perfiles de un escritor. In: AGUILAR RUIZ, Julio et al. *Anuario 2005 de Estudios Celianos*. Madrid: UCJC/Fundación Camilo José Cela, 2005. p. 157-185.

SOTO, Ucy. *Cartas através dos tempos. O lugar do outro na correspondência Brasileira*. Niterói: Ed. UFF, 2007.

SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SUBIRATS, Eduardo (Coord.). *Américo Castro y la revisión de la memoria (El Islam en España)*. Madrid: Ediciones Libertarias / Prodhufi, 2003.

TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/Emerson02.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

TIZÓN, Héctor. Experiencia y lenguaje I. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año XVIII, n. 51, p. 2, abr. 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e vigília: o tema da amizade na escrita modernista. *Tempo* [online], v. 13, n. 26, p. 205-224, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a11v1326.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

VILAR, Sergio. Días felices en Mallorca. *El Extramundi y los Papeles de Iria Flavia*, Iria Flavia, año XII, n. XLV, p. 79-109, 2006.

YSÀS, Pere. El movimiento obrero durante el franquismo. De la resistencia a la movilización (1940 – 1975). *Cuadernos de Historia Contemporánea*. Madrid, v. 30, p. 165-184, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/viewFile/CHCO0808110165A/6731>>. Acesso em 20 abr. 2014.

Anexos

Anexo A – Carta coletiva assinada por artistas e intelectuais sobre as greves de 1962.

Sr. D. Manuel Fraga Iribarne.

-Catedrático-

Fernán González, 63.

MADRID.

Estimado amigo y compañero:

Estamos seguros de que no ha podido ocultarse a su sensibilidad –exigida por los imperativos ético-sociales inherentes al carácter público de nuestra vocación- la gravedad de ciertos hechos que estamos presenciando.

La prensa y la radio extranjera nos dan cuenta de que en la región minera de Asturias se produce un movimiento huelguístico de vastas proporciones.

Algunos días después, estos medios informativos nos precisan que las huelgas afectan a unos 100.000 trabajadores y que en algunas provincias del País Vasco, Levante y Andalucía, se registran otros brotes determinados por simpatía.

Entre tanto la prensa y la radio española permanecen en silencio, como si tales hechos no debieran interesar a nadie. De un modo o de otro, vamos informándonos de que las huelgas tienen un carácter económico y reivindicativo que se pone en estrecha relación con el estado de malestar social que nadie desconoce, que el Gobierno ha admitido incidentalmente en más de una ocasión, y que la jerarquía eclesiástica –usando de su fuero- ha denunciado con frecuencia como muy recientemente lo hizo el Excmo. Sr. Arzobispo de Sevilla. Según todas las apariencias, las huelgas de Asturias son de la especie normalísima de las que, con regularidad y dentro de la Ley, se producen en casi todos los países. Sin embargo, roto de pronto el silencio oficial, se nos comunica por medio de una nota gubernativa que las huelgas de Asturias han sido promovidas por agentes extraños, conductores de ideologías importadas. Nada se nos dice del estado social real al que las huelgas se refieren, ni del alcance de las mismas, ni de sus objetivos, ni de los incidentes a que han dado lugar. Todo parece indicar, en consecuencia, que la nota no se ha publicado para hacernos salir de nuestro estado de incertidumbre, sino exclusivamente para permitir la adopción de medidas extraordinarias que, en efecto, no han tardado en producirse sin que tampoco en este caso haya sentido el Gobierno la necesidad de justificar mediante una explicación informativa tan grave resolución, y el silencio ha continuado después.

La situación que las circunstancias antedichas dibujan no nos parece satisfactoria y por lo que a nosotros se refiere –hombres de vocación intelectual, obligados a la orientación y la crítica- hemos de pensar que nos compromete alguna suerte de manifestación ya que sería absurdo e inmoral, que por propio decreto, nos consideramos ajenos y desligados de las realidades colectivas que nos envuelven. Nos es patente que el malestar social extendido en España constituye un problema grave al que corresponde un tratamiento de sinceración incompatible con unas medidas simplemente silenciadoras y represivas. Es evidente también que la afirmación a la opinión pública

no se practica en España con la debida lealtad. Nos parece que sobre ambos puntos tenemos el deber de instar al Gobierno y a la opinión, practicando una especie de mediación moral que, prudente y enérgicamente favorezca el establecimiento de una situación más próxima al estado de libertad, justicia y concordia que hemos de desear para todos los españoles.

A tal fin, proponemos a Vd., si está de acuerdo con nuestra manera de contemplar el problema, que se dirija al Jefe del Gobierno, ejerciendo individualmente el Derecho de Petición, y haciendo presentes sus puntos de vista favorables a: 1º- La práctica de la lealtad informativa. 2º- La normalización del sistema de negociación de las reivindicaciones económicas por los medios generalmente practicados en el mundo con renuncia a las maneras autoritarias.

Le saludan atentamente

Ramón Menéndez Pidal, Ramón Pérez de Ayala, Ignacio Aldecoa, José Bergamín, Camilo José Cela, Gabriel Celaya, Faustino Cordón, Fernando Chueca, José María Gil Robles, Teófilo Hernando, Manuel Jiménez Fernández, Pedro Laín Entralgo, José Luis López Aranguren, Julián Marías, Manuel Millares, Antonio Quirós, Dionisio Ridruejo, Alfonso Sastre, Antonio Saura, José Suárez Carreño, Gonzalo Torrente, Dr. Vega Díaz, Luis Felipe Vivancos, Juan Antonio Zunzunegui, Antonio Buero Vallejo

Por dificultades técnicas, el presente documento no lleva el facsímil de las firmas originales. Puede Vd. dirigirse a cualquiera de los firmantes para comprobar su autenticidad.

Nos permitimos sugerirle, que al dirigirse por carta al Jefe del Estado, emplee la forma de instancia (debidamente reintegrado con el timbre correspondiente), y le sugerimos también que, junto a los argumentos personales que crea Vd. conveniente exponer, concrete su petición en los siguientes o parecidos términos:

1º- Ruego que se tomen las medidas oportunas para que los españoles sean debidamente informados de los acontecimientos que les atañen.

2º- Ruego que los conflictos de carácter social, sean tratados por negociación, con exclusión de toda violencia gubernativa.

Fonte: Fundación Juan Muniz Zapico. Disponível em:
<http://www.fundacionjuanmunizzapico.org/publicaciones/Huelgas1962_CartaColectivaIntelectuales.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014.

Anexo B – Carta de Rafael Alberti a Camilo José Cela, escrita em 1965. O fac-símile foi encontrado na página do jornal *La Opinión. A Coruña*, em 2012.

Esta imagem só está disponível na versão impressa da tese que integra o acervo físico da Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH /USP).

Fonte: <<http://mas.laopinioncoruna.es/suplementos/wp-content/uploads/2009/05/cela-carta.jpg>>. Acesso em: 28 set. 2012.

Anexo C – Carta de Max Aub a Camilo José Cela, de 25 de abril de 1962.

13/39

25 de abril de 1962

Querido Camilo José:

Acaba de morir Emilio. De repente, de una trombosis. Esta mañana dijo que se encontraba mejor que nunca, que iba a salir. Y se fue.

Seguía con la preocupación de la última carta que te escribí. Hace tres días volvió a hacer referencia a ella, asegurándose de que te había escrito que no le hicieras caso.

Nunca he visto un difunto tan distinto a como era. En él todo era expresión, sonrisa constante. Al desaparecer era otro.

Gracias por tu carta del 13. Te mandaré un cuento "aséptico". Y cree que nunca he "tomado actitudes", escribo lo que me sale, sin pensarlo mucho. Ahí queda eso. Lo malo, que no sirve, hoy, para ahí. Y luego el tiempo pasa tan aprisa que ya no sirve para ningún sitio ni para nada.

El gran abrazo de siempre.

Fonte: Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 39.

Anexo D – Carta de Max Aub a Camilo José Cela, de 28 de outubro de 1957.

Fonte: Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 2.

Anexo E – Carta de Max Aub a Camilo José Cela, de 29 de outubro de 1957.

Fonte: Fundación Max Aub. Caixa 4, Pasta 13, Carta 3.

Anexo F – Carta de Max Aub a Camilo José Cela Conde, escrita em 1971.

1412
(1971, febrero)

Mi querido amigo: (Camilo José CELA, hijo.)

¿Por qué colaboré en Papeles de son Armadans? Porque es la revista de su padre.

Yo quería (quiero) publicar en España. Lo malo, en 1950, era saber dónde. Insula, bien (y sigo). ¿Índice? De mi colaboración en esa revista tendría algo que decir, pero su director no quiere y menos poner los puntos sobre las íes y soy bastante mirado en eso de la ortografía y preferí darme por enterado.

La Revista de Occidente, Cuadernos Hispanoamericanos, me ignoran, ellos sabrán por qué.

No soy sectario; nunca envié página que no pudiera publicarse - o a lo sumo con una supresión insignificante si el burócrata se levantaba de peor humor el martes que el lunes.

Como no soy sociólogo he colaborado únicamente de muy tarde en muy tarde en Cuadernos para el diálogo.

Como no soy ~~un~~ poeta, propiamente dicho, ^y sólo envié una vez versos a Alamo y como, por encima de todo, soy amigo de mis amigos, también colaboro con el Urogallo.

Siento no poder ^{hacerlo} ~~colaborar~~ en revistas de gran circulación pero comprendo que no íbamos a estar ~~muy~~ de acuerdo en los temas a tratar. A veces he dicho algunas verdades, lo que me lleva a suponer que colaboré en Papeles porque nunca quise dar mi brazo a torcer ^{lo cierto es que} ~~yo~~ ^{no lo intentaron siquiera.}

De ahí mi feroz agradecimiento. Sólo estuve en Mallorca una vez -y una semana- debe de hacer como 50 años; pero me acuerdo como si fuese mañana, ^{Tal}

Como Papeles ha mantenido, durante décadas, la imagen de una España que sólo existe en nuestro pasado y en nuestro porvenir.

Nunca ^{haber y} creo haberme aprovechado tanto de una amistad y de una hospitalidad.

Un abrazo.

Max Aub.